

UM
VOTO
DE
GLÓRIA

LIVRO #5 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO

MORGAN RICE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

UM VOTO DE GLÓRIA

(LIVRO #5 DA SÉRIE: O ANEL DO FEITICEIRO)

Morgan Rice

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do best-seller #1 DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série de Best-seller #1 - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); a série número um de vendas, O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, checo e eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

[TRANSFORMADA](#) (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Amazon!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar www.morganricebooks.com faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter, permaneça em contato!

Crítica aclamada sobre Morgan Rice

“O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso instantâneo: tramas, intrigas, mistério, bravos cavaleiros e florescentes relacionamentos repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia.”

--*Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

“Rice faz um trabalho magnífico ao atrair você para a história desde o início, utilizando uma grande qualidade descritiva que transcende a mera imagem do cenário... Muito bem escrito e de uma leitura extremamente rápida.”

--*Black Lagoon Reviews* (referindo-se a *Turned*)

“Uma história ideal para jovens leitores. Morgan Rice fez um bom trabalho, dando uma interessante reviravolta na trama... Refrescante e original. As séries giram em torno de uma garota... Uma jovem extraordinária!... Fácil de ler, mas com um ritmo de leitura extremamente acelerado... Classificação 10 pelo MJ/DEJUS.”

--*The Romance Reviews* (referindo-se a *Turned*)

“Captou a minha atenção desde o início e eu não pude soltá-lo... Esta é uma história de aventura incrível que combina agilidade e ação desde o início. Você não encontrará nela nenhum momento maçante.”

--*Paranormal Romance Guild* (referindo-se a *Turned*)

“Carregado de ação, romance, aventura e suspense. Ponha suas mãos nele e apaixone-se novamente.”

--*Vampirebooksite.com* (referindo-se a *Turned*)

“Uma ótima trama, este é especialmente o tipo de livro que lhe dará trabalho soltar à noite. O final é tão intrigante e espetacular que fará com que você queira comprar imediatamente o livro seguinte, só para ver o que acontecerá.”

--*The Dallas Examiner* (referindo-se a *Loved*)

“Um livro que é um rival digno de CREPÚSCULO (TWILIGHT) e AS CRÔNICAS VAMPIRESCAS (VAMPIRE DIARIES) e que fará com que você deseje continuar lendo sem parar até a última página! Se você curte aventura, amor e vampiros este é o livro ideal para você!”

--*Vampirebooksite.com* (referindo-se a *Turned*)

“Morgan Rice mais uma vez mostra ser uma narradora extremamente talentosa... Esta narrativa atrairá uma grande variedade de público, incluindo os fãs mais jovens do gênero vampiro/fantasia. Terminou com uma situação de suspense tão inesperada que o deixará chocado.”

--*The Romance Reviews* (referindo-se a *Loved*)

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

- EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)
- UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
- UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
- UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
- UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)
- UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
- UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
- UM REINADO DE AÇO (Livro #11)
- UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
- UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

- ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)
- ARENA DOIS (Livro #2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

- TRANSFORMADA (Livro #1)
- AMADA (Livro #2)
- TRAÍDA (Livro #3)
- DESTINADA (Livro #4)
- DESEJADA (Livro #5)
- PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)
- JURADA (Livro #7)
- ENCONTRADA (Livro #8)
- RESSUSCITADA (Livro #9)
- SUPLICADA (Livro #10)
- DESTINADA (Livro #11)

[Baixe agora livros de Morgan Rice books na Amazon !](#)

THE SORCERER'S RING



THE SURVIVAL TRILOGY



the vampire journals





[Ouça](#) a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato audiobook!

Agora disponível em:

[Amazon](#)
[Audible](#)
[iTunes](#)

Copyright © Morgan Rice 2013

Todos os direitos reservados. Exceto os permitidos, sujeitos à Lei de direitos autorais dos Estados Unidos de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida; distribuída; ou transmitida, em qualquer forma ou por qualquer meio; ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a prévia autorização da autora.

Este e-book é licenciado unicamente para seu usufruto pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Caso você deseje compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, adquira uma cópia extra para cada uma delas. Se você estiver lendo este livro sem o haver comprado, ou o mesmo não foi adquirido para seu uso exclusivo, por gentileza, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigada por respeitar o trabalho árduo desta autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes ou são o produto da imaginação da autora ou são utilizados ficcionalmente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

A imagem de capa é de Unholy Vault Designs e usada sob licença da Shutterstock.com.

CONTEÚDO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

“A vida de cada homem lhe é valiosa; mas o homem de valor tem a honra como algo mais valioso que a própria vida.”

—William Shakespeare

Tróilo e Créssida

CAPÍTULO UM

Andronicus cavalgava orgulhosamente pelo centro da cidade real de McCloud. Ele estava flanqueado por centenas de seus generais e arrastava atrás de si o seu bem mais precioso: o Rei McCloud. McCloud havia sido despojado de sua armadura, seu corpo peludo e estufado de tão gordo, estava seminu. O rei McCloud estava atado e amarrado à parte de trás do selim de Andronicus, uma longa corda estava enrolada em seus pulsos.

Enquanto Andronicus cavalgava devagar, deleitando-se com o seu triunfo, ele arrastava McCloud pelas ruas, sobre as pedras poeirentas, levantando uma nuvem de poeira. O povo McCloud reunido ali presenciava a cena. Ele podia ouvir o Rei McCloud gritando, contorcendo-se de dor enquanto era conduzido em um desfile mórbido pelas ruas de sua própria cidade. Andronicus estava radiante. Os rostos dos súditos de McCloud estavam mortificados pelo medo. Ali estava o seu antigo rei, agora transformado no mais manso dos escravos. Aquele era um dos melhores dias que Andronicus conseguia recordar.

Andronicus estava surpreso ao perceber como tinha sido fácil tomar a cidade de McCloud. Era como se os homens de McCloud estivessem desmoralizados antes mesmo que o ataque tivesse começado. Os homens de Andronicus os haviam conquistado com a velocidade de um raio, seus milhares de soldados investiram subjugando os poucos soldados que se atreveram a defender-se e infestaram a cidade em um piscar de olhos. Eles deviam ter percebido que não fazia sentido resistir. Todos tinham deposto as armas supondo que se eles se rendessem, Andronicus iria levá-los cativos.

No entanto, eles não conheciam o grande Andronicus. Ele desprezava a rendição. Ele não mantinha ninguém cativo e baixar suas armas só tinha tornado tudo mais fácil para ele.

O sangue escorria pelas ruas da cidade de McCloud. Os homens de Andronicus percorreram cada viela, cada beco, massacrando

todos os homens que podiam encontrar. Ele tinha tomado as mulheres e crianças como escravos, como sempre fazia. As casas foram todas saqueadas, uma de cada vez.

Enquanto Andronicus cavalgava lentamente pelas ruas, observando o seu triunfo, ele via os corpos por todos os lugares, os despojos empilhados e as casas destruídas. Ele virou-se e acenou para um de seus generais e imediatamente o general levantou uma tocha bem alto, acenou para seus homens e centenas deles se espalharam por toda a cidade, incendiando os telhados de palha. As chamas subiram ao redor deles, elevando-se para o céu e Andronicus já podia começar a sentir o calor, ali onde estava.

“NÃO!” McCloud gritou, enquanto se debatia no chão, atrás dele.

Andronicus sorriu de orelha a orelha e acelerou o passo, dirigindo-se para uma pedra particularmente grande; ouviu-se um baque surdo e ele sabia que o corpo de McCloud tinha ido de encontro a ela.

Andronicus sentiu enorme satisfação em assistir àquela cidade arder, tal como ele sempre fazia com cada cidade conquistada em seu império. Primeiro, ele reduzia a cidade a escombros, a cinzas, depois ele a construía novamente com seus homens, seus próprios generais, seu próprio império. Essa era a sua maneira. Ele não queria conservar nenhum vestígio da cidade anterior. Ele estava construindo um novo mundo. O mundo de Andronicus.

O Anel, o Anel sagrado que havia eludido todos os seus antepassados, agora era o seu território. Ele mal podia conceber isso. Ele respirou fundo, sentindo-se muito grande, muito importante. Muito em breve, ele iria atravessar as Highlands e conquistar a outra metade do Anel também. Então, não haveria nenhum lugar no planeta sobre o qual seu pé não tivesse pisado.

Andronicus cavalgou até a gigantesca estátua do Rei McCloud, na praça principal da cidade, e parou diante dela. Ela estava lá como um santuário, elevando-se por quinze metros, toda feita de mármore. Ela dava forma a uma versão de McCloud que Andronicus não reconhecia, a versão de um Rei McCloud jovem, em forma, musculoso, empunhando uma espada, com orgulho. Era algo ególatra. Andronicus admirava McCloud por isso. Uma parte dele

queria levar a estátua de volta para casa e colocá-la em seu palácio para exibi-la como um troféu.

Mas outra parte dele estava muito repugnada com aquilo. Sem pensar, ele se abaixou e pegou sua funda, ela era três vezes maior do que a de qualquer ser humano e grande o suficiente para abrigar uma pequena rocha. Andronicus se inclinou e atirou com todas as suas forças.

A pequena rocha voou pelo ar e impactou contra a cabeça da estátua. A cabeça de mármore de McCloud quebrou-se em mil pedaços, desprendendo-se do corpo. Então Andronicus deu um grito, levantou o malho de duas mãos, preparou-se e o girou com toda sua força.

Andronicus golpeou o torso da estátua e o mármore tombou e logo caiu no chão quebrando-se com um grande estrondo. Andronicus fez o seu cavalo dar a volta para que enquanto ele cavalgasse, o corpo de McCloud fosse raspado pelos cacos da estátua despedaçada.

“Você vai pagar por isso!” Um McCloud agonizante gritou fracamente.

Andronicus riu. Ele tinha encontrado muitos seres humanos em sua vida, mas aquele parecia ser simplesmente, o mais patético de todos eles.

“Não me diga!” Andronicus gritou.

Esse McCloud era muito cabeça-dura; ele ainda não apreciava o poder do grande Andronicus. Ele teria de ser ensinado, de uma vez por todas.

Andronicus percorria a cidade, seus olhos logo pousaram sobre o que seria sem dúvida o castelo de McCloud. Ele esporou seu cavalo e partiu a galope, seus homens corriam atrás dele enquanto ele arrastava McCloud ao cruzar o pátio empoeirado.

Andronicus cavalgou sobre as dezenas de degraus de mármore, o corpo de McCloud atrás dele chocava-se contra cada degrau, fazendo-o gritar e gemer. Logo, Andronicus continuou a cavalgar diretamente sobre a entrada de mármore. Os homens de Andronicus já estavam montando guarda às portas, aos pés deles se encontravam os corpos sangrentos dos ex-guardas de McCloud.

Andronicus sorriu com satisfação ao ver que cada canto da cidade já era seu.

Andronicus continuou cavalgando, ele atravessou as vastas portas do castelo e passou pelo interior de um corredor com seu teto abobadado todo feito de mármore. Ele ficou maravilhado com o requinte desse rei McCloud. Ele claramente não havia medido nenhum gasto para fazer os seus gostos.

Agora seu dia tinha chegado. Andronicus continuou a cavalgar com seus homens pelos corredores largos, o som dos cascos dos cavalos ecoava nas paredes. Ele se dirigia para o que era claramente a sala do trono de McCloud. Ele entrou pelas portas de carvalho e cavalgou diretamente para o centro da sala, para seu trono opulento, esculpido em ouro, situado no centro da sala.

Andronicus desmontou, subiu os degraus de ouro bem devagar e sentou-se no trono.

Ele respirou fundo quando se virou e observou seus homens, suas dezenas de generais montados a cavalo, aguardando o seu comando. Ele olhou para o McCloud sangrento que ainda estava preso ao seu cavalo, gemendo. Ele inspecionou a sala, examinou as paredes, as bandeiras, as armaduras e o armamento. Ele olhou para a o trabalho bem executado de seu trono e admirou-se. Ele considerou a possibilidade de fundi-lo, ou talvez de levá-lo para si mesmo. Talvez ele o desse para um de seus generais menores.

Naturalmente, aquele trono não era nada ao lado do próprio trono de Andronicus. O trono mais gigantesco de todos os reinos, o qual levou quarenta anos para ser construído por vinte trabalhadores. A construção tinha começado em vida de seu próprio pai e tinha sido concluída no dia em que Andronicus o havia assassinado. A sincronização dos dois eventos foi perfeita.

Andronicus olhava para McCloud, aquele pequeno ser humano patético. Ele se perguntava qual seria a melhor forma de fazê-lo sofrer. Ele examinou a forma e o tamanho do crânio dele e decidiu que gostaria de reduzi-lo e usá-lo em seu colar, junto com as outras cabeças encolhidas, ao redor de seu pescoço. No entanto, Andronicus percebia que antes de matá-lo, ele precisaria de algum tempo para afinar o rosto dele, especialmente as maçãs do rosto, de

modo que ele se visse melhor em seu pescoço. Ele não queria que uma cara gorda e rechonchuda arruinasse a estética de seu colar. Ele iria deixá-lo viver um tempo e enquanto isso ele o torturaria. Ele sorriu para si mesmo. Sim, aquele era um plano muito bom.

“Tragam-no a mim.” Andronicus ordenou a um de seus generais, com sua voz milenar e semelhante a um rosnado profundo.

O general apeou e sem um momento de hesitação, correu para McCloud, cortou a corda e arrastou o corpo ensanguentado pelo chão, manchando-o de vermelho enquanto ele prosseguia. Ele deixou o corpo cair na base do trono, aos pés de Andronicus.

“Você não vai chegar muito longe com isso!” McCloud murmurou fracamente.

Andronicus balançou a cabeça; aquele humano nunca aprenderia.

“Aqui estou eu, sentado em seu trono.” Andronicus disse. “E aí está você, deitado aos meus pés. Eu acho que posso dizer com toda confiança que eu posso me sair bem de qualquer coisa que eu quiser. E eu já me saí bem.”

McCloud ficou ali deitado, gemendo e se contorcendo.

“A primeira ordem de meus assuntos...” Andronicus disse. “... Será fazer com que você mostre o devido respeito para com o seu novo rei e senhor. Venha a mim agora e tenha a honra de ser o primeiro a se ajoelhar diante de mim e sujeitar-se a meu novo reino, a honra de ser o primeiro a beijar a minha mão e me chamar de Rei do que foi outrora o lado McCloud do Anel.”

McCloud olhou para cima, apoiou-se sobre suas mãos e joelhos e fez um gesto de desprezo para Andronicus.

“Nunca!” Disse ele, então se virou e cuspiu no chão.

Andronicus inclinou-se para trás e riu. Ele estava desfrutando imensamente tudo aquilo. Fazia muito tempo que ele não encontrava um ser humano tão voluntarioso.

Andronicus virou-se e acenou com a cabeça, um de seus homens agarrou McCloud por trás, enquanto outro se aproximou e segurou sua cabeça imobilizando-o. Um terceiro veio para a frente com uma longa navalha. Quando ele se aproximou, McCloud dobrou-se de medo.

“O que está fazendo?” McCloud perguntou em pânico, sua voz soou mais alto várias oitavas.

O homem estendeu a mão e rapidamente raspou metade da barba de McCloud. McCloud olhou com espanto, claramente perplexo ao ver que o homem não o havia machucado.

Andronicus balançou a cabeça e outro homem deu um passo à frente, ele trazia um longo atizador de ferro, em cuja ponta estava talhado o emblema do reino de Andronicus: um leão com um pássaro em sua boca. Ele estava incandescente, laranja, exalava o vapor quente, e enquanto os outros sujeitavam McCloud, o homem baixou o atizador em direção ao seu rosto.

“NÃO!” McCloud guinchou, percebendo.

Mas era tarde demais.

Um grito horrível cortou o ar, acompanhado por um chiado e pelo cheiro de carne queimada. Andronicus assistia com alegria enquanto o atizador queimava cada vez mais a bochecha de McCloud. O chiado ficou mais alto e os gritos quase intoleráveis.

Finalmente, depois de uns bons dez segundos, eles soltaram McCloud.

McCloud caiu no chão inconsciente, ele babava enquanto a fumaça subia da metade de seu rosto. Agora ele levava o emblema de Andronicus marcado em sua carne.

Andronicus se inclinou para frente, olhou para o McCloud inconsciente e admirou a obra.

“Bem-vindo ao Império.”

CAPÍTULO DOIS

Erec se encontrava no topo da colina, à beira da floresta e observava enquanto o pequeno exército se aproximava. Seu coração se encheu de fogo. Ele havia nascido para viver dias como aquele. Em algumas batalhas, a linha entre o que era justo e o que era injusto, costumava ser difusa, mas não naquele dia. O Lorde de Baluster havia roubado descaradamente sua noiva e tinha sido arrogante e orgulhoso. Ele havia sido informado de seu crime, tinha tido a oportunidade de endireitar as coisas, mas recusou-se a corrigir seus erros. Ele tinha invocado o mal sobre si. Seus homens deveriam ter deixado o assunto para trás, especialmente agora que ele estava morto.

Mas ali estavam eles, cavalgando, centenas deles, mercenários pagos por aquele lorde de segunda categoria, todos com intenções de matar Erec apenas porque tinham sido pagos por aquele homem. Eles avançaram para ele em sua armadura verde brilhante e quando se aproximaram soltaram um grito de guerra. Como se isso pudesse assustá-lo.

Erec não tinha medo. Ele tinha visto muitas batalhas como aquela. Se algo ele tinha aprendido em todos os seus anos de treinamento, foi que ele nunca devia temer quando lutasse pela causa dos justos. A justiça, segundo ele foi ensinado, nem sempre prevaleceria, mas dava ao seu portador a força de dez homens.

Não era medo o que Erec sentia quando viu as centenas homens aproximando-se, sabendo que ele provavelmente morreria naquele dia. Era expectativa. Ele tinha recebido a oportunidade de encontrar sua morte da forma mais honrosa e isso era um privilégio. Ele havia feito um voto de glória e hoje, o seu voto estava cobrando o seu tributo.

Erec desembainhou a espada e avançou a pé pela ladeira, correndo para o exército enquanto era atacado. Naquele momento ele desejava mais do que nunca ter Warkfin, o seu precioso cavalo, para conduzi-lo para a batalha, mas ele sentia uma sensação de paz,

sabendo que Warfkin estava levando Alistair de volta para Savária; de volta para a segurança da corte do Duque.

Ao se aproximar dos soldados e estar praticamente a cinquenta metros de distância, Erec ganhou velocidade, correndo para seu líder que cavalgava no centro. Eles não diminuíram a marcha e Erec tampouco, então ele se preparou para o confronto iminente.

Erec sabia que ele tinha uma vantagem: trezentos homens não podiam aproximar-se o suficiente para poder atacar simultaneamente um homem. Ele sabia por seu treinamento, que no máximo seis homens a cavalo poderiam chegar perto de um homem o suficiente para poder atacá-lo. Portanto, Erec concluiu que suas chances não eram de trezentos contra um, mas de apenas seis contra um. Enquanto ele pudesse matar todos os seis homens à sua frente durante todas as vezes que fosse atacado, ele teria a chance de ganhar. A questão importante era se ele teria a energia necessária para passar por todo esse processo.

Enquanto Erec descia o morro, ele tirou de sua cintura uma arma que ele sabia que seria a apropriada: um mangual com uma corrente de cerca de dez metros de comprimento, em cuja ponta havia uma bola de metal cravejada de puas. Era a arma ideal para colocar uma armadilha na estrada, ou para uma situação como aquela.

Erec esperou até o último momento, até que o exército não tivesse tempo para reagir, então girou o mangual bem alto sobre sua cabeça e arremessou-o no campo de batalha. Ele apontou para uma pequena árvore e a bola se enroscou em volta dela fazendo com que a corrente com puas se estendesse pelo campo de batalha. Erec lançou-se ao chão e enrolou seu corpo, evitando assim as lanças que estavam prestes a lançar-se contra ele, ele segurava o cabo da corrente com toda a força.

Ele tinha cronometrado tudo perfeitamente: não houve tempo para que o exército reagisse. Eles viram a corrente no último segundo e tentaram desviar os seus cavalos, mas eles estavam indo rápido demais e não havia tempo.

Toda a linha de frente correu para ela, a corrente com puas cortava as pernas dos cavalos, fazendo os cavaleiros caírem de cara

no chão e os seus cavalos caírem sobre eles. Dezenas deles foram esmagados no meio do caos.

Erec não teve tempo para se orgulhar do dano que tinha feito: outro flanco do exército deu a volta e caiu sobre ele atacando-o com um grito de guerra, Erec rolou e ficou de pé para enfrentá-los.

O líder dos guerreiros levantou um dardo para lançar contra Erec, quem aproveitava o que estava ao seu alcance: ele não tinha um cavalo e não poderia dar cabo de todos aqueles homens desde sua posição inferior, mas já que ele estava abaixo, ele poderia usar o chão debaixo dele. De repente, Erec mergulhou no chão, dobrou-se, enrolou seu corpo, levantou a espada e cortou as pernas do cavalo do homem. O cavalo tombou e seu soldado foi jogado pelos ares e caiu de cabeça antes que tivesse a chance de lançar sua arma.

Erec continuou a rolar e conseguiu evadir a estampida dos pés dos cavalos ao seu redor, os quais tiveram de se separar para evitar tropeçar com cavalo abatido. Mas foi inútil, eles tropeçaram com o animal morto e dezenas de outros cavalos caíram no chão, levantando uma nuvem de poeira e causando um bloqueio entre o exército.

Era exatamente o que Erec esperava: poeira, confusão e dezenas de homens caindo no chão.

Erec ficou de pé, levantou sua espada e bloqueou outra espada que vinha descendo direto sobre sua cabeça. Ele girou e bloqueou um dardo, logo depois uma lança e em seguida um machado. Ele se defendia dos golpes que choviam sobre ele de todos os lados, mas sabia que não podia continuar assim para sempre. Ele tinha de estar ao ataque, se quisesse ter qualquer chance de sobreviver.

Erec enrolou seu corpo, logo se ajoelhou e arremessou sua espada como se ela fosse uma lança. Ela voou pelo ar e incrustou-se no peito de seu atacante mais próximo; os olhos dele se arregalaram e ele caiu de seu cavalo, de lado, morto.

Erec aproveitou a oportunidade para saltar para o cavalo do homem e arrancar o mangual das mãos dele antes que o homem morresse. Era um belo mangual e Erec o havia escolhido por essa razão; ele tinha um longo cabo de prata cravejado e uma corrente de cerca de um metro e meio, com três bolas com saliências

pontudas na outra extremidade. Erec puxou-o para trás e o girou bem alto, arrancando as armas das mãos de vários oponentes ao mesmo tempo; em seguida, ele o girou novamente e os derrubou de seus cavalos.

Erec pesquisou o campo de batalha e viu que tinha feito um dano considerável, havia quase uma centena de cavaleiros abatidos. Mas os outros, pelo menos duzentos deles, estavam se reagrupando e investindo contra ele agora e todos estavam determinados.

Erec cavalgava ao encontro deles, um homem avançando contra duzentos. Ele deu seu próprio grito de guerra enquanto erguia o mangual cada vez mais alto e orava a Deus para que a sua força simplesmente não o abandonasse.

*

Alistair chorava enquanto se aferrava a Warkfin com todas suas forças. O cavalo ia a todo galope, levando-a pela estrada familiar que conduzia a Savária. Ela estava gritando e esporando o animal durante todo o caminho, tentando com toda sua alma fazê-lo virar-se e cavalgar de volta para Erec. Mas o animal não queria obedecer-lhe. Ela nunca havia encontrado nenhum cavalo como aquele antes, ele obedecia cegamente ao comando de seu dono e não vacilava. Era óbvio que o cavalo estava determinado a levá-la exatamente para onde Erec tinha lhe ordenado. Finalmente, ela resignou-se ao fato de que não havia nada que ela pudesse fazer a respeito.

Alistair tinha sentimentos encontrados enquanto cavalgava novamente através dos portões da cidade. Uma cidade onde ela tinha vivido tanto tempo como uma trabalhadora escrava. Por um lado, a cidade parecia familiar, mas por outro, ela trazia de volta memórias do estalajadeiro que tanto a havia oprimido; memórias de tudo o que havia de errado naquele lugar. Ela estava tão ansiosa para seguir em frente, para sair dali com Erec e começar uma nova vida com ele. Enquanto ela se sentia segura dentro de seus portões, ao mesmo tempo ela também sentia um crescente mau presságio sobre Erec, lá fora, sozinho, enfrentando o exército. Esse pensamento a deixou doente.

Ao perceber que Warkfin não daria a volta, ela concluiu que sua melhor aposta seria conseguir ajuda para Erec. Ele tinha pedido para

ela ficar ali, dentro da segurança daqueles portões, mas aquela seria a última coisa que ela faria. Afinal, ela era filha de um rei e ela não era mulher de fugir com medo, ou de fugir de um confronto. Erec tinha encontrado nela o seu par perfeito: ela era tão nobre e tão determinada quanto ele. De modo que não haveria nenhuma maneira de que ela pudesse viver em paz consigo mesma, se alguma coisa acontecesse com ele lá atrás, naquele campo de batalha.

Como Alistair conhecia bem aquela cidade real, ela dirigiu Warkfin para o castelo do Duque sem dificuldade; agora que estavam dentro dos portões, o animal lhe obedecia. Ela cavalgou até a entrada do castelo, desmontou e passou correndo pelos atendentes, os quais tentaram impedi-la. Ela limpou suas mãos e correu pelos corredores de mármore que tinha conhecido tão bem durante o tempo em que havia trabalhado ali como serva.

Alistair enfiou-se pelas grandes portas reais da sala principal, abriu-as de par em par e invadiu os aposentos privados do Duque.

Vários membros do conselho se viraram para olhar para ela, todos vestiam trajes reais, o Duque estava sentado no centro com vários cavaleiros em torno dele. Todos os rostos tinham uma expressão atônita; era evidente que ela tinha interrompido algum negócio importante.

“Quem é você, mulher?” Exclamou um deles.

“Quem ousa interromper os assuntos oficiais do Duque?” Gritou outro.

“Eu reconheço esta mulher.” Disse o Duque ao levantar-se.

“Eu também.” Disse Brandt, a quem ela reconheceu como o amigo de Erec. “A senhora é Alistair, não é?” Perguntou ele. “A futura esposa de Erec?”

Ela correu em direção a ele banhada em lágrimas e apertou suas mãos.

“Por favor, meu senhor, ajude-me. Trata-se de Erec!”

“O que aconteceu?” O Duque perguntou alarmado.

“Ele encontra-se em grande perigo. Neste exato momento, ele enfrenta um exército hostil, sozinho! Ele não me deixou ficar lá com ele. Por favor! Ele precisa de ajuda!”

Sem dizer uma palavra, todos os cavaleiros se levantaram e começaram a sair da sala correndo, nenhum deles hesitou; ela virou-se e correu com eles.

“Fique aqui!” Brandt exortou.

“Nunca!” Ela disse, correndo atrás dele. “Eu vou levá-los até ele!”

Todos correram como se fossem um só pelos corredores, em direção aos portões do castelo, onde um grande grupo de cavalos os esperava, cada um deles montou seu cavalo sem um momento de hesitação. Alistair saltou sobre Warkfin, o esporou e liderou o grupo, ela estava tão ansiosa para partir como o resto deles.

À medida que avançavam através da corte do Duque, os soldados ao redor deles começaram a montar seus cavalos e a juntar-se a eles. No momento em que deixaram os portões de Savária, eles estavam acompanhados por um grande e crescente contingente de pelo menos cem homens. Alistair cavalgava na frente, ao lado de Brandt e do Duque.

“Se Erec descobrir que você cavalga conosco, minha cabeça vai rolar.” Disse Brandt cavalgando ao seu lado. “Por favor, minha senhora, diga-nos onde ele está.”

Mas Alistair balançou a cabeça obstinadamente, secando as lágrimas com as costas da mão enquanto cavalgava mais rápido, com o grande estrondo de todos aqueles homens ao seu redor.

“Eu prefiro descer para minha sepultura, a abandonar Erec!”

CAPÍTULO TRÊS

Thor cavalgava cautelosamente pela trilha da floresta, Reece, O'Connor, Elden e os gêmeos cavalgavam ao lado dele, Krohn como sempre ia em seus calcanhares, todos estavam saindo pela floresta para o outro lado do Canyon. O coração de Thor batia mais rápido devido à ansiedade. Finalmente, eles chegaram ao perímetro da densa floresta. Thor levantou a mão e fez um sinal para os outros, para que eles ficassem em silêncio e todos eles ficaram parados ao lado dele.

Thor olhou ao redor e examinou a grande extensão da costa, do céu aberto e mais além de tudo isso, olhou para o vasto mar amarelo que iria levá-los para as terras distantes do Império. O Tartuvian. Thor não tinha visto suas águas desde a sua viagem para A Centena. Era estranho estar de volta e dessa vez, com uma missão que portava o destino do Anel.

Depois de atravessar a ponte do Canyon, sua curta viagem através da floresta e pelas terras dos selvagens foi tranquila, sem incidentes. Thor havia sido instruído por Kolk e Brom a procurar um pequeno barco atracado às margens do Tartuvian. O barco estava escondido cuidadosamente sob os galhos de uma árvore imensa, os quais pendiam sobre o mar. Thor seguiu suas instruções com exatidão e quando eles alcançaram o perímetro da floresta, logo ele avistou o barco bem escondido, pronto para levá-los aonde eles precisavam ir. Ele ficou aliviado.

Mas logo depois, ele viu seis soldados do Império, de pé na areia, ao lado do barco, inspecionando-o. Outro soldado havia subido a bordo do barco que estava parcialmente atracado na praia e balançava suavemente sobre as ondas. Não era de se esperar que houvesse alguém ali.

Era um golpe de má sorte. Ao olhar além do horizonte, Thor viu o contorno distante do que parecia ser toda a frota do Império, milhares de navios negros que ondulavam as bandeiras negras do Império. Felizmente, eles não navegavam na direção de Thor, mas

em um sentido diferente, o curso longo e circular que rodeava o Anel e os levava para o lado dos McCloud, onde eles tinham invadido o Canyon. Felizmente, sua frota estava ocupada percorrendo uma rota diferente.

Exceto por aquela patrulha. Aqueles seis soldados do Império, provavelmente seriam exploradores em uma missão de rotina. De alguma forma, eles chegaram a tropeçar com aquele navio da Legião. Era um mau momento. Se Thor e os outros simplesmente tivessem chegado à costa alguns minutos mais cedo, provavelmente já teriam embarcado e zarpado. Agora, eles tinham um confronto em suas mãos. Não havia nenhuma outra opção.

Thor examinou a praia de cima a baixo e não viu outros contingentes de tropas do Império. Pelo menos ele tinha isso a seu favor. Provavelmente, aquele fosse o único grupo de patrulha existente.

“Eu pensei que o barco estaria bem escondido.” O’Connor disse.

“Aparentemente, não muito bem escondido.” Elden recalcou.

Os seis permaneceram montados em seus cavalos, olhando para o barco e para o grupo de soldados.

“Não vai demorar muito até que eles alertem outras tropas do Império.” Observou Conven.

“E então nós vamos ter uma guerra total em nossas mãos.” Acrescentou Conval.

Thor sabia que eles estavam certos e que aquele era um risco que eles não podiam correr.

“O’Connor.” Disse Thor. “... A sua pontaria é a melhor do grupo. Eu vi você acertar um alvo a quase cinquenta metros de distância. Você está vendo aquele homem ali na proa? Nós temos uma chance. Você pode fazer isso?”

O’Connor assentiu solenemente, seus olhos estavam fixos nos soldados do Império. Ele estendeu a mão calculadamente por cima do ombro, ergueu seu arco, colocou a flecha e apontou.

Todos eles estavam olhando para Thor e ele se sentiu pronto para liderar.

“O’Connor, ao meu sinal, dispare. Logo, nós vamos atacar os que estão lá embaixo. Todos os demais usem suas armas de arremesso

quando chegarmos mais perto. Mas antes, tentem chegar o mais próximo possível.”

Thor fez um sinal com a mão e de repente, O’Connor soltou a corda e disparou a flecha.

A flecha atravessou o ar com um ruído sibilante. Foi um tiro perfeito, sua ponta de metal perfurou o coração do soldado do Império, que estava na proa. Por um momento, o soldado ficou ali, com os olhos arregalados como se ele não entendesse o que estava acontecendo, então de repente ele esticou bem os braços e caiu para a frente, de cara, em um mergulho. Seu corpo produziu o ruído de uma onda ao aterrissar na praia, aos pés de seus companheiros, manchando a areia de vermelho.

Thor e seu grupo atacaram, eles formavam uma máquina de guerra bem lubrificada, em perfeita sincronia uns com os outros. O som do galope de seus cavalos os delatou. Os seis outros soldados se viraram e os encararam. Thor e seus soldados, montados em seus cavalos, avançaram de volta, preparando-se para encontrar-se com eles no meio do caminho.

Thor e seus homens ainda tinham a vantagem da surpresa. Thor se inclinou para trás e atirou uma pedra com sua funda, atingindo um deles na têmpora desde uma distância aproximada de vinte metros. O jovem foi atingido enquanto estava tentando montar seu cavalo. Ele caiu para trás já morto, com as rédeas ainda em suas mãos.

Ao aproximar-se deles, Reece lançou seu machado, Elden arremessou sua lança e cada um dos gêmeos atirou seu punhal. A superfície das areias era desnivelada e os cavalos escorregavam, fazendo com que o arremesso das armas fosse mais difícil do que o habitual. O machado de Reece atingiu o seu alvo, matando um soldado inimigo, mas a pontaria dos outros falhou.

Agora restavam quatro deles. O líder do grupo irrompeu entre os soldados e avançou direto para Reece, quem estava desarmado. Reece tinha lançado o machado, mas ainda não tinha tido tempo de desembainhar a espada. Reece se preparou e no último segundo Krohn pulou para a frente e mordeu a perna do cavalo do soldado, o

cavalo caiu, seu cavaleiro foi ao chão e a vida de Reece foi poupada no último momento.

Reece desembainhou a espada e apunhalou o soldado que estava aos seus pés, matando-o antes que ele pudesse se recuperar.

Isso reduzia o inimigo a apenas três homens. Um deles veio para Elden com um machado, balançando-o direto para a cabeça dele; Elden bloqueou-o com seu escudo e com o mesmo movimento balançou sua espada e cortou o cabo do machado ao meio. Então Elden virou-se e golpeou fortemente o atacante em um lado da cabeça com seu escudo, derrubando-o do cavalo.

Outro soldado puxou um mangual da cintura e balançou sua longa corrente, a ponta dele estava cheia de puas e veio descendo repentinamente sobre O'Connor. Tudo aconteceu muito rápido e O'Connor não tinha tempo para reagir.

Thor viu o que estava por suceder e avançou para o lado de seu amigo, levantando a espada e cortando a corrente do mangual, antes que ela atingisse O'Connor. Ouvia-se o som produzido pela espada ao cortar o ferro e Thor ficou maravilhado ao perceber o quanto sua espada era afiada. A bola cheia de saliências pontudas saiu voando baixo sem causar danos e se alojou na areia, salvando a vida de O'Connor. Conval então cavalgou até o soldado e o atravessou com uma lança, matando-o instantaneamente.

O último soldado do Império viu que estava em franca desvantagem; o medo era visível em seus olhos, de repente, ele se virou e foi embora, correndo pela praia. As marcas profundas dos cascos de seu cavalo ficaram impressas na areia.

Todos eles voltaram seus olhos para o soldado em retirada: Thor atirou uma pedra com sua funda, O'Connor levantou seu arco e disparou e Reece arremessou uma lança. Mas o soldado cavalgava de uma forma demasiado irregular, o cavalo afundava na areia e todos eles falharam o alvo.

Elden desembainhou a espada e Thor podia ver que ele estava prestes a perseguir o homem. Thor estendeu a mão e fez um gesto para ele ficar parado.

“Não vá!” Thor exclamou.

Elden se virou e olhou para ele.

“Se ele escapar, ele enviará outros atrás de nós!” Elden protestou.

Thor virou-se e olhou para o barco, ele sabia que levaria um tempo precioso caçar o soldado inimigo — era um tempo que eles não podiam desperdiçar.

“O Império virá atrás de nós de todas as maneiras.” Disse Thor. “Nós não temos tempo a perder. O mais importante agora é ficar bem longe daqui. Para o barco!”

Eles desmontaram dos cavalos quando chegaram ao barco e Thor começou a esvaziar a sela de seu cavalo, retirando dela todas as provisões. Os outros fizeram o mesmo, carregando suas armas, seus sacos de comida e água. Quem poderia saber quanto tempo a viagem duraria, quanto tempo lhes tomaria até que eles vissem terra firme de novo, se é que eles veriam terra novamente. Thor também carregou comida para Krohn.

Eles jogaram os sacos para o alto, por cima da varanda do barco; os sacos caíram no convés acima deles, com um baque surdo.

Thor pegou a grossa corda que estava pendurada sobre a lateral do barco, a corda áspera machucava suas mãos, ele testou-a. Ele colocou Krohn por cima do ombro, o peso de ambos punha a prova seus músculos, ele subiu pela corda, em direção ao convés. Krohn gemia em seu ouvido, abraçava-se ao seu peito com suas garras afiadas, agarrando-se a Thor com força.

Logo Thor estava sobre a varanda, Krohn pulou de cima dele direto para o convés e os outros o seguiram de perto. Thor inclinou-se e olhou para os cavalos na praia, eles olhavam para cima, como se estivessem à espera de um comando.

“E o que vai ser deles?” Reece perguntou ao vir para o lado de Thor.

Thor virou-se e examinou o barco: ele talvez tivesse uns seis metros de comprimento e metade disso de largura. Era grande o suficiente para os sete, mas não para os seus cavalos. Se eles tentassem levá-los, os cavalos podiam destroçar a madeira e danificar o barco. Eles tinham de deixá-los para trás.

“Nós não temos escolha.” Thor disse, olhando penosamente para eles. “Nós vamos ter de conseguir outros.”

O'Connor inclinou-se sobre a varanda.

“Eles são cavalos inteligentes.” O’Connor disse. “Eu os treinei bem. Eles vão voltar para casa a um comando meu.”

O’Connor deu um assobio agudo.

Como se fossem um, os cavalos se viraram e saíram galopando, correndo pela areia e desaparecendo na floresta, voltando para o Anel.

Thor se virou e olhou para seus irmãos, olhou para o barco e para o mar diante deles. Agora, eles estavam isolados, sem cavalos, não tinham escolha a não ser seguir em frente. A realidade os estava golpeando. Eles estavam realmente sozinhos, sem nada mais além daquele barco e a ponto de partir da costa do Anel de maneira definitiva. Agora não havia como voltar atrás.

“E como é que vamos conseguir levar esse barco para a água?” Perguntou Conval. Todos olharam para baixo, para o casco a três metros abaixo. Uma pequena parte dele estava sobre as ondas do Tartuvian, mas a maior parte estava assentada firmemente na areia.

“Por aqui!” Conven disse.

Eles correram para o outro lado, onde uma corrente de ferro grossa pendia sobre a borda e em cuja parte inferior havia uma imensa bola de ferro metida na areia.

Conven se abaixou e puxou a corrente. Ele gemia e se esforçava, mas não conseguia levantá-la.

“É pesada demais.” Ele resmungou.

Conval e Thor correram para perto e o ajudaram, então os três agarraram a corrente e puxaram-na, Thor ficou chocado com o seu peso: mesmo com os três puxando, eles só puderam levantá-la alguns metros. Finalmente, todos eles a soltaram e ela caiu de volta na areia.

“Deixe-me ajudar.” Elden disse dando um passo à frente.

Com sua enorme massa muscular Elden se elevava sobre eles, ele estendeu a mão e puxou a corrente, conseguindo levantar a bola de ferro no ar, sozinho. Thor estava espantado. Os outros se uniram a ele e todos eles puxavam juntos a âncora, trinta centímetros de cada vez até que finalmente conseguiram subi-la por cima da varanda, para o convés.

O barco começou a se mover, balançando um pouco nas ondas, mas permanecia atascado na areia.

“As varas!” Reece disse.

Thor se virou e viu duas varas de madeira, de cerca de seis metros de comprimento cada, colocadas ao longo dos lados do barco e então ele percebeu para que elas serviam. Ele e Reece correram até elas, ele pegou uma, enquanto Conval e Conven agarraram a outra.

“Quando nos soltarmos.” Thor exclamou. “... Vocês deverão levantar as velas!”

Eles se inclinaram, meteram as varas na areia e empurraram com todas as forças; Thor gemia com o esforço. Aos poucos, o barco começou a se mover, mas apenas um pouquinho. Enquanto isso, Elden e O’Connor correram para o meio do barco e puxaram as cordas para levantar as velas de lona, eles levantavam as velas com esforço, uns trinta centímetros a cada movimento. Felizmente havia uma brisa forte e enquanto Thor e os outros empurravam cada vez mais aquele barco surpreendentemente pesado para fora da areia, as velas se içavam cada vez mais alto e começaram a inflar-se com o vento.

Finalmente, o barco balançou abaixo deles e deslizou para a água, flutuando, leve. Os ombros de Thor tremiam com o esforço. Elden e O’Connor levantaram as velas a todo mastro e logo estavam singrando o mar.

Todos eles soltaram um grito de triunfo enquanto colocavam as varas de volta no lugar e correram para ajudar Elden e O’Connor a sujeitar as cordas. Krohn uivou ao lado deles, animado com tudo.

O barco estava à deriva e Thor correu para o leme, O’Connor ia ao lado dele.

“Quer ficar ao leme?” Thor perguntou a O’Connor.

O’Connor sorriu de orelha a orelha.

“Eu adoraria.”

Eles começaram a ganhar velocidade real, cruzando as águas amarelas do Tartuvian com o vento em suas costas. Finalmente, eles estavam se movendo e Thor respirou fundo. Eles estavam partindo.

Thor se encaminhou para a proa, Reece ia ao lado dele, enquanto isso Krohn surgiu entre eles e encostou-se na perna de Thor, Thor estendeu a mão e acariciou sua pele branca e macia. Krohn se inclinou e o lambeu; Thor pegou um pequeno saco e tirou dele um pedaço de carne para Krohn, quem o abocanhou rapidamente.

Thor olhou para o vasto mar diante deles. O horizonte distante estava salpicado de navios negros do Império, seguramente eles seguiam seu caminho para o lado do Anel dos McCloud. Felizmente, eles estavam distraídos e não era possível que estivessem à procura de um barco solitário que se dirigia para o seu território. O céu estava claro, o vento soprava forte por trás deles e eles continuaram a ganhar velocidade.

Thor olhou em volta e se perguntava sobre o que os aguardava. Ele se perguntava quanto tempo levaria até que chegassem até as terras do Império e o que poderia estar esperando para recepcioná-los. Ele se perguntava como eles iriam encontrar a espada, como tudo isso acabaria. Ele sabia que tudo estava contra eles, mas ainda se sentia animado por finalmente estar de viagem. Ele estava emocionado por terem chegado tão longe e realmente ansioso para recuperar a Espada.

“O que acontecerá se ela não estiver lá?” Perguntou Reece.

Thor se virou e olhou para ele.

“A espada.” Reece acrescentou. “O que acontecerá se ela não estiver lá? Ou se ela estiver perdida? Ou se foi destruída? Ou até mesmo se nós nunca chegarmos a encontrá-la? Afinal de contas, o Império é muito vasto.”

“E se o Império já descobriu como lidar com ela?” Perguntou Elden com sua voz profunda, chegando perto deles.

“E se a gente encontrá-la, mas não puder trazê-la de volta?” Perguntou Conven.

O grupo ficou ali, oprimido por tudo o que estava diante deles, pelo mar de perguntas sem resposta. Aquela viagem era uma loucura, Thor sabia.

Uma loucura.

CAPÍTULO QUATRO

Gareth passeava sobre os pisos de pedra da biblioteca de seu pai, era uma pequena câmara no último andar do castelo, a qual seu pai havia mantido com muito carinho. Gareth pouco a pouco estava se encarregando de reduzi-la a pedaços.

Gareth ia de estante em estante puxando para baixo os volumes preciosos, livros antigos encadernados em couro que estavam na família há séculos. Ele destroçava as encadernações e rasgava as páginas em pedacinhos. Enquanto ele os jogava pelos ares, eles caíam sobre sua cabeça como se fossem flocos de neve, se aderiam ao seu corpo e a baba que escorria pelo seu rosto. Ele estava determinado a destroçar até a última coisa daquele lugar que seu pai tanto havia amado, um livro de cada vez.

Gareth correu para uma mesa de canto, pegou seu cachimbo de ópio e com as mãos trêmulas inalou fortemente o que restava nele, precisando de uma tragada mais do que nunca, naquele momento. Ele estava viciado e fumava cada minuto que podia, determinado a bloquear as imagens de seu pai. Elas o perseguiram em seus sonhos e agora faziam isso até mesmo quando ele estava acordado.

Quando Gareth baixou o cachimbo, ele viu seu pai de pé diante dele, seu aspecto era o de um cadáver em decomposição. Cada vez que o cadáver aparecia estava mais deteriorado, era mais osso do que carne; Gareth desviou o olhar da terrível visão.

Gareth costumava tentar atacar a imagem, mas ele aprendeu que isso não adiantava nada. Então, agora ele apenas virava a cabeça e olhava constantemente para longe. Era sempre a mesma coisa: o seu pai usava uma coroa enferrujada, sua boca estava aberta, seus olhos o fitavam com desprezo e seu dedo sempre esticado apontava acusadoramente para ele. Sob aquele olhar terrível, Gareth sentia que seus próprios dias estavam contados, sentia que era apenas uma questão de tempo até que ele se juntasse ao pai. Gareth odiava vê-lo mais do que qualquer coisa. O benefício extra que Gareth obteve ao assassinar seu pai tinha sido o fato de que ele não

precisaria ver o rosto dele novamente. Mas agora, ironicamente, ele o via mais do que nunca.

Gareth virou-se e atirou o cachimbo de ópio na aparição, na esperança de que se ele o jogasse com rapidez suficiente, o cachimbo poderia realmente atingi-la.

Mas o cachimbo simplesmente voou pelos ares e bateu contra a parede, despedaçando-se. Seu pai ainda estava ali e olhava para ele.

“Essas drogas não irá ajudá-lo agora.” Seu pai ralhou.

Gareth não aguentou mais. Ele avançou para a aparição com as mãos estendidas pronto para arranhar o rosto de seu pai; mas como sempre, ele não encontrou nada além de ar. Dessa vez ele saiu tropeçando pelo quarto, colidiu com força na mesa de madeira de seu pai e desabou no chão junto com ela.

Gareth rolou no chão, sem fôlego, ele olhou para cima e viu que tinha cortado seu braço. O sangue escorria pela sua camisa, ele olhou para baixo e percebeu que ainda usava o camisolão com a qual tinha dormido durante dias; na verdade, ele não tinha trocado de roupa há semanas. Ele olhou de relance para o seu reflexo e viu que seu cabelo estava totalmente desgrenhado; ele parecia um bandido qualquer. Uma parte dele mal podia acreditar que tinha caído tão baixo. Mas outra parte dele já não se importava mais. A única coisa que restava dentro dele era um desejo ardente de destruir — destruir qualquer resquício de seu pai, ou do que ele alguma uma vez havia sido. Ele gostaria de ver aquele castelo arrasado e com ele toda a Corte do Rei. Seria a vingança pelo tratamento que ele havia suportado quando criança. As lembranças estavam presas dentro dele como um espinho que não podia sair. A porta do escritório de seu pai se abriu de par em par e por ela passou correndo um dos assistentes de Gareth, ele olhava para baixo com medo.

“Majestade.” O atendente disse. “Eu ouvi um estrondo. Vossa Majestade se encontra bem? Vossa majestade está sangrando!”

Gareth olhou para o jovem, com ódio. Gareth tentou ficar de pé e lançar-se sobre ele, mas escorregou em algo e caiu de costas para o chão, desorientado desde sua última tragada de ópio.

“Majestade, eu o ajudarei!”

O jovem correu e agarrou o braço de Gareth, o qual estava muito fino, ele estava pura pele e ossos.

Mas Gareth ainda tinha uma reserva de forças e quando o rapaz tocou em seu braço, ele deu-lhe um empurrão que o mandou para o outro lado da sala.

“Toque-me outra vez e eu deceparei suas mãos.” Gareth vociferou.

O jovem recuou com medo e quando ele o fez, outro atendente entrou na sala, acompanhado por um homem mais velho a quem Gareth vagamente reconhecia. Em algum lugar, no recôndito de sua mente, ele o conhecia, mas não podia identificá-lo.

“Majestade.” Ouviu-se a voz velha e rouca. “Nós estivemos esperando-o na sala do conselho durante a metade do dia. Os membros do conselho não podem esperar muito mais. Eles têm notícias urgentes e devem compartilhá-las com Vossa Majestade antes do fim do dia. Vossa Majestade virá?”

Gareth estreitou os olhos para o homem, tentando distingui-lo. Ele se lembrava vagamente de que o homem tinha servido ao seu pai. A Sala do conselho... A sessão... Tudo dava voltas em sua mente como um turbilhão.

“Quem é você?” Perguntou Gareth.

“Majestade, eu sou Aberthol. O conselheiro de confiança de seu pai.” Disse ele, ao aproximar-se. Ele foi lentamente recobrando a memória. Aberthol. O conselho. A sessão. A mente de Gareth dava voltas, sua cabeça o estava matando. Ele só queria que o deixassem em paz.

“Vá embora.” Ele retrucou. “Eu irei.”

Aberthol balançou a cabeça e saiu apressado da sala junto com o atendente, fechando a porta atrás de si.

Gareth se ajoelhou ali e colocou a cabeça entre as mãos, tentando pensar, lembrar. Era demais para ele. Ele começou recordar aos poucos. O escudo estava inativo; o Império estava atacando; metade de sua corte havia desertado; sua irmã os havia levado para longe; para Silésia... Gwendolyn... Era isso. Isso era o que ele estava tentando lembrar.

Gwendolyn. Ele a odiava com uma paixão que não podia descrever. Agora, mais do que nunca, ele queria matá-la. Ele *precisava* matá-la. Todos os seus problemas nesse mundo, todos eles resultavam dela. Ele iria encontrar uma maneira de ocupar-se dela, mesmo que ele tivesse de morrer tentando. E ele iria matar seus outros irmãos, proximamente.

Gareth se sentiu melhor ao pensar nisso.

Com um esforço supremo, ele lutou para ficar de pé e cambaleou pela sala virando uma mesa de pernas para cima enquanto se retirava. Ao aproximar-se da porta, ele avistou um busto de seu pai esculpido em alabastro, era uma escultura que seu pai havia amado muito, ele estendeu a mão, agarrou o busto pela cabeça e jogou-a contra a parede.

O busto quebrou-se em mil pedaços, pela primeira vez naquele dia, Gareth sorriu. Talvez aquele dia não fosse tão ruim, afinal de contas.

*

Gareth desfilou pela sala do conselho ladeado por vários atendentes, abrindo as enormes portas de carvalho com a palma da mão, fazendo com que todos na Sala lotada se sobressaltassem com sua presença. Todos eles rapidamente se levantaram em reverência.

Embora normalmente isso desse Gareth alguma satisfação, naquele dia, isso estava longe de importar-lhe. Ele estava atormentado pelo fantasma de seu pai e mergulhado numa crescente raiva devido à partida de sua irmã. Suas emoções se agitavam dentro dele e ele tinha de desferrar-se com o mundo.

Gareth tropeçava enquanto caminhava pelo centro do corredor em direção ao seu trono. Ele seguia através da vasta câmara sob o entorpecimento produzido pelo ópio. Dezenas de conselheiros permaneciam de pé, de cada lado do corredor, enquanto ele prosseguia. Sua corte tinha crescido e hoje a energia era frenética, já que mais e mais pessoas pareciam ter tomado conhecimento da notícia da partida da metade da Corte do Rei e de que o escudo estava inativo. Era como se qualquer um que tivesse permanecido na corte estivesse ali em busca de respostas.

E Gareth, é claro, não tinha nenhuma.

Gareth subiu pomposamente os degraus da escadaria de marfim que levava ao trono de seu pai. Logo ele viu Lorde Kultin parado pacientemente, de pé atrás do trono. Ele era o líder mercenário de sua força de combate privada, o único homem de confiança que restava na corte. Ao lado dele, havia dezenas de seus combatentes, de pé em silêncio, com as mãos sobre as suas espadas, prontos para lutar por Gareth até a morte. Isso era a única coisa que restava que dava a Gareth algum conforto.

Gareth estava sentado em seu trono e examinava a sala. Havia tantos rostos, alguns que ele conhecia e muitos outros desconhecidos. Ele não confiava em nenhum deles. Todos os dias ele expurgava mais sua corte; ele já havia enviado tantos para as masmorras e muitos mais para o carrasco. Não passava um dia sem que ele mandasse matar pelo menos um punhado de homens. Ele pensava que era uma boa política: ele mantinha seus homens na linha e evitava que um golpe tomasse forma.

A sala ficou em silêncio, todos olhavam para ele assombrados. Todos pareciam ter medo de falar. E era exatamente isso o que ele queria. Nada o emocionava mais que infundir medo em seus súditos.

Finalmente, Aberthol avançou, seu bastão ecoava ao golpear o chão de pedra, ele limpou a garganta.

“Majestade.” Ele começou a falar com sua voz antiga. “Estamos diante de um momento de grande confusão na corte. Eu não sei se as notícias já chegaram até Vossa Majestade: o escudo foi desativado; Gwendolyn deixou a corte e levou consigo Kolk, Brom, Kendrick, Atme, o Exército Prata, a Legião e metade de seu exército, juntamente com metade da Corte do Rei. Os que ficaram aqui recorrem a Vossa Majestade em busca de orientação e desejam saber qual será o próximo passo. As pessoas querem respostas, Majestade.”

“Além disso...” Disse outro membro do conselho, a quem Gareth reconheceu vagamente. “... Se espalhou a notícia de que o Canyon já foi invadido. Há rumores de que Andronicus invadiu o lado McCloud do Anel, com o seu exército de um milhão de homens.”

Um suspiro indignado espalhou-se por toda a sala; dezenas de bravos guerreiros sussurraram uns para os outros, invadidos pelo

medo e um estado de pânico se espalhou como o fogo.

“Isso não pode ser verdade!” Exclamou um dos soldados.

“É verdade!” Insistiu o membro do conselho.

“Então toda a esperança está perdida!” Gritou outro soldado. “Se os McClouds foram invadidos, então o Império virá para Corte do Rei logo depois. Não há nenhuma maneira de que nós possamos repelir o seu ataque.”

“Nós devemos discutir os termos de nossa rendição, Majestade.” Aberthol disse para Gareth.

“Rendição?” Gritou outro homem. “Nós nunca nos renderemos!”

“Se nós não nos rendermos.” Gritou outro soldado. “Nós seremos aniquilados. Como poderemos enfrentar um milhão de homens?”

A sala irrompeu em um murmúrio indignado, os soldados e os conselheiros discutiam uns com os outros, todos em completa desordem.

O líder do conselho bateu com seu bastão de ferro no chão de pedra e gritou:

“ORDEM!”

Aos poucos, todos na sala se acalmaram. Todos os homens se viraram e olharam para ele.

“Estas são todas decisões para serem tomadas por um rei, não por nós.” Disse um dos homens do conselho. “Gareth é o rei legítimo e não é de nossa incumbência discutir os termos da rendição, ou até mesmo se nós realmente nos renderemos.”

Todos eles se voltaram para Gareth.

“Majestade.” Aberthol disse demonstrando cansaço em sua voz. “Como propõe que lidemos com o exército do Império?”

A sala caiu em um silêncio mortal.

Gareth permaneceu sentado ali, olhando para os homens, querendo responder. Mas estava ficando cada vez mais difícil para ele pensar com clareza. Ele continuava a ouvir a voz do pai em sua cabeça, gritando com ele, como quando ele era criança. A voz o estava deixando louco, ela simplesmente não ia embora.

Gareth estendeu a mão e arranhou o braço de madeira do trono, uma e outra vez. O som de suas unhas arranhando era o único que se ouvia na sala.

Os membros do conselho trocaram um olhar preocupado.

“Meu soberano.” Outro conselheiro interpelou. “Se Vossa Majestade optar por não se render, então devemos fortalecer a corte imediatamente. Devemos proteger todas as entradas, todos os caminhos, todos os portões. Temos de convocar todos os soldados, preparar as defesas. Devemos nos preparar para um cerco, armazenar comida e ração, proteger os nossos cidadãos. Há muito a ser feito. Por favor, meu senhor. Dê-nos instruções. Diga-nos o que fazer.”

Mais uma vez, a sala ficou em silêncio enquanto todos os olhos permaneceram fixos em Gareth.

Finalmente, Gareth levantou o queixo e olhou para eles.

“Nós não lutaremos contra o Império.” Declarou ele. “Tampouco vamos nos entregar.”

Todos na sala se entreolharam, confusos.

“Então o que devemos fazer, Majestade?” Perguntou Aberthol.

Gareth pigarreou.

“Nós vamos matar Gwendolyn!” Declarou ele. “Isso é tudo o que me importa agora.”

O que seguiu foi um silêncio chocante.

“Gwendolyn?” Um conselheiro exclamou perplexo, enquanto todos na sala irromperam em outro murmúrio de surpresa.

“Nós enviaremos todas as nossas forças atrás dela, para matá-la junto com todos aqueles que a acompanharam, antes que eles cheguem a Silésia.” Gareth anunciou.

“Mas, Majestade, como isso nos ajudaria? “Um conselheiro indagou. “Se nos aventurarmos a sair para atacá-la, estaremos unicamente expondo as nossas forças. Todos os nossos homens seriam cercados e massacrados pelo Império.”

“Isso também deixaria Corte do Rei vulnerável diante de um ataque!” Gritou outro. “Se nós não vamos nos render, devemos fortalecer Corte do Rei imediatamente!”

Um grupo de homens gritou em concordância.

Gareth virou-se e olhou para o conselheiro, seu olhar era frio.

“Nós usaremos todos os homens que tivermos para matar a minha irmã!” Disse ele sombriamente. “Não pouparemos nem sequer

um!”

A sala ficou em silêncio. Um conselheiro empurrou sua cadeira para trás, raspando-a contra o chão de pedra e ficou de pé.

“Eu não verei a Corte do Rei arruinada por sua obsessão pessoal. Eu, da minha parte, não estou com Vossa Majestade!”

“Nem eu!” exclamou a metade dos homens ali na sala.

Gareth ficou furioso, sua raiva era crescente, ele estava prestes a levantar-se quando de repente, as portas da sala se abriram e por elas entrou apressadamente o último comandante que restava do seu antigo exército. Todos os olhos pousaram sobre ele. Ele arrastava um homem em seus braços, um rufião barbudo, com cabelos oleosos e desgrenhados, seus pulsos estavam atados. O comandante arrastou o homem por todo o caminho até o centro da sala e parou diante do rei.

“Majestade.” Disse o comandante friamente. “Este homem seria o sétimo, dos seis ladrões executados pelo roubo da Espada do Destino, ele foi o único que escapou. Ele conta a história mais incrível sobre o que aconteceu.

“Fale!” O comandante incitou, sacudindo o rufião.

O bandido olhou nervosamente em todas as direções, ele parecia inseguro, o cabelo sebento grudava em seu rosto. Por fim, ele gritou:

“Recebemos a ordem de roubar a espada!”

Todos na sala irromperam em um murmúrio indignado.

“Nós éramos dezenove!” O rufião continuou. “Uma dúzia de homens deveria levá-la daqui, protegidos pela escuridão, para o outro lado da ponte do Canyon e depois para a floresta. Eles a esconderam em uma carreta e a escoltaram através da ponte, para que os soldados que estavam de guarda não tivessem nenhuma ideia do que estava dentro. Os outros, nós sete, fomos obrigados a ficar para trás após o roubo. Nós fomos informados de que seríamos presos, como uma demonstração de justiça e depois nos deixariam em liberdade. Mas em vez disso, todos meus amigos foram executados. Eu também teria sido, se eu não tivesse escapado.”

A sala foi inundada por um murmúrio longo, agitado.

“E para onde eles estavam levando a espada?” O comandante pressionou.

“Eu não sei. Talvez, para algum lugar bem profundo do Império.”

“E quem ordenou tal coisa?”

“Ele!” O bandido disse de repente, virando-se e apontando um dedo ossudo para Gareth. “O nosso rei! Ele nos ordenou a fazer isso!”

A sala irrompeu em um murmúrio horrorizado, os gritos continuaram elevando-se, até que finalmente, um conselheiro bateu com o bastão de ferro várias vezes e gritou por silêncio.

A sala se acalmou a duras penas.

Gareth, já tremendo de medo e raiva, levantou-se lentamente de seu trono, a sala foi se acalmando enquanto todos os olhos caíam sobre ele.

Gareth desceu os degraus de marfim, um de cada vez, seus passos ecoavam na sala, o silêncio era tão espesso que podia ser cortado com uma faca.

Gareth atravessou a sala, até que finalmente chegou até o rufião. Ele olhou friamente para o bandido desde uma distância de trinta centímetros, o homem se contorcia nos braços do comandante, ele olhava para todos os lados, mas não olhava para Gareth.

“Só existe uma maneira de tratar os ladrões e os mentirosos no meu reino.” Gareth disse baixinho.

Gareth, repentinamente, puxou um punhal da cintura e mergulhou-o no coração do rufião.

O homem gritou de dor, seus olhos se arregalaram e de repente ele caiu no chão, morto.

O comandante olhou para Gareth, franzindo o cenho para ele.

“O senhor acabou de assassinar uma testemunha contrária.” Disse o comandante. “Por acaso não percebe que isso só serviu para insinuar ainda mais a sua culpa?”

“Qual testemunha?” Gareth perguntou com um sorriso irônico. “Homens mortos não falam.”

O comandante ficou vermelho.

“Para que não se esqueça, eu sou o comandante da metade do exército real. Eu não vou ser feito de bobo. Pelas suas ações, eu só

posso supor que você é culpado do crime do qual foi acusado. Sendo assim, eu e meu exército já não o serviremos mais. Na verdade, eu vou levá-lo sob custódia, em razão da sua traição ao Anel!”

O comandante acenou para seus homens e como se fossem um só, várias dezenas de soldados sacaram suas espadas e se adiantaram para prender Gareth.

Lorde Kultin avançou com o dobro de seus próprios homens, todos desembainharam suas espadas e colocaram-se atrás de Gareth.

Eles ficaram ali, frente a frente com os soldados do comandante, Gareth estava no meio deles.

Gareth sorriu para o comandante, triunfante. Os homens do comandante estavam superados em número pela força de combate de Gareth e ele sabia disso.

“Eu não vou ficar sob a custódia de ninguém.” Gareth zombou. “E, certamente, não pela sua mão. Tome seus homens e deixe a minha corte, ou você sofrerá as consequências da ira da minha força de combate pessoal.”

Depois de alguns segundos de tensão, o comandante finalmente virou-se e fez um gesto para seus homens; todos eles se retiraram da sala simultaneamente, caminhando para trás com cautela e empunhando suas espadas.

“De hoje em diante...” O comandante explodiu. “... Quero seja do conhecimento de todos, que nós não lhe servimos mais! Você terá de enfrentar o exército do Império por sua conta. Espero que eles o tratem bem. Melhor do que você tratou seu pai!”

Os soldados saíram da sala pisando firme, produzindo um ruído enorme com suas armaduras.

Dezenas de conselheiros, atendentes e nobres que permaneceram na sala ficaram em silêncio, sussurrando.

“Retirem-se!” Gareth gritou. “**TODOS VOCÊS!**”

Todas as pessoas que ficaram na sala se dispersaram rapidamente, incluindo a própria força de combate restante, de Gareth.

Apenas uma pessoa permaneceu ali, mantendo-se atrás dos outros.

Lorde Kultin.

Ele e Gareth eram os únicos na sala. Ele caminhou até Gareth, parou a poucos metros de distância dele e examinava-o como se estivesse perscrutando-o. Como de costume, o seu rosto era inexpressivo. Era a face de um verdadeiro mercenário.

“Eu não me importo com o que você fez ou por quê.” Ele começou a dizer com sua voz rouca e sinistra. “Eu não me importo com a política. Eu sou um lutador. Eu me preocupo apenas com o dinheiro, com o meu pagamento e o dos meus homens.”

Ele fez uma pausa.

“No entanto, eu gostaria de saber, para satisfazer uma curiosidade pessoal: você realmente ordenou aos homens que levassem a espada para longe?”

Gareth olhou para o homem. Havia algo em seus olhos que ele reconheceu em si mesmo: eles eram frios, sem remorso, oportunistas.

“E daí se eu fiz isso?” Gareth perguntou de volta.

Lord Kultin olhou para ele por um bom tempo.

“Mas, por quê?” Ele perguntou.

Gareth olhou para ele em silêncio.

Os olhos de Kultin se arregalaram ao compreender o motivo.

“Você não pôde erguê-la, de modo que se você não pôde... ninguém mais poderia, não é?” Perguntou Kultin. “É isso?” Ele considerou as implicações. “Mesmo assim...” Kultin acrescentou. “... Você certamente sabia que enviá-la para longe desativaria o escudo, nos deixaria vulneráveis aos ataques.”

Os olhos de Kultin se arregalaram.

“Você *desejava* que nós fôssemos atacados, não é? Alguma coisa dentro de você deseja ver a corte destruída.” Disse ele, percebendo tudo de repente.

Gareth sorriu.

“Nem todos os lugares...” Disse Gareth devagar. “... Estão destinados a durar para sempre.”

CAPÍTULO CINCO

Gwendolyn marchava com o enorme séquito de soldados, assessores, assistentes, conselheiros, soldados do Exército Prata e da Legião e metade da corte real. Todos se assemelhavam a uma cidade ambulante, eles percorriam o seu caminho, afastando-se cada vez mais da Corte do Rei. Gwen estava dominada pela emoção. Por um lado, ela estava emocionada por finalmente estar livre de seu irmão, Gareth, por estar longe de seu alcance e cercada por guerreiros de confiança que poderiam protegê-la. Ela já não temia a traição ou ser casada contra sua vontade. Finalmente, ela não teria de andar cuidando-se a cada momento, de nenhum dos assassinos de Gareth.

Gwen também se sentia inspirada e lisonjeada por ter sido escolhida para governar e para liderar aquele enorme contingente de pessoas. A enorme comitiva a seguia como se ela fosse uma espécie de profeta, todos iam marchando pela estrada sem fim, com destino a Silésia. Eles a viam como seu governante, ela podia apreciar isso em cada olhar; todos olhavam para ela com muitas expectativas. Ela se sentia culpada, querendo que um de seus irmãos tivesse tal honra, qualquer um, exceto ela. No entanto, ela via quanta esperança o povo tinha ao encontrar nela um líder justo e equitativo e isso a fazia feliz. Se estivesse ao alcance dela cumprir aquele papel para eles, especialmente em tempos de escuridão, com certeza ela faria isso.

Gwen pensou em Thor, em seu triste adeus ali no Canyon e isso partiu seu coração. Ela viu-o desaparecer enquanto ele atravessava a ponte do Canyon, em meio à névoa, em uma viagem que muito provavelmente o conduziria até sua morte. Era uma valente e nobre missão, da qual ela não poderia privá-lo. Ela sabia que era uma missão para a qual ele tinha de partir, pelo bem do Reino, pelo bem do Anel. No entanto, ela também continuava perguntando-se por que tinha de ser justo *e/le*. Ela desejou que pudesse ser qualquer outra pessoa. Agora, mais do que nunca, ela queria que ele

estivesse ao seu lado. Naquele momento de turbulência, de grande transição, ela tinha sido deixada sozinha para governar, para levar seu filho, ela o queria ali. Mais do que tudo, ela se preocupava com ele. Ela não podia imaginar a vida sem ele; esse pensamento lhe deu vontade de chorar.

Mas Gwen respirou fundo e juntou forças, sabendo que todos os olhos estavam sobre ela enquanto todos marchavam em uma caravana interminável naquela estrada empoeirada, indo cada vez mais para o Norte, em direção à distante Silésia.

Gwen também estava ainda em estado de choque, dilacerada por causa de sua terra natal. Ela mal podia imaginar que o antigo escudo estava desativado, que o Canyon tinha sido invadido. Os rumores que circulavam, trazidos por espiões distantes, afirmavam que Andronicus já havia desembarcado na costa dos McClouds. Ela não podia ter a certeza sobre em que acreditar. Ela tinha muita dificuldade para entender como tudo tinha acontecido tão rapidamente, afinal, Andronicus ainda teria de enviar toda a sua frota através do oceano. A menos que McCloud, de alguma forma, estivesse por trás do roubo da espada e tivesse orquestrado a queda do escudo. Mas como? Como ele conseguiu roubá-la? Para onde ele a estaria levando?

Gwen podia sentir como todos ao seu redor estavam abatidos e ela não podia culpá-los. Havia um ar de desânimo no meio desta multidão e era por uma boa razão: sem o escudo, todos eles estavam indefesos. Era só uma questão de tempo, se Andronicus não invadissem naquele dia, então ele invadiria no dia seguinte, ou em breve. E quando ele fizesse isso, não haveria nenhuma maneira de que eles pudessem deter seus homens. Logo, aquele lugar e tudo o que ela tinha aprendido a amar e respeitar seriam conquistados e todos os que ela amava seriam mortos.

Todos marchavam, era como se estivessem marchando para a morte. Andronicus não estava ali ainda, mas eles já se sentiam como se tivessem sido capturados. Ela lembrou algo que seu pai tinha lhe dito uma vez: conquiste o coração de um exército e a batalha já está ganha.

Gwen sabia que dependia dela inspirar todos, fazê-los sentirem-se protegidos e ter uma sensação de segurança, ou mesmo, de otimismo. Ela estava determinada a fazê-lo. Ela não podia deixar que seus medos ou que um sentimento de pessimismo a dominassem em um momento como aquele. E ela se recusava a permitir-se mergulhar na autocompaixão. Não se tratava apenas dela. Tratava-se também daquelas pessoas, de suas vidas, de suas famílias. Eles precisavam dela. Todos eles contavam com a ajuda dela.

Gwen pensou em seu pai e perguntou-se o que ele faria. Isso a fez sorrir ao pensar nele. Ele teria exibido uma expressão corajosa, sem importar as circunstâncias. Ele sempre dizia a ela para esconder o medo na arrogância e enquanto ela recordava como havia sido a vida dele, ela percebeu que ele nunca aparentava ter medo. Nem sequer uma vez. Talvez fossem apenas aparências; mas eram *boas* aparências. Como líder, ele sabia que estava exposto em todos os momentos, sabia que as pessoas precisavam das *aparências*, talvez até mais do que da liderança. Ele era altruísta demais para deixar-se vencer por seus medos. Ela iria aprender com o seu exemplo. Ela tampouco se deixaria vencer pelo temor.

Gwen olhou em volta e viu Godfrey marchando ao seu lado, ao lado dele ia Illepra, a curandeira; os dois estavam envolvidos em uma conversa. Gwen tinha notado que os dois pareciam ter se apegado bastante um ao outro desde que Illepra tinha salvado a vida de Godfrey. Gwen desejava que seus outros irmãos estivessem ali também. Mas Reece tinha ido embora com Thor; quanto a Gareth, era óbvio que ele tinha desaparecido de sua vida para sempre e Kendrick ainda estava em seu posto, em algum lugar do Leste, ajudando a reconstruir aquela cidade remota. Ela tinha enviado um mensageiro até ele. Essa havia sido a primeira coisa que ela tinha feito. Ela rezou para que o mensageiro o alcançasse a tempo, para trazê-lo para Silésia, dessa forma, ele estaria com ela e ajudaria a defendê-la. Então, pelo menos, dois de seus irmãos: Kendrick e Godfrey poderiam refugiar-se em Silésia com ela; isso abrangia todos eles. Exceto, é claro, sua irmã mais velha, Luanda.

Pela primeira vez em muito tempo, os pensamentos de Gwen se voltaram para Luanda. Ela sempre teve uma rivalidade com sua irmã

mais velha. Gwen não tinha tido a mais mínima surpresa quando Luanda aproveitou a primeira chance que teve de ir embora da Corte do Rei e casar-se com aquele McCloud. Luanda sempre foi ambiciosa e sempre quis ser a primeira em tudo. Gwendolyn a amava e a admirava quando ela era mais jovem; mas Luanda, tornou-se cada vez mais competitiva e não havia retribuído o seu amor. Depois de um tempo, Gwen parou de tentar.

No entanto, agora Gwen se sentia mal por Luanda; ela se perguntava o que teria acontecido com sua irmã depois que os McClouds foram invadidos por Andronicus. Será que ela havia sido assassinada? Gwen estremeceu com esse pensamento. Elas eram rivais, mas afinal de contas, elas ainda eram irmãs e ela não queria vê-la morta tão jovem.

Gwen pensou em sua mãe, o outro único membro de sua família deixado para trás, enalhado na Corte do Rei, com Gareth naquele estado. O pensamento lhe provocou um calafrio. Apesar de toda a raiva que ela ainda tinha de sua mãe, Gwen não queria que ela acabasse assim. O que aconteceria se a Corte do Rei fosse invadida? Será que sua mãe seria morta?

Gwen não podia deixar de sentir que sua vida, a qual tinha sido tão cuidadosamente construída, estava desabando ao seu redor. Parecia que tinha sido apenas ontem, em pleno auge do verão, que tinha sucedido o casamento de Luanda, uma festa gloriosa, toda a Corte do Rei transbordava com abundância, ela e sua família, estavam todos juntos, celebrando; o Anel era inexpugnável. Parecia que tudo duraria para sempre.

Agora tudo tinha se despedaçado totalmente. Nada era o que uma vez tinha sido.

Uma brisa fria de outono a golpeou e Gwen cobriu os seus ombros com um suéter de lã azul. O outono havia sido muito curto esse ano; o inverno já estava chegando. Ela podia sentir a brisa gelada ficar cada vez mais pesada com a umidade, enquanto todos se dirigiam mais para o Norte, ao longo do Canyon. O céu estava escurecendo mais cedo e o ar estava cheio com um novo som, o som dos gritos dos pássaros do inverno, os abutres vermelhos e pretos que voavam baixo quando a temperatura caía. Eles gralhavam

incessantemente e o som, por vezes, irritava Gwen. Era como o som da morte que se aproximava.

Desde que haviam se despedido de Thor, todos tinham seguido ao longo do Canyon, rumo ao Norte, sabendo que esse caminho os conduziria até a cidade mais ocidental da parte oeste do Anel: Silésia. Enquanto eles avançavam, a névoa sinistra do Canyon emanava em ondas, envolvendo os tornozelos de Gwen.

“Nós já não estamos tão longe agora, Majestade.” Disse uma voz.

Gwen olhou para ver Srog de pé do outro lado dela, vestido com a armadura vermelha distintiva de Silésia e flanqueado por vários de seus guerreiros, todos vestidos com sua cota de malha vermelha e botas. Gwen tinha sido tocada pela bondade de Srog para com ela, tocada por sua lealdade para com a memória de seu pai e pela sua oferta de proporcionar-lhes Silésia como um refúgio. Ela não sabia o que ela e todas aquelas pessoas teriam feito sem ele. Eles ainda estariam naquele mesmo momento presos na Corte do Rei, à mercê da traição de Gareth.

Srog era um dos lordes mais honrados que ela havia conhecido. Com milhares de soldados à sua disposição, com seu controle da famosa fortaleza do Oeste, ele não precisava prestar homenagem a ninguém. Mas ele rendia um grande tributo ao seu pai. Tinha havido sempre um equilíbrio delicado de poder. Nos tempos em que o avô de Gwen era rei, Silésia precisou da Corte do Rei; no tempo de seu pai, nem tanto e atualmente Silésia não precisava da corte em absoluto. De fato, com a queda do escudo protetor e o caos na Corte do Rei, eram eles os que precisavam de Silésia.

É claro que o Exército Prata e a Legião eram os melhores guerreiros que existiam, como eram também os milhares de soldados que acompanhavam Gwen. Isso abrangia a metade do exército real. Mesmo assim, Srog, como a maioria dos outros lordes, poderia ter simplesmente fechado seus portões e cuidado de seus próprios assuntos.

Em vez disso, ele havia procurado Gwen, tinha jurado lealdade a ela e insistido em hospedar todos eles. Tinha sido uma bondade que Gwen estava determinada a retribuir de alguma forma, algum dia. Isso se por acaso, eles sobrevivessem.

“Você não precisa se preocupar.” Respondeu ela baixinho e colocando a mão suavemente em seu pulso. “Nós marcharíamos até os confins da terra para entrar em sua cidade. Nós somos muito afortunados de contar com sua bondade neste momento difícil.”

Srog sorriu. Ele era um guerreiro de meia-idade com o rosto marcado por muitas linhas e por muitas batalhas, seu cabelo era castanho-avermelhado, a linha da sua mandíbula era forte e ele não tinha barba. Srog era um homem de verdade, ele não era apenas um lorde, mas sim um verdadeiro guerreiro.

“Por seu pai, eu caminharia através do fogo.” Ele respondeu. “Os agradecimentos são desnecessários. É uma grande honra poder pagar minha dívida para com ele, ficando a serviço de sua filha. Afinal, era a vontade dele que Vossa Majestade governasse. Então, quando eu respondo a Vossa Majestade, eu respondo a ele.”

Perto de Gwen também marchavam Kolk e Brom. Atrás deles se ouvia o constante barulho de milhares de esporas, de espadas tilintando em suas bainhas e de escudos esbarrando nas armaduras. Era uma grande cacofonia de barulhos, avançando cada vez mais longe, para o Norte, ao longo da borda do Canyon.

“Majestade.” Kolk disse: “... Eu estou sobrecarregado pela culpa. Eu não deveria ter deixado Thor, Reece e os outros saírem sozinhos para o Império. Mais de nós deveríamos ter nos oferecido para ir com eles. Se alguma coisa acontecer com eles, isso vai pesar para sempre sobre minha cabeça.”

“Essa foi a missão que eles escolheram.” Gwen respondeu. “... Era uma questão de honra. Quem tinha de ir, já foi. A culpa não faz bem a ninguém.”

“E o que acontecerá se eles não retornarem a tempo com a espada?” Perguntou Srog. “Não vai demorar muito até que o exército de Andronicus apareça em nossos portões.”

“Então vamos tomar uma posição.” Disse Gwen confiante, demonstrando em sua voz o máximo de coragem que podia, esperando deixar os outros à vontade. Ela notou que os outros generais se viraram e olharam para ela.

“Nós nos defenderemos até o último golpe.” Acrescentou ela. “Não haverá nenhuma retirada, nenhuma rendição.”

Ela sentiu que os generais estavam impressionados. Ela ficou impressionada com sua própria voz, com a força crescente dentro dela, surpreendendo até a si mesma. Era a força de seu pai, a força de sete gerações de reis MacGil.

Eles continuaram a marchar, a estrada fazia uma curva acentuada para a esquerda e quando Gwen virou a curva ela se deteve, a vista era de tirar o fôlego.

Silésia.

Gwen lembrou que seu pai a tinha levado ali de viagem várias vezes quando ela era uma garotinha. Era um lugar que permanecia em seus sonhos desde então, um lugar que parecia mágico para ela. Agora que ela o via com os olhos de uma mulher adulta, ele ainda lhe tirava o fôlego.

Silésia era a cidade mais incomum que Gwen já tinha visto. Todos os edifícios, todas as fortificações, todas aquelas pedras, tudo havia sido construído com uma antiga pedra vermelha e brilhante. A metade superior de Silésia, alta, vertical, repleta de parapeitos e torres, estava construída sobre o continente, enquanto a metade inferior estava construída dentro do lado do Canyon. As brumas esvoaçantes do Canyon sopravam para dentro e para fora, envolvendo a cidade, fazendo com que o vermelho brilhasse e faiscasse na luz, dando a impressão de que a cidade estava construída nas nuvens.

As suas fortificações se elevavam por uns trinta metros, estavam coroadas por parapeitos e sustentadas por uma fileira interminável de muralhas. O lugar era uma fortaleza. Mesmo que um exército de alguma forma derrubasse suas muralhas, ele ainda teria de descer até a metade inferior da cidade, direto para os penhascos e lutar na borda do Canyon. Era claramente uma guerra que nenhum exército invasor iria querer travar. Era por isso que aquela cidade tinha se conservado por mil anos.

Seus homens pararam e ficaram boquiabertos e Gwen podia sentir que todos estavam maravilhados, também.

Pela primeira vez em muito tempo, Gwen sentiu otimismo. Aquele era um lugar onde eles poderiam ficar longe do alcance de Gareth, um lugar que eles poderiam defender. Um lugar onde ela poderia

governar. E talvez, apenas talvez, o lugar onde o reino MacGil pudesse ressurgir novamente.

Srog ficou ali, com as mãos na cintura, absorvendo tudo como se estivesse vendo sua cidade pela primeira vez, com os olhos brilhando de orgulho.

“Bem-vindos a Silésia.”

CAPÍTULO SEIS

Thor abriu os olhos ao romper da madrugada para ver as ondas suaves do mar, subindo e descendo em grandes cristas, cobertas pela luz suave do primeiro sol. As águas claras e amarelas do Tartuvian cintilavam na névoa da manhã. A embarcação balançava silenciosamente na água, o único som que havia era o das ondas batendo contra o casco.

Thor se sentou e olhou em volta. Seus olhos estavam pesados de tão exausto que ele estava, na verdade, ele nunca havia se sentido tão cansado em sua vida. Eles haviam estado velejando por dias e, ali, naquele lado do mundo, tudo era diferente, se sentia diferente. O ar era tão denso, tão excessivamente úmido, a temperatura era muito mais quente, era como respirar sob uma correnteza constante de água. Isso fazia com que Thor se sentisse fraco, fazia com que ele sentisse suas pernas intumescidas, pesadas. Parecia que ele havia chegado ali no verão.

Thor olhou em volta e viu que todos os seus amigos, os quais normalmente já estavam de pé antes do amanhecer, ainda estavam todos deitados no convés, dormindo. Mesmo Krohn, que sempre estava desperto, ainda dormia ao lado dele. O clima tropical e pesado havia afetado todos eles. Nenhum deles sequer se preocupava com ser o timoneiro, todos haviam desistido dias atrás. Não tinha sentido: as velas estavam sempre infladas a todo mastro e eram propulsadas pelo vento do Oeste, as correntes mágicas daquele oceano constantemente arrastavam o barco em uma direção. Era como se estivessem sendo arrastados para um único local. Eles haviam tentado várias vezes orientar ou mudar o curso, mas tinha sido inútil. Todos se haviam resignado a deixar que o Tartuvian os levasse para onde quisesse.

Não era que eles soubessem o caminho do Império, Thor ponderou. Enquanto as correntes os levassem para terra firme, isso já seria bom o suficiente. Assim pensava Thor.

Krohn despertou, ele ganiu e em seguida, se inclinou para a frente e lambeu o rosto de Thor. Thor enfiou a mão no saco quase vazio e deu a Krohn o último naco de carne seca. Para a surpresa de Thor, Krohn não o arrebatou de sua mão, como sempre fazia; em vez disso, Krohn olhou para ele, olhou para o saco vazio e em seguida, olhou significativamente para Thor. Ele hesitava em pegar a comida e Thor percebeu que Krohn não queria tirar-lhe o último pedaço.

Thor estava comovido pelo gesto, mas ele insistiu, empurrando a carne na boca do amigo. Thor sabia que estariam sem comida em breve e rezou para que chegassem a terra. Ele não tinha ideia de quanto tempo a viagem podia demorar; o que aconteceria se ela levasse meses? Como eles se alimentariam?

O sol se levantou rapidamente, ficando brilhante e forte muito cedo e quando Thor se levantou a névoa já havia começado a se dissipar sobre a água, então ele foi para a proa.

Thor ficou ali olhando ao redor, o barco balançava suavemente sob seus pés, ele via como a névoa se dissipava. Ele piscou os olhos várias vezes, imaginando que estava vendo coisas, quando o contorno de uma terra distante apareceu no horizonte. Seu pulso acelerou. Era terra firme. Terra de verdade!

A terra que surgiu tinha uma forma bastante incomum: duas longas e estreitas penínsulas que emergiam do mar, como duas pontas de um tridente. Quando a névoa subiu, Thor olhou para a esquerda e para a direita e ficou surpreso ao ver duas faixas de terra de cada lado deles, cada uma a cerca de cinquenta metros de distância. Eles estavam sendo sugados diretamente para o meio de uma longa baía.

Thor assobiou e seus irmãos da Legião se levantaram. Eles se puseram de pé de um salto, correram para o lado dele e ficaram ali, de pé na proa, olhando para o horizonte.

Todos eles permaneciam ali, sem fôlego com a vista diante de si: a costa era a mais exótica que eles já tinham visto, ela estava toda coberta pela vegetação selvagem, suas árvores altíssimas se arraigavam na linha da costa, a selva era tão densa que era impossível ver além dela. Thor viu as samambaias enormes com

seus nove metros de altura inclinando-se sobre a água; viu a as árvores amarelas e roxas que pareciam chegar ao céu e em todos os lugares se ouviam os ruídos estranhos e persistentes de animais, pássaros e insetos. Thor não sabia que classe de bicho estaria rosnando, gritando ou cantando.

Thor engoliu em seco. Parecia que eles estavam entrando em um reino animal impenetrável. Tudo parecia diferente ali; o ar tinha um cheiro diferente, estranho. Nada ali se assemelhava remotamente ao Anel. Todos os outros membros da Legião se viraram e se entreolharam, Thor podia ver a hesitação em seus olhos. Todos eles se perguntariam que criaturas estariam à espreita deles dentro daquela selva.

Não se podia dizer que eles tinham tido outra escolha. As correntes os haviam levado por aquela rota e era evidente que aquele era o lugar onde eles precisavam desembarcar para poder entrar nas terras do Império.

“Por aqui!” O’Connor gritou.

Eles correram para o lado de O’Connor junto à varanda. Ele inclinou-se e apontou para a água. Lá, embaixo, nadando ao lado do barco, havia um enorme inseto roxo e luminescente, seu tamanho era de aproximadamente três metros de comprimento e ele possuía centenas de pernas. O inseto brilhava sob as ondas. Logo depois, ele moveu-se rapidamente ao longo da superfície da água; ao fazer isso seus milhares de pequenas asas começaram a mover-se, elevando-o um pouco acima da água. Em seguida, ele voltou a deslizar ao longo da superfície para logo submergir-se. Em seguida, o inseto repetiu o processo mais uma vez.

Enquanto eles observavam, o inseto elevou-se mais no ar, de forma repentina, ele ficou pairando no ar, ao nível dos olhos dos rapazes, fitando-os com seus quatro grandes olhos verdes. A criatura deu um zumbido e todos os homens pularam para trás involuntariamente e estenderam a mão para pegar suas espadas.

Elden adiantou-se e virou-se para ele. Mas no momento em que sua espada atingiu o ar, o inseto já estava de volta na água.

Thor e os outros saíram voando, caindo com força no convés, quando o barco deu uma parada abrupta, alojando-se na costa com

uma sacudida.

O coração de Thor batia mais rápido enquanto ele olhava por cima da borda: abaixo deles havia uma praia estreita formada por milhares de pequenas pedras irregulares, brilhantes e de cor roxa.

Eles haviam conseguido chegar à terra firme.

Elden liderou o caminho para a âncora e todos eles a levantaram e deixaram-na pendendo sobre borda. Cada um deles desceu agarrando-se à corrente, logo saltaram dela e desembarcaram na costa, Thor entregou Krohn para Elden quando ele desembarcou.

Thor suspirou quando seus pés tocaram o chão. Era tão bom ter terra seca, terra firme debaixo de seus pés. Ele seria muito feliz se nunca mais tivesse de navegar em um barco de novo.

Todos eles agarraram as cordas e arrastaram o barco para a costa tanto quanto puderam.

“Você acha que a maré vai levá-lo embora?” Reece perguntou, olhando para o barco.

Thor olhou para o barco, ele parecia seguro na areia.

“Não com uma âncora como aquela.” Elden disse.

“A maré não vai levá-lo.” O’Connor disse. “A questão é se alguém mais vai fazer isso.”

Thor deu uma última olhada para o barco, ele percebeu que seu amigo estava certo. Mesmo que eles encontrassem a espada, era bem provável que eles regressassem a uma costa vazia.

“E então como iremos voltar?” Perguntou Conval.

Thor não podia evitar pensar que eles estavam queimando suas pontes com cada passo que davam pelo caminho.

“Nós encontraremos a maneira.” Disse Thor. “Afinal, deve haver outros barcos no Império, não é mesmo?”

Thor tentou soar confiante e tranquilizar seus amigos. Mas, no fundo, ele próprio não estava tão confiante. Toda aquela jornada parecia cada vez mais ameaçadora para ele.

Eles se viraram simultaneamente e encararam a selva, olhando para ela fixamente. Era uma parede de vegetação, a escuridão estava por trás dela. Os ruídos dos animais produziam uma cacofonia em torno deles e eram tão altos que Thor mal podia ouvir

seus pensamentos. Era como se todos os animais do Império estivessem gritando para cumprimentá-los.

Ou para adverti-los.

*

Thor e os outros caminhavam cautelosamente, lado a lado, através da espessa selva tropical. Cada um deles estava alerta. Era difícil para Thor ouvir seus pensamentos, já que os gritos e zumbidos da orquestra de insetos e animais ao seu redor eram muito persistentes. No entanto, quando ele olhou para a escuridão da folhagem, ele não pôde ver nenhum deles.

Krohn caminhava em seus calcanhares, rosnando, o pêlo de suas costas estava todo arrepiado. Thor nunca o tinha visto tão alerta. Thor olhava para seus irmãos de armas e via cada um deles com uma mão apoiada sobre o punho da espada, todos eles nervosos, exatamente como ele.

Eles já haviam estado caminhando por horas e agora penetravam cada vez mais fundo na selva, o ar tornava-se cada vez mais quente, espesso, úmido e mais pesado para respirar. Eles seguiam os rastros do que parecia ter sido uma trilha, alguns galhos quebrados pareciam indicar o caminho que o grupo de homens que tinham chegado ali poderia ter tomado. Thor só esperava que fosse a trilha do grupo que havia roubado a espada.

Thor olhou para cima, totalmente admirado com a natureza: tudo ali crescia em proporções gigantescas, cada folha era tão grande como ele próprio. Ele sentia-se como um inseto em uma terra de gigantes. Ele viu algo farfalhar atrás de algumas folhas, mas não podia realmente distinguir nada. Ele tinha a sensação sinistra de que estavam sendo observados.

A trilha diante deles terminou repentinamente em uma sólida parede de folhagem. Todos pararam e se olharam entre si, totalmente confusos.

“Mas a trilha não pode simplesmente desaparecer!” O’Connor disse desapontado.

“Ela não desapareceu.” Reece disse ao examinar as folhas. “A selva simplesmente cresceu de volta sobre ela.”

“Então qual é o caminho agora?” Perguntou Conval.

Thor se virou e olhou ao redor, perguntando-se a mesma coisa. Ao redor deles não havia mais nada além de uma densa folhagem, parecia não haver nenhuma saída. Thor estava começando a ter um sentimento de desânimo, ele sentia-se cada vez mais perdido.

Então Thor teve uma ideia.

“Krohn.” Disse Thor ao ajoelhar-se e sussurrar no ouvido dele. “Suba naquela árvore. Olhe por nós. Diga-nos que caminho seguir.”

Krohn olhou para ele com seu olhar expressivo e Thor sentia que ele havia compreendido.

Krohn correu para uma árvore enorme, o tronco dela era tão largo quanto dez homens, sem hesitar, ele saltou sobre ela e foi subindo sustentando-se com suas garras. Krohn subiu rapidamente e em seguida, pulou em um dos galhos mais altos. Ele ficou na ponta do galho e deu uma boa olhada, então, suas orelhas ficaram em pé. Thor sempre sentia que Krohn o entendia, mas agora ele sabia com toda certeza que era assim.

Krohn se inclinou para trás e fez um barulho estranho, gutural, em seguida, ele correu de volta para baixo do tronco e saiu em disparada em uma direção. Os rapazes trocaram um olhar curioso, então todos se viraram e seguiram Krohn, dirigindo-se para aquela parte da selva, empurrando para trás as folhas grossas, para que pudessem caminhar.

Depois de alguns minutos, Thor ficou aliviado ao ver a trilha surgir novamente, os sinais reveladores de galhos quebrados e a folhagem mostravam o caminho por onde o grupo tinha passado. Thor se inclinou, deu um tapinha carinhoso em Krohn e beijou-lhe a cabeça.

“Eu não sei o que teríamos feito sem ele.” Disse Reece.

“Nem eu.” Respondeu Thor.

Krohn ronronou satisfeito, orgulhoso.

Eles avançavam cada vez mais nas profundezas da selva, dando voltas e mais voltas até chegar a um trecho coberto por um novo tipo de vegetação com flores por todo o redor, elas eram enormes, do tamanho de Thor e desabrochavam em todas as cores. Outras árvores tinham frutos do tamanho de rochas, pendurados em seus galhos.

Todos pararam maravilhados quando Conval caminhou até um dos frutos de cor vermelho brilhante e estendeu a mão para tocá-lo.

De repente, ouviu-se o ruído profundo de um rosnado.

Conval se afastou e pegou sua espada e todos os demais se olharam ansiosamente.

“O que foi isso?” Perguntou Conval.

“O barulho veio dali.” Disse Reece enquanto apontava para outra parte da selva.

Todos eles se viraram e olharam. Mas Thor não podia ver nada além de folhas. Krohn rosnou de volta.

O barulho ficou mais alto, mais persistente e, finalmente, os ramos começaram a farfalhar. Thor e os demais deram um passo para trás, puxando suas espadas e aguardaram, eles esperavam o pior.

O que saiu de dentro da selva excedia até mesmo as piores expectativas de Thor. Parado ali, diante deles estava um enorme inseto, cinco vezes maior que Thor. Ele se assemelhava a um louva-deus, com as duas patas traseiras e suas duas patas dianteiras menores, as quais balançavam no ar e tinham longas pinças em suas extremidades. Seu corpo era de um verde fluorescente, estava coberto de escamas e possuía pequenas asas que zumbiam e vibravam. Ele tinha dois olhos no topo da cabeça e um terceiro olho na ponta do seu nariz. Ele se aproximou e revelou mais pinças escondidas debaixo de sua garganta, elas vibravam e estalavam.

O inseto ficou ali, elevando-se sobre eles, outra garra saiu de seu estômago, era como um longo braço magro e saliente. De repente, antes que qualquer um deles pudesse reagir, ele estendeu uma garra e pegou O'Connor, suas três garras se estenderam e se enroscaram em torno da cintura dele. A criatura levantou O'Connor no ar, como se ele fosse uma folha.

O'Connor balançou sua espada, mas estava longe de ser rápido o suficiente. A besta sacudiu-o várias vezes e de repente abriu a boca, revelando fileiras de dentes afiados, ela virou O'Connor para o lado e começou a baixá-lo em direção à boca.

O'Connor gritou ao pressagiar uma morte dolorosa e instantânea.

Thor reagiu. Sem pensar, ele colocou uma pedra em sua funda, mirou e atirou-a no terceiro olho do animal, bem na ponta do seu nariz.

Foi um golpe direto. A criatura deu um grito estridente, um barulho horrível, alto o suficiente para rachar uma árvore. Então ela soltou O'Connor, ele deu uma cambalhota no ar e caiu no chão macio da floresta, com um baque.

O animal, enfurecido, logo voltou sua atenção para Thor.

Thor sabia que seria inútil tomar uma posição e lutar contra aquela criatura. Pelo menos um de seus irmãos acabaria morto e provavelmente, Krohn, também. A criatura iria esgotar qualquer preciosa energia que eles tivessem. Thor chegou à conclusão de que talvez eles tivessem invadido o território dela e que se eles pudessem sair dali rápido o suficiente, ela poderia simplesmente deixá-los em paz.

“CORRAM!” Gritou Thor.

Eles se viraram e correram e a criatura começou a persegui-los.

Thor podia ouvir o som das garras do animal, logo atrás deles, cortando o ar e destroçando tudo através da folhagem densa; ele escapou de ter sua cabeça atingida por elas, por uns poucos metros. As folhas despedaçadas voavam pelo ar e caíam como a chuva em torno deles. Todos corriam em uníssono e Thor pensava que se eles pudessem ganhar distância suficiente, encontrariam uma maneira de se refugiar. Se não pudessem fazer isso, então eles teriam de tomar uma medida.

Mas de repente, Reece escorregou ao lado dele, tropeçou em um ramo e caiu de cara na folhagem, Thor sabia que ele não iria se levantar a tempo. Thor parou ao lado deles, puxou a espada e ficou entre Reece e o animal.

“CONTINUEM CORRENDO!” Thor gritou por cima do ombro para os outros, enquanto permanecia ali, pronto para defender Reece.

O animal se lançou para ele, gritando, ele baixou sua garra direto para o rosto de Thor. Thor se abaixou e girou a sua espada ao mesmo tempo, a criatura soltou um grito terrível quando Thor cortou uma de suas garras. Um líquido verde salpicou totalmente Thor, ele olhou para cima e viu com horror que a garra do animal voltou a

crescer tão rapidamente como tinha sido perdida. Era como se Thor nunca a tivesse ferido.

Thor engoliu saliva. Aquela seria uma criatura impossível de matar. E agora ele a havia enfurecido.

O animal golpeou com mais um braço que saiu de algum outro lugar de seu corpo e bateu com força nas costelas de Thor, fazendo-o voar e aterrissar em um grupo de árvores. Então, a criatura baixou outra garra para Thor e ele sabia que dessa vez estava em apuros.

Elden, O'Connor e os gêmeos se aproximaram rapidamente e quando a criatura veio pronta para atacar Thor com a outra garra, O'Connor lançou uma flecha em sua boca; a flecha se alojou na parte de trás da garganta dela, fazendo-a gritar. Elden tomou seu machado de duas mãos e desceu-o sobre as costas do animal, enquanto Conven e Conval atiraram suas lanças em cada um dos lados da garganta dela. Reece ficou de pé novamente e enfiou a espada na barriga da criatura. Thor pulou e desferiu sua espada em um dos outros braços do animal, cortando-o. Krohn se juntou a eles, saltando no ar e afundando suas presas na garganta da criatura.

A criatura soltou um grito após outro, todos eles fizeram mais danos do que Thor pensou ser possível. Era incrível para Thor que ela ainda estivesse de pé, com as asas ainda vibrando. Aquele bicho simplesmente não morreria.

Todos eles assistiram com horror, quando a criatura se esticou e começou a tirar as armas que estavam alojadas em seu corpo, uma de cada vez: as lanças, espadas e o machado. Assim que ela terminou de fazer isso, seus ferimentos se curaram diante dos olhos de todos eles.

Aquele monstro era imbatível.

A criatura se inclinou para trás e berrou, todos os irmãos da Legião de Thor olharam para cima, espantados. Todos tinham atacado com tudo o que tinham e nem sequer haviam podido arranhá-la.

A criatura preparou-se para avançar sobre eles novamente, com suas mandíbulas cortantes e suas garras afiadas, Thor percebeu que não havia mais nada que pudessem fazer. Todos iriam morrer.

“FORA DO CAMINHO!” Ouviu-se um grito repentino.

A voz vinha de detrás de Thor e soava como a voz de alguém jovem. Thor se virou e viu um jovem de talvez onze anos, correr atrás deles, carregando o que parecia ser uma jarra com água. Thor se abaixou e o garoto jogou a água, espirrando-a por todo o rosto da criatura.

A criatura se inclinou para trás e gritou, o vapor saía da sua face, chegando até suas garras e dilacerando seu rosto, seus olhos, sua cabeça. Ela gritava uma e outra vez, o barulho era tão alto que Thor teve de tapar os ouvidos.

Por fim, o animal virou-se e saiu correndo de volta para a selva, perdendo-se na vegetação.

Todos eles se viraram e olharam para o garoto com um novo senso de admiração e apreço. Sua roupa estava em farrapos, ele tinha cabelos castanhos e compridos e seus olhos inteligentes eram de um verde brilhante. O garoto estava coberto de sujeira e parecia, a julgar pelos seus pés descalços e suas mãos sujas, que ele vivia por ali.

Thor nunca havia estado tão agradecido a alguém.

“As armas não causam nenhum dano ao Gathorbeast.” O garoto disse com um olhar de descaso. “Vocês tiveram a sorte de que eu estava por perto e ouvi os gritos. Do contrário, todos vocês estariam mortos agora. Vocês não sabem que jamais devem enfrentar um Gathorbeast?”

Thor olhou para seus amigos, todos sem palavras.

“Nós não o confrontamos.” Disse Elden. “Ele nos confrontou.”

“Eles não confrontam você...” Disse o garoto. “... A menos que você invada o território dele.”

“E o que esperava que nós fizéssemos?” Perguntou Reece.

“Bem, nunca olhe nos olhos de nenhum deles. Disse o garoto. “E se ele atacar, deite-se de bruços até que ele o deixe em paz. “E acima de tudo, nunca tente fugir.”

Thor se aproximou e pôs a mão no ombro do garoto.

“Você salvou nossas vidas.” Disse ele. “Nós temos uma dívida muito grande para com você.”

O garoto deu de ombros.

“Vocês não parecem membros das tropas do Império.” Disse ele. “Parece que vocês vieram de algum outro lugar do mundo. Então, por que eu não haveria de ajudá-los? Vocês parecem ter as características desse grupo que veio no navio alguns dias atrás.”

Thor e os outros trocaram um olhar de entendimento e se viraram para o garoto.

“Você sabe para onde esse grupo se dirigiu?” Thor perguntou.

O rapaz deu de ombros.

“Era um grupo grande e eles estavam carregando uma arma. Ela parecia ser bem pesada; era preciso que todos eles a carregassem. Eu os segui por vários dias. Eles eram fáceis de rastrear. Eles eram lentos; também eram desleixados e descuidados. Eu sei para onde eles foram, apesar de que eu não os segui muito além da aldeia. Eu posso levá-los até lá e apontar-lhes na direção certa, se você quiserem. Mas não vai ser hoje.”

Os outros trocaram um olhar perplexo.

“Por que não?” Thor perguntou.

“A noite cai em poucas horas. Vocês não podem ficar aqui fora depois do anoitecer.”

“Mas por quê?” Perguntou Reece.

O garoto olhou para ele como se ele fosse louco.

“Os Ethabugs.” Disse ele.

Thor adiantou-se e olhou para o garoto. Ele gostou daquele garoto imediatamente. Ele era inteligente, sério, sem medo e tinha um coração valente.

“Você sabe de um lugar onde possamos nos abrigar durante a noite?”

O garoto olhou para Thor, depois deu de ombros, parecendo duvidoso. Ele ficou ali, hesitante.

“Eu não sei.” Disse ele. “Meu avô vai ficar bravo comigo.”

Krohn repentinamente saiu de detrás de Thor e caminhou na direção do garoto, os olhos do garoto se iluminaram deleitados.

“Uau!” Exclamou o garoto.

Krohn lambeu o rosto do garoto, uma e outra vez e ele ria de prazer, então ele estendeu a mão e acariciou a cabeça de Krohn. Em

seguida, o garoto ajoelhou-se, baixou sua lança e abraçou Krohn. Krohn parecia abraçá-lo de volta e o garoto ria freneticamente.

“Qual é seu nome?” Perguntou o garoto. “O que ele é?”

“Seu nome é Krohn.” Thor disse sorrindo. “Ele é um leopardo branco, raro. Ele vem do outro lado do oceano. Do Anel. Do lugar de onde nós somos. Ele gosta de você.”

O garoto beijou Krohn várias vezes e, finalmente, levantou-se e olhou para Thor.

“Bem...” Disse o garoto, hesitante. “Eu acho que posso levá-los para nossa aldeia. Esperemos que o vovô não fique muito zangado. Se ele ficar, o azar é de vocês. Sigam-me. Temos de nos apressar. Será noite em breve.”

O garoto virou-se rapidamente e abriu o seu caminho através da selva, Thor e os outros o seguiram. Thor estava surpreso com a destreza do garoto e por ver como ele conhecia a selva tão bem. Era difícil acompanhá-lo.

“As pessoas aparecem por aqui de vez em quando.” Disse o garoto. “O oceano e as correntes trazem-nas direto para a baía. Algumas pessoas vêm do mar e estão por aqui de passagem em seu caminho para outro lugar. A maioria delas não consegue sobreviver. Elas são comidas por uma coisa ou outra na selva. Vocês tiveram sorte. Existem coisas muito piores aqui do que o Gathorbeast.”

Thor engoliu em seco.

“Pior do que o quê? Como o quê?”

O garoto abanou a cabeça, continuando a caminhar.

“Você não vai querer saber. Eu tenho visto coisas horríveis aqui.”

“Há quanto tempo está aqui?” Thor perguntou curioso.

“Toda a minha vida.” Disse o garoto. “Meu avô se mudou para cá quando eu era pequeno.”

“Mas por que se mudou para cá, para este lugar? Certamente deve haver lugares mais acolhedores.”

“Você não conhece o Império, não é?” O garoto perguntou. “As tropas estão em toda parte. Não é tão fácil ficar fora da vista delas. Se elas conseguirem nos pegar, elas nos farão escravos. No entanto, elas raramente vêm aqui, nunca se metem no meio desta selva.”

Eles cortaram um pedaço grosso da folhagem, Thor estirou o braço para afastar uma folha de seu caminho, mas o rapaz se virou e empurrou a mão de Thor, gritando:

“NÃO TOQUE NISSO!”

Todos pararam e Thor olhou para a folha que ele quase tinha tocado. Ela era grande, amarela e parecia bastante inofensiva.

O garoto estendeu a mão e com a sua vara e gentilmente tocou a ponta da folha; ao fazer isso, a folha de repente enroscou-se em torno da vara de uma maneira incrivelmente rápida, o que seguiu foi um chiado enquanto a ponta da vara se desintegrava.

Thor estava chocado.

“Uma folha Sensitiva.” Disse o garoto. “Venenosa. Se você a tivesse tocado, você estaria sem uma mão agora.”

Thor olhou para toda a vegetação com um novo respeito. Ele estava maravilhado com a sorte que tinha tido ao encontrar aquele garoto.

Eles continuaram a sua caminhada, Thor mantinha as mãos perto de seu corpo, assim como os outros. Eles tentavam ser mais cuidadosos com todos os lugares onde pisavam.

“Fiquem perto uns dos outros e sigam exatamente meus passos.” Disse o garoto. “Não toquem em nada. Não tentem comer esses frutos. E não cheirem aquelas flores a menos que vocês queiram desmaiar.”

“Ei o que é isso?” O’Connor perguntou virando-se e olhando para uma fruta enorme pendurada em um galho, ela era longa, estreita e de uma cor amarela, reluzente. O’Connor deu um passo em direção a ela e estendeu a mão.

“NÃO!” O garoto exclamou.

Mas já era tarde demais. Quando ele tocou a fruta, o chão cedeu sob todos eles e Thor se encontrou deslizando precipitando-se por uma colina e sendo arrastado pela lama e pela água. Eles estavam presos em um deslizamento de terra e não podiam parar.

Todos eles gritavam enquanto deslizavam na lama, por centenas de metros, direto para as profundezas escuras da selva.

CAPÍTULO SETE

Erec montava seu cavalo, respirando com dificuldade, preparando-se para atacar os duzentos soldados à sua frente. Ele lutou bravamente e tinha conseguido derrubar a primeira centena, mas agora seus ombros estavam enfraquecidos, suas mãos tremiam. Sua mente estava pronta para lutar para sempre, mas ele não sabia por quanto tempo seu corpo a acompanharia. Ainda assim, ele iria lutar com todas as forças, tal como tinha feito toda a sua vida e deixaria que o destino tomasse a decisão por ele.

Erec gritou e esporou o cavalo desconhecido, o qual ele tinha roubado de um de seus oponentes e avançou para os soldados.

Eles o atacaram de volta, igualando ferozmente o seu solitário grito de guerra com o deles. Muito sangue já tinha sido derramado sobre aquele campo e era óbvio que ninguém iria abandoná-lo antes de ver inimigo do outro lado, morto.

Erec atacou, ele retirou um punhal de arremesso de seu cinto, mirou e atirou-o no líder dos soldados que estava diante dele. Foi um arremesso perfeito, o punhal se alojou na garganta do soldado, ele levou as mãos ao seu pescoço, soltou as rédeas e caiu do cavalo. Como Erec esperava, ele caiu aos pés dos outros cavalos, fazendo com que vários deles tropeçassem e derrubassem uns aos outros no chão.

Erec levantou um dardo com uma mão, na outra mão ele carregava seu escudo, ele baixou sua viseira e investiu com destemor. Ele iria atacar aquele exército tão rápido e duramente como fosse possível, aparar tantos golpes quanto pudesse e romperia suas filas durante o processo.

Erec gritou quando avançou para o grupo. Todos os seus anos de torneio medieval lhe haviam sido muito úteis, ele usou o longo dardo habilmente, abatendo um soldado após o outro, derrubando-os em sucessão. Ele se agachou e com a outra mão cobriu-se com o escudo; ele sentiu uma chuva de golpes descendo sobre ele, sobre seu escudo, sobre sua armadura, os golpes provinham de todas as

direções. Ele foi golpeado por espadas, machados e maças, era uma tempestade de golpes metálicos. Erec rezou para que sua armadura os suportasse. Ele aferrou-se ao seu dardo, abatendo tantos soldados quanto podia enquanto atacava, cortando caminho através do enorme grupo.

Erec não diminuiu seu ritmo e depois de cerca de um minuto de cavalgada, finalmente ele conseguiu passar para o outro lado, para o espaço aberto, tendo antes traçado um caminho de devastação bem no meio do grupo de soldados. Ele tinha abatido pelo menos uma dúzia de soldados, mas ele havia sofrido durante o processo. Ele respirou fundo, seu corpo estava dolorido, o barulho de metais ainda ressoava em seus ouvidos. Ele sentia como se tivesse sido colocado dentro de um moedor de carne. Ele olhou para baixo e viu que estava coberto de sangue. Felizmente, ele não havia sofrido nenhum ferimento grave. Seus ferimentos pareciam ser apenas pequenos arranhões e cortes.

Erec cavalgava em um grande círculo, dando várias voltas, preparando-se para enfrentar o exército de novo. Eles também tinham se virado e se preparado para atacá-lo mais uma vez. Erec estava orgulhoso de suas vitórias até agora, mas estava ficando difícil para ele recuperar o fôlego. Ele sabia que mais uma passagem por aquele grupo poderia acabar com sua vida. Apesar disso, ele se preparou para atacar de novo, ele jamais estaria disposto a recuar diante de uma luta.

De repente, ouviu-se um grito incomum provir de detrás do exército, Erec estava inicialmente confuso ao ver um contingente de soldados que atacava pela retaguarda. Mas então, ele reconheceu a armadura e seu coração disparou: era Brandt, seu amigo íntimo do Exército Prata, juntamente com o Duque e dezenas de seus homens. O coração de Erec desceu para o estômago quando ele avistou Alistair entre eles. Ele pediu-lhe para ficar na segurança do castelo e ela não tinha escutado. Por isso, ele a amava mais do que ele poderia expressar.

Os homens do Duque atacaram o exército por trás, com um grito de batalha feroz, provocando o caos. Metade do exército virou-se para enfrentá-los e eles se encontraram em meio a um grande

clangor de metal. Brandt liderava o caminho com seu machado de duas mãos. Ele o balançou para o soldado líder, cortando-lhe a cabeça, depois ele girou seu machado ao redor e com o mesmo movimento, o incrustou-o no peito de outro homem.

Erec, inspirado, recobrou suas forças: ele se aproveitou do caos e atacou a outra metade do exército. Ele seguiu a galope, inclinou-se e pegou uma lança que estava fincada na terra, então se inclinou para trás e arremessou-a com a força de dez homens. A lança atravessou a garganta de um soldado e continuou sua trajetória, alojando-se no peito de outro.

Então, Erec levantou bem alto sua espada e desceu-a sobre o primeiro soldado que alcançou, cortando o cabo de sua maça ao meio, em seguida, ele girou ao redor e decepou a cabeça do homem.

Erec continuou lutando, avançando para o grupo de homens com toda sua energia restante, empurrando, bloqueando, aparando, atacando todos os soldados que pululavam por todos os lados. Ele levantava seu escudo e bloqueava golpe após golpe, enquanto atacava alternadamente. Em poucos instantes, os soldados estavam todos convergindo ao seu redor, dezenas deles, atacando-o em todas as direções.

Ele matou mais homens do que ele poderia contar, mas simplesmente havia muitos deles, mesmo com os homens do Duque ocupando-se da retaguarda. Um deles desferiu um golpe com sua clava atingindo as costas de Erec entre as omoplatas. Erec gritou de dor quando a bola de metal coberta de puas atingiu sua espinha. Ele caiu do cavalo e foi parar no chão, o impacto o deixou sem ar.

Mas ele não desistiu. Seus instintos vieram à tona e ele teve a percepção para rolar pelo chão imediatamente, levantar seu escudo e bloquear um golpe que vinha em descenso direto para a sua cabeça. Em seguida, ele defendeu-se com sua espada, decepando o braço do homem.

Um soldado vinha diretamente destinado a pisar a cabeça de Erec, mas ele rolou para fora do caminho, virou-se e cortou as pernas do seu cavalo, enviando o cavaleiro para o chão; Erec rolou sobre si mesmo e apunhalou o homem no peito.

Mais e mais homens convergiam para Erec, ele rolou pelo chão, ajoelhou-se e bloqueou golpe após golpe, contra-atacando quando ele podia, já que estava cercado. Seus ombros estavam enfraquecendo. Um cavaleiro particularmente grande, com uma longa barba reta, adiantou-se e levantou bem alto um machado. Erec levantou seu escudo para bloqueá-lo, mas outro soldado o arrancou de sua mão com um chute e antes que ele pudesse reagir, um terceiro soldado pisou em seu peito, prendendo-o ao chão. Havia simplesmente muitos deles e Erec estava esgotado. Não havia mais nada que ele pudesse fazer, além de ver quando o grande cavaleiro começou a descer o machado sobre ele.

De repente, ocorreu um grande tumulto, Erec olhou para cima e viu Brandt chegar, levantar bem alto sua espada e com um grito feroz, balançá-la com todas as forças cortando o cabo do machado ao meio e decepando a cabeça enorme do cavaleiro, tudo isso em um único golpe.

Logo o Duque e vários outros se aproximaram, atacando todos os soldados em torno de Erec e abrindo o caminho para ele. Erec girou, agarrou a perna do soldado que estava pisando em seu peito e puxou-o para o chão. Em seguida, ele virou-se e quebrou o pescoço do homem com suas mãos.

Erec pegou um punhal da cintura do homem morto, virou-se e esfaqueou a lateral da garganta de outro atacante que estava brandindo uma arma contra ele. Ele ficou em pé, pegou sua espada do campo de batalha sangrento e conseguiu recobrar forças por segunda vez.

Erec girava em todas as direções, revigorado por lutar ao lado de seu amigo Brandt novamente. Eles receberam reforços de mais homens do Duque. Eles logo abriram caminho juntos, matando dezenas de homens que convergiam para eles.

Erec encontrou um cavalo e montou novamente, logo ele estava lá em cima junto com os outros. Ele fez um balanço da situação do campo de batalha: dezenas de homens do Duque tinham se unido a ele e juntos eles enfrentavam o que restava do exército do lorde, cerca de cem homens. Erec procurou imediatamente Alistair e

encontrou-a montada em Warkfin, na beira do campo de batalha, observando tudo. Ela estava a salvo da batalha e ele ficou aliviado.

Erec respirava com dificuldade, Brandt ao lado dele respirava da mesma maneira, ele também estava coberto de sangue.

“Eu sabia que iria lutar ao seu lado de novo.” Disse Brandt. “Eu só não achava que seria tão cedo.”

Erec sorriu.

“Parece que eu lhe devo minha vida mais uma vez.” Disse ele.

“Não, você não me deve nada.” Disse Brandt. “Lembra-se de Artânia, dez anos atrás? Agora nós estamos quites.”

Quando todos se preparavam para investir contra os cem homens restantes, de repente, outro grito se ouviu, ele provinha da parte de trás do grupo. Erec foi invadido pela confusão, ele tentava processar o que estava acontecendo. Ele estreitou os olhos e pensou ter visto ao longe, uma batalha que ocorria na parte de trás das linhas. Ele não conseguia entender o que estava acontecendo. Estavam os homens do lorde lutando entre si?

“Mais de seus homens?” Erec perguntou ao Duque.

Mas o Duque balançou a cabeça, perplexo, também.

“Meus homens estão todos comigo. Eu não sei quem está atacando-os.”

Erec ficou totalmente confundido quando o caos explodiu entre o exército inimigo e os seus homens começaram a dar a volta e fugir do campo de batalha.

O tumulto foi ficando mais perto e Erec finalmente viu o que era. Seu sangue gelou em suas veias.

O exército do lorde estava sendo atacado pela retaguarda por um enorme grupo de criaturas. Elas eram duas vezes mais altas do que qualquer homem e duas vezes mais largas, sua pele era de uma cor amarela, brilhante, cada uma tinha duas cabeças e seus braços mediam mais de dois metros de comprimento. Erec reconheceu-os imediatamente. Eram Covenies. Eram criaturas lendárias, conhecidas por ter uma força sobre-humana e a capacidade de poder rasgar um homem ao meio com uma única mão. Elas não portavam armas, elas não precisavam.

Apesar de si mesmo, o coração do Erec estava dominado pelo medo.

“Não é possível.” Disse Brandt. “Os Covenies habitam unicamente o outro lado do Canyon. O que eles estão fazendo aqui?”

“Eles jamais estariam aqui, a menos que tivessem encontrado uma forma de penetrar no Canyon. Essa é a única explicação possível.” Disse o Duque.

“Ou caso o escudo tenha sido desativado.” Erec disse sombriamente.

Ao pronunciar essas palavras, Erec percebeu imediatamente que elas eram verdadeiras. Seu coração foi invadido por um verdadeiro pavor. O escudo havia sido desativado. O Anel estava aberto para o ataque. Era mais do que ele poderia processar. Ele não se preocupava consigo mesmo, mas com o destino do Anel. Se o escudo estava inativo ali, poderia estar inativo em todo o Anel. Eles poderiam ser invadidos. E pior ainda, o Império poderia invadir.

O exército diante de Erec debandou, todos fugiram para salvar suas vidas, quando mais e mais Covenies apareceram atacando-os por trás, agarrando-os com uma única mão e mordendo suas cabeças.

“Batamos em retirada para Silésia!” O Duque ordenou. “Devemos selar as portas de uma vez!”

Todos eles se viraram e avançaram para fora do campo de batalha. Erec parou apenas pelo tempo suficiente para poder cavalgar ao lado de Alistair, montar em Warkfin e sair em disparada com ela. Ele sentia suas mãos suaves apertando-o com força, por trás. Sentir as mãos dela sobre ele e saber que eles estavam juntos, que ela estava segura, fazia com que tudo estivesse certo no mundo.

“Eu devo minha vida a você.” Erec disse para ela enquanto eles cavalgavam junto com os demais.

“E eu lhe devo a minha.” Respondeu ela.

CAPÍTULO OITO

Kendrick parou diante da muralha reconstruída, admirando sua obra. Ele, junto com um pequeno grupo do Exército Prata, tinha estado fortalecendo aquela muralha durante dias, eles estavam acampados naquela grande cidade das fronteiras orientais do Anel, as quais tinham sido gravemente danificadas pelo ataque McCloud. Como a Legião tinha sido despachada para reparar os pequenos vilarejos ao Sul, Kendrick pensou que era justo que o Exército Prata fortificasse as cidades maiores do Leste, no território mais perigoso próximo aos McClouds. Era a coisa certa a fazer, para dar um bom exemplo.

Seus esforços de reconstrução tinham sido um sucesso e seu tempo ali já estava quase no fim. Ele não tinha estado em casa nas últimas semanas, não tinha tido qualquer notícia do mundo e sentia muitíssima falta da Corte do Rei, de sua irmã, de seu amigo íntimo Atme, de todos os seus irmãos do Exército Prata, ele tinha saudades até mesmo de seu escudeiro, Thor. Ele queria voltar para a Corte do Rei logo que fosse possível, para se certificar de que sua irmã estivesse a salvo e para ajudá-la a expulsar Gareth. O fato de ter sido preso por Gareth tinha feito com que Kendrick, mais do que a maioria, sentisse o toque da sua ira. A vontade de endireitar as coisas o queimava por dentro, seu desejo era colocar sua irmã no trono, pela honra de seu pai morto, pelo bem da Corte do Rei e pelo bem do Anel.

O segundo sol já havia estado por muito tempo no céu, o fim de mais um dia de trabalho extenuante se aproximava. Kendrick supervisava uma centena de habitantes da cidade, enquanto eles carregavam pedras de grandes dimensões e rebocavam a antiga muralha. Kendrick e seus homens os aconselhavam sobre o melhor lugar para fortalecer e defender-se, onde construir parapeitos e como construir torres de pedra para que servissem como torres de vigia. Antes de sua chegada, as aberturas para as fortificações daquela cidade eram muito grandes, não havia aberturas na pedra

para atirar flechas e as paredes tinham apenas alguns centímetros de espessura. Agora, as paredes de pedra tinham vários metros de espessura, havia apenas uma entrada para a cidade e ela havia sido moldada e construída de tal forma que poderia ser bem guardada desde o interior, além de poder ser mantida por apenas alguns homens. Novos parapeitos tinham sido construídos, sobre os quais os habitantes da cidade poderiam defender-se usando alguns caldeirões de piche e muitos arqueiros.

Kendrick estava satisfeito. Naquele novo lugar, cerca de cem homens bem treinados poderiam repelir alguns milhares. Aquelas pessoas tinham desesperadamente precisado de supervisão e mão de obra de soldados profissionais e agora a cidade era muito mais segura.

Enquanto Kendrick permanecia ali, ele sentia a satisfação derivada de um dia de trabalho duro e de ajudar seus concidadãos. Mas mesmo assim, ainda havia algo bem no fundo de sua mente, que o perturbava. Ele não tinha certeza do que era. No começo da manhã, ele poderia jurar que tinha avistado Estopheles voando em círculos no alto dos céus, guinchando de uma maneira que o perturbava. Parecia um aviso. Pior ainda, na noite anterior, ele havia estado desperto por várias horas, tinha tido sonhos conturbados com um incêndio na cidade e tinha sonhado também que toda a sua obra tinha sido derrubada no chão. Ele tinha tido aquele sonho não uma, mas três vezes e a terceira vez o havia acordado definitivamente, o sonho foi muito vívido para lhe permitir voltar a dormir.

Ele não entendia o que aquilo significava. Ele não tinha tido pesadelos desde que era criança, desde a noite anterior à morte de seu avô. Ele esperava que não fosse uma premonição de algo ruim.

“Meu senhor!” Ouviu-se uma voz ansiosa dizer.

Kendrick virou-se para ver um mensageiro correndo para ele. Era o garoto que ele havia nomeado para o novo cargo de sentinela na torre de vigia recém construída.

“Venha rapidamente! Eu detectei algo no horizonte. Eu não consigo entender de que se trata.”

Kendrick virou-se e saiu correndo com o mensageiro, vários de seus homens o seguiam. Eles atravessaram as ruas sinuosas da cidade que Kendrick tinha chegado a conhecer de cor. Logo eles estavam correndo pelo caminho estreito que se convertia em uma pequena elevação do outro lado da cidade e que os levava para o topo de uma colina, sobre a qual eles tinham construído a nova torre de pedra. Era o ponto mais alto da cidade e de acordo com as instruções de Kendrick, era ali que eles deviam manter uma vigilância constante. Aquela era a primeira vez que o vigia tinha detectado algo e Kendrick achava que poderia apenas ser um falso alarme, provindo de um garoto assustadiço.

Kendrick chegou ao topo e parou na plataforma estreita e circular junto com os outros, ele olhou para o horizonte, seguindo o dedo do vigia, enquanto ele apontava. Era um dia claro, o céu estava azul e amarelo, até onde a vista alcançava não se via nenhuma nuvem, a visibilidade era perfeita. Kendrick poderia ver a quilômetros de distância, ele olhou para o Leste, na direção das montanhas, em direção à fronteira McCloud. Mesmo estando longe como estavam naquele dia, Kendrick podia ver o contorno fraco das Highlands, as montanhas despontavam no horizonte, envoltas em névoa.

Ao olhar mais de perto, Kendrick, para sua surpresa, também viu algo.

“Ali, meu senhor.” Disse o garoto apontando para a sua direita.

A princípio Kendrick não podia ver exatamente o que o vigia estava mostrando. Mas, quando ele examinou o horizonte, ele começou a notar também. Havia uma pequena nuvem bem fraca, em um horizonte muito distante, ela parecia um pouco mais espessa do que as outras e parecia estar um pouco mais perto do chão. Enquanto Kendrick observava, a nuvem parecia ficar cada vez mais espessa e mais escura.

“Parece fumaça.” Disse o vigia. “Isso não faz sentido.”

Kendrick assentiu. Ele estava certo: não fazia nenhum sentido. Por que haveria um incêndio no lado McCloud do Anel? Não era de seu conhecimento que algum de seus povos tivesse lançado um ataque.

“Talvez seja um incêndio aleatório que irrompeu em uma de suas cidades.” Um dos homens de Kendrick que se encontrava ao lado dele conjecturou.

Kendrick balançou a cabeça, pensando. Apesar de que aquela era uma possibilidade, ele sentia que não era o caso. Ele sentia que algo estava errado, que algo maior estava acontecendo. Algo que ele não entendia.

Kendrick ficou ali, pensando, debatendo sobre qual deveria ser o próximo passo. Ele havia se preparado mentalmente para deixar aquelas fronteiras e para retornar à Corte do Rei. Liderar uma expedição naquele momento para ir e investigar aquilo levaria cerca de um dia inteiro de viagem na direção oposta, ou seja, mais perto das Highlands. Isso não era algo que ele desejasse fazer, a menos que houvesse uma boa razão para isso.

Houve uma comoção súbita e Kendrick virou-se para ver um cavaleiro solitário se aproximando da cidade, pela longa estrada que conduzia à Corte do Rei. Seu coração disparou quando ele reconheceu o cavaleiro imediatamente: o cavalo e armadura o identificavam. Era um homem que ele conhecia e que tinha lutado com ele, desde sua tenra idade. Era seu amigo íntimo do Exército Prata, Atme.

Seu coração alegrou-se ao vê-lo; mas enquanto Kendrick o observava galopar para o portão da cidade, ele poderia dizer pela urgência e pela sua postura dele, que algo estava errado. Aquela não era uma visita casual. Atme tinha assuntos urgentes e Kendrick sentiu que ele trazia uma má notícia.

Kendrick se preparou quando Atme avançou através do portão da cidade, o viu, cavalgou em sua direção e apeou, subindo os degraus de pedra de três em três, para poder chegar até ele.

“A última vez que o vi correr assim, você estava fugindo de suas dívidas.” Disse Kendrick com um sorriso quando seu velho amigo chegou sem fôlego. Eles se abraçaram. Um funcionário correu e entregou um balde de água a Atme, ele tomou um longo gole e então jogou o resto sobre sua cabeça.

“O Império, o Canyon.” Atme respirava ofegante. “O escudo foi desativado.”

O coração de Kendrick parou ao ouvir suas palavras. Se elas tivessem vindo de qualquer outra pessoa, em qualquer outro momento, ele teria suposto que era uma piada. Mas não vindo de Atme, não naquele momento.

Kendrick dificilmente poderia processar as implicações. O Escudo estava desativado. Não era possível. Não com a espada do Destino na Corte do Rei.

“O que ocorreu com a Espada do Destino?” Perguntou Kendrick. Atme balançou a cabeça gravemente.

“Ela já não está mais.” Disse ele. “Se foi. Foi roubada.”

A respiração de Kendrick se cortou.

“Roubada.” Ele engasgou. “Como é possível?”

“Um grande grupo de homens a roubou no meio da noite. Eles atravessaram o Canyon com ela, embarcaram em um navio e a levaram para o Império.”

Tudo parecia surreal. A espada Destino, a força da vida dos reis MacGil durante séculos, roubada. Nas mãos do Império. O Anel estava desprotegido. De alguma forma, ele sentia que Gareth estava por trás de tudo isso.

Kendrick virou-se e examinou a nova muralha da cidade que ele tinha acabado de construir e percebeu que tudo tinha sido em vão. Sem o escudo, todo o Império podia invadir e nada, certamente nada naquela cidade amuralhada, poderia detê-lo.

Imediatamente, Kendrick pensou em sua família, em Gwendolyn, Reece e Godfrey. Ele pensou na Corte do Rei, vulnerável aos ataques.

“A Corte do rei deve ser fortificada imediatamente.” Disse Kendrick.

Novamente, Atme balançou a cabeça, desanimado.

“Houve um conflito. Sua irmã deixou Corte do Rei e levou consigo metade das pessoas, aquelas a quem apreciamos. Eles marcham agora para Silésia. O reino MacGil está dividido em dois. A Corte do Rei é o domínio de Gareth agora. Gwendolyn me enviou até você.”

“Nós servimos à minha irmã, então.” Disse Kendrick. “A Silésia.”

Kendrick examinou os habitantes da cidade abaixo.

“Sem o escudo, essas pessoas estarão indefesas.” Disse ele. “Estas fortificações foram projetadas para resistir às tropas McCloud e não aos milhões de homens do Exército de Andronicus”. “Essas pessoas nunca sobreviverão a uma invasão do Império.”

Kendrick virou-se para Atme.

“Vá até minha irmã. Cavalgue na minha frente. Diga a ela que eu estou voltando. Eu não posso voltar sem essas pessoas.”

O rosto do Atme brilhou de preocupação.

“É muito nobre da sua parte.” Disse ele. “Mas eles serão lentos. Se você esperar para acompanhá-los, é bem provável que não chegue a tempo a Silésia.”

“Esse é um risco que devo correr.” Disse Kendrick.

Atme olhou para seu velho amigo e assentiu lentamente.

“Eu não esperava menos.” Disse ele. “Esse é um risco que eu vou correr com você. Eu cavalgo do seu lado. Sempre!”

“Meu senhor!” Soou a voz em pânico do vigia, ele tocou Kendrick no ombro.

Kendrick virou-se e mais uma vez olhou na direção do dedo do garoto, enquanto ele apontava para o horizonte. Dessa vez, algo diferente estava à vista.

A princípio, Kendrick piscou várias vezes. Era algo que ele nunca tinha visto em toda sua vida. Algo que lhe tirou o fôlego, mesmo ele que era um guerreiro endurecido.

Enquanto ele observava, todo o horizonte se cobriu de preto. Era como se um exército de formigas pretas estivesse cobrindo lentamente o globo. Era como se toda a humanidade estivesse derramando-se pelo mundo. Centenas de milhares de soldados, vestindo a cor preta do Império, espalhavam-se por cada centímetro do horizonte, movendo-se como um enxame, em direção a eles.

Andronicus.

Seu exército de milhões de homens havia chegado.

CAPÍTULO NOVE

Gwendolyn ficou maravilhada quando ela levantou os olhos para os portões altíssimos de Silésia, com seus arcos elevando-se para os céus e construídos com uma pedra antiga de cor escarlate. Seus portões de ferro com estacas massivas, pontudas afiadas; sua estrada meticulosamente pavimentada com paralelepípedos vermelhos e contornada por guardas em perfeita formação, todos atentos, todos vestindo a armadura escarlate dos silesianos. Era como entrar em outro mundo.

Conferindo-lhe uma sensação ainda mais surreal estava seu cenário: o Canyon situado logo atrás, com sua interminável extensão de céu aberto e sua bruma esvoaçante. A cidade estava situada na beira do Canyon e parecia estar equilibrando-se sobre ele, metade dela estava construída acima do solo, enquanto a outra metade estava edificada abaixo, bem entre os penhascos de granito do próprio Canyon. Eram como duas cidades em uma. Silésia tinha sobrevivido por séculos e sempre foi conhecida como a única cidade intransponível do Anel. Tudo o que Gwen já tinha ouvido falar sobre ela ainda não lhe fazia justiça. Ver tudo isso agora, como uma pessoa adulta, reduzia totalmente as proporções das memórias de sua infância.

As muralhas de pedra de Silésia se elevavam por cerca de trinta metros, elas eram tão grossas quanto dez homens e estavam repletas de seteiras distribuídas a cada três metros, atrás das quais havia um destacamento de soldados de Silésia, de arcos em punho. Na parte superior, na linha dos parapeitos escalonados, havia centenas de outros soldados armados com lanças e pequenas rochas, havia também defesas a cada seis metros e enormes caldeirões de ferro cheios de piche fervente. Havia ainda pequenas catapultas nas paredes para disparar bolas de fogo nos atacantes abaixo. Aquela era uma cidade que tinha sido cuidadosamente planejada.

Gwen estava cheia de gratidão pelo fato de que Srog tinha sido leal ao seu pai durante todos esses anos; do contrário, ela realmente se perguntava se os homens de seu pai, ou até mesmo os homens do Exército Prata, poderiam tomar aquela cidade. Os guerreiros do Exército Prata eram os melhores guerreiros que o mundo tinha para oferecer, mas mesmo assim, havia sérias dúvidas de que eles pudessem transpor aquelas paredes tão facilmente.

À medida que Gwen atravessava os portões, seu coração se fortalecia com a esperança. Ela sentia uma onda de otimismo, sentia que talvez, apenas talvez, fosse possível que eles pudessem resistir a um ataque ali, atrás daquelas paredes grossas, elevadas, na beira do Canyon; mesmo que fosse um ataque do exército de Andronicus. Eles poderiam não vencer; mas eles poderiam ser capazes de aguentar o tempo suficiente. Tempo suficiente para que, ela não sabia. No fundo de seu coração, ela esperava além da esperança que Thor voltasse com a espada e os resgatasse.

“Majestade.” Disse Srog atenciosamente, caminhando ao seu lado, através das portas do vasto pátio. “... Minha cidade lhe dá as boas vindas.”

Pessoas provenientes de todos os cantos da imensa praça, todas vestidas de vermelho, avançavam e faziam chover pétalas de rosas vermelhas sobre Gwendolyn e seus homens. As pessoas lhes brindavam sorrisos amáveis, aproximavam-se de Gwen e tocavam-lhe o ombro, inclinavam-se e a beijavam no rosto, uma após outra. Ela nunca tinha estado em nenhum lugar como aquele; ela se sentia como se estivesse sendo abraçada por todos eles.

“Você pensaria que eles não têm a menor ideia de que uma guerra está chegando a estes portões.” Disse Gwen, admirada com sua atitude despreocupada e destemida.

“Eles sabem.” Disse Srog. “Mas os silesianos são famosos por não ceder ao medo. Meu povo pode até sentir medo, mas não se entrega a ele. Assim somos nós. Nós acreditamos que a pessoa que teme a morte morre muitas vezes, enquanto aquela que não a teme, dificilmente morre. Somos um povo feliz, contente com o que a vida nos deu. Nós não cobizamos nada que os outros têm. E estamos felizes com o que somos.”

Mais das massas se espalhava, todos sorriam para Gwen e sua comitiva, abraçando-os, acolhendo o enorme contingente de soldados e pessoas como se todos fossem irmãos há muito tempo perdidos. Gwen estava admirada. Ela esperava que aquelas pessoas estivessem ressentidas com a sua presença; afinal, eles estavam preparando-se para um cerco e ali estavam milhares de pessoas que tinham vindo para viver dentro de seus portões, ficar atrás de suas defesas e para consumir suas rações. No entanto, era exatamente o contrário, os silesianos ainda pareciam contentes em tê-los ali. Eles eram pessoas extremamente hospitaleiras.

“Há muito mais do que o fato de que seu povo não tem medo.” Disse Gwen. “Eles também parecem genuinamente felizes. Mesmo em face da iminente adversidade.”

“Nós somos um povo feliz.” Disse Srog. “Dizem que nós obtemos essa alegria do ar do Canyon e da cor de nossa vestimenta.” Ele sorriu. Então ele ficou sério. “Mas há muito mais do que isso. Eles também estão felizes em *vê-la*.”

“Mas por quê?” Gwen perguntou perplexa.

“A Corte do Rei é uma cidade irmã e as notícias viajam rápido.” Explicou ele. “Ninguém aqui estava feliz com o reinado de seu irmão. Eles a veem como a legítima herdeira do trono MacGil e estão felizes de ter um governante e não um arrivista que derrubou seu pai. Somos um povo justo e nós esperamos isso de nossos governantes. Eles querem um governante que os mereça e eles veem esse governante em sua pessoa. Eles realmente não se importam se todos nós morrermos aqui, se formos todos esmagados pelo Império. Eles querem apenas que enquanto viverem, vivam em justiça.”

Gwen sentiu seu coração revigorar-se com as palavras dele; ela sentia que todo mundo via algo mais nela. Para alguns ela era uma salvadora; para outros, uma profetisa; para outros ela era uma jovem envolvida em uma situação extremamente difícil; já para alguns ela era a extensão de seu pai. Ela estava começando a sentir o quanto sua posição como governante significava para os outros. Era impressionante. Ela não podia ser tudo para todos. Seu coração estava cheio de orgulho, mas também de humildade. Ela se sentia

enormemente afetada pelo fato de estar representando o nome de seu pai, sua honra e memória. Ela sentia a obrigação e a responsabilidade de viver à altura de sua memória, de ser um governante tão bom como seu pai tinha sido. Seu pai tinha sido como um deus para ela. Ela não sabia governar; mas ela estava determinada a aprender, a tentar tão duramente quanto fosse possível ser tão dedicada e gentil com eles, como eles tinham sido para com ela.

Enquanto eles continuavam entrando profundamente na cidade, um grande contingente de guerreiros se aproximou, todos os soldados estavam vestidos com uma armadura vermelha, decorada com várias medalhas. Gwen pôde discernir imediatamente que se tratava de elite de Srog.

Eles pararam para cumprimentá-la. Então, um homem que se encontrava no meio dos guerreiros, um homem alto e magro, com uma barba vermelha e brilhantes olhos verdes, adiantou-se, abaixou a cabeça e estendeu-lhe um belo manto de seda de cor escarlate, dobrado cuidadosamente sobre as palmas de suas mãos.

“Majestade.” Ele disse suavemente. “Eu presenteio este manto a Vossa Majestade, em nome do Exército de Silésia. É o manto que pertenceu a nossa falecida primeira dama e não tem sido usado há anos. É a maior demonstração de respeito que podemos brindar. Vossa Majestade nos honraria muitíssimo ao usá-lo.”

Sem poder pronunciar uma palavra, Gwen estendeu a mão e delicadamente aceitou o manto; ele era a prenda de vestir mais macia que ela já havia tocado, o seu tecido suave e maleável deslizava em suas mãos enquanto ela o desdobrava. Ela ficou totalmente admirada com seu desenho intrincado e seu brilhante fecho de ouro. Ela colocou o manto em volta dos ombros e abotoou o fecho em seu decote; ela se sentia muito à vontade com ele. Ela sentia-se tão nobre ao usá-lo.

Logo mais ela ouviu um barulho, era como um arrulho suave, Gwen olhou para cima e examinou as paredes imponentes, as torres que se elevavam por vários metros no ar, então ela viu entre elas, nas pequenas janelas, pessoas vestidas de vermelho colocando a cabeça para fora e fazendo o barulho. Enquanto elas faziam isso,

levantavam três dedos para sua têmpera direita e logo depois os afastavam lentamente.

“O que elas estão fazendo?” Godfrey perguntou atrás dela.

“É o cumprimento dos silesianos.” Srog explicou. “É um gesto de amor... E de respeito.”

Gwen mal sabia o que dizer. Ela nunca tinha se sentido tão amada assim em nenhum lugar em sua vida. Ela também nunca tinha sentido tal senso de responsabilidade.

Ouviu-se um ruído forte de metais batendo, Gwen se virou e viu uma dúzia de soldados, de ambos os lados dos portões da cidade, fechando suas grades de ferro, logo depois que o último membro da corte real ingressou. Gwen estremeceu com o som. Havia uma razão para isso. Eles estavam em Silésia agora. Aquela era sua nova casa. Era bom estar ali. Mas também era oprimente. Com aquele ruído, ela podia ouvir que estavam se preparando para a guerra.

*

Gwendolyn estava na bela câmara castelo, na parte mais alta de Silésia, ela se deliciava com o silêncio. Era a primeira vez que ela estava sozinha em muito tempo. Do lado de fora, atrás da porta fechada, os homens de Srog aguardavam seu pronunciamento. Mas ela não iria convocá-los ainda. Ela queria alguns minutos para estar a sós com seus pensamentos.

Eram belos aposentos, aquele quarto havia pertencido à esposa falecida de Srog, Gwen se levantou e caminhou lentamente, absorvendo tudo. O chão e as paredes eram lisos, antigos já estavam gastos, estavam construídos com uma linda pedra vermelha. O teto da sala estava coroadado com arcos imponentes. Suspenso no topo do castelo, de frente para o Oeste, o quarto tinha vista para o Canyon, cuja paisagem ampla inundava a sala através da largura e altura das janelas arqueadas.

Gwen olhou para fora e estava maravilhada com a vista impressionante. Ela nunca tinha tido uma vista tão panorâmica do Canyon antes, ela estava praticamente suspensa sobre sua borda. Desde onde ela estava, parecia que o mundo inteiro fosse o Canyon, um enorme buraco escavado na terra, dentro do qual giravam

névoas de todas as cores. Era assombroso, belo, pacífico e ameaçador, tudo ao mesmo tempo.

Gwen olhou para o horizonte distante e para os confins selvagens, olhou para ainda mais longe dali. Ela conseguiu vislumbrar uma pequena parte amarela do Mar de Tartuvian. Seus pensamentos se voltaram para Thor e seu coração se partiu. Ela fechou os olhos e orou com toda a sua alma pela segurança dele. Mais do que nunca, ela queria que ele estivesse ao seu lado, naquele momento. Ela queria que ele vivesse. Ela queria que ele criasse seu filho junto com ela.

Gwen se abaixou e colocou a mão sobre a barriga tentando sentir seu bebê. Ela sabia que era impossível senti-lo tão cedo, mas ela já se sentia mais completa, mais ela mesma. Ela sentia a força de duas pessoas dentro dela.

Tinha sido um dia avassalador e Gwen havia sido invadida por emoções conflitantes enquanto observava a bela paisagem. Ela tentava preparar-se mentalmente para ser líder, preparar-se para enfrentar o que seria certamente o cerco mais terrível da história do Anel. De certa forma, ela não podia deixar de sentir que aquela cidade seria o seu lugar de descanso final.

Ela tentou afastar os pensamentos sombrios de sua mente e caminhou até uma pequena fonte de pedra, tomou a água fria e borrifou seu rosto com ela várias vezes. As rajadas frias do vento de inverno chicoteavam o quarto e roçaram-lhe o rosto molhado, espetando-o. Era bom. Ela queria ser espetada. Ela precisava acordar para perceber onde estava; o que estava prestes a acontecer. Ela precisava parar de pensar em si mesma, precisava saber que era hora de governar e que as pessoas estavam pendentes dela.

O pensamento a afligiu. Ela pensou em seu pai; no que ele faria; como ele pensaria. Ele lhe ensinara a mostrar sempre uma aura de confiança, mesmo que ela não a sentisse. Ele tinha lhe ensinado a tomar decisões ousadas; a não demonstrar nenhuma fraqueza, nenhuma dúvida, nem hesitação; a mostrar-se para as pessoas como alguém em quem elas pudessem acreditar.

Gwen desejava ver seu pai novamente, especialmente em um momento como aquele. Ela daria qualquer coisa para tê-lo ali por alguns minutos, para aconselhá-la. Mesmo que fosse com apenas algumas frases. Uma parte dela o sentia com ela. Ela ouviu um grito, olhou para fora da janela, então ela viu um pássaro desaparecer na neblina e ficou imaginando.

Gwen atravessou o quarto em direção à escada de pedra em espiral que dava várias voltas e percorreu o caminho até os parapeitos. Em poucos instantes, ela chegou ao telhado do castelo.

Ela ficou ali em cima, sozinha, sentindo as rajadas de vento frio e olhando para o Canyon, cuja vista era ainda mais impressionante. Ela olhou para todos os lados em busca de Estopheles, mas não conseguiu encontrá-lo.

Gwen foi até a beira do parapeito e olhou para Silésia. Ela olhou para baixo ao longo da borda do Canyon e viu a metade inferior da cidade, a qual ela ainda não tinha visitado, construída lá em baixo, centenas de metros dentro do próprio Canyon. A vista era de tirar o fôlego. Ela se perguntava quantos silesianos viviam lá, quantos esperavam que ela os salvasse. Ela esperava que fosse capaz de poder fazer isso.

“Escondendo-se de novo?” Disse uma voz.

Gwen sentiu uma sensação imediata de repulsa ao som daquela voz. Ela virou-se lentamente, mas não precisou dar a volta inteira para saber de quem era a voz. Ela reconheceu a voz e sentiu um buraco em seu estômago. Quando ela viu seu o rosto desprezível de seu dono, confirmou suas suspeitas: Alton.

Gwen não podia acreditar. Ali estava ele, aquele aristocrata desprezível, aquele projeto de homem, a quem ela odiava mais do que tudo; ali estava o rapaz que tinha tentado separá-la de Thor; que tinha enchido sua cabeça com mentiras; que a havia atormentado durante metade de sua vida. De alguma forma, aquela fuinha tinha seguido a caravana até ali e tinha dado um jeito de passar pelos seus guardas. Ela não se surpreendia; ele era persistente, implacável e um perfeito mentiroso. E ele era muito bom em convencer os outros de que ele era da realeza.

Mas é claro que ele não era. Ele era da terceira classe da realeza, na melhor das hipóteses, um primo distante de seus pais. No entanto, isso não o impedia de sentir o contrário. Ela nunca tinha conhecido ninguém no mundo que se sentisse com mais direitos, do que ele.

Ela corou de raiva. Como ele ousava aparecer ali, logo naquele lugar, logo naquele momento? Ele marchou até ali e supôs que poderia simplesmente ter uma audiência com ela sempre que ele quisesse, dirigindo-se a ela com tanta familiaridade, recusando-se a reconhecer sua nova posição. Sua própria presença, tão descarada, sem aviso prévio, era ofensiva para ela.

“O que está fazendo aqui?” Ela perguntou friamente.

“Eu vim acompanhando a metade da corte real...” Disse ele. “... Para estar com você.”

“Eu duvido muito disso.” Ela disse, vendo através de suas mentiras. “Você veio para salvar sua vida.”

Alton deu de ombros.

“Talvez eu tivesse um duplo propósito. É verdade, Gareth está desequilibrado e a Corte do Rei está vulnerável. Você poderia dizer que eu fui tentado por digamos... uma forma de auto-preservação.”

Ele sorriu e deu um passo adiante.

“Mas eu também vim por você.” Disse ele. “Para dar-lhe outra chance.”

Gwen vociferou, indignada com a arrogância dele.

“Para *me* dar outra chance?” Ela repetiu. “Você não reconhece a loucura de suas palavras? Você pode reconhecer a loucura em Gareth, mas não em si mesmo?”

Alton deu de ombros, sem se deixar abater.

“O passado é o passado.” Disse ele. “Eu perdoo os seus erros. Mas nós dois sabemos que o que aconteceu entre nós não se aplica agora. As circunstâncias mudaram. Aqui está você, uma rainha sem um rei, um governante sem uma corte. Toda rainha precisa de um rei. Governantes derivam força de seus pares. Você realmente acha que pode governar esta grande cidade, governar todos esses exércitos, sozinha?”

Gwen balançou a cabeça. Ela não podia acreditar como ele podia ser tão patético.

“Eu suponho que em suas fantasias, você seria o único a vir em meu socorro para ser meu par e governar, não é?” Ela perguntou ironicamente.

“E quem mais poderia ser?” Ele respondeu com orgulho, alargando seu sorriso. “Você e eu nos conhecemos desde nossos primeiros passos. Nós dois somos realeza. As massas nos adoram.”

Gwen riu novamente.

“Elas nos adoram? “Eu não tinha ideia de que as massas amassem você. “Na verdade, eu não tinha ideia de que eles sequer soubessem quem você era.”

Foi a vez de Alton ficar vermelho de vergonha.

Antes que ele pudesse abrir a boca novamente, Gwen levantou uma mão. Ela tinha aguentado bastante. Ela não tinha tempo a perder com aquilo. Ela tinha assuntos mais urgentes com os quais lidar.

“Eu não quero ouvir mais nada.” Disse ela. “Eu não estou interessada em você. Eu nunca estive. E eu certamente não vou governar lugar nenhum com você, eu não creio que você seja capaz de governar coisa alguma. Nem sequer a si mesmo. Sem mencionar o fato de que eu estou comprometida com Thor e ele comigo. Então, por favor, retire-se agora.”

Alton riu, foi uma risada curta e zombeteira.

“Isso foi tudo?” Perguntou ele. “É isso o que está se interpondo entre nós? Thor? Você não pode estar falando sério sobre ele. Ele a abandonou por aquela estúpida missão dele. Ele está nas profundezas do Império agora e nós dois sabemos que não há possibilidade de retorno.”

Ele se aproximou, implorando.

“Admita isso Gwen. Você sabe a verdade. Você sabe que ele está desaparecido. Ele nunca vai voltar. Ele deixou você sozinha. Então, como você vê, agora não há mais nada para nos manter separados. Agora é hora de que nos casemos. Se não for comigo, com quem mais? Você vai ficar sozinha neste mundo. Não tenha medo. Você pode admitir seus verdadeiros sentimentos por mim.”

Gwen fervia de raiva.

“Eu vou dizer isto apenas uma vez...” Disse ela lentamente. “... Ouça com atenção desta vez, porque esta é a última vez que você vai ouvir estas palavras. Eu não tenho amor por você. Eu não quero ver a sua cara. Eu não quero ouvir sua voz. Se você aparecer na minha frente de novo sem avisar, eu vou mandar prendê-lo. Agora vá embora.”

Com isso, Gwen virou as costas para ele e deu dois passos para a frente e ficou olhando de volta ao longo do parapeito, examinando o Canyon. Seu coração estava batendo agitado dentro do peito. Ela orou para que dessa vez ele entendesse a mensagem, saísse de sua vida e para que ela nunca mais visse o rosto dele novamente. Ela estava tremendo de raiva ao ver como ele era presunçoso, mas ela não queria fazer nada precipitado.

Gwen não ouviu seus passos se afastando. Ela estava prestes a se virar e olhar, quando, de repente, sentiu uma mão forte cobrindo sua boca e outra envolvendo seu peito. Alton a agarrava firmemente, mesmo enquanto ela se debatia, ele era surpreendentemente forte para ser um rapaz tão franzino. Ele deu alguns passos para a frente com ela e a inclinou para a frente sobre a borda do parapeito.

O coração de Gwen despencou quando ela olhou para o vazio, ela percebia o quanto estava perto de ser empurrada pela a borda.

“Você vê a altura da queda diante de você?” Gritou Alton. “Você vê o que eu posso fazer? Admita seu amor por mim. Admita-o! Se você não fizer isso, eu vou...”

Gwen se lembrou de repente de tudo o que os lutadores de seu pai lhe ensinaram. Lembrou-se de que ela usava botas com saltos de madeira; ela levantou um pé bem alto e pisou rapidamente, com toda força no dedão do pé de Alton.

Ele gritou como uma garotinha e afrouxou o aperto. Ela conseguiu soltar um braço, puxou-o para a frente, e lhe deu uma cotovelada no diafragma.

Ele engasgou e ajoelhou-se arquejante.

Então ele olhou para ela com um ódio mortal em seus olhos e levantou-se, preparando-se para atacar novamente.

Gwen estendeu a mão para tirar o punhal do cinto, preparada para empunhá-lo.

Mas Alton gritou de repente e caiu de joelhos.

Gwen viu Steffen ali e percebeu que ele tinha acabado de dar um soco bem forte nas costas de Alton, bem abaixo da cintura. Steffen agarrou Alton pelos cabelos, puxou a cabeça dele para trás, para o céu, tirou um punhal de sua cintura e segurou-o firmemente contra sua garganta.

“Dê-me a ordem, Majestade...” Disse Steffen. “... E esse pedaço de lixo irá desaparecer dos anais da história dos MacGils.”

“Por favor, por favor!” Alton choramingou. “Por favor, não faça isso! Eu não tinha intenção de causar nenhum dano. Eu só queria estar com você!”

A visão de Alton, ajoelhado ali, chorando, implorando por misericórdia, era patética.

“Eu deveria ordenar que ele cortasse sua garganta agora.” Gwendolyn fervilhava de raiva, ela ainda estava se recuperando de ter sido empurrada sobre a borda, como tinha sido. Ela se assustou ao pensar em como tinha estado tão perto do precipício.

“Por favor!” Alton implorou. “Você não pode me matar! Afinal eu pertenco à realeza! Você está proibido de tocar-me!”

Houve uma comoção súbita e vários homens irromperam pelo telhado. Srog liderava o caminho, junto com Kolk, Brom e vários membros do Exército Prata. Todos correram até ela e vários soldados agarraram Alton bruscamente, levantando-o e imobilizando-o.

“Majestade...” Disse Srog, respirando com dificuldade, parecendo envergonhado. “... Por favor, aceite minhas desculpas mais humildes. De alguma forma, este rapaz conseguiu passar pelos guardas. Ele disse que era da realeza e que ele estava ligado à Vossa Majestade.”

Gwen ainda estava tremendo devido ao encontro, mas ela não se atreveu a demonstrar.

“Eu agradeço a sua preocupação.” Disse ela, tentando usar a sua voz majestosa, tentando assumir o papel que esperavam dela. “Mas

eu estou bem. Ele é apenas um rapaz insensato e Steffen estava aqui para ajudar.”

Srog assentiu com gratidão para Steffen.

“As leis de Silésia exigem que seja condenada à morte qualquer pessoa que colocar uma mão sobre um rei ou uma rainha e ponha sua vida em perigo.” Disse Srog.

“NÃO!” Alton gritou, chorando como uma criança. “Por favor! Vocês não podem fazer isso!”

Gwen olhou para ele, balançando a cabeça. Como ele era patético, ela não podia suportar a ideia de matá-lo, mesmo que ele merecesse.

“Meu senhor.” Gwen respondeu a Srog. “Eu sou nova aqui, então eu peço-lhe um favor. Por única vez, eu lhe pediria para alterar sua lei. Eu não desejo que ele seja morto. Para este único caso, eu prefiro alguma forma mais branda de julgamento.”

“Como desejar, Majestade.” Disse ele. “O que tem em mente?”

Gwen meditou um pouco, tentando encontrar uma maneira de tirar Alton de sua vida, de uma vez por todas.

“Bem, visto que este rapaz afirma que ele é da realeza, vamos dar-lhe o direito real de lutar com os soldados. Dê a Alton armaduras e armas e envie-o para o campo com os soldados comuns, para lutar na linha de frente.”

“Não, Majestade!” Alton exclamou. “Eu não sou um guerreiro!”

“Então você aprenderá a ser um.” Disse Gwen. “Talvez você possa empregar suas habilidades marciais em nosso inimigo, em vez de em uma mulher indefesa. Levem-no daqui.” Ordenou Gwendolyn.

Os guardas se apressaram para cumprir as ordens dela, arrastando Alton consigo para longe enquanto ele gritava e protestava por todo o caminho.

“Uma sábia decisão, Majestade.” Disse Srog com admiração.

“Majestade, sobre assuntos mais importantes...” Brom deu um passo adiante. “... Estamos recebendo relatos de uma mobilização do exército de Andronicus.” É difícil separar a verdade dos rumores. Mas se a maioria dos relatórios for verdadeira, é possível que não tenhamos tanto tempo para nos preparar como pensamos. “Nós

devemos fazer os preparativos finais e bloquear esta cidade imediatamente.”

“Esta cidade foi construída com uma camada externa de defesa...” Srog acrescentou. “... Para momentos como este. Nós podemos selar nossos portões exteriores também, mas uma vez que façamos isso, eles não poderão ser mais abertos. Ninguém poderá entrar ou sair.”

Gwen pensou; ela sabia que eles precisavam se preparar, mas ela simplesmente não estava pronta para selar a cidade ainda.

“Meu irmão, Kendrick, ainda está lá fora...” Disse ela. “... Junto com Thorgrin e outros bravos membros da Legião. Eu não quero selar a cidade, até que eles tenham a chance de chegar.”

“Sim, Majestade.” Disse Srog.

Gwendolyn esperava além de qualquer esperança, que Thor pudesse voltar antes que eles selassem as portas da cidade; mas ela sabia, com uma pontada de tristeza, que provavelmente isso seria impossível. Ela odiava a ideia de deixá-los lá fora.

“Majestade, há mais um detalhe.” Acrescentou Srog, limpando a garganta, hesitando. “Esta cidade foi construída com túneis de fuga, bem abaixo da superfície. Se estivermos em circunstâncias terríveis, há uma maneira de que alguns de nós possamos sair. Para que *Vossa Majestade* possa sair. Se estivermos completamente cercados e as nossas fortificações cederem, Andronicus nos destruirá. Podemos levá-la para a segurança. Para além dos muros. Para bem longe daqui.”

Gwendolyn estava comovida com a oferta, mas ela balançou a cabeça lentamente.

“Estou profundamente grata...” Disse ela. “... Mas eu nunca iria abandonar nenhum de vocês. Ou esta cidade. Vocês me brindaram abrigo. Eu vou tratá-la como minha casa. Se Silésia sucumbir, todos nós sucumbiremos juntos. Não haverá escapatória. Não para mim.”

Todos os homens olharam para ela de uma nova maneira, ela podia ver o respeito nos olhos deles. Pela primeira vez, ela estava começando a se sentir como um governante. Um verdadeiro governante. Isso era o que significava para ela governar, assim ela sentia que deveria ser. Governar com o exemplo.

Gwendolyn virou-se e olhou para o Canyon, suas brumas flutuantes estavam iluminadas pelo sol poente, ela pensou mais uma vez em Thor.

Por favor, Thor. Ela desejou. Volte para casa, volte para mim.

CAPÍTULO DEZ

Thor e os outros membros da Legião seguiam o garoto bem de perto. Finalmente, quando eles emergiram da espessa folhagem da selva, o segundo sol já estava há muito tempo no céu. Tinha sido uma caminhada árdua para subir de volta, desde o fundo da cratera, o lugar para onde o deslizamento de terra os havia levado. Parecia que eles nunca parariam de ser arrastados. Thor e os outros estavam completamente cobertos de barro, já que eles tinham deslizado por centenas de metros em um enorme buraco de lama. Eles tiveram de lutar para fazer seu caminho de volta até o topo e isso tinha tomado muito tempo.

Agora já era quase noite e o garoto estava mais ansioso do que nunca, ele estava sempre olhando para o céu. Ele parecia imensamente aliviado quando entraram numa grande clareira na selva, a primeira que Thor tinha visto. Por um bom tempo Thor teve a certeza de que eles nunca alcançariam a superfície daquele fosso enlameado e de que eles sairiam daquela selva.

Thor ficou surpreso ao ver a grande clareira diante deles, ela teria possivelmente, uns trinta metros de diâmetro e no centro dela havia uma pequena cabana. A fumaça subia de sua chaminé, o que Thor podia entender claramente, já que a temperatura havia baixado drasticamente durante a última hora, quando a noite começou a cair. Era surpreendente ver aquela cabana ali, uma morada no meio de um vasto deserto, rodeada por árvores que atingiam o céu. Thor e os outros trocaram um olhar de admiração. Quem poderia viver ali, Thor se perguntava, naquela casa solitária no meio daquela região selvagem? Era algo tão inusual.

“Meu avô não recebe a maioria das pessoas...” Disse o garoto, voltando-se para eles. “Esperem aqui, deixem-me falar com ele. Tomara que o encontremos de bom humor e ele deixe que vocês passem a noite aqui.”

“Obrigado.” Thor disse. “Mas não precisamos passar a noite aqui...”

Antes que ele pudesse terminar de falar, o garoto já tinha ido embora e entrado na casa de seu avô.

Enquanto o céu escurecia, aves noturnas estranhas começaram a fazer todo tipo de ruído. Thor se inclinou para trás e olhou para as árvores altas, elas chegavam até o céu; elas subiam tão alto que mal dava para ver o topo. Thor sentia-se sufocado pela imensidão da natureza ali.

Houve uma gritaria súbita dentro da casa. Thor olhou para os outros enquanto se mexia desconfortavelmente e se perguntou o que devia fazer. Por um lado, ele não queria passar a noite ali, ele queria continuar em movimento. No entanto, ele também queria conhecer aquele homem idoso e descobrir se ele sabia alguma coisa sobre a espada, antes de prosseguir a viagem.

A porta se abriu de repente e por ela saiu um homem de meia-idade, baixando a cabeça. Ele era meio careca, com cabelos grisalhos em ambos os lados da cabeça, ele tinha o nariz grande, olhos castanhos estreitos e uma barroca no queixo, suas vestes, estavam bastante desgastadas, eram apenas um pouco melhores do que trapos. Ele parou diante do grupo e olhou diretamente para Thor, claramente irritado.

“Que direito você tinha de forçar o meu neto a trazê-lo aqui?” Ele perguntou furioso.

“Nós não forçamos seu neto a fazer nada!” Thor protestou. “Ele se ofereceu para nos trazer...”

“E como vou saber que vocês não são do Império?” O homem pressionou, levando a mão à cintura e apertando o punho de uma espada que ele trazia ali.

Thor e os outros instintivamente pegaram suas armas também, já que eles não sabiam exatamente que tão beligerante aquele homem se tornaria.

“Sua vestimenta parece indicar que vocês não são daqui.” Disse o velho. “Mas e se tudo for um truque? E se vocês forem espiões do Império?”

Thor percebeu que a melhor maneira de lidar com aquele velho cauteloso era usando a gentileza, então ele levantou as mãos inocentemente e deu um passo à frente.

“Senhor, nós não temos nenhuma intenção de causar dano ou de ofender.” Disse ele, com o tom de voz mais gentil que ele conseguiu. “Nós não somos espiões do Império. Viemos aqui do Anel. Buscamos uma espada que foi roubada de nosso reino. Não queremos causar-lhes nenhum dano. E se o senhor desejar nos dizer em que direção ela estava sendo levada, nós seguiremos o nosso caminho. Se o senhor não fizer isso, então nós vamos simplesmente sair agora e deixá-lo em paz. De qualquer forma, agradecemos ao seu neto por sua bondade em nos salvar. Nós temos uma grande dívida para com ele.”

O homem olhou seriamente para Thor, de cima a baixo, por um bom tempo, então finalmente sua mão relaxou; ele soltou o punho de sua espada e seu rosto relaxou também.

“Eu percebo isso em sua voz.” Disse o homem. “Esse sotaque. Vocês são realmente do Anel. Já faz anos, muitos anos que eu estive lá. Um lugar bonito. Eu tenho muitíssima saudade de lá.”

O homem examinou todos eles e em seguida, finalmente relaxou os ombros.

“Perdoem minha pressa em acusar vocês.” Ele acrescentou. “Nós vivemos sozinhos aqui e nunca podemos estar muito seguros. Bem-vindos. Eu desejo que vocês fiquem. Agora venham depressa.” Disse ele, gesticulando com as mãos, olhando para as árvores como se estivesse com medo de que algo pudesse atacá-los.

Thor olhou para Reece e para os outros, eles olharam de volta e balançaram a cabeça, todos eles se meteram casa do homem de uma só vez; ele os seguiu e fechou a porta, assegurando-a com uma enorme barra de metal.

“Sentem-se, por favor.” O velho disse ao entrar arrumando o lugar.

Thor inspecionou a casa aconchegante e viu que ela era espaçosa o suficiente para abrigar todos eles. O piso estava coberto de peles, um pequeno fogo iluminava a lareira e havia um cheiro de comida no ar, o que fez rosar o estômago de Thor. Krohn deve ter sentido o cheiro também, porque ele logo começou a ganir.

O rapaz apressou-se a cumprir as ordens de seu avô, trazendo, em seguida, um prato cheio de frutas, as quais Thor não conhecia.

Thor e os outros pegaram cada um uma fruta e quando Krohn choramingou, o garoto pegou um pedaço de fruta do prato, se inclinou e o alimentou. Krohn arrancou a fruta de sua mão, devorou-a e fez uma cara engraçada, ele lambeu os lábios várias vezes e em seguida pediu mais. O garoto riu.

Thor examinou o pedaço de fruta. Parecia um figo, mas era muito maior, sua cor era vermelha e estava coberto com uma espécie de musgo.

“Que fruta é esta?” Thor perguntou.

“É uma mooless.” Disse o garoto.

“Prove.” O avô falou. “Ela é amarga, mas também doce. Ele vai lhe dar energia após sua longa caminhada.”

Thor levantou-a bem perto do nariz e a cheirou, a fruta era diferente de tudo o que ele já havia encontrado. Era como se fosse uma cebola cruzada com um limão. Ele podia sentir com as pontas dos dedos que a fruta estava grudando em sua mão; assim como os outros, ele deu uma mordida e provou dela.

Ele ficou impressionado com o sabor: era delicioso e aquela pequena mordida foi suficiente para dar-lhe uma explosão de energia. Ele devorou toda a fruta e lambeu os dedos, já se sentindo como um novo homem.

Thor sentou-se com os outros, na pilha de peles espalhadas no chão ao redor do fogo, Krohn surgiu ao lado dele e apoiou a cabeça no seu colo. Thor estava surpreso por sentir como era bom estar sentado, a dor em suas pernas foi cedendo lentamente. Ele não tinha percebido quanto tempo tinham estado de pé, o quanto seus músculos doíam. Eles também estavam machucados devido ao seu encontro com a criatura. Aquelas peles eram tão macias e confortáveis, Thor sentia que poderia adormecer sentado.

Mas ele pensou na situação do Anel sob ataque e compreendia que tinham assuntos urgentes para resolver, ele não queria perder tempo. Ele se inclinou para frente.

“Estamos muito gratos por sua hospitalidade.” Disse Thor ao homem idoso. “... Mas receio que não tenhamos muito tempo. Estamos em uma viagem urgente. Temos de encontrar a espada. Por

favor, diga-nos para onde a levaram, para que possamos seguir nosso caminho.”

O homem idoso sentou-se em uma pele do outro lado do fogo, ao lado do garoto e inclinou-se para trás. Ele olhou para eles e balançou a cabeça.

“Vocês não podem ir lá fora.” Disse ele. “Não agora. Você não viu? O segundo sol está prestes a se pôr.”

“Eu disse a eles vovô!” Disse o garoto.

“Agradecemos a sua atenção.” Disse Thor. “Mas como eu disse, temos um assunto urgente e não temos medo de insetos.”

O velho resmungou.

“Você não entende.” Disse ele. “*Ninguém* pode estar lá fora à noite. Ninguém. Você não duraria uma hora. Após o anoitecer, em algum momento durante o nascer da primeira lua, as chuvas caem. Ninguém pode sobreviver lá fora durante as chuvas.”

“E por que ninguém poderia sobreviver a uma chuva?” Reece insistiu.

O homem virou-se e estreitou os olhos para ele.

“Por que não se trata de uma chuva qualquer.” Disse ele. “Não é precisamente água o que cai do céu garoto, mas Ethabugs.”

“Ethabugs?” Perguntou Elden.

“Uma espécie de aranha, porém maior e mais mortal. Nesta parte do Império, elas caem do céu, todas as noites. Vocês vão ouvi-las cair sobre a nossa casa. Isso vai durar cerca de uma hora, em seguida, elas vão desaparecer pelo seu caminho. Mas se vocês estiverem lá fora durante esse tempo, sem abrigo, vocês estarão acabados. Eu vi um elefante adulto ser devorado por esses bichos em cinco minutos. Não, vocês vão ficar aqui. Com a primeira luz da manhã, vocês poderão ir embora.”

Thor e os outros trocaram um olhar de admiração e ele ficou maravilhado ao ver como aquele lugar era diferente do Anel. Enquanto ele pensava sobre isso, percebeu que estava exausto. Embora sua mente estivesse com pressa de ir embora, seu corpo não estava. Seus amigos pareciam exaustos também e ele não os culpava. Thor percebeu que ser um bom líder, às vezes significava inspirar o seu povo a continuar, mas às vezes, isso também

significava que ele devia permitir-lhes descansar. E se aquele homem idoso não estivesse exagerando, e Thor suspeitava que ele não estava, então ele estaria grato por ter encontrado aquele abrigo e grato pela hospitalidade do homem. Ele não queria ponderar o que poderia ter acontecido se eles tivessem ficado lá fora durante todo aquele tempo.

“Então, nós estamos muito gratos por sua advertência e por sua hospitalidade.” Disse Thor. “Obrigado por nos receber.”

O ancião deu de ombros.

“É bom ter companhia de vez em quando. Especialmente de alguém do Anel. Eu passei a maior parte da minha juventude lá. Lindo lugar.”

Os olhos de Thor se arregalaram de surpresa; aquele homem tinha estado no Anel?

“Então, o que faz aqui?” Perguntou O’Connor.

O homem olhou para baixo, esperou alguns segundos e guardou silêncio.

“Desculpe-me.” O’Connor disse. “Eu não quis ser intrometido.”

O velho ficou em silêncio durante algum tempo, então finalmente, ele respirou fundo.

“Eu era jovem, uma tragédia aconteceu na minha vida. Eu pensei que a melhor coisa a fazer era começar de novo. Pensei em ir para o Oeste, para além do Canyon, navegar através do Tartuvian para o Império e meter-me de cabeça na floresta. Acho que naquele tempo, uma parte de mim desejava a morte. Meus problemas me sufocavam e eu procurei o caminho mais fácil.

“Mas as coisas resultaram ser bem diferentes. De alguma forma, eu sobrevivi. E então eu fui tomando gosto por sobreviver. Eu morei aqui sozinho por todos esses anos, até a chegada do meu neto. Agora eu tenho algo pelo qual viver. E apesar de todos os animais, eu tenho aprendido a gostar daqui. Tenho viajado pelo Império inteiro, tenho visto lugares e coisas que você dificilmente poderia imaginar. É uma vasta, vasta terra, superando o Anel em comparação. Você não vive verdadeiramente, até que tenha visto tudo. Não somente o próprio Império, não somente as ilhas. Mas também a Terra dos Dragões. E a terra dos Druidas.”

“A Terra dos Druidas?” Perguntou Thor, sentando-se, sacudindo sua sonolência. “O senhor já esteve lá?”

O homem acenou com a cabeça.

“Tão perto quanto você possa chegar. É um lugar mágico. Há muitos lugares mágicos no Império. Todos foram arruinados por Andronicus, por seu exército, que está em toda parte. Suas patrulhas estão sempre presentes e foi por isso que eu tive de vir para cá, para o meio da selva. Qualquer um que for pego por eles e capturado, será levado, ou como um soldado, ou como um escravo. Seu exército de escravos é de fato, maior do que o seu exército de soldados. Ele tem de dominar tudo, até a última alma.”

O homem idoso suspirou.

“Eu tenho sido bastante bom em me esconder de seus homens. Eles nunca me pegaram, tampouco pegaram meu neto, nem nunca vão. E eu quero que seja assim. É por isso que eu sempre desconfio de novos visitantes, como vocês. Eu não quero que ninguém me delate.”

Thor e os outros se entreolharam, totalmente surpresos com a história daquele homem.

“O senhor pode nos dizer o que sabe sobre a espada?” Thor perguntou.

O homem olhou longamente para Thor, então finalmente ele desviou o olhar.

“Eu vi uma dúzia de homens outro dia. Eles também eram do Anel. Eles se moviam desajeitadamente pela selva. Eles estavam acompanhados por vários guerreiros, por uma força formidável. Eles deixaram um rastro largo. Fácil de seguir. Embora, claro, a selva mude todos os dias, a menos que a trilha seja fresca ela vai desaparecer. Mas eu os observei bastante. Eu sei aonde eles foram.”

“E onde foi isso?” Perguntou Reece.

Thor pensou ter visto algo parecido com medo nos olhos do homem.

“Eles pegaram a estrada para a Cidade dos Escravos.”

“Cidade dos Escravos?” Elden repetiu.

O velho acenou com a cabeça.

“Cerca de dezesseis quilômetros ao Oeste daqui. Estamos à beira da selva aqui. Há apenas uma estrada para lá. Mas eu estou avisando: a Cidade dos Escravos tem um nome apropriado. Há centenas de milhares deles. Todos em regime de servidão, todos servindo a Andronicus. Ela possui tantos escravos como guardas. Aventure-se lá dentro e você não vai sair jamais.”

“Mas por que levariam a espada para lá?” Perguntou Conval.

“Eu não disse que eles estavam levando-a para lá.” Disse ele. “Eu disse que eles estavam indo por esse caminho. Eles poderiam estar indo para qualquer lugar.”

“Então vamos segui-los ao amanhecer.” Disse Thor.

O velho abanou a cabeça.

“Entrar na Cidade dos Escravos é entregar-se à captura. Especialmente com uma força de combate tão pequena como a sua. É suicídio.”

“Nós não temos escolha.” Thor insistiu. “Viemos para encontrar a espada. E nós devemos seguir por onde ela passou.”

O ancião baixou a cabeça e balançou-a com tristeza.

“Você vai nos mostrar o caminho?” Thor perguntou. “Amanhã de manhã?”

“É a sua morte.” Disse o velho. “Eu posso mostrar-lhe como chegar a qualquer lugar.”

Satisfeito, Thor se inclinou para trás sobre as peles, mas ao esticar o braço, de repente ele sentiu que tinha se queimado, ele puxou o braço de volta rapidamente, gritando de dor.

Ele se virou e olhou esperando ver um incêndio, mas não viu nenhum. Ele se perguntava o que tinha acontecido, como ele havia se queimado.

“Eu lhe disse para fechar essas persianas, rapaz!” O velho gritou.

O garoto correu para Thor e rapidamente fechou as persianas de madeira ao lado dele. Enquanto Thor observava, ele percebeu que tinha estado sentado ao lado de uma janela aberta. Thor ficou perplexo quando ele olhou para seu braço, havia a marca suave de uma queimadura nele.

“O que chamuscou meu braço?” Perguntou ele.

“A luz do luar.” Respondeu o garoto.

“A luz do luar?” Thor perguntou chocado.

“Ela é muito forte por estas latitudes. Nunca se coloque diretamente sob a sua luz. Ela queima você.” “É apenas a primeira lua que queima você.” O velho acrescentou. “Isso vai diminuir em um par de horas, depois que as aranhas forem embora. A segunda lua é boa para caminhar.”

Thor esfregou o braço, inclinou-se para trás e ficou pensando naquele lugar. Ele estava a quilômetros de distância de casa. Uma parte dele sentia que nunca mais voltaria.

“Traga a carne.” Ordenou o velho. O rapaz atravessou a cabana e apareceu com uma travessa transbordando de carnes.

Thor e os demais, especialmente Krohn, ficaram animados, abriram seus olhos sonolentos e inclinaram-se para a frente. Thor não se atrevia a perguntar que tipo de carnes eram aquelas, de todas as maneiras, ele nem sequer sabia o nome de nenhum dos animais que havia lá fora. Mas o cheiro era delicioso e quando o garoto trouxe a carne para mais perto, Krohn estalou os lábios e ganiu. O garoto riu e serviu Krohn primeiro, ele pegou um pedaço de carne e jogou-o no ar; ele riu mais ainda quando Krohn o abocanhou. Krohn abanava o rabo enquanto ele levava a carne para um canto da sala, logo ele começou a mastigá-la.

Thor sorria enquanto ele e os outros usavam espetos para levantar um pedaço do prato. O garoto e o velho faziam o mesmo, todos eles se acomodaram, comendo satisfeitos ao lado do fogo. Thor deu uma mordida e ficou surpreso ao sentir que a carne além de saborosa era também muito forte. Ele sentia sua energia retornando enquanto mastigava.

Logo depois, o garoto trouxe um odre de vinho e algumas taças, ele distribuiu as taças e as encheu. Thor bebeu da sua e o líquido forte subiu-lhe direto à cabeça.

Com a barriga cheia, o vinho forte e o fogo acolhedor e relaxante, Thor foi ficando sonolento. Mas ele tratou de afastar o sono. Ele era o líder do grupo e não podia adormecer ainda. Ele queria ter certeza de que os outros estariam dormindo primeiro.

Enquanto todos permaneciam sentados ao redor, a sala ficou em um silêncio confortável. Logo o lugar foi marcado pelos sons do

ronco do homem idoso; o garoto riu. Krohn veio para mais perto de Thor, descansou a cabeça em seu colo, fechou os olhos e dormiu também.

Thor e seus irmãos permaneceram acordados, com os olhos arregalados, cada um olhando para o fogo. Eles tinham visto coisas demais naquele dia e todos eles, apesar de sua exaustão, estavam nervosos. Havia um silêncio sombrio e tácito entre eles, como se todos eles soubessem que estavam em uma viagem que os conduziria a sua morte.

“Você já pensou sobre como a vida era diferente antes de entrarmos para a Legião?” Perguntou O’Connor.

“De que adianta pensar nisso agora?” Perguntou Elden.

O’Connor deu de ombros.

“Às vezes eu penso no que eu deixei para trás.” O’Connor disse. “Não é que eu me arrependa. Eu simplesmente me pergunto sobre isso. Como a vida poderia ter sido diferente. Às vezes sinto falta da minha aldeia. Da minha família, sabe? Eu acho que é da minha irmã que eu sinto falta, mais do que tudo. Ela é dois anos mais jovem do que eu. Agora, com o escudo desativado e a invasão do Império, eu penso nela, sozinha lá fora. Eu não sei se eu vou vê-la novamente.”

“Se nós conseguirmos voltar a tempo.” Thor disse. “Nós a resgataremos.”

O’Connor meditou, parecendo pouco convencido.

“Eu queria ser um ferreiro.” Disse Elden. “O meu pai, ele me levou para a Legião. Ele próprio já havia tentado quando era um rapaz e não conseguiu entrar. Ele queria que eu conseguisse o que ele não pôde fazer. Eu estou feliz de ter conseguido. Minha vida teria sido muito insignificante se eu não tivesse entrado. Eu não teria visto a metade das coisas que eu já vi.”

“Nós tínhamos noivas nos esperando de volta na nossa aldeia.” Disse Conval. “Nós dois estávamos prestes a nos casar. Um casamento duplo. A Legião mudou isso. Nossas noivas prometeram que esperariam por nós.”

“Mas nós duvidamos que elas nos esperem.” Disse Conven.

Thor pensou sobre isso e percebeu que ele não havia perdido nada nem ninguém de sua aldeia. A Legião era a sua vida, sua vida

em todos os sentidos. E ele podia ver nos olhos dos outros que era a vida deles também. Eles haviam se tornado mais do que amigos, eles haviam se tornado verdadeiros irmãos. Eles eram tudo o que o outro tinha.

“Eu perdi o contato com a minha família.” Disse Elden.

“Eu também.” Disse O’Connor.

“Nós somos a família um do outro agora.” Disse Reece.

Thor percebeu que isso era verdade.

Houve um ruído súbito tamborilando no telhado, como de granizo. O ruído ficou mais alto, Thor e os outros olhavam para o teto, alarmados, ele soava como se fosse desabar. O velho e o garoto acordaram e olharam para cima também.

“A chuva de insetos.” O homem idoso recalcou.

O som era aterrorizante, desgastante; soava como se estivesse chovendo pequenas pedras. Para piorar as coisas, o som era acompanhado pelo guinchar horrível de milhares de insetos. Soava como se os animais estivessem mastigando o telhado e tentando entrar. Thor olhou para cima e ficou grato pela barreira que os estava protegendo de tudo lá fora. Ele estava tão grato àquele homem por ele não ter deixado que eles passassem a noite na selva.

Depois do que pareceram horas, finalmente, o barulho parou e o chiado desapareceu. O garoto se levantou, atravessou a casa, abriu a porta e olhou para fora.

“É seguro agora.” Disse ele.

Todos eles se levantaram de um salto e ao mesmo tempo, correram para a porta e olharam para fora.

À distância, Thor podia ver milhares de insetos gigantes e negros rastejando para longe deles, indo para a selva.

“Agora o luar é seguro também” Disse o garoto. “Como você pode ver, é a segunda lua. Você pode ver pela luz roxa.”

Thor caminhava do lado de fora da cabana, respirando o ar frio da noite, a selva estava cheia de ruídos noturnos suaves e ele examinava a escuridão, completamente maravilhado.

“É seguro por enquanto, mas não fique aí por muito tempo.” Disse o garoto.

Reece saiu e se juntou a Thor quando o garoto correu de volta para dentro e fechou a porta da cabana atrás deles. Os dois ficaram parados lá fora, olhando para o céu e sua grande lua roxa, eles olhavam para as estrelas vermelhas cintilantes. Aquele lugar era ainda mais fantástico do que Thor tinha imaginado.

“Nós podemos morrer amanhã.” Reece disse olhando para o céu sobre sua cabeça.

“Eu sei.” Disse Thor. Ele estava pensando exatamente a mesma coisa. As probabilidades contra eles pareciam enormes.

“Se isso acontecer, quero que saiba que você é meu irmão.” Reece disse para ele. “Meu irmão *de verdade*.”

Reece olhou significativamente para ele. Thor estendeu a mão e apertou o antebraço dele.

“Você também é um verdadeiro irmão para mim.” Disse Thor.

CAPÍTULO ONZE

Hafold estava nos aposentos da rainha, preparando apressada sua refeição matinal, como tinha feito todos os dias, durante seus trinta e cinco anos ao serviço da rainha. Hafold era uma mulher organizada e ela mantinha sua agenda pontualmente. Ela cruzou o quarto com suas paredes de pedra, levando o mingau que havia preparado para a rainha.

Naquele dia, porém, ela caminhava duas vezes mais rápido. Pela primeira vez em todos os seus anos de serviço, ela estava atrasada. Ela havia passado a noite toda com sonhos sombrios, sinistros, os primeiros pesadelos de sua vida. Ela tinha visto a Corte do Rei arder em chamas, tinha visto as pessoas sendo queimadas vivas e gritando ao seu redor.

No momento em que ela havia despertado, o primeiro sol já estava alto no céu, Hafold pulou de sua cama, envergonhada. Ela se sentiu mal ao pensar que tinha feito a rainha esperar e ao pensar em sua chegada em uma hora tão tardia. Normalmente, Hafold chegava primeiro, seguida pela segunda serva da rainha, a que trazia o chá no final da manhã. Agora Hafold sofreria a vergonha de chegar junto com a segunda serva. Hafold não suportava a incompetência dos outros; muito menos a sua própria.

Hafold baixou a cabeça, dobrou seu ritmo e segurou a bandeja firmemente em suas mãos trêmulas, esperando que a rainha não ficasse aborrecida com ela. É claro que, dado ao estado catatônico da rainha, ela não era capaz de expressar prazer ou desprazer. Mas Hafold podia compreender os menores gestos da rainha. Depois de tantos anos, a rainha era como uma mãe, uma irmã e uma filha para ela, tudo combinado em uma só pessoa. Hafold era mais protetora com ela do que com qualquer outra pessoa da Corte do Rei, ou qualquer pessoa de sua própria família.

Hafold virou a esquina, pensando de que maneira ela poderia justificar-se com a rainha. Ao levantar a cabeça, ela viu a rainha ao longe, sentada em sua cadeira perto da janela, olhando com os

olhos em branco, tal como ela fazia ultimamente, desde várias semanas. Ali, ao lado dela, estava a segunda serva, pontualmente, com o chá na mão. Ela era uma jovem novata na Corte do Rei e servia o chá meticulosamente, em uma xícara dourada, brilhante.

Hafold não queria perturbá-las, de modo que ela caminhou devagarinho enquanto se aproximava por detrás delas, sem produzir nenhum som, suas meias macias silenciavam seus passos no chão de pedra. Enquanto ela se aproximava e se preparava para anunciar sua presença, ela parou de repente. Alguma coisa estava errada.

Hafold observou quando a serva levou a mão rapidamente ao seu colete e dele extraiu um saquinho, ela derramou um pó branco no chá da rainha. Em seguida, ela guardou o saquinho de volta dentro de seu bolso. Logo depois ela estendeu a xícara para a rainha, colocou-a em sua mão lânguida e ajudou-a beber, como sempre tinha feito.

O coração de Hafold foi invadido pelo terror; ela deixou cair a bandeja de prata, os pratos delicados caíram no chão, ela correu para a rainha, estendeu a mão e derrubou a xícara, afastando-a para bem longe dos lábios dela. A delicada porcelana foi parar no chão e despedaçou-se, justo a tempo.

A serva saltou para trás, olhando para Hafold com os olhos incrivelmente arregalados, Hafold pulou em cima dela, agarrou-a pela blusa e abriu seu colete com um puxão, tirando dele o saquinho com o pó. Ela o cheirou, meteu a ponta do seu dedo no pó e o provou. Ela rosou para a garota, quem parecia estar absolutamente aterrorizada.

“Raiz de Niam.” Disse Hafold seriamente. “Por que você está dando isso para a rainha? Você sabe o que isso faz a uma pessoa?”

A menina olhou para ela, atordoada, tremendo.

A fúria de Hafold se incrementou. Aquele era um veneno tóxico, destinado a matar o cérebro lentamente. Por que aquela serva estava dando o veneno para a rainha? Ao ver como a serva era jovem e parecia tão estúpida, Hafold percebeu que alguém mais estava por trás disso.

“Quem lhe ordenou a fazer isso?” Hafold pressionou, agarrando-a com mais força. “Quem ordenou que você envenenasse nossa

rainha? Há quanto tempo isso vem acontecendo? RESPONDA-ME!” Ela gritou, aproximando-se e batendo na jovem com toda sua força.

A jovem gritava, seu corpo tremia e entre soluços, ela disse: “o rei! O rei me obrigou a fazê-lo! Ele me ameaçou. Essas são suas ordens. Eu sinto muito!”

Hafold tremia de raiva. Gareth. O próprio filho da rainha. Envenenando sua mãe. O pensamento fez com que o estômago dela ficasse embrulhado.

“Por quanto tempo você vem fazendo isso?” Hafold perguntou de repente, querendo saber até que ponto o atual estado de saúde da rainha realmente se devia a seu acidente vascular.

A jovem chorava.

“Desde a morte de seu esposo. Eu sinto muito. Eu não sabia. Ele disse que era bom para sua saúde.”

“Garota estúpida!” Hafold gritou e jogou-a no meio da sala. A jovem gritou, tropeçou e saiu correndo do quarto, soluçando.

Hafold ajoelhou-se ao lado de sua rainha e examinou-a sob uma luz totalmente nova. Devido a todos os seus anos como enfermeira, Hafold sabia exatamente o que a raiz de Niam poderia fazer e ela também sabia como curá-la. Seus efeitos não eram permanentes se o envenenamento fosse diagnosticado a tempo.

Hafold puxou as pálpebras da rainha para baixo, viu a cor amarelada debaixo delas e confirmou que ela era vítima daquele veneno. Hafold tinha certeza de que era por isso que a rainha estava catatônica. Ela estava assim, não era devido ao luto por seu falecido marido, mas sim por que ela estava sendo envenenada por seu filho.

Ela tinha de aplaudir Gareth: ele tinha escolhido o momento perfeito para envenená-la, para dar ao mundo a impressão de que sua mãe estava simplesmente deprimida pelo luto. Ele era ainda mais tortuoso do que ela tinha pensado.

Hafold atravessou a sala, vasculhou cada gaveta de seu armário de remédios e encontrou o líquido amarelo de que ela precisava. Com as mãos trêmulas ela misturou uma gota em um copo de água, em seguida, correu de volta e colocou-o na boca da rainha, obrigando-a a beber.

A rainha bebeu vários goles, balançando a cabeça, tentando parar, mas Hafold forçou-a a beber, a engolir a beberagem toda.

Finalmente, logo de vários protestos, a rainha esvaziou o copo, depois disso, ela sacudiu a cabeça estendeu o braço e empurrou a mão de Hafold para longe.

Hafold ficou surpresa e muito contente. Era a primeira vez que a rainha tinha levantado a mão em semanas.

“O que você estava me forçando a beber?” A rainha perguntou autoritária.

Hafold pulou de alegria ao ouvir o som de sua voz, ao ouvir suas primeiras palavras, percebendo que ela estava de volta. Ela estendeu os braços e abraçou a rainha. Era a primeira vez que ela a abraçava em seus trinta e cinco anos de serviço.

A rainha havia voltado a ser ela mesma. Ela levantou-se e suspirou indignada.

“Minha rainha, minha rainha!” Hafold chorava de alegria. “A senhora está de volta para mim!”

A rainha empurrou Hafold afastando-a de si. Sua velha personalidade, cheia de orgulho, se manifestava novamente.

“De que está falando?” A rainha exigiu. “Voltar de onde?”

“Vossa Majestade foi envenenada.” Hafold explicou-lhe. “Gareth mandou envenená-la!”

Os olhos da rainha se arregalaram lentamente em reconhecimento e de repente, ela entendeu tudo.

“Leve-me até ele.” Ordenou a rainha.

*

A Rainha MacGil marchava pelos corredores da Corte do Rei, corredores que ela conhecia muito bem, Hafold ia ao seu lado. Pela primeira vez, durante um tempo que ela não sabia quanto tinha durado, a rainha se sentia consciente, sentia-se bem consigo mesma novamente, sentia-se cheia de energia. Ela também se sentia mergulhada em uma enorme raiva e estava ansiosa para confrontar seu filho.

Com cada passo que ela dava, quanto mais ela voltava a ser ela mesma, mais claro ficava o que tinha exatamente lhe acontecido, qual havia sido a participação de seu filho nisso tudo. Ele tinha feito

com que ela ficasse doente e uma parte dela ainda não queria acreditar. O que ela poderia ter feito de tão mal, para ter criado semelhante monstro?

“Minha rainha, esta não é uma boa ideia.” Disse Hafold ao lado dela. “Devemos sair daqui de uma vez, fugir enquanto podemos. Quem sabe como Gareth poderia reagir, ele poderia tê-la matado. Devemos ficar longe deste lugar. Temos de ir para Silésia, para junto de Gwendolyn. Lá Vossa Majestade será bem cuidada.”

“Não antes de eu falar com meu filho.” Ela disse.

Nada impediria a rainha de conhecer a verdade, de ouvir as palavras do próprio Gareth. A Rainha MacGil nunca tinha sido mulher de recuar diante de um confronto e ela não iria começar a recuar agora e, certamente, não recuaria diante de seu próprio filho.

A rainha escancarou a porta familiar do estudo de seu falecido marido, ressentida pelo fato de que seu filho achasse que poderia ocupá-lo. Ela engasgou quando cruzou o limiar da sala, horrorizada com a visão do lugar, os livros e pergaminhos preciosos de seu falecido marido estavam espalhados e rasgados pelo chão, o quarto estava em ruínas, destruído.

Lá, do outro lado da sala, esparramado em uma cadeira, olhando para ela com um sorriso impenetrável, estava seu filho.

Gareth estava no centro de todo o caos, olhando para ela com seus olhos negros e desalmados. Ela podia sentir um cheiro fraco de ópio no ar. Ele não tinha feito a barba há dias, havia olheiras escuras debaixo de seus olhos, suas roupas estavam sujas e sua aparência era a de alguém que tinha enlouquecido. Ele não se parecia em nada com o filho que ela tinha dado à luz, com o garoto que ela tinha criado. Ser rei o havia envelhecido vinte anos e ela quase não o reconhecia.

“Mãe.” Ele disse sem rodeios, quase parecendo surpreso ao vê-la. “Finalmente você veio me ver.”

A rainha fez um gesto de desprezo para ele.

“O que você fez com o escritório do meu marido?” Ela exigiu.

Gareth riu.

“Eu não acho que ele esteja precisando dele agora.” Disse Gareth. “Mas acho que ele sofreu bastantes melhorias, não é?”

A rainha avançou para ele.

“Você me envenenou?” Perguntou ela.

Gareth olhou para ela totalmente inexpressivo.

“Nós encontramos o pó hoje, com a serva, meu senhor.” Hafold interrompeu. “Ela disse que foram ordens suas.”

“Isso é verdade?” A rainha perguntou baixinho, esperando que não fosse.

Gareth sacudiu lentamente a cabeça.

“Mãe, mãe, mãe.” Disse ele. “Por que você teria essa súbita preocupação por mim agora, depois de todos esses anos? Quando eu era jovem, você reservou todo o seu amor para Reece. Kendrick era o melhor de todos nós, mas você não poderia atrever-se a amá-lo porque ele era o filho bastardo de seu marido. Godfrey a decepcionou ao frequentar suas tavernas. Luanda já tinha um pé fora da porta e não era uma ameaça para você. E Gwendolyn, bem, ela era uma menina, você estava muito ameaçada para amá-la.”

“Então, Reece encontrou o seu amor. E o resto de nós foi totalmente ignorado. Eu não existia para você. Foi preciso que eu fizesse tudo isso para que você pudesse, finalmente, tomar consciência de mim.”

A rainha franziu ainda mais o cenho; ela não estava com disposição para os enredos de Gareth.

“É verdade?” Ela repetiu.

Gareth riu.

“A verdade tem muitas faces, não é?” Disse ele. “Que importa se você foi envenenada? Sua vida tinha chegado a um ponto em que você estava avançando em direção ao túmulo. Uma rainha sem um rei. Eu não posso pensar em nada mais inútil.”

A Rainha MacGil sentiu a raiva fervendo por dentro. Seu estômago dava voltas.

“Você é um filho abominável. Ela cuspiu para ele. “Um ser humano abominável. “Eu lamento tanto ter trazido você ao mundo.”

“Eu sei mãe.” Disse ele calmamente. “Eu sei disso desde o dia em que você me teve. Mas como pode ver, não há nada que você possa fazer a esse respeito agora. Porque finalmente, eu estou livre de seu alcance, do alcance do pai. Agora, eu mando.” Ele disse em voz alta,

ficando de pé e com o rosto vermelho de raiva. “Agora, você é apenas mais um dos *meus* súditos. E com o estalar dos meus dedos, eu posso mandar um dos meus servos matá-la. Sua vida está a minha mercê.”

“Faça isso então.” Ela fervia de raiva também, sem medo, igualmente determinada. “Não seja o garoto covarde que você sempre foi. Seja um *homem* como seu pai era e tenha a coragem de mandar me matar na sua frente. Melhor ainda, desembainhe a espada e encarregue-se dessa tarefa, você mesmo.”

Gareth ficou ali tremendo.

“Você não pode fazer isso, não é?” Perguntou ela. “Não. Em vez disso, você mandou sua assistentezinha ficar por perto e me envenenar lentamente. Você é um covarde. Você sempre foi. Você é uma vergonha para a memória do seu pai.”

De repente, Gareth enfiou a mão no cinto, puxou um punhal, levantou-o bem alto e avançou para sua mãe com um grito horrível. Ao se aproximar, ele desceu o punhal diretamente para o rosto dela.

Mas a Rainha MacGil era a filha de um rei e a esposa de outro. Ela tinha estado rodeada de violência toda a sua vida e tinha sido treinada pela guarda real desde que havia dado os seus primeiros passos. Quando Gareth avançou, ela olhou em volta calmamente e pegou um busto de pedra de seu marido, ela esperou até que Gareth chegasse mais perto, então deu um passo para o lado e desceu-o sobre a cabeça dele.

Seus movimentos foram perfeitamente sincronizados, ela conseguiu esquivar o punhal e ao mesmo tempo impactar o crânio de Gareth, fazendo-o cair para trás sobre uma mesa de madeira. Gareth derrubou a mesa ao desmaiar e cair contra a parede.

Gareth ficou caído ali, respirando com dificuldade, sua cabeça estava sangrando e ele piscou os olhos várias vezes. Ele estava atordoado, mas tentou sentar-se e limpar o sangue da sua boca. Pelo menos o sorriso cínico havia sido borrado de seu rosto.

“Eu estou farta de você.” A rainha disse-lhe friamente. “De hoje em diante, você não é mais meu filho. Eu quero que você saiba disso. Você não é nem mesmo um estranho. Você não é nada para mim. Eu vou deixar este lugar e nunca mais vou voltar, enquanto

você governar. Agora eu sei com toda a certeza, que foi você quem tirou meu marido de mim. E por isso, você vai apodrecer no inferno. Não pense que você não vai pagar caro por isso. Eu fui informada de que o escudo foi desativado. Logo os homens do Império vão inundar este lugar e queimá-lo até as cinzas e você vai arder com eles.”

Gareth riu de repente, o sangue escorria de seus lábios.

“Duvido muito, mãe.” Disse ele. “Muitas pessoas têm tentado me matar. Mas elas não conseguem. Esta manhã o meu copeiro real caiu morto diante dos meus olhos, outra trama mal sucedida contra minha vida. E ontem eu soube que alguém bem achegado a mim virá me matar amanhã de madrugada. Eu não tenho aliados. Mas eu tenho espiões. E eu tenho o diabo do meu lado. Como pode ver, ninguém jamais foi capaz de me matar, mãe. E ninguém nunca poderá. Eu estou sempre um passo à frente de todos, mãe. Essa é a única coisa que você nunca entendeu sobre mim. Eu estou sempre um passo à frente.”

Gareth ria sacudindo-se todo, mas a Rainha MacGil já tinha suportado o suficiente.

Ela virou-se e saiu da sala, Hafold seguiu-a, ela bateu a porta atrás de si, ouvindo a risada de seu filho ecoar e sabendo que aquela era a última vez que ela pisaria naquela corte novamente.

CAPÍTULO DOZE

Gwendolyn saltava por um campo de flores de verão repleto de cores, ao lado de seu pai. Ele era jovem, vibrante e saudável. Ela era bem mais nova, talvez tivesse dez anos, seu pai a jogava para o ar e a fazia balançar enquanto eles saltavam. Ela ria freneticamente, emocionada de estar ali com ele. Ele ria também, despreocupado, seu riso tinha um som profundo e reconfortante. Ela se sentia tão tranquila, tão segura no mundo, como se nada pudesse mudar.

O campo estava banhado pela luz do sol, era a luz mais brilhante jamais vista e quando ela olhou para o pai, ele parecia mais jovem e mais feliz do que ela já o tinha visto.

“Eu estou tão orgulhoso de você, minha filha.” Ele disse para ela.

Com um enorme sorriso, ele estendeu os braços, agarrou-a e levantou-a para o alto, tal como costumava fazer quando ela era um bebê. Gwen ria eufórica.

Mas quando ele a colocou no chão e os pés dela tocaram o solo, ela olhou para baixo e percebeu que tudo tinha mudado. Antes, o terreno tinha estado coberto de flores, agora era apenas terra preta; antes, o céu tinha estado claro e brilhante, agora estava escuro e nublado; antes, havia flores, agora elas tinham sido substituídas por um campo de espinhos.

E o pior de tudo, o pai dela já não estava mais ali e ela estava sozinha.

Gwendolyn ouviu um choro estridente, o choro de um bebê; ela virou-se e ao longe, no topo de uma pequena colina, ela viu um berço de vime, metido dentro de um espinheiro. Os gritos ficaram mais altos e ela aproximou-se cautelosamente, sabendo de algum modo que aquele era seu filho.

Um garoto.

Ela chegou até o moisés, inclinou-se, olhou e ficou impressionada com a beleza da criança. Ela irradiava uma luz e Gwen não conseguia deixar de pensar que o bebê se parecia exatamente com ela.

Ela estendeu a mão para levantar o bebê, mas de repente o moisés se moveu. Uma forte corrente de água passou velozmente ao lado dela, levando o berço por uma trilha sinuosa da montanha.

Gwen correu atrás dele, mas não adiantou. O berço avançava muito rapidamente e logo a paisagem diante dela mudou para um vasto mar.

Gwen encontrou-se de pé sobre uma costa rochosa, olhando para uma tempestade que estava se formando.

“NÃO!” Ela gritou, estendendo a mão para seu bebê que estava sendo levado pelas águas.

Mas foi em vão. O bebê já estava longe, no mar, levado pela corrente enquanto chorava em seu berço. Gwendolyn se sentia mais impotente do que nunca. Ela queria que o oceano a levasse embora também.

Gwen começou a notar uma grande efervescência na superfície da água e, momentos depois, uma enorme criatura surgiu, gritando. Um dragão.

O dragão subia mais e mais, era maior coisa que ela já tinha visto, era como uma parede a sua frente, bloqueando o céu. Ele inclinou a cabeça para trás e rugiu e esse rugido foi o som mais terrível que ela tinha ouvido.

Atrás dele, uma onda apareceu de repente, uma onda de quinze metros de altura, avançando para ela.

Ela tentou se virar e correr, mas já era tarde demais.

A onda precipitou-se para a frente, trazendo com ela o dragão, pronto para desabar sobre Gwen e matá-la.

Gwendolyn acordou e sentou-se ereta em uma cama desconhecida, em um quarto desconhecido, ela respirava com dificuldade e olhava ao redor, tentando lembrar-se de onde estava. A luz do primeiro sol nascente estava entrando através da janela. Ela levantou-se de um salto, atravessou a sala, vestiu-se rapidamente e foi até uma pequena bacia de pedra que se encontrava do outro lado do quarto e jogou água fria no rosto. Ela deixou a água fria correr através de seu couro cabeludo e escorrer por seus cabelos. Ela balançou a cabeça, tentando afastar as visões horríveis, tentando agarrar-se de volta à consciência. A realidade já era

bastante sombria, ela não precisava de um pesadelo para torná-la ainda pior.

O sonho parecia muito real. Seu pai; o bebê; o oceano; o dragão; o mundo ficando tão escuro. Ela não podia evitar sentir que o sonho pressagiava coisas horríveis que estariam por vir.

Gwendolyn estava ao lado da ampla janela aberta e olhava para a cidade brilhante de Silésia; as pessoas já estavam fora, naquela hora do início do dia, a preparar suas mercadorias para um dia de feira. Quando ela olhou para os cidadãos, ela também percebeu o movimento, ela podia vê-los reunindo-se em torno do portão da cidade. Ela seguiu sua direção e viu uma pequena nuvem de poeira no horizonte, dirigindo-se lentamente para Silésia, ela percebeu que era um cavaleiro que avançava pelo caminho. Dois cavaleiros. E atrás deles, um grupo de talvez uma centena de habitantes da cidade.

Gwen relaxou ao perceber que não era o exército de Andronicus. No entanto, ela se perguntava quem poderia ser. Uma corneta soou distante e Gwen viu o guardião do portão colocar-se em um lugar alto e tocar a corneta uma e outra vez.

Gwen examinou o cavaleiro que avançava, sua vista foi lentamente entrando em foco e ela reconheceu sua armadura, seu cavalo.

Gwen ouviu uma batida suave na porta do seu quarto. Ela girou e atravessou a sala, abrindo a porta para ver um servo de pé, curvando-se em sua presença.

“Majestade, eu sinto muito incomodá-la.” Disse ele. “Mas nossos homens avistaram dois cavaleiros que se aproximam de nossas portas, com uma comitiva de pessoas. Devo fechar os portões?”

Ela acenou com a cabeça.

“Não.” Disse ela. “Esse não é um cavaleiro qualquer.”

Seu coração ficou cheio de alegria enquanto ela se preparava para deixar o castelo.

“Esse cavaleiro...” Disse ela. “É meu irmão.”

*

Gwendolyn descia os degraus, três de cada vez, ela estava emocionada enquanto descia a escada espiralada de pedra do

castelo. Ela atravessou os corredores, saiu pela porta da frente e correu pelo pátio, para o portão principal, onde ela viu Kendrick chegar, acompanhado por Atme. Seu coração estava inundado de alívio. Era como se um pedaço dela estivesse de volta em casa. Com sua família tão dividida, tão disfuncional, ter Kendrick ali fazia com que ela sentisse um pouco de normalidade de volta.

Era irônico: Kendrick era seu meio-irmão, mas ela o considerava como família mais do que a seus verdadeiros irmãos. Ela sabia que teria de tomar algumas decisões difíceis como rainha, mas ela não sabia como ela iria, eventualmente, ser capaz de ordenar que os portões fossem fechados e selados sabendo que ele ainda estava lá fora. Ele a poupou de tomar uma decisão que cortaria o coração dela.

Ela correu para os portões, Kendrick a viu, desmontou e correu para ela, abraçando-a. Ela estava tão feliz de vê-lo novamente. Uma parte dela sentia que se Kendrick tinha conseguido voltar, então, talvez Thor também pudesse fazer o mesmo.

“Você está vivo.” Disse ela por cima do ombro, com uma lágrima escorrendo pelo seu rosto. “Eu estou tão feliz por ver que você está vivo.”

Ele a puxou de volta, rindo gostosamente; era tão bom ver outro membro de sua família vivo ali, naquela cidade estrangeira. Ele também era a impressionante e viva imagem de seu pai. Ao vê-lo parecia que ela tinha uma pequena parte de seu pai de volta.

“Eu estou.” Disse ele. “Graças a Deus. Eu fui informado de sua viagem a este lugar, de tudo o que aconteceu. Estou tão orgulhoso de você por liderar essas pessoas. Elas não poderiam ter escolhido nenhum líder melhor.”

Ela sorriu e corou com orgulho. Vindo de Kendrick, a quem todos respeitavam; alguém que estava notadamente qualificado para ser o próximo rei, essas palavras eram realmente um grande elogio.

“Essas pessoas não têm nenhuma obrigação de me agradecer por brindar-lhes segurança.” Ela respondeu com humildade. “Eu tenho certeza de que elas teriam encontrado uma maneira de estar seguras, independentemente de tudo.”

Kendrick abanou a cabeça.

“Elas precisavam de um líder. Alguém para guiá-las. Você liderou o caminho. Muitas pessoas viverão por causa de você.”

“E eu vejo as pessoas seguindo você, também. Ela disse acenando com a cabeça sobre seu ombro enquanto as centenas de habitantes da cidade seguiam Kendrick e Atme e começaram a entrar pelos portões.

O rosto de Kendrick refletiu preocupação.

“Receio que eu traga más notícias.” Disse ele. “Nós vimos o exército de Andronicus. Eles estão marchando em nossa direção.”

Olhos de Gwen se abriram em alarme.

“Você tem certeza disso?” Perguntou ela.

“Tanta certeza como o sol brilha.” Disse uma voz.

Gwen virou-se para ver Atme chegar ao lado de Kendrick e olhar para trás com preocupação. Ele tomou a mão dela e beijou a ponta dos seus dedos. “Minha senhora...” Acrescentou ele. “... Eu cumpri a missão.”

Gwen sorriu.

“Você trouxe meu irmão de volta para mim... vivo.” Disse ela. “Por isso, eu lhe serei sempre grata. Eu sei para quem eu me dirigirei da próxima vez que eu tiver uma missão de extrema urgência.”

“Você confiou a mim a missão mais sagrada, a vida de sua família e por isso eu lhe serei sempre grato.” Atme respondeu, acenando de volta para ela com a cabeça.

Houve uma comoção e Gwen se virou para ver Srog, Brom e Kolk aproximando-se. Eles estavam flanqueados por vários membros do Exército Prata. Todos eles se regozijaram com a visão de Kendrick, eles correram para ele e o abraçaram.

“Kendrick...” Brom disse, tomando seu braço. “Você serve ao Exército Prata bem em tudo o que você faz.”

“Meu senhor.” Kendrick disse-lhe.

“Você traz muita honra para a memória do seu pai.” Kolk disse.

Kendrick recebeu seu abraço.

“É uma honra ter um cavaleiro de sua reputação em Silésia.” Srog disse enquanto apertava firmemente o antebraço de Kendrick.

“A honra é toda minha, meus senhores...” Disse Kendrick de volta. “... Na verdade, eu tenho uma grande dívida para com os senhores

por terem recebido minha irmã e metade da corte real.”

“A dívida é minha.” Disse Srog. “É o mínimo que podemos fazer para honrar seu pai, que sempre foi tão bom para nós. Ele poderia ter nos imposto muito mais tributos do que ele impôs e, no entanto, ele optou por não fazer isso.”

Kendrick inclinou levemente a cabeça em uma mostra de apreço, em seguida, ele franziu o cenho com preocupação.

“Eu receio que esteja chegando como portador de uma notícia muito grave.” Disse Kendrick, limpando a garganta. “Os homens de Andronicus seguem não muito atrás de nós.”

“Nós pusemos nossos olhos sobre suas forças.” Acrescentou Atme.

Houve um suspiro de temor entre os homens. Gwen sentia um buraco no estômago.

“A que distância eles estão?” Brom perguntou.

“Pode levar um dia. Pode ser mais. É uma muralha de devastação e nada vai impedi-los.”

Os outros se olharam preocupadamente.

“Nós salvamos esses habitantes da cidade.” Disse Kendrick, apontando para as pessoas que entraram pelas portas. “... Mas outras cidades não serão tão afortunadas. Não há tempo para salvar todos. Temos de nos preparar, caso haja alguma esperança de defender este lugar.”

“*Caso* haja alguma esperança?” Gwen perguntou, observando de perto sua expressão.

Ele a olhou seriamente e ela viu a resposta em seus olhos. Seu coração se encolheu ainda mais.

“Devemos fazer o melhor que pudermos.” Ele respondeu.

“Estamos nas mãos do destino.”

“Então temos menos tempo do que pensávamos.” Disse Kolk.

“Precisamos fortificar a cidade imediatamente.” Disse Srog.

“Agora que vocês estão em segurança, dentro de nossos portões...” Brom acrescentou. “... Nós podemos começar a selar as muralhas exteriores.”

“Nós estávamos esperando por vocês.” Gwen explicou.

Kendrick olhou para ela e ela podia ver que ele estava comovido.

“Eu tenho uma grande dívida para com vocês.” Ele respondeu.

“Toquem as cornetas.” Gwen ordenou assumindo o comando.

“Não temos mais tempo a perder.” Ela virou-se para Srog. “Mande seus homens começarem as fortificações.”

Srog gritou para um soldado que se encontrava no alto das muralhas, o qual, em seguida, virou-se e gritou para vários outros. Vários soldados tomaram suas cornetas e tocaram; o som ecoou por toda Silésia. Os soldados começaram a vir de seus quartéis e percorreram as muralhas em direção às fortificações exteriores.

“Majestade.” Srog disse virando-se para Gwendolyn. “Vossa Majestade viu apenas a cidade alta de Silésia. Nosso povo lá em baixo, aqueles que vivem no meio das paredes do Canyon, na cidade baixa de Silésia, aguardam a sua visita. Neste tempo de angústia seria muito encorajador para eles, poder conhecê-la. Posso sugerir que todos nós supervisemos a cidade juntos?”

“Eu estaria muito honrada.” Disse Gwen.

Gwen se virou e acompanhou Srog e os outros, enquanto os homens seguiam atrás deles, o grupo grande e crescente percorria as ruas da Silésia, em direção à entrada da cidade baixa. Enquanto caminhavam, todos os soldados conversavam animadamente entre si, Gwen prosseguia ao lado de Kendrick. Era natural caminhar ao lado dele, como eles tinham feito desde que eram crianças na Corte do Rei, mas Gwen tinha algo dando voltas em sua mente que ela precisava compartilhar.

“Eu me sinto culpada por ter sido nomeada como governante.” Disse ela baixinho, tentando ficar longe do alcance dos ouvidos dos outros. “Sim, isso era o que nosso pai queria. Mas você é seu primogênito. Além disso, você é um homem. E, com Erec ausente, agora você é o líder do Exército Prata. Todos os soldados respeitam você. Você lutou lado a lado com cada um deles. E eu? O que eu fiz? Eu sinto que eu não fiz nada para merecer tudo isso. Tudo o que eu tenho feito é ser filha do nosso pai. E nem sequer sou sua filha mais velha.”

Kendrick balançou a cabeça.

“Você não vê suas próprias virtudes.” Disse ele. “Você é muito mais do que isso. Nosso pai não era um homem precipitado. Ou um

homem tolo. Todas as suas decisões eram tomadas com sabedoria. E escolher você foi a decisão mais sábia de todas. Não é a força ou capacidade militar o que faz de alguém um grande governante. Um grande *soldado*, talvez— Mas não um grande governante. Não se trata de ter a capacidade de empunhar uma espada, ou mesmo da forma como os outros homens admiram você. Isso pode fazer de você um bom governante, mas não faz de você necessariamente um grande governante.

“Um grande líder é moldado por qualidades como: sabedoria; conhecimento; temperança; compaixão e discernimento. E é você quem possui todas essas qualidades. *Isso* foi o que nosso pai viu em você. Foi por isso que ele escolheu você. E eu tenho de concordar com ele. Não se subestime. E não sinta culpa. Eu estou contente com a minha sorte. Você merece isso e eu não desejo mais nada a não ser servi-la, seja você minha irmã mais nova ou não.”

Gwen sentiu uma onda de amor por ele, como sempre sentia. Ele sempre sabia exatamente o que dizer, desde quando eles ainda eram bem crianças.

“Eu aprecio sua bondade, querido irmão.” Disse ela. “Mas eu ainda me sinto como se você tivesse sido preterido. E isso não me faz sentir bem comigo mesma. Se eu tiver de governar, eu quero que você me ajude a fazê-lo. Eu quero que você ocupe uma posição de importância. Gostaria de nomear você como líder de nossas forças armadas. Eu quero que todos eles: o Exército Prata, a Legião, os homens do rei, respondam a você. Afinal, não há ninguém em quem eu confie mais e ninguém mais adequado. Você é um MacGil também e ter você na corte será muito encorajador para os homens.”

“Não é necessário que faça isso, minha irmã.” Disse ele em voz baixa, com humildade. “Eu a amo da mesma forma, sem importar o que aconteça.”

“Eu sei que não é necessário.” Disse ela. “Eu *quero* fazer isso.”

Antes que ele pudesse dizer mais uma palavra, ela se virou para Srog.

“Srog!” Ela exclamou.

“Sim, Majestade.” Disse ele, vindo apressado na direção dela, Brom e Kolk vinham ao lado dele.

“Eu nomeio meu irmão Kendrick para o novo cargo de governante das forças armadas.” Ela disse solenemente. “Eu peço a todos os generais de todas as forças reunidas aqui, para responder a ele. É claro que você liderará seus homens e Kolk, Brom, vocês liderarão os seus. Mas Kendrick vai assumir o controle direto do Exército Prata e todos vocês responderão a ele. Eu compreendo que meu irmão é bastante mais jovem do que vocês. Mas eu também sei que isso é o que meu pai teria desejado, além disso, eu não posso pensar em ninguém que seja mais merecedor.”

“Majestade, esta é uma escolha sábia.” Disse Srog. “Eu a admiro por compartilhar o poder. Teremos o prazer de responder a Kendrick, quem afinal, é o nosso guerreiro mais valente e mais destacado.”

“Nós também.” Responderam Kolk e Brom cordialmente.

“Então o assunto está resolvido.” Disse Gwen. “Kendrick, eu o parabeno pelo novo cargo.”

Kendrick olhou para baixo.

“Eu sinto-me profundamente honrado.” Disse ele. “Eu a servirei com toda a minha alma.”

“Como você sempre tem feito.” Brom disse, dando um passo para frente e apertando-lhe o ombro.

Eles abriam seu caminho através das brilhantes, ruas de paralelepípedos vermelhos, as pedras refletiam a luz da manhã. Logo, eles se aproximaram de uma viela profunda e estreita, escavada na pedra como se fosse uma espécie de túnel, ela era larga apenas o suficiente para que duas pessoas pudessem caminhar por ali, lado a lado. Do outro lado dela, talvez a cinquenta metros de distância, a luz do Canyon brilhava. Vários soldados montavam guarda, eles bateram continência quando o grupo se aproximou.

“A entrada para a parte baixa de Silésia, Majestade.” Disse Srog.

Gwen entrou com os outros, todos eles marchavam pela escuridão do túnel, a única luz que havia provinha do outro lado do Canyon, seus passos e sussurros ecoavam pelas paredes. Era uma sensação estranha, andar por aquele longo túnel; Gwen se sentia como se estivesse entrando em um portal para outro mundo.

“Nós somos o mesmo povo lá em cima e aqui embaixo.” Srog explicou. Mas, de certa forma, as partes superiores e inferiores de Silésia são como duas cidades diferentes. Aqueles acima do solo raramente descem e aqueles que vivem lá debaixo, apegam-se ao lado do Canyon e gostam de permanecer ali. Os que temem às alturas não se dão bem abaixo; eles brincam ao referir-se aos silesianos da parte de baixo como cabras montesas. “No entanto, aqueles que respiram o ar do Canyon estão contentes onde estão e não sentem nenhuma necessidade de vir às “planícies”, como eles as chamam.”

Gwen sorriu.

“A não ser por isso...” Ele continuou. “Nós somos um povo bastante unido. Não se enganem a esse respeito: se Andronicus atacar, todos nós nos defenderemos como uma só cidade. E se a cidade alta for invadida, nós podemos recuar para a cidade baixa. Essa é a grande força de Silésia. É por isso que ela não foi conquistada em mil anos.”

Eles chegaram à beira do túnel e Gwen ficou de pé sobre uma pequena plataforma. Uma rajada de vento frio bateu em seu rosto e ela olhou para a queda acentuada abaixo de seus pés. Ela sentiu vertigem. Era como se ela estivesse de pé na beira do céu, diante dela não havia nada mais do que a vasta extensão do Canyon. Parecia que ela estava dentro do próprio Canyon: mais um passo e ela mergulharia para a morte.

Gwen via a parte baixa da cidade de Silésia pela primeira vez. Ali estava, abaixo dela, construída nas paredes do Canyon, com uma antiga pedra vermelha; sua arquitetura era incrivelmente bela, a cidade baixa estava repleta de torres, parapeitos e residências, tudo incrustado naquele lado do penhasco, projetando-se para fora do Canyon por cerca de quinze metros. Havia muita atividade abaixo, as pessoas pululavam por ali: algumas tangiam o gado, crianças brincavam, todos prosseguiam com sua rotina, como se estivessem vivendo em uma cidade normal e não estivessem pendurados à beira de um penhasco, com um precipício abaixo deles o qual poderia enviá-los a uma morte segura, caso dessem um passo em falso.

Gwendolyn se afastou, sentindo vertigem, imaginando como aquelas pessoas poderiam viver assim.

“Não se preocupe, todo mundo reage da mesma forma da primeira vez.” Srog sorriu. “Leva algum tempo para se acostumar. Depois de um tempo, ninguém percebe a altura.”

Srog liderou o caminho até uma escada de pedra estreita e sinuosa embutida na lateral do penhasco. Gwendolyn agarrava-se ao corrimão com firmeza, os nós dos seus dedos estavam brancos. Todos se dirigiam para baixo descendo os degraus, tentando não olhar pela borda quando outra rajada de vento os golpeou com tanta força que Gwen quase perdeu o equilíbrio. Ela não tinha necessariamente medo das alturas, mas aquela descida era tão íngreme e estava tão perto da borda que isso a afetava. Ela mal conseguia entender como as pessoas viviam ali, especialmente como eles poderiam deixar seus filhos brincar, tão despreocupadamente. Ela concluiu que todos já estavam acostumados.

Depois de descer vários lances de escada, eles chegaram a um amplo patamar de quinze metros de largura, com uma grade alta e então Gwen, finalmente, pôde relaxar novamente. Várias dezenas de silesianos da parte baixa da cidade estavam esperando para cumprimentá-los, eles provinham de vielas laterais, que pareciam sair das próprias paredes do penhasco. Assim como os silesianos da parte alta da cidade, o povo da parte baixa era acolhedor e simpático, todos a receberam com sorrisos acolhedores e todos olhavam para Gwen com adoração. Estava claro, como sucedia com os que estavam acima, que todos ali embaixo a viam como seu líder.

Gwendolyn estava comovida. Era um sentimento surreal para ela, ter todas aquelas pessoas ali, recorrendo a ela por orientação, mais uma vez ela se sentiu insegura de poder viver à altura da tarefa de ser o líder que eles precisavam. Apesar de que ela ainda tinha apenas dezesseis anos e mal poderia considerar-se adulta, ser filha de um rei tinha feito com que ela amadurecesse mais rapidamente do que a maioria. Ela estava maravilhada com a forma como aquelas pessoas depositavam tanta fé nela. Ela sabia que no fundo era apenas por causa de seu pai. Claramente, eles o amaram muito. Por

isso, ela os amava de volta. Qualquer um que tivesse sido leal ao seu pai conquistava seu amor e apreço.

“Meus companheiros silesianos.” Srog disse com voz retumbante. “É uma honra apresentar-lhes Vossa Majestade Gwendolyn, a filha do rei MacGil como o novo governante do Reino Ocidental do Anel.”

Ouviu-se um grito de júbilo e a multidão correu para a frente, várias mulheres apertavam o ombro de Gwen, algumas delas davam-lhe um abraço enquanto, outras lhe beijavam a mão. Outras passavam as palmas das mãos em seu rosto e as crianças acariciavam seu cabelo longo. Elas levantavam três dedos para sua têmpora direita, depois, lentamente os afastavam, saudando-a.

Gwen limpou a garganta, preparando-se para dirigir-se ao povo.

“Estou aqui para lhes servir de todas as maneiras que eu puder.” Ela disse de volta para eles, levantando a voz para ser ouvida sobre o uivo do vento. “Espero que os deuses me deem forças para servir-lhes bem.”

“Vossa Majestade já tem!” Gritou uma mulher da multidão e os outros responderam com vivas.

Gwendolyn franziu a sobrancelha, com preocupação.

“É justo que você saibam o que nos depara.” Continuou ela. “Como vocês já sabem, o escudo está inativo. Mas talvez vocês ainda não saibam que Andronicus e seus homens já invadiram o Anel. Não demorará muito para que eles alcancem a nossa cidade. Nós estamos em grande desvantagem numérica. Faremos o nosso melhor para defender a cidade. Mas todos vocês devem preparar-se para a guerra e para um cerco.”

“Majestade, nossa grande cidade foi atacada várias vezes.” Gritou outro cidadão. “Nós não tememos a morte. Nem mesmo às mãos de Andronicus. Se nós morrermos, será como homens e mulheres livres. Nós não queremos nada mais!”

Ouviu-se outro grito de júbilo entre a multidão, então os silesianos começaram a dissipar-se, para continuar fortalecendo a cidade baixa, bloquear as janelas e trancar os portões.

“Podemos prosseguir?” Srog perguntou.

Eles continuaram seu passeio pela cidade baixa, seguindo através de uma série de ruas e vielas sinuosas, passaram por fortificações

impressionantes, todas construídas naquela cidade surpreendente ao lado da borda do Canyon.

Srog levou-os através de uma ponte arqueada e por uma longa península de rocha que sobressaía por uns seis metros sobre o Canyon.

“A Ponta do Canyon.” Disse Srog.

Eles caminharam até a ponta, o vento era ainda mais forte ali, as rajadas frias provocaram lágrimas nos olhos de Gwen. Ela olhou para baixo e viu os pés envoltos na névoa que rolava no meio da brisa. Então ela olhou para cima, para a extensão. Ela se sentiu ofuscada pela enormidade daquele lugar no mundo.

“Você está no ponto mais extremo ao Oeste do Anel.” Disse Srog. “Nós usamos essa plataforma como mirador quando as névoas não são muito fortes. A partir daqui, você pode ter uma vista panorâmica da parte baixa de Silésia.”

Srog voltou e encarou a parede do Canyon, Gwen virou-se junto com ele. Ela engasgou maravilhada ao ver como a parte baixa de Silésia era impressionante. Ela via milhares de pessoas prosseguindo com sua rotina, empilhadas em um andar sobre outro, como se ninguém soubesse o que estava acontecendo acima ou abaixo deles. Ela podia ver por que aquele lugar tinha durado milhares de anos. Ele era intransponível.

“Majestade.” Disse Srog. “Em nome do meu povo, antes que a batalha comece, nós gostaríamos de saber a sua posição sobre rendição.”

Gwen virou-se e viu os rostos de todos os homens ficarem sombrios.

“Eu acho que todos concordamos que esta é uma situação única na vida.” Disse Srog. “Temos vários milhares de excelentes guerreiros preparados para lutar até a morte, mas eles vão ter de enfrentar um milhão de homens. Mesmo os melhores guerreiros têm seus limites. Talvez nós possamos resistir. Mas por quanto tempo?”

“Talvez o tempo suficiente para que Thor e os outros voltem com a Espada?” Perguntou Gwen.

Os outros se entreolharam com ceticismo.

“Claro, Majestade.” Disse Brom. “Todos nós amamos Thor como a um filho. E todos nós temos muita fé em sua coragem. Mas, mesmo com todo o respeito que temos por ele, todos nós sabemos que as probabilidades de que ele retorne com seus homens são quase impossíveis. E como guerreiros práticos que somos, temos de fazer planos de contingência.”

“Majestade, nós apoiaremos sua decisão, seja ela qual for.” Disse Srog. “Mas nós precisamos saber. Até que ponto pretende que a cidade se renda a Andronicus?”

“Isso seria ingênuo.” Kendrick interrompeu. “Todos nós conhecemos a reputação de Andronicus. Ele mata a todos. Render-se seria oferecer-nos diretamente para o abate. Ou, no melhor dos casos, para sermos seus escravos. Além disso, ele é implacável.”

“Então, novamente...” Disse Kolk. “... Se permitirmos que ele controle esta cidade e o Reino Ocidental, talvez ele faça um acordo. E se nós não nos rendermos, poderemos acabar mortos ou escravos, mesmo assim.”

À medida que Gwen ouvia todos os argumentos, ela sentia-se cada vez mais oprimida pelo peso da decisão diante dela. Ela não queria cometer um erro. No entanto, parecia que sem importar o que ela fizesse, ela não podia fazer o que era correto. De uma forma ou de outra, aquelas pessoas poderiam morrer.

“Srog.” Disse ela, virando-se para ele. “Essa pode ser a corte de meu pai, mas Silésia é sua cidade. Este é o seu povo. Você viveu com ele e lutou com ele, toda a sua vida. Eu quero saber o que você pensa em primeiro lugar. O que o povo pensa. Como os silesianos se sentem a respeito de uma rendição?”

Srog olhou para baixo, sério, então ele esfregou sua barba.

“Os silesianos são um povo muito acolhedor e simpático. Mas eles também são um povo muito orgulhoso. Nós nunca nos rendemos, nem uma vez na história do Anel. Eles não sabem o que significa render-se.”

Ele suspirou.

“Eles a seguiriam, Majestade, qualquer que fosse a sua decisão. Mas eles não querem que Vossa Majestade se renda por eles. Eles valorizam a vida. Mas eles valorizam muito mais a honra.”

“E você Kendrick?” Ela disse, virando-se para ele. “O que você pensa?”

Kendrick franziu a testa e olhou para o Canyon.

“É uma decisão difícil.” Disse ele. “Por um lado, ela é elogiável por ser destemida. No entanto, ninguém deseja ser um governante intransigente que envia todo o seu povo para a morte por orgulho. Lembre-se do que eu disse: ser um governante é diferente de ser um soldado.”

“O que o nosso pai teria feito?” Perguntou Gwen.

Kendrick balançou lentamente a cabeça.

“Nosso pai era um homem orgulhoso, teimoso. Ele era mais um guerreiro do que um rei. A decisão que você enfrenta não é uma decisão própria de um guerreiro. É uma decisão própria de um governante. O que importa agora é o que *você* faria.”

Gwendolyn sentiu o peso das palavras dele. Ela virou-se, afastou-se dos demais, deu vários passos, seguiu até a ponta do patamar e olhou para o Canyon.

Gwen ficou ali, pensando. As palavras de Kendrick soavam em sua cabeça. Elas eram acertadas. Depois de certo ponto, ela tinha de parar de se preocupar com o que os outros pensavam com o que os outros decidiriam. Ela tinha de parar de sentir que ela não estava qualificada o suficiente para tomar uma decisão. Ela lembrou-se de todos os seus anos de estudo, na Casa dos Eruditos. Pensou em todas as guerras que ela tinha estudado, em todos os cercos sobre os quais ela havia sido avaliada. Ela repassou os Anais dos MacGils, a história do Anel. Ela lembrou-se de todas as histórias de rendição, dos cercos prolongados. Lembrou-se das leituras sobre alguns resgates que tinham ocorrido sem problemas; mas lembrou-se de muitos outros que tinham terminado mal. E nenhum dos invasores era tão implacável quanto Andronicus.

Gwendolyn lembrou-se também de todos os governantes sobre os quais ela tinha lido, sobre os que tinham tido êxito e os que não tinham tido. Ela percebia que ser um bom governante nem sempre significava tomar a decisão mais lógica, mas, em muitos casos, significava tomar a decisão que mantinha o que era de mais nobre e

mais honroso para o povo. Ela ficou ali e fechou os olhos, desejando que seu pai a ajudasse a tomar a decisão certa.

Enquanto o fazia, ela sentiu uma força e clareza apoderarem-se dela subitamente. Ela sentia que não estava sozinha: o sangue de seis reis MacGil percorria suas veias. Ela era um MacGil, assim como todos os outros. Ela não era inferior aos demais, simplesmente pelo fato de ser uma mulher.

Ela virou-se e encarou os outros, seus olhos brilhavam com determinação.

“Pode ser que todos nós morramos aqui, juntos.” Disse ela, sua voz retumbando com confiança. “Mas nós não vamos nos render. Nós nunca vamos nos render. Isso é parte do que somos. E quem somos é mais importante do que como morremos.”

Todos os homens olharam para ela com os olhos arregalados, com um novo respeito e até mesmo com um olhar de admiração. Todos eles assentiram com a cabeça solenemente, então ela pôde ver que eles concordavam. Ela também podia ver em seus olhos que eles tinham finalmente, encontrado seu verdadeiro líder.

CAPÍTULO TREZE

Thor e os outros membros da Legião marchavam, como já tinham estado fazendo por horas, pelo estreito caminho que saía da selva e os levava pelo clima deserto, Krohn marchava ao lado deles, enquanto todos seguiam o garoto. Thor ficou surpreso ao ver a mudança chocante da paisagem, ela havia deixado de ser uma muralha de vegetação selvagem, para ser um deserto árido, sem nada mais que o céu aberto diante deles, dominado pelo sol abrasador. Eles tinham partido antes da primeira luz do dia sob as ordens do avô do garoto, quem não queria que eles fossem vistos pelo Império. O garoto tinha sido gentil o suficiente para acompanhá-los até ali, apesar de que seu avô tinha lhe ordenado que não fizesse isso. Ele insistiu em vê-los sair e em colocar todos no caminho certo.

Finalmente, depois de horas de marcha, eles chegaram a um cruzamento, ele dividia a estrada em três direções.

“Agora vocês podem ver por que eu tinha de vir.” Disse o garoto, enquanto todos estavam ali parados, respirando com dificuldade. “Esta é a quarta vez que a estrada se divide. Cada vez ela fica mais complicada. Eu não quero que vocês acabem no caminho errado. Se isso tivesse acontecido, vocês já estariam mortos agora. Há monstros nesta planície desértica que vocês não podem imaginar.”

O garoto suspirou.

“Mas agora que nós chegamos à última encruzilhada, eu posso dar a voltar e vocês podem seguir seu caminho. Basta tomar este caminho aqui, ele vai levá-los à Cidade dos Escravos. Eu desejo boa sorte para vocês.”

Todos eles se aglomeraram ao redor do garoto, com gratidão, Thor entendeu o braço e colocou a mão em seu ombro.

“Nós temos uma grande dívida para com você, pela bondade que nos mostrou.” Disse Thor. “Você salvou nossas vidas ontem, nós, uns completos estranhos, fomos levados para casa do seu avô. E agora,

mais uma vez, lhe agradecemos por nos trazer para o caminho certo. Como nós podemos pagar por seus serviços?"

O garoto deu de ombros humildemente.

"Você não precisa pagar-me." Disse ele. "Eu gosto de ter companhia. É muito solitário aqui fora. Além disso, eu odeio o Império e gostaria de vê-los derrotá-lo e libertar-nos de sua existência. Eu odeio viver ocultando-me. Eu quero ser livre."

"Vamos nos esforçar para fazer tudo isso e muito mais." Disse Thor. "... Mas certamente deve haver algo que possamos fazer por você. Qualquer coisa?"

O garoto olhava para o chão.

"Bem, há uma coisa..." Disse ele, hesitante. "Eu sempre sonhei em ingressar na Legião. Eu sei que eu sou muito jovem agora. E muito pequeno. Mas se vocês sobreviverem a tudo isso, se o Anel sobreviver, talvez um dia, eu possa encontrá-lo e você possa deixar-me sair daqui e tentar. Isso é tudo o que eu peço. Eu sei que sou pequeno, mas posso arremessar uma lança melhor do que qualquer pessoa que eu conheço."

Thor sorriu para o garoto.

"Você tem um grande coração." Disse ele. "E não faz muito tempo que eu era do seu tamanho e apesar disso, eu entrei para a Legião. Eu não vejo por que você não possa também. Não é mesmo irmãos?" Perguntou Thor, voltando-se para os outros.

Todos eles assentiram de volta, com entusiasmo.

"Ele tem mais coragem do que a metade da Legião." Disse Reece.

"Nós vamos nos assegurar de que eles levem você a sério." O'Connor Disse. "É o mínimo que podemos fazer."

O garoto sorriu de orelha a orelha.

"Diga-me garoto..." Disse Thor. "... Qual é o seu nome? Você nunca nos disse."

O garoto olhou para cima e franziu o cenho.

"Eu não tenho nome." Ele respondeu. "Não é nosso costume dar nomes aqui no Império. Somos todos escravos do grande Andronicus. Dar um nome a alguém é punível com a morte. Alguns de nós damos nomes a nós mesmos. Nomes secretos, que nós guardamos para nós. Mas nunca dizemos a ninguém."

“Você pode nos dizer o seu.” Disse Thor. “Nós juramos que o manteremos em segredo.”

O garoto olhou para todos os rostos, hesitando, Thor podia ver o medo em seus olhos. Finalmente, ele limpou a garganta e disse:

“Ário.”

O garoto e Thor se cumprimentaram rapidamente, apertando levemente seus antebraços, em seguida, o garoto virou-se e saiu correndo, descendo de volta pela estrada em direção à selva.

“Lembrem-se...” O garoto gritou. “... Não se desviem do caminho. A cidade vai surgir diante de vocês, rapidamente. Sejam cuidadosos.”

Com isso, o garoto se virou e correu, desaparecendo na estrada.

Thor se virou e olhou para os outros e todos eles seguiram atentamente o caminho.

As horas foram passando e o segundo sol surgiu no horizonte. O clima ficava insuportavelmente quente, à medida que marchavam mais e mais pelo deserto. Enquanto Thor marchava a sós com a monotonia de seus pensamentos, ele se perguntava quando tudo isso iria acabar. Ele viu diante de si as pegadas daqueles que deviam ter roubado a espada, suas marcas profundas. O garoto tinha estado rastreando seus passos durante todo o caminho e Thor estava começando a se sentir confiante de que eles estavam indo direto ao encalço deles. Ele esperava que todos pudessem chegar à cidade a tempo, pegar os ladrões antes de sua chegada, de alguma forma recuperar a Espada e chegar em casa sem serem detectados pelo Império, tudo isso antes que fosse tarde demais.

Enquanto eles continuavam a marchar, as pernas de Thor ficavam cada vez mais cansadas e trêmulas. Finalmente, eles viraram uma curva, o terreno ficou em declive acentuado e então eles puderam ter uma visão panorâmica da Cidade dos Escravos. Lá estava ela, espalhando-se no horizonte, a maior cidade que Thor já tinha visto, baixa e plana, estendendo-se por quilômetros infindáveis à vista. Ela irradiava um ar apagado, industrial, com milhares de estruturas construídas bem próximas umas das outras.

Em meio àquelas estruturas trabalhavam milhares de escravos, eles lotavam as ruas, aglomerados como formigas. Mesmo dali, Thor

podia ver que eles estavam acorrentados uns aos outros e que eram chicoteados pelos milhares de capatazes do Império que havia entre eles. Grandes clarões iluminavam a cidade em forma intermitente e Thor viu pequenas fogueiras acesas no solo, distribuídas por todo o lugar. A cidade se misturava com as terras desertas e Thor ficou surpreso ao ver que ela não estava cercada.

“Sem portões, nem muralhas.” Thor observou.

“Eu acho que eles não têm medo de que os escravos fujam.” Disse Reece.

“E para onde eles fugiriam, neste lugar esquecido por Deus?” Perguntou Elden.

“Eles não precisam de muralhas nem de portões.” Disse Conval. “Eles estão todos acorrentados. Eles não poderiam correr caso tentassem fugir.”

“Sem mencionar os soldados.” Disse Conven. “Há tantos soldados quanto escravos.”

“Além disso, eles não precisam de paredes para defendê-la.” Disse O’Connor. “... Porque ninguém seria estúpido o suficiente para atacar. Existem milhares de homens do Império aqui. E não há nada em torno deste lugar em quilômetros.”

“Por que os ladrões trariam a espada para este lugar?” Perguntou Elden.

Thor estudou o chão e viu as marcas que seguiam aquele caminho.

“Não faz sentido.” Reece acrescentou.

Thor deu de ombros.

“Como o garoto disse, talvez seja uma parada para eles, de caminho para outro lugar.”

Todos eles partiram, uniformemente, para a trilha em direção à cidade, todos estavam tensos e com as mãos sobre os punhos das espadas.

“Não vai demorar muito até que nossa presença seja notada.” Disse Reece. “Você vê aqueles rochedos ali? Devemos ir até eles e ficar perto, ao longo da borda, nas sombras. Caso contrário, eles vão nos ver.”

“Mas o garoto disse que não nos desviássemos do caminho.”
O’Connor lembrou-lhes.

Reece deu de ombros.

“Nós não estaremos longe do caminho. E eu prefiro me arriscar com o que está lá fora do que com o Império.”

Thor podia sentir que todos esperavam que ele tomasse a decisão final. Ele podia captar os dois pontos de vista e não era uma decisão fácil.

Finalmente, ele acenou com a cabeça.

“O caminho é a morte garantida.” Disse Thor. “As rochas não. Vamos para as rochas.”

Todos eles, em perfeito sincronismo, se apressaram para sair do caminho, esgueirando-se pela enorme formação rochosa de modo a não serem detectados. Eles se aproximaram lentamente da cidade e se encontravam praticamente a uma centena de metros de distância dela, dali era possível começar a ouvir os gritos e gemidos dos escravos, sofrendo sob o abuso dos soldados do Império. A cidade enchia-se com o som de chicotes estalando e com o estourar das chamas, que eram lançadas desde todos os lugares.

Quando se aproximaram, Thor viu estruturas metálicas incrustadas no solo, a partir das quais pendia uma espécie de aparelho de mineração; os escravos, sujeitos por grossas correntes de ferro, introduziam as estruturas em buracos enormes e as batiam contra o chão, vez após vez. À medida que eles cavavam mais fundo nos buracos, as chamas subiam pela estrutura.

“O que eles estão fazendo?” Perguntou Conval.

“Parece que eles estão minerando algo.” Disse Elden.

“Mas o quê?”

Todos eles encolheram os ombros, confusos.

Antes que pudessem dar mais um passo, de repente O’Connor gritou e todos eles pararam e se viraram. Thor olhou para baixo e viu a mão longa e ossuda de uma criatura surgir da areia e agarrar o tornozelo de O’Connor. Ela enroscou suas garras em torno dele e puxou O’Connor, tentando arrastá-lo para baixo e afundá-lo na areia.

Thor foi o primeiro a reagir, dando um passo adiante com a sua espada e cortando o pulso da criatura. Houve um grito abafado

provindo de algum lugar debaixo da areia e o braço da criatura se enfiou de volta no solo. Mas a mão cortada, ainda se agarrava a panturrilha de O'Connor e ele continuava gritando. Krohn, rosnando, saltou para a frente e mordeu a mão; ela soltou-se e correu pela areia, em seguida, também mergulhou para baixo da superfície.

Os rapazes olhavam assombrados.

Mas eles não tiveram tempo para descobrir de que se tratava, porque, de repente, dezenas de braços de criaturas estranhas começaram a emergir da areia ao seu redor. Thor finalmente entendia por que o garoto tinha lhes dito para não se desviar do caminho.

Thor pulou para o lado quando uma mão disparou para sua perna, ele saltou sobre ela e esmagou-a com sua bota. Mas, em seguida, outra veio à tona e arranhou o seu tornozelo.

“Corram!” Disse Thor. “De volta para o caminho!”

Todos eles correram imediatamente, desferindo golpes com suas espadas, tentando evitar as garras da melhor maneira que podiam. As pernas de Thor ardiam de dor enquanto ele era agarrado e arranhado incessantemente. Krohn rosnava e pulava enquanto corria, batendo nas mãos que surgiam de debaixo da areia.

Eles corriam para salvar suas vidas, saltando mais do que corriam e finalmente conseguiram voltar para o caminho, a poucos passos do lado de fora da cidade.

Todos eles continuaram correndo, tentando entrar na cidade com a rapidez suficiente para não serem vistos. Thor levou-os para a cidade, ali eles desceram por um beco estreito entre dois edifícios, onde parecia haver poucos soldados do Império. No entanto, o beco estava repleto de escravos.

Os escravos pararam seu trabalho, o som de seus cinzéis ficou mais lento, eles viraram-se e olhavam para eles com admiração. Seus olhos estavam arregalados: era evidente que eles nunca tinham visto pessoas livres naquelas ruas antes.

“Quem são vocês?” Perguntou um deles.

Thor se virou e viu um homem grande, o rosto dele estava coberto de sujeira, ele apoiou-se em sua picareta enquanto observava o grupo. Dezenas de outros escravos se juntaram a ele.

“Nós viemos do Anel.” Disse Thor. “Estamos em uma busca para encontrar algo que nos foi roubado. Buscamos uma dúzia de homens que estão transportando uma espada. Fomos informados de que eles vieram a esta cidade. Vocês os viram?”

O escravo robusto abanou a cabeça.

“Vocês cometeram um grave erro ao vir aqui.” Disse ele em voz baixa, enquanto mais e mais pessoas se reuniam. “Vocês não vão sair vivos. Ninguém sai vivo daqui. As tropas do Império estão por toda parte. Não há como escapar.”

“Libertem-nos!” Gritou outro escravo.

“Sim, libertem-nos!” Gritou outro, segurando suas correntes, desesperado. “Ou nós vamos alertar os guardas de sua presença!”

Thor desembainhou a espada e os outros fizeram o mesmo.

“Você não seria capaz de fazer tal coisa.” Reece advertiu.

“Nós vamos libertá-lo se você nos disser para onde os homens foram com a Espada.” Disse Thor.

“Nós não temos medo de vocês.” Disse o escravo grande, dando um passo para a frente, de cara amarrada para eles. “Você sabe o que o nós extraímos dessas minas aqui? Fogo!”

“Fogo?” Thor perguntou perplexo.

O escravo virou-se com sua picareta e golpeou o chão uma vez após outra. Após alguns segundos, uma explosão de chamas irrompeu no ar e a grande estrutura de metal adquiriu um brilho alaranjado enquanto absorvia as chamas.

“Estas são minas de fogo.” Disse outro escravo, dando um passo à frente, desafiante. “Um dos piores lugares do Império, para onde alguém pode ser enviado. Não há nada que você ou suas espadas possam fazer conosco que eles já não tenham feito antes. Agora nos libertem. Esta é sua última chance. Se vocês não fizerem isso, nós vamos chamar os guardas!”

Thor ficou ali, hesitante.

“Não faça isso.” Disse Elden.

“Se você os libertar...” Reece disse. “... Eles vão criar uma comoção e isso vai acabar nos delatando.”

“Libertem-nos!” Gritava o grupo de escravos, cada vez mais alto.

Thor e os outros olharam nervosamente ao redor e ao longe viram vários guardas voltando-se em sua direção.

“GUARDAS!” Gritou um escravo.

“GUARDAS!” Repetiram os outros.

“Corram!” Thor ordenou, não desejando um confronto. “Por aqui!”

Todos correram por um beco, virando-se e dando voltas pelo caminho, entrando cada vez mais profundamente na Cidade dos Escravos, enquanto passavam por várias filas de escravos, os quais paravam e olhavam para eles enquanto prosseguiam. Thor olhou por cima do ombro e seu coração foi parar no estômago com o que ele viu: dezenas de soldados do Império avançavam em sua direção.

Uma corneta soou e dezenas de outros soldados se juntaram a eles, aparecendo de todas as direções.

Eles foram rapidamente cercados, os soldados os atacaram por todos os lados. Não havia para onde ir.

“Por aqui!” Disse uma voz.

Thor se virou e viu uma escrava sozinha, acorrentada a um poste, gesticulando para eles. Ela tinha longos cabelos negros e um rosto selvagem e bonito coberto de sujeira, seus belos olhos negros piscavam com desespero. Ela levantou um enorme alçapão de metal da terra e fez um gesto para que eles corressem em sua direção.

“Para dentro, rápido!” Ela gritou. “Eu vou esconder vocês!”

Thor olhou para os outros, os quais estavam desconfiados; mas então eles se viraram e viram todas as tropas caindo sobre eles e perceberam que não tinham muita escolha. Ele não queria entrar em uma batalha contra milhares de soldados do Império, e certamente não ali, naquela vizinhança fechada, em um lugar que ele não conhecia. Ele teria de confiar na jovem.

Thor concordou e os outros todos se viraram e correram junto com ele para o compartimento aberto, metendo-se de cabeça dentro dele, Krohn meteu-se ao lado dele. Thor se enfiou no buraco raso na terra, os outros caíram em cima dele, todos metidos como sardinhas em lata, a garota baixou a tampa em cima deles, trazendo a escuridão sobre o seu mundo.

Krohn aninhou-se contra Thor, era difícil respirar ali. O coração de Thor batia acelerado e ele não podia evitar perguntar-se se eles não

estariam sendo enganados, se tudo não passaria de uma armadilha. Ele se perguntava se não tinha sido estúpido ao meter-se ali e confiar na garota.

Os sons acima deles ficaram abafados, Thor ouvia os passos da garota sobre a tampa de metal, em seguida, ele ouviu os passos de dezenas de soldados que passaram correndo. Depois de alguns segundos, o solo acima ficou quieto e a garota levantou o alçapão do compartimento.

A porta de metal se abriu lentamente, a luz forte derramou-se sobre eles, Thor viu o rosto da jovem, ela fazia gestos rápidos para que eles se levantassem. Todos eles se levantaram e ela levou-os até as sombras de uma parede e ficou de pé ao lado deles, os pulsos dela estavam algemados com pesadas correntes de ferro.

“Libertem-me.” Ela disse, seus olhos selvagens revelavam seu desespero. “Cortem minhas algemas!”

Thor examinou-a: ela era alta, larga e ossuda, era quase tão alta quanto Elden, seus traços eram simples e seus grandes olhos eram negros. Ela estava coberta de sujeira e tinha um olhar selvagem e um pouco louco, bem como uma resistência que Thor raramente via em uma garota. Ela também tinha um olhar um pouco sombrio, astuto. Thor não sabia ao certo se poderia confiar inteiramente dela. Ela era, claramente, uma sobrevivente.

“E por que deveríamos fazer isso?” Elden perguntou firmemente, chegando mais perto dela.

Ela olhou para Elden examinando-o e ele também olhou atentamente para ela.

“Porque eu vou levá-los para fora daqui!” Disse ela. “Ninguém conhece melhor esta cidade do que eu. Se vocês não me seguirem, com toda certeza, serão capturados e escravizados por esses guardas. Mas eu conheço uma saída. Nós não temos muito tempo. Vocês querem, por favor, confiar em mim?”

Thor balançou a cabeça.

“Agradecemos sua oferta, mas não viemos a esta cidade para fugir.” Disse ele. “Viemos para encontrar uma espada e o grupo de homens que a carregam.”

“Eu sei para onde eles foram.” Disse ela.

Todos olharam para ela com os olhos arregalados.

“E como você poderia saber disso?” Perguntou Conval.

“Porque eles são ladrões...” Disse ela. “... E eu também sou. Os ladrões sempre sabem para onde os outros ladrões vão.”

Os rapazes se entreolharam, surpresos com a sinceridade da jovem.

“Eu posso levar vocês até o rastro deles.” Acrescentou ela. “Ele segue para fora da cidade. Eles não estão aqui.”

Elden estreitou os olhos, desconfiado.

“Por que você simplesmente não nos diz por onde ir e nós seguimos o caminho.” Disse Elden.

Thor podia ver algo que ele não tinha visto antes na expressão de Elden; ele parecia mais do que simplesmente curioso. Ele parecia interessado na garota.

Ela balançou a cabeça.

“Esse não é o trato.” Disse ela. “Ou eu vou com vocês, ou vocês simplesmente não vão.”

“Por que você deseja ir conosco?” Perguntou ele.

“Eu quero ir embora desta cidade também.” Disse ela. “Esta é a minha chance.”

“E como podemos confiar em você... em uma ladra?” Reece interferiu.

“Vocês não podem.” Respondeu ela. “Mas vocês têm de confiar em alguém. Libertem-me agora!” Ela pediu, olhando para os dois lados do beco ao ver um guarda passar correndo. “Ou então, eu vou estar contente simplesmente ao assistir enquanto vocês morrem aqui!”

Elden olhou para ela, duramente, por um longo tempo.

“Eu digo que a libertemos.” Disse Elden.

“E confiar nossas vidas às mãos desta jovem escrava?” O’Connor exclamou. “Essa ladra? Ela poderia estar nos levando direto para uma armadilha.”

“Ela pode muito bem não ter nenhuma ideia de onde está a espada.” Conval acrescentou.

“Que outra escolha nós temos?” Perguntou Reece.

Todos eles olharam para Thor.

Thor pigarreou.

“Da maneira como eu vejo as coisas...” Disse Thor. “ Ela já salvou nossas vidas uma vez. Ela não precisava ter feito isso. Precisamos encontrar a espada e ela diz que sabe onde ela está. Isso é melhor do que o que temos agora, ou seja, nada. Ladra ou não, escrava ou não, eu digo que nós confiemos nela.”

Thor se aproximou dela e levantou sua espada.

“Se você nos levar com segurança para a trilha dos ladrões...” Thor disse. “... Eu prometo protegê-la. Se você nos trair, eu prometo que vou matá-la.”

“Eu não preciso de sua proteção.” Ela disse com desdém, desafiante. “Agora pare de falar e me tire daqui!”

Elden avançou, levantou a espada e baixou-a em um único golpe limpo. Com um tilintar decisivo, ele cortou sua corrente.

“Sigam-me!” Disse ela, não perdendo um segundo, começando a correr, dando voltas e descendo as vielas estreitas da cidade.

Thor e os outros não esperaram um segundo sequer; eles saíram correndo atrás dela enquanto ela dava voltas e mais voltas, descendo as vielas, levando-os mais e mais ao interior da Cidade dos Escravos. Grupos de escravos, acorrentados uns aos outros, se viravam, estendiam a mão e gritavam para eles enquanto eles prosseguiam. Os escravos tentavam agarrá-los e detê-los. Mas eles corriam muito rápido.

A garota era incrível, era como um mapa vivente. Ela conhecia claramente cada centímetro da cidade e ela fazia as curvas fechadas por vielas estreitas que Thor não poderia imaginar. Os outros seis membros da Legião, juntamente com Krohn, permaneciam ao lado de Thor enquanto faziam o caminho para fora da cidade, dirigindo-se diretamente para o outro lado dela. O lugar estava quente e empoeirado. Enquanto eles corriam as ruas se enchiam de sons: sons de chicotes; de gritos; de máquinas e logo começaram a encher-se de outra coisa: dos sons de escravos levantando-se, olhando para o seu caminho e chamando.

De repente, um feitor do Império se adiantou com um chicote e golpeou duramente as costas da garota.

Ela gritou de dor e tropeçou, caindo de cara no chão.

“Volte ao trabalho, escrava!” Gritou o capataz.

Elden, vermelho de raiva, nem sequer reduziu a marcha, ele continuou correndo, levantou a espada e virou-se para o capataz. O capataz virou-se e teve um vislumbre de Elden, seus olhos se arregalaram de medo, mas não houve tempo para que ele reagisse.

Elden decepou a cabeça do homem e continuou correndo, sem sequer reduzir a velocidade. Então ele se abaixou, pegou a garota pelo braço e levantou-a, ajudando-a ficar de pé e a continuar correndo com eles.

Thor se virou e viu dezenas de outras tropas juntando-se às outras e perseguindo-os. Ele olhou para a frente, viu os limites da cidade diante deles e viu uma grande extensão aberta, um campo aberto que iria deixá-los mais vulneráveis, especialmente depois que saíssem seguidos por aquele enorme contingente.

Thor corria ao lado da jovem, tentando recuperar o fôlego.

“Você está nos levando para fora da cidade e para os campos abertos!” Thor gritou. “Vamos estar expostos! Como vamos ultrapassá-los em campo aberto?”

“Esses campos não são abertos.” Disse a garota, respirando com dificuldade. “Confie em mim.”

Todos corriam de maneira uniforme, irrompendo pelos campos abertos; Thor não entendia o que ela queria dizer, mas sabia que não tinha escolha: eles tinham de confiar nela.

Eles seguiam a garota pelo campo aberto, Thor se perguntava qual seria o truque que ela teria debaixo da manga, quando de repente, uma enorme labareda estourou pela terra ao lado dele e chamuscou a manga de sua camisa. Ele pulou para trás, mal podendo evitá-la e continuou a correr.

“O que foi aquilo?” Ele gritou.

“Os campos de fogo!” Ela gritou em resposta. “Olhe atrás de você. Você vê as tropas do Império?”

Thor se voltou enquanto corria e viu que dezenas de soldados do Império estavam parados ali nas margens da cidade, vacilantes, sem saber se deviam segui-los.

“Eles não são loucos o suficiente para perseguir a gente aqui fora!” Gritou ela.

Antes que ela pudesse terminar a frase, outra enorme chama jorrou pelo ar, perto de O'Connor. Ele gritou quando a chama queimou seu antebraço. Ele estendeu a mão e golpeou-a, apagando-a.

"Para onde você nos trouxe?" Ele gritou para ela.

"Essa é nossa única chance de ter liberdade!" Ela gritou de volta. "E esse é o caminho que os ladrões seguiram!"

Thor verificou por cima do ombro de novo e viu um punhado de tropas separar-se do grupo e decidir persegui-los. Enquanto ele observava, um deles correu direto na direção de em uma enorme bola de fogo. Ele gritou e então logo caiu no chão, morto.

As chamas subiam em torno deles, aumentando sua frequência, enquanto eles avançavam; Thor ziguezagueava pela esquerda e direita, esperando e rezando para que pudessem sobreviver àquele campo minado de chamas. Seus irmãos da Legião, ao redor, faziam o mesmo enquanto prosseguiram junto com Krohn, que choramingava e rosnava tentando abocanhar as bolas de fogo. Uma chama chamuscou sua perna e ele ganiu e pulou, mas continuou a correr.

"Quando isso vai acabar?" Thor gritou para a garota.

Thor ouviu um grito e viu outro soldado do Império se queimar até a morte, enquanto gritava freneticamente.

"Ali!" A garota gritou, apontando. "Você vê ali, à distância?"

Thor olhou e começou a ver um rio caudaloso surgir em frente.

"Aquela é a nossa saída!" Ela gritou. "Se nós conseguirmos chegar lá!"

"Nossa saída?" Thor perguntou incrédulo.

O plano era mais louco do que ele pensava: as águas do rio estavam espumando e eram muito agitadas. Thor não podia ver como elas poderiam ser mais seguras do que aquele campo minado.

Ainda assim, eles não tinham escolha. A garota aumentou sua velocidade e eles fizeram o mesmo. Thor orou com toda sua alma para que uma bola de fogo não o consumisse antes que ele pudesse chegar às águas. Ele tentou correr tão rápido e tão facilmente quanto possível.

O rosto de Thor estava preto de fuligem quando eles se aproximaram do rio, ficando a quase três metros de distância, o som águas era ensurdecedor, então, de repente uma bola de fogo surgiu diante ele. Ele não teve tempo para desacelerar.

Thor ergueu os braços para proteger o seu rosto quando todo o seu corpo foi envolto pelo fogo. Ele gritou quando começou a pegar fogo, correndo a toda velocidade e saltando, em chamas, para a corrente furiosa.

CAPÍTULO QUATORZE

Lorde Kultin marchava decidido pelos corredores de pedra da Corte do Rei, suas dezenas de soldados seguiam atrás dele. Ele estava ansioso para trair Gareth, cortar a garganta dele e apoderar-se do trono.

Kultin tinha estado esperando o momento adequado por muito tempo, suportando as estupidezes de Gareth simplesmente porque o salário era bom, o escudo estava ativado e também porque por um tempo, parecia que Gareth governaria para sempre. Mas depois que Andronicus invadiu o Anel, Kultin sabia que os dias de Gareth estavam contados e o momento que ele esperava havia chegado. A princípio, Kultin iria apenas abandonar Gareth; mas então, ele percebeu a classe de rei fraco e patético que Gareth era e isso o deixava doente. Ele mesmo podia ser um rei melhor e isso era exatamente o que a corte precisava naquele momento. A corte não precisava de Gareth, nem de sua irmã e tampouco de mais MacGils. A corte precisava dele, sim dele: Lorde Kultin, um homem *de verdade*, um mercenário que poderia assumir o trono pela força. Durante séculos, era assim que os reis chegavam ao trono e Kultin sentia que era hora de restabelecer a velha forma. Afinal, quem mais poderia merecer ser um rei senão aquele que havia tomado o trono não por direito, mas pelo *força*?

Kultin apressou o passo, ele estava ansioso para ver a cara de Gareth quando ele ingressasse nos aposentos daquela doninha nanica, desafiasse seu comando, o jogasse para fora do trono e o matasse ali mesmo. Ele poderia permitir que Gareth implorasse durante um pouco de tempo. Mas sem importar o que ele dissesse, no final das contas, ele faria o que todos queriam na corte: ele mataria o rei.

Kultin respirou fundo, já saboreando a sensação de poder que ele sentiria. Ele seria o rei. Ele. Um rei. E então ele iria mudar as coisas na corte. Ele iria reunir todos os soldados, os quais estariam encantados de ter um verdadeiro soldado liderando-os, então ele iria

barrar as portas da corte e armar uma verdadeira defesa contra Andronicus. Ele iria expulsá-lo do Anel e em seguida, ele, Kultin, seria o governante supremo de todo o Anel.

Kultin escancarou as portas altas e arqueadas que davam acesso aos aposentos privados do rei, esperando encontrar Gareth sentado ali, no seu trono como de costume; Kultin estava ansioso para ver o olhar de surpresa e horror de Gareth.

Mas quando ele entrou na sala, ele soube de imediato que algo estava errado. Não era possível.

A sala estava vazia.

Era impossível. Kultin tinha bloqueado todas as saídas para impedir que Gareth escapasse. Ele não poderia ter simplesmente desaparecido. Ele não entendia como Gareth podia saber que ele estava vindo.

Kultin vasculhou cuidadosamente o quarto e então ele viu: a lareira, dentro da abertura dela havia um alçapão, sua porta estava entreaberta.

Kultin se inclinou para trás, vermelho de raiva. Gareth tinha escapado. Ele tinha encontrado uma saída traseira para fora do castelo. Gareth sabia que ele estava vindo. Ele o havia ludibriado.

Kultin gritou de frustração, sabendo que Gareth já estaria longe, fora do seu alcance. Ele virou-se para a janela e começou a sentir que os seus sonhos haviam sido frustrados.

Mas quando ele olhou pela janela, ele avistou algo que o deixou muito mais preocupado. Ele olhou duas vezes, a princípio ele estava totalmente descrente, mas quando ele olhou com mais atenção, seu coração se convenceu de que o que ele via era real. Pela primeira vez em sua vida, ele sabia o que significava sentir medo. Medo de verdade.

De lá debaixo proveio um grande grito, o exército de Andronicus irrompeu repentinamente pelos portões da Corte do Rei matando todos os que estavam à vista. Eles irrompiam, milhares deles, como se fossem uma barragem rompendo-se em uma onda de destruição massiva.

Atrás deles, enchendo o horizonte, havia um milhão de homens, cobrindo o chão como formigas.

Antes que Kultin pudesse processar o que estava acontecendo, antes que ele pudesse voltar-se para ordenar a seus homens, ou alcançar sua espada, de repente, um soldado solitário olhou para cima, voltou sua atenção para ele através da janela e deixou voar sua lança.

Ele atravessou o ar e perfurou a garganta de Lorde Kultin, entrando por um lado e saindo pelo outro.

Kultin ficou ali, com os olhos arregalados, segurando a garganta enquanto o sangue derramava-se sobre suas mãos. Ele tombou e caiu pela janela.

Ele despencou, dando várias voltas sobre si mesmo até chegar ao chão e em seus últimos pensamentos ele se perguntava, entre todas as coisas, como Gareth tinha escapado.

CAPÍTULO QUINZE

Erec marchava pelos portões de Savária montado em Warkfin, Alistair montava atrás, agarrada a ele. O Duque, Brandt e vários cavaleiros marchavam ao seu lado. Eles não tinham parado de cavalgar desde o seu encontro com aqueles monstros no campo de batalha. Erec olhou por cima do ombro e viu que eles ainda estavam sendo perseguidos, os monstros, mesmo a pé, eram quase tão rápidos quanto os seus cavalos.

“TOQUEM AS CORNETAS!” Gritou o Duque. “FECHEM OS PORTÕES!”

Assim que eles atravessaram os portões, as grades de ferro baixaram atrás deles, golpeando a terra com um grande estrondo reverberante.

Quando eles entraram, a cidade foi invadida pelo pânico. As cornetas soavam continuamente e os cidadãos corriam pelas ruas apressando-se para chegar as suas casas, barrando as portas e janelas. As tropas se espalharam por todos os lugares, ocupando postos ao longo das paredes, em cima dos parapeitos e por trás dos principais portões da cidade. O Duque berrava ordens para todos eles.

Erec cavalgou com Alistair pela praça do castelo do Duque, parando apenas o tempo suficiente para ajudá-la a desmontar. Ele olhava para ela solenemente enquanto segurava a sua mão.

“Você salvou a minha vida.” Disse ele. “Agora vou salvar a sua. Eu lhe imploro: fique dentro destes portões do castelo até que este conflito termine. Se nós não vencermos, os assistentes do Duque lhe mostrarão um túnel secreto para que fuja. Por favor, escute-me com atenção. Estas criaturas são selvagens.”

Com isso, Erec girou, esporou seu cavalo e galopou de volta para o outro lado da praça, juntando-se ao seu amigo Brandt enquanto eles saíam para ajudar as forças do duque, colocadas diante do portão da cidade.

Todos estavam montados em seus cavalos, organizados em uma fileira, dezenas de soldados, esperavam de frente para as grades pontudas de ferro, por trás delas, se achavam fechados os portões antigos de carvalho. Erec olhou para cima e viu centenas de soldados tomando posições nos parapeitos ao longo da cidade. Mas centenas daquelas criaturas estavam avançando para a cidade naquele exato momento e ele sabia que seria uma defesa difícil.

“Quanto tempo você acha que os portões vão resistir?” Perguntou Brandt.

Erec deu de ombros, estudando a madeira antiga. Se estivessem falando de um adversário humano normal, ele poderia dizer facilmente. Porém com criaturas como aquelas, ninguém jamais saberia.

“Esses portões têm resistido à passagem do tempo.” O Duque disse com orgulho.

Antes que ele pudesse terminar suas palavras, todos ficaram chocados ao ouvir um estrondo similar ao de uma manada de elefantes atacando, em seguida todos ouviram o ruído de algo que se partia: Erec não conseguia acreditar no que via diante de seus olhos: os enormes portões de carvalho, de mais de um metro e meio de espessura e nove metros de altura, foram arrancados de suas dobradiças, deixando entre eles e as criaturas apenas o portão de ferro com suas estacas.

As criaturas levantaram os portões de madeira como se eles fossem brinquedos e os atiraram para o chão. Em seguida, elas voltaram seus olhos para as barras de ferro.

Centenas delas convergiram para o metal, empurrando seus rostos hediondos contra ele, enquanto rosnavam e metiam suas garras através das barras, as quais já estavam começando a dobrar-se.

“O que você estava dizendo?” Brandt perguntou ao Duque, com o rosto vermelho e a boca aberta em estado de choque.

“ARQUEIROS!” Gritou o Duque.

Erec não esperou pelas ordens. Ele já tinha disparado três flechas quando o Duque gritou, ele conseguiu atingir três das criaturas,

direto na cabeça enquanto elas agarravam os portões. Todas elas caíram.

Dezenas de homens do Duque, todos ao redor de Erec, dispararam. A fila de criaturas diminuiu, mas logo apareciam dezenas delas atrás. Parecia haver um exército daquelas coisas debandando do outro lado do Canyon, como se estivessem estado esperando todos esses anos para causar estragos no Anel, assim que o escudo estivesse inativo.

O metal dos portões começou a dobrar ainda mais e Erec percebeu que suas flechas não poderiam deter a criaturas por muito tempo.

“PICHE!” Gritou o Duque.

Bem acima, sobre os parapeitos, dezenas de soldados mexiam lentamente caldeirões de piche fumegante.

Quando eles despejaram o piche fervente ao redor das muralhas da cidade, em seguida ouviram-se os gritos das criaturas, mergulhadas no líquido em chamas. O piche matou dezenas delas na hora. Os corpos das criaturas se empilhavam diante do portão.

Ainda assim, Erec viu centenas delas avançando por detrás. Ele sabia que seria apenas uma questão de tempo até que os portões cedessem, até que todos ficassem sem flechas e sem piche para poder resistir. Ele sabia que eles precisavam elaborar uma estratégia e teria de ser rápido, antes que os portões desabassem.

“Há alguma saída traseira na cidade?” Perguntou Erec.

O Duque olhou para ele, confuso.

“Se eu puder esgueirar-me por trás deles, eu poderei flanqueá-los...” Disse Erec. “... Criar outro front e desviar a atenção dos portões. É o único jeito. Precisamos dividir o exército deles. Se eles atacarem esses portões em conjunto, em breve eles vão derrubá-los.”

O Duque balançou a cabeça, demonstrando compreensão.

“Você é uma alma corajosa.” Disse ele. “Atravesse a praça e pegue a terceira porta à direita. Você vai encontrá-la depois de passar por ela, é uma pequena porta em arco e sem trinco, escondida na pedra. Essa é a porta. Que os deuses estejam com você.”

Erec se virou e galopou através da cidade, seguindo as instruções. Ele ouviu um cavalo a galope logo atrás dele e virou-se para ver Brandt sorrindo enquanto avançava ao seu lado.

“Você acha que eu deixaria você ficar com toda a diversão?” Perguntou Brandt.

Erec tinha estado preparado para encarregar-se do exército sozinho, mas estava feliz de ver seu velho amigo ao seu lado.

Eles se abaixaram ao passar debaixo de um arco de pedra, em seguida, seguiram as instruções do Duque até que encontraram a porta oculta. Embutida em uma fachada de pedra, a porta era difícil de ver. Quando eles desmontaram, Erec se inclinou para trás e chutou-a várias vezes, até que ela finalmente cedeu. Ele montou novamente e se abaixou enquanto cruzava a porta, seguido de perto por Brandt, logo eles bateram a porta, fechando-a bem atrás de si.

Depois de passar por um longo túnel, os dois saíram pela parte de trás dos muros da cidade. Eles esperaram até que eles estivessem a uma distância segura, em seguida, cavalgaram em torno do perímetro da cidade em um círculo amplo para emboscar as criaturas por trás.

Eles finalmente deram toda a volta e cavalgaram pela retaguarda das criaturas. Elas investiram contra eles tal como estavam investindo contra o portão. O ferro já estava cedendo; Erec e Brandt tinham chegado justo a tempo.

Erec levantou a espada e soltou um feroz grito de batalha, querendo desviar a atenção do portão, Brandt logo se uniu a ele.

Funcionou. Metade do exército das criaturas se virou e avançou para eles. Os Covenies eram seres hediondos e tão altos que ficavam cara a cara com Erec e Brandt mesmo estando ambos montados a cavalo. Seus corpos eram musculosos, seus músculos bastante salientes, sua pele era amarela e brilhante e seus dedos se convertiam em longas garras amarelas. Cada criatura tinha duas cabeças e braços de mais de dois metros de comprimento. Elas não carregavam armas: elas não precisavam.

Elas gritaram e seus gritos de batalha eram ainda mais altos do que os de Erec.

Mas Erec não tinha medo. Eu tinha treinado toda a sua vida para dias como aquele. Ele sabia que sua causa era verdadeira, nobre e ele se sentia mais vivo do que nunca.

Erec ergueu sua espada e quando a primeira besta saltou no ar, levantando as garras para arrancar-lhe os olhos, ele se abaixou, brandiu sua espada com força e cortou o torso da besta ao meio.

Erec continuou a avançar, apunhalando outra criatura no coração. Com a outra mão ele levantou um longo mangual, girou-o bem alto sobre sua cabeça e decepou três cabeças, de uma só vez.

Mas Erec sentiu uma dor lancinante em um lado de seu corpo quando uma criatura saltou no ar e o atacou, derrubando-o do cavalo e enviando-o para o chão. A criatura levantou suas mãos bem alto, preparando-se para descer suas garras sobre o rosto de Erec, mas Warkfin relinchou, inclinou-se para trás, e escoiceou com todas as forças o peito da criatura, esmagando suas costelas e fazendo-a voar para trás, já morta.

Erec rolou para fora do caminho quando outra criatura se preparava para baixar seu punho sobre sua cabeça, ela falhou por pouco; ele pulou e ficou de pé de um salto, logo ele pegou sua espada e desferiu um golpe certo, matando a criatura.

Mas aquelas criaturas eram muito rápidas e havia muitas delas. Erec sentiu que o chutavam com força por trás, ele saiu voando e caiu de cara no chão.

Erec girou para ver a criatura estender suas garras e preparar-se para descê-las sobre ele e cortar sua garganta. Ele não pôde reagir a tempo. Ele preparou-se, preparou-se para morrer.

Enquanto ele se preparava, uma lança perfurou o tórax da criatura. Brandt apareceu, apunhalando a besta antes que ela pudesse causar dano a Erec.

Erec conseguiu ficar de pé novamente, como sempre, ele estava muito grato ao seu amigo. Erec avistou uma criatura saltando para Brandt, então ele agarrou seu mangual, girou-o e golpeou a cabeça da criatura com a bola cheia de puas, bem antes que ela pudesse derrubar Brandt.

Outra criatura se lançou sobre Brandt e derrubou-o de seu cavalo, ele caiu no chão perto de Erec. Erec virou-se e apunhalou a criatura

na garganta.

Agora Brandt e Erec estavam um de costas para o outro, cobrindo-se mutuamente, empunhando suas espadas dando e aparando golpes, enquanto se defendiam dos grandes golpes daquelas criaturas que os rodeavam. O grupo de feras ia crescendo a cada momento e os dois estavam em uma terrível desvantagem numérica. Os braços de Erec estavam ficando cansados, uma criatura atacou por trás e arrancou o mangual de suas mãos.

Antes que Erec pudesse se virar, outra criatura chutou suas costas entre as omoplatas, fazendo-o deixar cair a espada de suas mãos. Uma terceira criatura chutou com força atrás de seu joelho e derrubou-o no chão.

Erec estava ali, caído no chão, ele olhou para cima e viu quando seu amigo Brandt foi chutado no peito e também caiu ao lado dele, inconsciente.

Ele olhou para cima e viu que estava cercado. Deitado ali, sozinho, indefeso, já não havia mais nada que ele pudesse fazer, exceto assistir, impotente, enquanto todos eles se preparavam para acabar com ele, de uma só vez.

Erec sabia que, finalmente, a hora da sua morte havia chegado.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Selese dava voltas em sua cabana, distraída dedilhando uma variedade de ervas, ela olhava pela janela para sua pequena aldeia e pensava apenas em Reece. Desde que ele tinha deixado sua cidade, ela não tinha sido capaz de pensar em mais nada. O nome dele nome soava em sua cabeça como um mantra. Reece.

Reece.

O filho do rei. Aquele que ela havia rejeitado. Aquele que ela tinha salvado. Ela tinha sido tão tola ao ser tão fria com ele, ao mandá-lo embora, tal como ela havia feito.

Não porque ele fosse filho de um rei.

Mas porque, apesar do que ela lhe dissera, ela o amava também.

Apanhada desprevenida por seus avanços, por seus sentimentos por ele, Selese tinha fingido muito bem. Ela tinha atuado de modo a dar-lhe a entender que ela pensava que ele estava louco, que ele era irracional, pelo fato de ele ter professado seu amor por ela tão rapidamente. Mas, no fundo, ela também o amava, possivelmente até mais do que ele a amasse. Havia algo em sua personalidade, sua paixão, sua honestidade, que a tinha atraído como um ímã. Ela tinha sido simplesmente incapaz de expressar seus sentimentos. Ela tinha receio de admitir isso. Ela receava que ele pensasse que ela estava louca.

Ela tinha sido tão estúpida, tinha estado tão à defensiva, tinha sido tão imatura. Ela não tinha tido a coragem de ser tão honesta, como ele havia sido. Porque ela também tinha medo. Ela temia acreditar que fosse verdade e receava que ele pudesse ir embora tão rapidamente quanto havia surgido.

Agora que ele se havia ido, e que havia ido embora há dias, Selese abrigava uma sensação persistente em seu coração, a qual pairava sobre ela como uma nuvem, mas ela sabia que era real. Ela sabia disso pela dor no estômago; pela dor no peito; pelo fato de que ela não conseguia parar de pensar nele; não conseguia parar de ver seu rosto nem de ouvir sua voz a cada minuto em que estava

desperta. Ela sabia que seu amor por ele era mais real do que qualquer coisa que ela já havia sentido alguma vez em sua vida.

Selese havia estado desperta por duas noites, atormentando-se, pensando em como ela poderia ter feito as coisas de forma diferente. Em como ela poderia reparar o seu erro.

Ela ficou ali, olhando pela janela, brincando com as ervas, escolhendo qual ela iria tomar e qual ela iria deixar de lado. Ao seu lado, encontrava-se um saco repleto com os seus pertences. Ela estava pronta para sair daquele lugar e nunca mais voltar. Ela estava determinada a buscar Reece e começar uma vida com ele.

Ela faria o que fosse preciso, ela iria encontrá-lo. Ela lhe daria outra chance e lhe pediria também uma nova chance. Talvez, apenas talvez, ela esperava e rezava para que ele dissesse que sim. Porém, não porque ela quisesse sair da sua aldeia; ela amava sua aldeia. Não porque ele fosse filho de um rei; ela não se importaria o mínimo se ele fosse um mendigo. Mas por causa de algo em seus olhos, de algo em sua voz, de alguma coisa entre eles. Por causa da intensidade com que ele a amava. Por causa da forma como ele falava com ela.

Enquanto ela estava lá, assistindo ao sol raiar, ela se preparava mentalmente para dizer adeus a aquele lugar. Ela fechou os olhos e fez uma oração para todos os deuses que conhecia, orando para que ela o encontrasse e para que ele não a mandasse embora. De olhos fechados, ela memorizava a forma como sua casa se via, a forma como suas poções estavam espalhadas, como suas ervas estavam penduradas. Ela esperava que um dia ela pudesse viver junto com Reece em algum lugar, em um lugar como aquele.

Foi então quando ela ouviu o barulho. Era um ruído estranho, que ela não ouvia há anos. A princípio ela pensou que seus ouvidos a estavam enganando, mas quando ela ouviu mais de perto, ela soube que era um ruído real. Era o som de insetos abrindo seu caminho pelo chão do deserto escaldante. Milhares de insetos; milhões deles. Era um ruído frenético. A própria vibração deles percorria seu corpo.

Um exército de insetos não fugiria, Selese sabia muito bem, a não ser que algo estivesse errado. Muito, muito errado.

Ela se virou e saiu correndo de sua cabana e ficou ali fora observando o deserto. Como era de se esperar, ela os viu: uma linha de insetos, correndo para longe, como se estivessem escapando de um desastre.

Ou de um exército.

Selese virou-se lentamente, com o coração acelerado, ela temia ver o que iria descobrir. Ela olhou de volta na outra direção, na direção de onde os insetos provinham e sua garganta ficou seca: o horizonte estava negro com tantos homens. Parecia que o planeta inteiro estava marchando diretamente para sua aldeia, uma enorme força de destruição. Os insetos eram sábios, eles sabiam quando era hora de fugir.

Sua aldeia, todos nela ainda estavam dormindo, estava bem no seu caminho. Selese era a única acordada.

Selese correu pela praça da cidade, subiu os degraus da torre e tocou o sino da cidade, uma e outra vez, ela puxava a corda grossa com toda sua força. Aos poucos, a cidade acordou, as pessoas saíam de suas casas ainda meio sonolentas, olhando para ela como se ela estivesse louca.

Ela apontou para o horizonte.

“Um exército!” Gritou ela.

O povo da cidade finalmente se virou e olhou para fora, suas expressões horrorizadas demonstraram que eles também viam o que se aproximava. Gritos aterrorizados se ouviram e mais e mais pessoas saíam de suas casas. Um estado de pânico inundou a cidade, todas elas começaram a fugir da aldeia.

O coração de Selese bateu acelerado quando ela viu o exército avançando sobre eles, ganhando velocidade. Seu primeiro instinto foi dar a volta e fugir com os outros. Mas ela obrigou-se primeiro a correr de casa em casa, por toda a aldeia e se certificar de que todos estavam acordados e informados. Ela acordou várias famílias, ajudou as crianças a recolher os seus pertences e salvou mais vidas do que ela podia contar.

Finalmente, quando todo mundo já estava atendido, ela se preparou para sua própria fuga. Ela começou a dirigir-se de volta para sua própria casa para buscar seu saco, mas logo ela percebeu

que não havia tempo. Ela teria de deixar suas coisas para trás se quisesse sobreviver.

Selese virou-se e fugiu com os outros para fora dos portões da aldeia, juntando-se o êxodo em massa. Eles avançaram pelo deserto vazio, sob um céu laranja ardente, indo para algum lugar ao Norte. Para algum lugar em direção a Silésia.

Ela rezou para que fosse algum lugar que a levasse até Reece.

CAPÍTULO DEZESSETE

Godfrey estava sentado, curvado sobre uma mesa em um bar decadente em um canto esquecido de Silésia, ladeado por Akorth e Fulton, enquanto tomava um gole e admirava a cerveja forte da cidade. Ele esvaziou sua quarta jarra e colocou-a sobre a mesa, a espumante cerveja vermelha subiu-lhe direto à cabeça. Ele estava se sentindo sobrecarregado com as cores daquele lugar: tudo naquela cidade era vermelho, desde a roupa vermelha do taverneiro, passando pelas mesas e cadeiras e até mesmo sua cerveja. Isso já estava começando deixá-lo tonto. Ou era isso, ou então era a cerveja.

Mas isso não era tudo o que passava pela mente de Godfrey: ao enterrar a cabeça na barra com os seus compatriotas, ele tentava esquecer seus problemas, tentava esquecer a guerra iminente. Mas, acima de tudo, Godfrey odiava a si mesmo. Ele sabia que deveria estar lá fora, apoiando sua irmã e irmão, ele deveria estar lá fora junto com os outros, tentando fazer o seu melhor para ajudar a defender a cidade. Mas ele não conseguia reunir a coragem necessária para fazer isso. Era dessa maneira que ele sempre se comportava desde a sua juventude: quando surgiam tempos difíceis, ele não era capaz de enfrentá-los. Em vez disso, ele se refugiava nas tavernas e afogava as mágoas na bebida.

Godfrey não levava as coisas a sério como a maioria, por mais que ele tentasse. Quando ele se encontrava oprimido pelos problemas, em vez de ser corajoso, como Kendrick, Reece ou Gwendolyn, ele deixava-se paralisar pelo pânico; no lugar de enfrentar seus problemas, ele os evitava, ele esperava que eles se resolvessem sozinhos. Vez após vez, após alguns drinques fortes, ele tinha sido capaz de convencer a si mesmo de que tudo estaria bem, de que ele não precisava ter a coragem de interferir nos problemas do mundo, de que ele poderia deixar isso para os outros.

Mas dessa vez Godfrey sentia que as coisas eram diferentes; dessa vez, ele sabia que nada estaria bem. Ali estava ele, naquela

cidade estrangeira, naquela taverna e tudo estava prestes a mudar para sempre: seus velhos caminhos; a Corte do Rei; os antigos becos que ele tinha conhecido; o antigo bairro; os antigos bares; tudo o que ele conhecia seria borrado da existência. Em breve, nada seria o mesmo; logo, a morte estaria vindo ao seu encontro, ali, naquele lugar.

O escudo estava inativo. Ele ainda não podia compreender isso. Esse sempre havia sido o maior medo de todas as pessoas, desde que ele era criança e agora esse medo se tornava uma realidade. Godfrey sabia que ele não deveria beber, especialmente em um momento como aquele. Ele deveria ficar firme, de pé e atuar como um homem de verdade, deveria juntar-se rapidamente a sua irmã, ao seu irmão e a todos os outros e enfrentar o perigo que chegaria aos portões. Ele sabia que deveria ser mais homem do que era. Ele sabia ainda, que tinha prometido a sua irmã que nunca iria beber novamente.

Ele estava aborrecido consigo mesmo. Ainda assim, por mais que ele quisesse ser de outra maneira, ele estava sobrecarregado com o medo e a inércia. Ele simplesmente não conseguia se levantar, chegar lá fora e fazer o que fosse preciso. Ele não era um guerreiro treinado como seus irmãos. Ele nunca havia apreciado suas lições durante a infância, sempre havia se recusado a obedecer a seu pai. Ele realmente não tinha nenhuma habilidade útil para a vida real, exceto a de saber que bares ele podia frequentar e quais más companhias ele deveria escolher.

Enquanto ele permanecia sentado ali, emburrado, ele sentia que havia desperdiçado sua vida. Ele queria desesperadamente mudar isso. Mas ele não sabia como. Ele não podia deixar de sentir que era tarde demais. Afinal, o que poderia ele, um único homem, fazer contra um exército como o de Andronicus? E ele, dificilmente poderia considerar-se um guerreiro treinado, nem na melhor das hipóteses. Tudo parecia tão fútil. Se ele tivesse de morrer, ele poderia muito bem se divertir.

Uma coisa ele poderia fazer, uma coisa ele podia controlar; ele podia tomar mais uma bebida e anestesiá-las suas preocupações tanto quanto ele pudesse.

“Mais uma!” Godfrey gritou para o taverneiro.

“Para mim também!” Repetiu Akorth.

“E outra para mim!” Gritou Fulton.

Vários fregueses se acotovelavam ao lado dele e cada vez chegavam mais. Godfrey teve de espremer-se entre a multidão para poder chegar até o bar lotado, o qual agora estava mais cheio do que nunca. Seus amigos também bebiam com desespero, tal como faziam os outros fregueses naquele lugar.

“Eu nunca vi esse lugar tão congestionado.” Disse o taverneiro enquanto colocava as bebidas sobre a barra. “Deveríamos ter uma guerra com mais frequência.” Acrescentou ele. “Parece que cada maldita alma na cidade quer afogar seus problemas na bebida.”

“Bem, se este for o nosso último dia de vida...” Disse Fulton. “... Eu lhe garanto que eu não vou descer à tumba sóbrio.”

“Você falou e disse.” Akorth rosou. “Nem eu. Se eu tiver de morrer, por que não morrer bêbado?”

“Qual é a graça de morrer sóbrio, se você vai ser jogado em uma cova?” Fulton acrescentou.

“Bem...” Disse Godfrey fazendo o papel do advogado do diabo. “... Há uma boa razão para estar sóbrio: você pode ir lá fora e lutar para evitar sua morte.”

“Hum!” Akorth disse com desprezo. “Eu posso lutar muito bem bêbado!”

“Isso mesmo!” Disse Fulton. “Você não sabia que metade dos soldados que estão lá fora, de um jeito ou de outro estão bêbados? Você realmente acha que eles lutam sóbrios?”

“De todas as maneiras, nada disso importa.” Disse Akorth. “Sóbrio ou não, você acha mesmo que um lutador pode deter um milhão de homens?”

Godfrey não podia deixar de concordar com eles. Ainda assim, ele estava desapontado consigo mesmo. Ele amava sua irmã Gwendolyn e seu irmão Kendrick mais do que ele poderia dizer, no entanto ele sentia que estava abandonando-os, sentia que era uma decepção aos olhos deles. Essa era a única coisa que ele não queria ser. Ele poderia ser um fracassado aos olhos de seu pai, ele tinha aprendido a conviver com isso. Mas ele tinha aprendido a amar seus irmãos,

especialmente Gwendolyn, e ela tinha confiado nele, ele odiava a ideia de decepcioná-la. Especialmente depois que ela o havia salvo.

“Para que ela foi me salvar?” Godfrey disse para si mesmo.

Akorth e Fulton se viraram e olharam para ele, perplexos.

“De que você está falando?” perguntou Fulton. “Você estava murmurando o quê?”

Godfrey sentia que ele era diferente de todos aqueles fregueses ali. Afinal, ele era o filho de um rei. Ele era feito de material diferente. Ele tinha algo diferente dentro dele. Ele não deveria estar agindo de maneira diferente? Aquelas pessoas nunca tinham tido uma chance na vida. Mas ele tinha tido mais de uma chance, ele tinha tido tudo.

Ou não? Era tudo apenas conversa fiada, toda aquela história de ser um MacGil, de ser o filho de um rei? Será que isso não queria dizer nada, afinal de contas? Depois de tudo, não era ele simplesmente tão bom como todos os demais, sem importar de quem eles descendiam?

Godfrey tomou mais um gole de sua caneca de cerveja, ele ignorava as respostas a todas aquelas perguntas que fervilhavam em sua mente agitada. Ele não sabia se alguma vez chegaria ao fundo desse assunto.

A porta da taverna se abriu de repente e todas as cabeças se viraram quando uma bela mulher entrou por ela. Godfrey também se virou, ele piscou várias vezes, tentando se concentrar, lembrar-se de quem ela era. E então ele recordou com um sobressalto: Illepra. A curandeira que tinha salvo sua vida.

Illepra estava mais bonita do que nunca, com sua roupa de couro marrom, seus cabelos longos e despenteados e seus olhos verdes brilhantes. Seus olhos estavam fixos nos dele enquanto ela vinha pelo caminho, atravessando a taverna, alheia a todos os clientes que se aglomeravam em torno dela.

Eles se separavam, abrindo espaço para ela, todos os homens bêbados pareciam surpresos com um toque de beleza que entrava naquele lugar.

“Disseram-me que eu poderia encontrá-lo aqui.” Illepra disse em tom acusador para Godfrey enquanto ela caminhava para perto dele, franzindo a testa. A sala ficou em silêncio, assistindo ao confronto.

Godfrey mal podia acreditar que ela tinha ido buscá-lo, ali naquele lugar. Eles dois tinham conversado durante todo o caminho em sua marcha da Corte do Rei para a Silésia. Ele sentia que tinha criado um vínculo com ela desde a primeira vez que se encontraram e durante a sua caminhada, sua relação se aprofundou. Ele havia prometido a ela que mudaria; que ele deixaria de beber e que tomaria as armas com seus irmãos.

E mesmo assim, ali estava ele. Seu rosto ficou vermelho enquanto ele sentia uma vergonha cada vez mais profunda.

“Você desonra sua família.” Ela acrescentou asperamente. “Foi para isso que eu o salvei? Para que você pudesse se enfiar aqui, na hora de nossa maior angústia e se afogar na bebida? Para rir com seus amigos? É isso o que realmente é importante para você agora, enquanto seus irmãos estão lá fora, preparando-se para lutar por nossas vidas?”

Godfrey olhou para baixo com vergonha. Ele não tinha resposta. Ele estava pensando exatamente a mesma coisa.

“Eu sinto muito.” Disse ele. “Você está certa. Eu não mereço estar lá em cima com eles. Eu nunca mereci. Sinto muito. Eu não queria decepcionar você.”

“Então me responda...” Insistiu ela, piscando os olhos. Por que razão eu salvei a sua vida, se você não vai sequer tomar uma arma para defendê-la?”

Illepra se virou irritada, ela examinou todos os rostos no bar.

“Eu falo para todos vocês.” Disse ela, levantando a voz. “Todos vocês se escondem aqui, enquanto seus compatriotas estão lá fora se preparando para a luta. Nenhum de vocês está disposto a ir lá e tomar as armas para salvar suas vidas. Esqueçam suas vidas... e o que me dizem da vida dos outros? Seu povo precisa de vocês. Vocês todos são assim, tão egoístas? É para isso que eles estão lutando? Para salvar gente como vocês?”

Todos os clientes olhavam para ela em silêncio.

“Se lutarmos ou não, senhorita...” Gritou um cliente. Isso não vai fazer nenhuma diferença. “Difícilmente um milhão de homens poderá ser detido por alguns milhares.”

Ouviu-se um grunhido de aprovação por toda a sala.

“Não, talvez eles não possam.” Illepra arrazoou. “Mas isso não quer dizer que não devamos tentar. Um dia, todos nós morreremos. Não se trata apenas de quem vive e de quem morre. Trata-se de *como* nós vivemos. Trata-se de *como* nós morremos.”

Ela se virou e olhou para Godfrey.

“Eu pensei que você fosse diferente.” Disse ela suavemente. “Eu pensei que você tinha potencial para ser algo melhor. Mas agora eu vejo que eu estava errada. Você é apenas mais um bêbado. Exatamente como todo o reino diz que você é.”

“Não há nada de errado com isso senhorita!” Akorth disse em sua defesa, levantando a caneca. “Você pode morrer aqui ou você pode morrer lá fora. Mas pelo menos o meu amigo vai morrer feliz!”

A multidão aplaudiu em aprovação, levantando suas canecas.

Illepra ficou corada, virou-se sobre seus calcanhares e saiu do bar.

Os fregueses lentamente voltaram para seus assuntos. Godfrey ficou observando enquanto Illepra ia embora e queimava por dentro. Fulton estendeu a mão e deu um tapinha nas costas dele.

“As mulheres são assim mesmo.” Ele disse consoladoramente. “Elas não sabem o que é importante. Você está fazendo a coisa certa, beba mais uma.” Disse ele, deslizando outra caneca na direção de Godfrey.

Quando Godfrey olhou para a caneca, algo brotou dentro dele. Era um sentimento novo, algo que nunca ele tinha experimentado antes. Era um sentimento de orgulho. Uma sensação de algo superior a si mesmo. Pela primeira vez em sua vida, ele não pensava em si mesmo. Ele não pensava no próximo trago.

Em vez disso, ele pensou no Anel; pensou nos silesianos; pensou em colocar os outros em primeiro lugar.

Quanto mais ele pensava nisso, mais seus temores começavam a se dissipar. Quanto mais ele considerava ajudar os outros, menos medo ele sentia dentro de si.

Godfrey já tinha tido o suficiente. De repente, ele soltou sua caneca, saltou por cima da mesa e começou a correr entre a multidão, em direção à porta.

“Para onde você vai?” Akorth perguntou atrás dele.

Godfrey virou-se e olhou para seus amigos uma última vez, antes de sair porta a fora.

“Vou vestir a armadura, tomar as armas e ajudar a minha irmã!” Ele anunciou gravemente.

Os amigos riram dele.

“Você nunca pegou em uma arma em sua vida!” Fulton gritou.

Godfrey olhou em volta, vermelho, implacável.

“Não, eu nunca peguei...” Ele admitiu. “Mas eu aprenderei. Ou morrerei tentando!”

CAPÍTULO DEZOITO

Gwendolyn se encontrava no topo do parapeito mais alto de Silésia, olhando para o horizonte, seus generais estavam ao redor dela. Eles tinham acabado de terminar uma visita pelas defesas internas e externas do Anel. Seus generais: Srog, Kendrick, Brom, Kolk e todos os demais, um por um, haviam discutido com Gwendolyn sobre a melhor forma de fortalecer cada defesa; sobre o que esperar quando o exército chegasse; sobre como se defender de ataques de várias frentes, e sobre quanto tempo passaria até que suas defesas desabassem. Eles tinham discutido sobre alimentos, provisões e água, tinham falado sobre planos de contingência e sobre retirar-se para a cidade baixa. Eles tinham coberto quase todos os assuntos e agora estavam todos exaustos.

No entanto, nenhum deles tinha discutido sobre o que fazer no caso de uma derrota. Havia um acordo tácito entre eles que a rendição não era uma opção, mas nenhum havia discutido o inevitável: o que fazer se todos os seus homens fossem mortos. Estava implícito entre eles que todos iriam lutar até a morte. De certa forma, era como se todos eles estivessem organizando-se para o que seria um suicídio em massa.

As horas se passavam e com todos os homens em suas posições e todos os planos considerados, não havia mais nada a discutir. Agora, todos estavam ali, à vontade um com o silêncio do outro, olhando para o horizonte, para as nuvens escuras de tempestade que estavam se formando, enquanto esperavam o inevitável. Gwen olhava ao redor, tudo parecia tão tranquilo, tão calmo; parecia que os homens de Andronicus nunca viriam.

No entanto, ela sabia que eles estavam vindo. Durante todo o dia, haviam chegado relatórios de mensageiros de todo o Anel atualizando as informações sobre a invasão. Havia chegado até mesmo um relatório informando que Corte do Rei tinha sido atacada e aquele foi o relatório que mais afetou todos. Gwen tentou apagar a imagem de sua mente.

Agora, mais do que nunca, Gwen desejava que Thor estivesse ali. As palavras fatídicas de Argon soavam em sua cabeça e ela não entendia o que elas significavam. Ela sabia que teria de sofrer uma pequena morte para compensar o fato de ter salvado a vida de Thor. Isso significava que ela iria realmente morrer? Ali, naquele lugar? Ela fechou os olhos e pensou no bebê em seu ventre e tentou não pensar na morte. Não que ela temesse a sua própria morte. Ela temia era pela vida de seu bebê e temia viver uma vida sem Thor.

Houve um rebuliço, Gwendolyn se virou e olhou sobre os ombros dos homens e viu uma pequena comitiva de soldados que vinham em sua direção. Seus olhos se arregalaram de surpresa quando ela viu quem eles estavam acompanhando. Ali, marchando em direção a ela, vinha uma mulher sobre a qual ela pensou que nunca mais iria colocar os olhos em cima de novo: sua irmã.

Luanda caminhava de mãos dadas com seu marido, Bronson, por quem Gwen ficou triste ao ver que lhe faltava uma mão. Ambos estavam esfarrapados, tinham o semblante quebrantado e estavam mais do que exaustos. Parecia que eles tinham cavalgado durante toda a noite.

Gwen não conseguia entender o que eles estavam fazendo ali. Ela ficou aliviada ao vê-los, mas também estava confusa. Bronson não era um McCloud? Ele não deveria estar no lado McCloud do Anel, junto com Luanda?

Gwen estava tão aliviada ao ver a irmã viva e a salvo, que seu primeiro impulso foi dar um passo adiante e abraçá-la. Mas durante sua infância, seu relacionamento com Luanda tinha sido sempre distante, formal; assim era Luanda, ela havia herdado isso de sua mãe. Gwendolyn tinha tentado muitas vezes aproximar-se mais dela, porém depois de ter sido rejeitada tantas vezes, ela havia aprendido a lição. Então, Gwen simplesmente ficou ali, de frente para a irmã mais velha e a cumprimentou acenando de volta para ela solenemente.

“Minha irmã.” Luanda disse enquanto Bronson curvava sua cabeça.

Gwendolyn acenou de volta.

“Irmão.” Luanda acrescentou, voltando-se e acenando para Kendrick, que acenou com a cabeça, em silêncio, provavelmente ele estava tão confuso quanto Gwendolyn. Ele parecia tenso com a visão de um McCloud perto dele, os outros soldados também pareciam tensos.

“O que está fazendo aqui?” Gwendolyn perguntou.

“Eu cometi um grave erro.” Disse Luanda. “... Ao ir para o lado McCloud do Anel. Casar-me com Bronson não foi um erro, eu o amo muito e ele não se assemelha em nada aos outros. Os outros McClouds são brutais, um povo selvagem. Seu pai tentou me matar e matar seu próprio filho.”

Houve um suspiro de surpresa entre o povo de Gwen. Ela examinou Bronson e viu a mão decepada e as cicatrizes; ela poderia dizer que ele tinha vivido um inferno, mas ele estava ali, orgulhoso. Havia algo nele do qual ela gostava; ele não se parecia em nada com seu pai, o qual era um verdadeiro bruto, Gwendolyn se lembrava dele com desgosto.

“Os McClouds não mudarão.” Kendrick recalcou. “Eles são o que são. Eles sempre foram.”

“Você teve sorte de ter escapado com vida.” Brom acrescentou.

“Viemos para pedir-lhe ajuda.” Disse Luanda dirigindo seu olhar para Kendrick, Srog e para Brom. Ela olhou para todos, exceto para Gwendolyn. “Nós pedimos a vocês que nos recebam. Fomos informados de que a metade mais digna da Corte do Rei fugiu para cá. Nós queremos desertar do lado McCloud do Anel. Queremos estar com os MacGils.”

“Para *lutar* com os MacGils.” Bronson acrescentou com orgulho. “Eu juro minha lealdade a vocês. Eu vou lutar até a morte por vocês. Especialmente contra o meu pai e os seus homens.”

Gwendolyn e os outros trocaram um olhar, ela podia ver a hesitação em seus olhos.

“E como sabemos que podemos confiar em você?” Perguntou Brom, avançando e olhando para McCloud friamente. “Seu pai matou mais de meus homens, do que eu posso contar. E fez isso de uma forma brutal e covarde. Como sabemos que o filho não é como o

pai? Como sabemos que tudo isso não é uma armadilha, que você não está apenas esperando para nos trair?”

Bronson lentamente levantou o braço, exibindo o toco onde antes sua mão havia estado.

“Este é o trabalho do meu pai.” Disse ele severamente. “O que houve antes entre nós já não existe mais. Eu ficaria feliz em ser o primeiro a matá-lo na batalha.”

Brom olhou para ele, como se o estivesse perscrutando e, finalmente, parecia acreditar nele.

Gwendolyn acreditou nele, também. Ele parecia ser um homem honesto e sincero.

“Você é da família...” Disse Gwen para Luanda, quebrando o silêncio. Ela se virou para Bronson. “E isso significa que agora você é da família também. Se ela o ama, isso é suficiente para mim. Nós os aceitamos de braços abertos.”

Bronson acenou de volta, seus olhos se encheram de apreço.

“Andronicus em breve atacará e nós seremos sitiados.” Gwendolyn advertiu. “Vamos precisar de toda a ajuda que pudermos obter.”

“Eu me sinto honrado ao lutar por sua causa, minha senhora.” Disse Bronson.

Luanda olhou para Gwendolyn, perplexa.

“Quem está governando aqui?” Perguntou Luanda, olhando para todos os rostos. “Com Gareth na Corte do Rei, presumo que seria Kendrick? Ou é você, Srog?”

Todos os outros trocaram olhares confusos; Gwen percebeu que ninguém tinha dito nada a Luanda ainda.

“Nossa irmã é agora governante do Reino Ocidental do Anel.” Kendrick respondeu.

“*Gwendolyn?*” Luanda disse ironicamente, incrédula. Ela olhou para Gwen de cima a baixo, chocada. “*Você? Governante?*”

“Esse foi o último desejo do nosso pai.” Disse Kendrick firmemente.

“Mas... mas...” Luanda começou a falar nervosa. “Você é uma mulher. E, além disso, é a minha irmã *mais nova*. Se uma de nós deve governar, então por que não haveria de ser eu?”

Gwen sentiu a velha raiva de Luanda, a qual ela tinha sentido durante sua infância, brotando de volta dentro dela. Durante toda sua vida, desde que ela conseguia se lembrar, sua irmã tinha sentido um ciúme mortal dela. Era óbvio que nada havia mudado.

“*Vossa Majestade.*” Steffen interpelou.

Luanda olhou para Steffen com surpresa e condescendência.

“Como disse?” Perguntou ela.

Steffen deu um passo à frente, franzindo a testa.

“Vossa Alteza deverá dirigir-se a Gwendolyn, quem agora é a nossa rainha, como ‘*Vossa Majestade.*’” Disse ele, à defensiva.

Luanda olhou para ele com surpresa, em seguida, olhou para os rostos firmes dos outros e percebeu que ele estava falando sério. Ela olhou para Gwen com consternação.

“Você não espera que eu me sinta obrigada a responder a minha irmã mais nova?” Perguntou Luanda, voltando-se para Kendrick.

“Você *vai* responder a ela...” Disse Kendrick sombriamente. “... Se você quiser ficar aqui. Ou se quiser, você pode deixar as portas de Silésia e ficar à mercê do inimigo. Você respeitará o desejo de nosso falecido pai, assim como o resto de nós.”

Bronson se aproximou e colocou a mão no pulso de Luanda.

“Luanda...” Ele disse baixinho. “... Sua irmã tem sido muito amável e generosa ao nos aceitar aqui. Eu não vejo nenhuma razão pela qual você não deva responder a ela.”

Mas os olhos de Luanda brilhavam desafiantes, cheios de ambição, como sempre faziam.

“Nosso pai sempre tomava más decisões.” Luanda fervilhava.

“Para começar, foi assim que nós chegamos a esta confusão. Você realmente acha que de todas as pessoas, você é a única capaz de governar?” Ela perguntou a Gwendolyn. “Você não sente sequer vergonha por querer tentar? Você não se sentirá terrivelmente culpada se você falhar, se você conduzir todas essas pessoas à morte?”

“De uma forma ou de outra, todos nós estamos indo em direção a nossa morte, Luanda.” Disse Gwendolyn calmamente. “O importante não é se nós morreremos. O que conta é o modo como vivemos. E sim, em resposta a sua pergunta, eu sou capaz de liderar essas

peessoas.” Disse ela, com uma nova força crescendo dentro de si, sentindo-se realmente capaz, pela primeira vez, agora que ela estava se defendendo. “Eu não tenho de render contas a você. Como Kendrick disse, se você não estiver satisfeita, nossas portas estão abertas para que você nos deixe quando quiser.”

Luanda corou, virou-se e afastou-se, pisando firme.

Bronson ficou ali, mexendo-se, claramente envergonhado.

“Eu sinto muito por ela.” Disse ele. “Eu tenho certeza de que ela não queria dizer isso. Nós temos vivido um calvário ultimamente.”

“Ela *realmente* falava sério.” Disse Gwendolyn. “Ela sempre fala sério. Ela é assim.”

Bronson baixou a cabeça.

“Quanto a mim, eu não poderia estar mais agradecido a Vossa Majestade por ter-nos aqui. Eu vou falar com ela. Ela vai mudar de opinião.”

Bronson curvou-se brevemente e logo correu atrás de sua esposa.

Houve uma súbita comoção no nível inferior e Gwen olhou para baixo ao longo dos parapeitos, ela viu uma mulher aproximar-se correndo pelos portões, histérica. Dois guardas tentaram segurá-la e ela gritava e se debatia, enquanto tentava empurrá-los e passar por eles.

“Deixem-me passar!” Gritava ela. “Vocês devem deixar-me passar! Eu devo ver a rainha!”

“Deixem-na passar.” Gwendolyn exclamou para os guardas abaixo.

Os guardas se viraram, olharam para ela e em seguida, soltaram a mulher.

Assim que a mulher se viu livre, ela correu, atravessou os portões e subiu a escada de pedra em espiral, indo diretamente até Gwendolyn, abrindo seu caminho através do grupo de soldados, chorando. Ela parou diante de Gwendolyn, ajoelhou-se e baixou a cabeça. A mulher chorava e tremia, o coração de Gwendolyn ficou abatido ao vê-la naquele estado; Gwen abaixou-se e gentilmente ajudou a mulher a levantar-se.

“Você não precisa se ajoelhar diante de mim.” Disse Gwen compassivamente.

“Majestade...” A mulher disse entre soluços. “Vossa Majestade tem de me ajudar! Eu preciso que Vossa Majestade me ajude! Por favor!”

“O que a aflige?” Perguntou Gwen.

“A minha aldeia... ela foi evacuada. Eles dizem que o Império está chegando. Todos correram. Mas minhas filhas estão lá atrás, na Casa dos Doentes. Elas não podem andar. Eu não podia trazê-las comigo e os outros foram embora muito rápido. Eu não tenho ninguém para me ajudar. Por favor! Elas são meus bebês!”

O coração de Gwen ficou partido, ela dificilmente poderia medir o grau do sofrimento daquela mulher.

“Nós estamos ouvindo relatos semelhantes, procedentes de todas as aldeias do Anel que foram invadidas.” Disse Srog.

“Eu lamento muito.” Gwendolyn disse para a mulher. “O que gostaria que nós fizéssemos?”

“Por favor, envie seus homens, antes que seja tarde demais. Busquem minhas filhas, tragam-nas aqui. Eu não posso imaginá-las morrendo, sozinhas, nas mãos dos selvagens. Isso seria cruel demais.”

“Nós todos podemos morrer lá também.” Disse Kolk.

“Se elas tiverem de morrer, que pelo menos morram aqui, comigo.” Disse a mulher. “Não deixe que elas morram sozinhas lá fora. *Por favor*. Vossa Majestade é uma mulher, Vossa Majestade sabe o que eu sinto. Vossa Majestade deve me ajudar!”

A mulher estendeu a mão e agarrou a mão de Gwendolyn bruscamente, então Steffen avançou e retirou a mão da mulher.

“Não ponha suas mãos sobre nossa rainha.” Steffen repreendeu a mulher e ao mesmo tempo, interpôs-se entre ela e Gwendolyn.

“Está tudo bem.” Disse Gwendolyn.

Ela estendeu a mão e acariciou o cabelo da mulher.

“Esta mulher tem estado muito afetada por sua dor.” Continuou Gwen. “Eu entendo o que é sentir pesar muito bem.”

Gwen pensou no pai e conteve as lágrimas.

“Eu tenho compaixão de suas filhas.” Disse Gwen. “Eu realmente tenho. Mas você também deve entender que estamos recebendo relatos de todas as partes do Anel sobre a pilhagem de vilas e sobre

peças sendo assassinadas. Infelizmente, nós não podemos privar-nos de nossos homens e enviá-los a todas as aldeias para resgatar todo o mundo. Nós também estamos na fase final de assegurar nossos portões e trancar esta cidade, para o bem de todos os silesianos, o bem do restante da corte real e dos milhares de vidas aqui. Precisamos de toda a ajuda possível. Acima de tudo, se nós enviássemos um grupo para resgatar suas filhas agora, ninguém conseguiria regressar com vida. A esta altura, o Império já está muito próximo. Nossos homens morreriam e suas filhas morreriam junto com eles.”

Gwendolyn suspirou. Ela odiava ter de tomar tais decisões, mas ela sentia que tinha a obrigação de velar pelo bem de seu povo.

“Eu sinto muito.” Concluiu ela. “Eu me preocupo por suas filhas. Eu realmente me preocupo. Mas está sucedendo uma guerra em nosso meio e é necessário tomar decisões difíceis.”

“NÃO!” A mulher berrou, irrompendo em um gemido. Ela se jogou no chão, gritando e gemendo. “Vocês não podem deixar as minhas filhas morrerem!”

Gwendolyn olhou para longe, para o horizonte, desejando que ela nunca tivesse conhecido aquela mulher. Ela estava começando a descobrir o que se sentia ao ser um governante; ela não gostava desse sentimento.

“Eu irei por elas.” Disse uma voz.

Gwen virou-se e viu Kendrick dar um passo à frente, com mão no punho de sua espada, de pé nobre, orgulhoso e inflexível.

Gwendolyn olhou para o irmão dela, emocionada e inspirada.

“Você entende que se você sair, nós não poderemos reabrir os portões para você.” Disse ela suavemente. “Você poderá morrer lá fora.”

Ele assentiu gravemente.

“Que melhor maneira de morrer senão prestando um serviço como este?” Ele respondeu.

Gwendolyn respirava agitadamente, ela estava surpresa ao ver seu cavalheirismo, seu destemor. Ela amou seu irmão mais do que nunca naquele momento; mas ela também se sentia profundamente triste ao pensar que ele estaria a cargo de tal missão.

Todos os outros soldados o olhavam tristemente, ninguém foi capaz de refutá-lo.

“Eu me unirei a você.” Disse Atme ao dar um passo à frente e colocar-se ao lado de Kendrick.

Kendrick acenou de volta para o amigo.

“Muito obrigada! Muito obrigada!” Exclamou a mulher, levantando-se e beijando suas mãos.

Gwendolyn deu um suspiro.

“Kendrick, eu não posso dizer não para você. Você lidera pelo exemplo, tal como você sempre tem feito. Você presta uma grande honra ao nome de nosso pai ao aceitar cumprir esta missão. Você tem a minha bênção. Vá e salve aquelas crianças. Eu vou manter esses portões abertos para você, enquanto eu puder; eles ficarão abertos até os últimos segundos anteriores ao ataque de Andronicus.”

“Majestade, eu admiro a coragem de Kendrick e eu não estou em desacordo com a sua missão...” Disse Srog gravemente. “... Mas devo alertar que é preciso tempo para selar os portões exteriores. Não vai ser fácil fazer isso com tão pouco tempo. Vossa Majestade deve compreender que coloca em risco toda a cidade ao concordar com essa missão e manter os portões abertos enquanto ela é levada a cabo.”

Gwen virou-se e olhou para o horizonte. Em algum lugar lá fora, estavam as filhas daquela mulher, doentes, sozinhas. Ela não podia suportar pensar nisso.

“Eu agradeço-lhe por seu conselho, meu senhor.” Disse ela baixinho para Srog. “Eu entendo as consequências. Eu não vou comprometer o nosso povo. Os portões serão fechados quando necessário.”

Ela voltou-se para Kendrick.

“Vá. Encontre essas meninas e volte rapidamente. Eu não desejo ter de fechar estes portões com você fora deles.”

Kendrick assentiu gravemente, em seguida, virou-se e desceu apressado o parapeito, Atme ia ao seu lado.

Os outros homens se dispersaram e Gwen se virou e caminhou sozinha por um patamar de pedra na extremidade dos parapeitos;

ela desejava poder estar algum tempo sozinha para processar tudo o que ocorria e, ao mesmo tempo, ter um melhor ponto de observação enquanto ela assistia à partida de Kendrick e Atme. Ela ficou ali, ao lado da borda das fortificações, vendo-os desaparecer no horizonte, enquanto levantavam uma grande nuvem de poeira.

Enquanto Gwen estava ali, sentindo-se mais sozinha do que nunca, ela ansiava ver Thor. Cada vez mais, ela sentia que eles estavam enfrentando uma batalha que não podiam vencer e, no fundo, a única esperança de todos era que Thor voltasse com a Espada do Destino e ativasse o escudo de volta. Se ela tivesse de morrer, ela queria morrer com Thor ao seu lado.

Ela fechou os olhos com força e orou a Deus com toda sua alma, para que Thor voltasse para ela.

Por favor, Deus. Eu sei que eu já te pedi coisas demais. Mas peço-te mais uma coisa: traze Thor de volta para mim.

“Deus tem uma maneira misteriosa de responder.”

Gwendolyn não precisou virar-se para reconhecer a voz.

Ela virou-se e viu, ali estava Argon, a poucos metros ao lado dela, seus olhos brilhavam intensamente enquanto ele olhava para o horizonte e observava Kendrick cavalgando.

O coração de Gwen se reanimou ao vê-lo.

“Eu pensei que jamais o veria novamente.” Disse ela.

“Por quê? Pelo fato de você estar em um lugar novo? As barreiras físicas não significam nada para mim.”

“Então você estará aqui conosco? Durante o cerco?” Ela perguntou esperançosa.

“Eu sempre estou com você. Algumas vezes, nem sempre fisicamente.”

Gwen desejava ardentemente obter respostas para suas perguntas.

“Diga-me... ” Pediu ela. “... Eu lhe imploro. Thor está a salvo?”

“No momento ele está.”

“Ele *continuará* assim?” Insistiu ela.

“Essa é sempre a questão, não é?” Perguntou ele, voltando-se para ela e sorrindo misteriosamente. “Seu destino é enigmático. Ele

já está definido, contudo ele pode ser alterado. Tal como acontece com todos nós.”

“Ele viverá?” Perguntou ela. “Eu o verei novamente algum dia?”

Ela preparou-se para a resposta, esperando e rezando para que fosse sim.

“Se não for neste mundo.” Argon disse lentamente. “... Então será no próximo.”

Gwendolyn sentiu seu coração apertar dentro do peito.

“Mas isso não é justo!” Ela protestou. “Eu *devo* vê-lo novamente!”

“Ele escolheu o seu destino.” Disse Argon. “Você escolheu o seu. Às vezes, os destinos não podem se entrelaçar.”

“E o que vai ser do Império?” Perguntou Gwen. “Eles irão atacar este lugar?”

“Sim.” Disse ele secamente.

“Nós seremos vitoriosos?”

“A vitória é algo relativo.” Respondeu ele. “Existem todo tipo de vitórias. As paredes vermelhas de Silésia têm resistido durante mil anos. No entanto, mesmo essas paredes estão destinadas a cair.”

Ela sentiu uma sensação crescente de um mau presságio.

“Isso quer dizer que esta cidade vai cair?”

Ela *tinha* de saber. Mas ele não respondeu, ele desviou o olhar.

“Mas certamente deve haver alguma maneira de detê-los!” Disse ela.

“Você se concentra muito no aqui e no agora.” Disse Argon. “Mas há outros séculos. Séculos antes de vocês e séculos vindouros. Somos apenas um raio na roda do tempo. Pessoas vão morrer e pessoas vão nascer. Lugares serão derrubados e outros serão construídos. Nada dura para sempre. Nem mesmo a destruição.”

Gwendolyn ficou ali, pensando em tudo o que ele tinha dito. Ela se perguntava se isso significava que já não havia esperança.

“Eu me sinto fora de lugar.” Disse Gwendolyn. “Como se de alguma forma isso tudo fosse culpa minha. Como se todas essas pessoas devessem se beneficiar de um governante melhor do que eu.”

Ele virou-se e olhou para ela, seus olhos faiscavam.

“O Anel nunca teve um governante melhor do que você.” Disse ele. “E pode nunca mais ter outro novamente.”

Seu coração se reanimou e ela sentiu um grande encorajamento ao ouvir suas palavras. Pela primeira vez, ela sentia-se legítima.

“Diga-me.” Disse ela, desesperada por saber. “Como terminará tudo?”

Argon sacudiu sua cabeça, devagarinho.

“Às vezes a maior luz é precedida pela maior escuridão.”

CAPÍTULO DEZENOVE

Krohn gania e lambia o rosto de Thor até que, finalmente, Thor abriu os olhos devagar. Ele encontrou-se deitado de cara na areia; havia areia em seus lábios, em sua língua e em seus olhos.

Thor piscou várias vezes, em seguida sentou-se lentamente e limpou a areia de seu corpo. Ele aproximou-se de Krohn, beijou-o e acariciou sua cabeça. Thor olhou ao redor, tentando se orientar e lembrar-se de onde estava.

Sob a luz suave do primeiro sol, Thor viu todos os seus amigos espalhados na praia, deitados na areia em torno dele. Felizmente, todos pareciam estar vivos; depois de fazer uma contagem rápida, ele viu que eles estavam todos lá. Todos eles e mais alguém: uma garota de cabelos longos, desgrenhados espalhados na areia.

Thor tentava se lembrar. De repente, ele recordou: era a escrava, a jovem a quem Elden tinha salvado. Thor sentou-se, apertando os olhos, esticando os músculos doloridos, tentando se lembrar exatamente do que tinha acontecido.

A última coisa de que ele se lembrava era de estar em chamas e pulando na água gelada das corredeiras. Felizmente ele estava a apenas alguns metros da água quando foi atingido pelo fogo, tudo tinha acontecido tão rápido, ele havia pulado na água antes que as chamas pudessem queimá-lo. Ele examinou sua pele e apesar de estar machucado e ter seu corpo e seus músculos doloridos, ele não estava queimado. Ele suspirou de alívio.

Thor se lembrou do passeio selvagem pelo rio abaixo, todos eles caindo de cabeça nas corredeiras e sendo arrastados pela correnteza. Ele lembrou-se de ter olhado para trás uma vez justo antes que sua cabeça impactasse contra um tronco, ele lembrou-se também de ter visto o grupo de soldados do Império, já longe rio acima, sendo totalmente consumido por uma enorme explosão de chamas.

Thor estendeu a mão, tocou sua cabeça e sentiu uma grande protuberância, ela doía ao toque. Thor percebeu que ele devia ter

desmaiado ao longo do caminho. Todos eles, de alguma forma, haviam conseguido chegar às margens do rio e passaram a noite ali. Era uma praia branca estreita, lisa ao lado de um rio caudaloso. O som da água era implacável, Thor levantou-se, virou-se e olhou em todas as direções, querendo ver o que mais havia por ali.

Do outro lado da praia, havia um bosque de árvores e por trás dele o rio se bifurcava, separando-se e formando uma corrente calma e tranquila. O bosque conduzia a uma floresta profunda e ampla, uma trilha sinuosa o levava até ele. Eles pareciam ter sido levados até uma espécie de encruzilhada.

“E nós pensamos que você iria dormir o dia todo.” Disse uma voz que Thor reconhecia vagamente.

Thor e Krohn se viraram, ele não podia acreditar no que ele via ali, de pé, atrás dele. Três homens, membros da Legião, vestidos com sua armadura nova e reluzente, portando seus armamentos. Eles olhavam para ele como se o conhecessem durante toda a sua vida.

Eram as três pessoas quem, durante toda sua vida, Thor havia pensado que eram seus três irmãos: Drake, Dross e Durs.

Thor estava sem palavras.

Thor não podia imaginar o que eles estariam fazendo ali, ele esfregou os olhos, perguntando-se se não estaria sonhando. Mas eles ainda estavam ali, então ele percebeu que era tudo real.

Thor se levantou, com os olhos arregalados de surpresa, tentando compreender tudo.

“O que estão fazendo aqui?” Perguntou ele. “Como vocês chegaram aqui?”

Todos os membros da Legião, ao redor de Thor, começaram a levantar-se lentamente, a escrava também fez o mesmo. Todos ficaram de pé, limparam a areia de seus corpos e se aproximaram de Thor. Todos eles olhavam para Drake, Dross e Durs, igualmente surpresos.

“Nós viemos aqui para ajudar.” Disse Drake. “Fomos enviados por Kolk logo depois que você foi embora. Nós seguimos seu rastro. Depois que você saiu, Kolk se sentiu mal por ter enviado vocês seis sozinhos. Eles quiseram enviar reforços.”

“Eles também receberam novas informações.” Disse Dross, dando um passo à frente com um rolo de pergaminho na mão. “... De um ladrão que eles capturaram, o qual está ligado ao roubo da Espada. Ele confessou o roubo e revelou para que parte do Império a espada estava sendo levada. Ele nos desenhou um mapa.”

Dross desenrolou o pergaminho diante deles e todos eles se reuniram em volta dele e o examinaram.

“Nós sabemos para onde eles estão indo.” Disse Durs. “Nós viemos para levá-los até lá. E para ajudá-los a regressar com a espada, vivos.”

“E por que vocês não se prontificaram para ajudar-nos mais cedo?” Reece retrucou, à defensiva.

“Vocês estão aqui agora...” Acrescentou Elden, desconfiado. “... Só porque receberam ordens de vir.”

“Nós estamos indo muito bem sem sua ajuda.” O’Connor disse.

“É mesmo?” Drake perguntou, olhando para eles de cima a baixo com desprezo. “Parece-me que vocês estão perdidos, todos molhados e feridos pela batalha.”

“Você ainda conseguiram pegar bagagem extra ao longo do caminho.” Dross acrescentou, olhando com desprezo para a escrava.

Thor, apesar de estar apreensivo, estava contente de que eles estivessem ali e queria acabar logo com a discussão.

“Como vocês chegaram até nós?” Perguntou Thor.

“Com um bom rastreador e muito ouro do rei.” Respondeu Dross. “Nós conseguimos seguir o seu caminho. Uma jornada bastante calamitosa. É incrível que vocês tenham escapado da Cidade dos Escravos, do jeito que você fizeram. Nós contornamos a cidade por nossa conta, mas felizmente as corredeiras nos conduziram pelo único caminho e tudo o que tivemos de fazer foi segui-las até encontrá-los. Vocês são fáceis de achar: todos sete esparramados na areia como um bando de bêbados. Eu diria que vocês dificilmente passariam despercebidos.”

Os três irmãos riam ironicamente.

“Que bela maneira de montar um acampamento.” Durs acrescentou.

Thor ficou vermelho e viu seus irmãos da Legião ficar furiosos.

“Como eles disseram...” Disse Thor, assumindo a autoridade. “... Nós não precisamos de seus insultos. Ou de sua ajuda. Nós chegamos até aqui por conta própria e sem um mapa, sem um rastreador e sem o ouro do rei.”

Os três irmãos olharam para ele ligeiramente surpresos e Thor ficou impressionado com a autoridade de sua própria voz. Durante toda a sua vida ele tinha sido intimidado por aqueles três e ele não estava disposto a ser intimidado por eles agora, nem a deixar que eles assumissem o controle da missão. Ele os conhecia bem e sabia que a gentileza não era própria deles. Thor tinha certeza de que qualquer que fosse a ajuda oferecida, eles a ofereciam apenas porque tinham sido ordenados a fazer isso, eles atuavam apenas motivados pelos benefícios pessoais que obteriam após o seu regresso. Ele sabia que no fundo, eles não se importavam verdadeiramente com ele.

Thor esperava que seus rostos endurecessem; que seus irmãos discutissem com ele; esperava que eles tentassem rebaixá-lo, tal como sempre faziam. Mas, para sua surpresa, o rosto de Drake se suavizou, ele deu um passo à frente e baixou seu tom de voz.

“Thor, nós compreendemos que você possa estar com raiva de nós. Na verdade, esta raiva seria justificada. Nós não fomos bons para você como irmãos. Por isso, nós pedimos desculpas. Não estamos aqui para humilhar você, ou para minar sua autoridade. Nós sabemos que você tem o comando desta missão. Nós desejamos sinceramente ajudá-lo. Por favor. O destino de todo o Anel está em jogo e o mapa que temos é de valor inestimável.”

Thor foi pego de surpresa pelo tom amável de Drake, por sua deferência diante de sua autoridade. Ele nunca o tinha visto atuar assim. Era surreal, era como se ele não estivesse olhando para as mesmas três pessoas.

Thor refletiu sobre o que Drake tinha dito e tudo fazia sentido. O destino do Anel era o que havia de mais importante, sem importar as diferenças pessoais que eles tivessem. E apesar do passado, Thor estava sempre disposto a dar uma nova oportunidade às pessoas, especialmente se elas pareciam sinceras.

Lentamente, ele acenou de volta para eles.

“Nesse caso...” Disse ele. “... Nós estaremos contentes de ter vocês conosco.”

Os três acenaram de volta, satisfeitos. Thor olhou para o braço do rio mais além deles e viu a embarcação deles ancorada na margem; ela parecia uma longa canoa e tinha capacidade suficiente para talvez umas doze pessoas.

“Para chegar até o destino dos ladrões...” Disse Dross, olhando para o mapa. “... Nós devemos voltar para o rio e seguir para o Sul. O rio vai nos levar a um grande lago e depois para outros canais. É a forma mais direta de encontrá-los, cortar caminho e ganhar tempo. Se você concordar, partiremos imediatamente, nós não temos mais tempo a perder.”

Todos eles começaram a se voltar e ir para o barco, quando a escrava deu um passo adiante.

“Vocês estão errados!” Exclamou a escrava.

Todos eles pararam, se viraram e olharam para ela.

“Os ladrões jamais iriam por esse caminho.” Disse ela. “Eu não me importo com o que o seu mapa diz. Eu conheço minha terra natal melhor do que vocês. Vocês estão vendo a floresta?” Ela perguntou, virando-se e apontando para o bosque de árvores. “Foi por ali que eles foram.”

“E como você pode saber disso?” Drake perguntou para ela.

“Porque este rio conduz à morte.” Disse ela. “Não é um caminho que eles tomariam. Não há nenhuma maneira segura de atravessar a grande divisão, que não seja através desta floresta. Ela faz fronteira com as terras desertas.”

Thor olhou para as árvores, depois olhou de volta para as corredeiras e ficou em dúvida.

“E quem é essa mulher que sabe tudo?” Zombou Durs.

Elden se adiantou e passou o braço em torno do ombro dela.

“Ela é uma jovem que eu salvei na Cidade dos Escravos.” Disse Elden. “... E eu confio nela. Ela nos tirou de lá.”

“Você nem sequer a conhece.” Disse Drake.

“Eu a conheço o suficiente.” Disse Elden.

“E qual é o nome dela?” Perguntou Dross.

Elden enrubesceu e os três irmãos riram dele.

“Nestas terras somos proibidos de ter um nome.” Exclamou ela.
“... Mas eu tomei um nome secreto para mim. Meu nome é Indra.”

“Bem Indra, não estamos interessados em seus contos tribais. Somos homens e não temos medo nenhum do rio. Nós vamos aonde os ladrões nos levarem, seguiremos este rio até onde ele nos levar.” Drake disse com firmeza. “Se você tiver medo de água, você poderá ficar em terra firme. Esta é uma missão da Legião; ninguém está pedindo para você se juntar a nós.”

Os três irmãos se viraram e todos se dirigiram para o barco, enquanto os demais membros da Legião olhavam para Thor. Ele ficou ali, vacilando. Sua lógica lhe dizia para ir para o barco; mas algo dentro dele o fazia hesitar.

Finalmente, ele caminhou até Indra.

“Venha conosco para o bote.” Disse ele. “Se não encontrarmos o que precisamos, podemos sempre voltar e seguir o seu caminho.”

Ela abanou lentamente a cabeça.

“Esse rio leva à escuridão e à morte.” Disse ela, desvencilhando-se do braço de Elden e caminhando para o bote, pisando firme. Mesmo assim, ela se juntou aos outros quando eles entraram no barco. Antes de entrar no barco, ela olhou para Thor, furiosa.

“Simplesmente esteja preparado.” Ela disse, enquanto Thor e os outros se amontoavam no barco. “Vocês estão embarcando na barca do inferno.”

*

Todos eles remavam nas águas calmas de um grande lago e Thor se perguntava se ele alguma vez acabaria. Eles haviam estado remando por horas e, finalmente, caíram em um silêncio confortável, remando em uníssono por aquele novo volume de água que parecia estender-se para sempre. Parecia um oceano, sem terra à vista, mas suas águas eram completamente paradas, sem nenhuma brisa.

Thor ainda estava tentando adaptar-se a ver seus três “irmãos” de novo; ver sua nova bondade para com ele e o que isso poderia significar para a sua missão. Se o mapa deles fosse preciso e não fosse apenas o sonho de algum ladrão desesperado, então sua aparição poderia considerar-se uma dádiva de Deus. Era exatamente o que precisavam para encontrar a espada e trazê-la de volta. Mas

as palavras da escrava ecoavam em sua cabeça e ele não podia deixar de perguntar-se, com cada remada, se eles não estariam indo para o lado errado, se os seus irmãos não estariam sendo enganados por aquele ladrão e seu mapa.

“De onde você é?” Elden perguntou a garota, ela estava sentada ao lado dele. Thor estava a apenas alguns centímetros de distância e apesar de que Elden tinha falado baixinho, ele não pôde deixar de ouvir. Elden vinha tentando aproximar-se da jovem por algum tempo, mas ela parecia distante. Thor podia ver que Elden tinha se afeiçoado a ela. Era a primeira vez que ele tinha visto Elden assim.

“De um lugar do qual você nunca ouviu falar...” Respondeu ela. “... E de um lugar ao qual você nunca vai querer ir. É apenas mais uma cidade de escravos na periferia do Império. Eles nos juntaram a todos como gado, para nos levar para a Cidade dos Escravos a cerca de um ano atrás. Mas nem todos nós fomos. Apenas eu. Minha família, eles a mataram na hora.”

Elden balançou a cabeça.

“Você não é mais uma escrava. Agora você é livre.”

Ela deu de ombros.

“O que realmente significa ser livre? Todos no Império são escravos do Império. Mostre-me um lugar onde todos são verdadeiramente livres.”

“O Anel é verdadeiramente livre.” Elden insistiu.

Ela resmungou.

“E por quanto tempo?” Ela respondeu. “Logo vocês vão ser invadidos, tal como nós e vocês vão responder ao Grande Andronicus. Assim como todos nós.”

“Nunca!” Retrucou Elden. “Você não me conhece. Você não pode dizer isso.”

Ela deu de ombros.

“Eu conheço Andronicus. Nada pode detê-lo. Nada. Nem mesmo o seu Anel, com seu Canyon e sua Espada desaparecida. Você vive num mundo de fantasia. Eu sou realista.”

“Você é cética.” Corrigiu Elden. “Você claramente perdeu seus ideais há muito tempo. Eu mesmo não. Eu nunca me tornarei um

escravo. Eu nunca vou responder a Andronicus. E o meu povo nunca vai sucumbir. Se ele fizer isso, eu vou morrer lutando com eles.”

Ela deu de ombros, sem se deixar impressionar.

“Então você vai sucumbir.” Disse ela. “Como eu disse, assim como todo mundo, de um modo ou de outro, você vai sucumbir a Andronicus.”

O barco caiu em um silêncio sombrio enquanto eles continuavam remando, penetrando cada vez mais no desconhecido; o único som que se ouvia era o das águas sendo golpeadas pelos remos.

O segundo sol se elevou ao seu ponto máximo, queimando fortemente, refletindo em tudo. O lago era como um espelho enorme, brilhante, branco, cintilando sob a luz do sol. Era como remar para o céu.

Justo quando Thor estava começando a pensar, mais uma vez, se eles estavam indo na direção certa, de repente, um som suave começou a ouvir-se no horizonte. Era tão suave, a princípio Thor se perguntou se ele não estaria apenas imaginando. Soava como música, como uma canção suave, distante, sendo cantada pela voz de uma mulher, subindo e descendo o tom. Soava como um coro de mulheres. Era o som mais doce e mais suave que Thor já tinha ouvido, ecoando pelas águas. Thor se perguntou se ele estaria sonhando.

Todos os outros, de repente, pararam de remar e olharam na mesma direção. Thor soube pela expressão dos seus rostos que ele não era o único que ouvia o som.

“A canção das Sedutoras.” Disse Indra, com medo. “Vocês devem fazer o barco dar a volta!”

“O que você quer dizer?” Perguntou Thor alarmado.

Indra parecia frenética, ela olhava em todas as direções, como se estivesse tentando sair do barco.

“Aquela ilha...” Disse ela. “... É a Ilha das Sedutoras! O propósito dessa música é atrair os transeuntes. É uma música a qual os homens não conseguem resistir. Quando eles chegam ali, eles são mortos e devorados. Vocês devem dar a volta de uma vez por todas!”

“Você não sabe do que está falando.” Disse Dross. “Nós estamos seguindo o rastro da Espada.”

Mas Thor estava começando a sentir-se invadido por uma estranha sensação, era um formigamento por todo o corpo, uma luxúria. Quanto mais ele ouvia aquela música; quanto mais eles se aproximavam, mais a sensação se intensificava, mais ele sentia a necessidade de ouvi-la. Ele nunca tinha experimentado nada assim antes, era como se seu corpo estivesse sendo consumido por um desejo ardente de ouvir a canção. Ele teria matado qualquer um, ou qualquer coisa que se interpusesse em seu caminho.

Era evidente que todos os seus companheiros de viagem, exceto Indra, sentiam o mesmo. Eles voltaram-se na direção da música, hipnotizados, eles remavam fortemente quando uma corrente repentina os pegou e puxou-os na direção da música.

Uma pequena ilha surgiu diante deles, no centro dela havia um edifício baixo e redondo, feito de mármore branco e brilhante. Nas margens da ilha, havia um grupo de mulheres que usavam vestes brancas esvoaçantes, elas tinham longos cabelos castanhos que chegavam até a cintura, cada uma delas estava inclinada para trás e com as palmas das mãos estendidas, enquanto cantavam. O coro de vozes ficou mais alto, a maré ficou mais forte e antes que pudessem perceber, Thor e os outros já estavam na borda da ilha.

O coração de Thor latejava com o desejo de estar com aquelas mulheres; ele não conseguia pensar em mais nada. Ele não podia sequer pensar em Gwendolyn. Era como se sua mente tivesse sido dominada.

“Deem a volta!” Indra gritava frenética.

Mas nada poderia detê-los agora. A corrente ficou ainda mais forte e enviou-os velozmente em direção à ilha, em poucos momentos seu barco se alojou firmemente na areia. Várias mulheres estavam esperando para puxá-lo para a terra. Elas chegaram com suas mãos longas e delicadas, cada uma segurou uma parte do barco e puxou um dos rapazes até elas.

Thor foi eletrizado pela sensação do toque de uma das mulheres quando ela tomou sua mão. Ela sorria e cantava o tempo todo enquanto o guiava para fora do barco, para a areia. Ele deixou-se

guiar por ela, incapaz de resistir e foi subindo um conjunto infindável de degraus de mármore que conduziam até a ilha. Ao lado dele, Krohn rosnava e gania e Indra gritava. Mas Thor mal podia ouvi-los, todos os sons, exceto a canção, haviam sido silenciados, haviam desaparecido. Ele caminhava com todos os seus irmãos da Legião, todos se deixavam levar pelas mulheres.

Cada um dos rapazes era guiado por uma mulher que tomava sua mão e lhe sorria docemente, enquanto lhes cantava e levava cada vez mais para o interior da ilha. Enquanto eles seguiam, Thor viu que a ilha era coberta com as mais belas árvores frutíferas que ele já tinha visto: frutas vermelhas, amarelas e laranja pendiam baixo de ramos floridos e inundavam o lugar com seus aromas delicados. Logo, também se espalhou pelo ar um delicioso aroma de comida, fazendo com que o estômago de Thor roncasse.

Thor ouviu Indra gritando e logo depois, ele viu quando ela foi amordaçada e silenciada; ele virou-se e viu quando as mulheres se lançaram sobre ela, ataram suas mãos atrás das costas e carregaram-na para longe. Uma parte de Thor queria ajudá-la, queria parar tudo aquilo. Mas uma grande parte dele estava sob um feitiço tão profundo que ele teria saltado pela borda do mundo, se aquelas mulheres o levassem até lá.

Finalmente, ele tinha encontrado seu verdadeiro lar. E ele não desejava deixá-lo nunca.

CAPÍTULO VINTE

Gwendolyn estava junto a Steffen, nas muralhas superiores do castelo, olhando para fora em busca de Kendrick, à procura de algum sinal dele no horizonte. Todos os homens ao seu redor estavam ocupados preparando as defesas finais. Ao lado dela, um grupo gemia enquanto seus homens empurravam mais um caldeirão de ferro, cheio de piche fervente para seu lugar. Centenas de arqueiros tomavam suas posições ajoelhando-se sobre as paredes com seus arcos e flechas em punho. Ao lado deles havia dezenas de assistentes, garotos que portavam tochas prontas para serem acesas.

Sobre as muralhas mais baixas, centenas de outros homens se posicionaram com longas lanças; entre eles havia também dezenas de outros com suas fundas.

Lá embaixo, no pátio interior, aglomerando-se por trás das portas, havia centenas de outros soldados, eles portavam espadas, escudos e toda arma imaginável. Seu exército crescia a cada momento que passava e Silésia estava começando a sentir-se impenetrável. Gwen estava se sentindo otimista.

Mas ela olhou de novo ao longo do horizonte e lembrou-se do que estava por vir. Ela tinha ouvido histórias de Andronicus a vida inteira; ela sabia que apesar de Silésia ter durado mil anos, desta vez seria diferente. Gwen fechou os olhos e rezou para ter a força para, pelo menos, colocar uma defesa nobre. O que tivesse de acontecer: se todos eles viveriam, ou morreriam, ela não sabia, tudo o que ela queria era que isso fosse feito de maneira honrosa.

Gwen abriu os olhos, olhou para o horizonte e começou a andar de novo. Ela estava uma pilha de nervos e o fato de ter Kendrick lá fora não ajudava. Ela não podia imaginar ter de fechar os portões para seu irmão. Era doloroso demais para sequer cogitar.

“Observar o horizonte não vai fazer com que ele venha mais rápido.” Disse Steffen.

Ela olhou ao redor, como sempre grata pela presença de Steffen. Ele havia se tornado seu pilar durante todo aquele período, ele estava sempre ao seu lado, sempre velando por ela, sempre ali para oferecer um bom conselho ou conforto. Ele era sábio muito além de sua aparência e ela o via cada vez mais como um mentor. Ele também era o único em quem ela podia confiar cegamente, ele havia salvado sua vida já por duas vezes; ela se sentia cada vez mais à vontade para compartilhar com ele até mesmo seus pensamentos mais íntimos.

“Eu não creio que eu consiga fazer isto...” Ela disse baixinho para ele. “... Fechar os portões com Kendrick lá fora.”

“Você vai ter de fazer isso.” Disse ele. “Isso é o que significa ser rainha. Colocar o país antes da família. Seu irmão é apenas um; seu povo está formado por milhares.”

Gwendolyn continuou a andar, ela sabia que ele estava certo. Ela apenas rezou para que não tivesse de ser colocada naquela posição.

Uma corneta soou e Gwen virou-se e olhou para trás, para baixo na estrada, ela se perguntava de quem seria a chegada que eles estavam anunciando. Seu coração batia mais rápido enquanto ela esperava ver Kendrick cavalgando para o portão.

Mas seu coração ficou abatido quando ela viu uma pequena caravana e percebeu que não era ele. Eram um cavalo e uma carruagem, que vinham pela estrada da Corte do Rei. Ela ficou surpresa: alguém tinha conseguido sair de lá vivo.

Ela estava ansiosa para saber as notícias. Ela desceu a escadaria de pedra em espiral até chegar ao pátio interior e empoeirado de Silésia. Steffen abriu o caminho para ela entre os soldados e ela correu para o meio quando o portão interno foi aberto lentamente.

A carruagem veio até a entrada e fez uma parada.

Vários soldados se aproximaram e abriram a porta, Gwendolyn ficou surpresa quando viu quem saiu por ela.

Ali, de pé diante dela, estava a mulher que Gwen estava certa de que nunca mais veria.

Sua mãe. A antiga rainha.

E ao lado dela, sua serva dedicada, Hafold.

A mãe de Gwendolyn olhava para ela, uma rainha olhava para a outra. Gwendolyn sentia-se dividida por uma miríade de emoções. Ela passou de estar chocada ao vê-la, para estar aliviada ao ver que ela estava viva, passou da tristeza e compaixão por seu estado de saúde, para a raiva por todas as velhas memórias. Ela também sentiu um súbito desafio: se sua mãe tinha ido até ali para tentar dizer-lhe como governar, ela não ouviria nada do que ela tivesse a dizer.

Acima de tudo, ela estava confusa. Como sua mãe, quem tinha estado tão doente, podia agora estar ali, de pé? E como ela tinha escapado da Corte do Rei?

“Mãe.” Disse Gwendolyn.

A mãe a olhou com seu rosto totalmente inexpressivo.

“Gwendolyn...” Disse ela friamente. “Eu me encontro na estranha e infeliz situação de ter de pedir a minha filha para me permitir entrar em sua corte. Desde a destruição do Corte do Rei, do único lugar que eu chamava de lar, eu encontro-me sem um teto. Um grande exército vem no meu encalço e se você me fechar os seus portões, eu vou morrer lá fora. Sem importar os sentimentos que você possa abrigar por mim, certamente essa não seria uma forma de homenagear o seu pai.”

A multidão de soldados ao redor delas ficou em silêncio e Gwendolyn sentia que todos eles estavam observando o intercâmbio entre elas. Ela respirou fundo, agitada com a mistura de emoções.

“Eu não sou vingativa, mãe.” Disse Gwendolyn. “Ao contrário da senhora, eu nunca iria deixá-la à mercê do Império. Sem importar o tipo de mãe que a senhora tem sido, é claro que a senhora será bem-vindo dentro de nossos portões.”

Sua mãe devolveu-lhe um olhar ainda inexpressivo e respondeu-lhe acenando levemente a cabeça.

“Como conseguiu se recuperar?” Perguntou Gwendolyn. “Da última vez que eu a vi, a senhora era incapaz de falar ou de se mover.”

“Eu descobri que ela tinha sido vítima de envenenamento.” Disse Hafold. “Ela estava sendo envenenada por seu filho, o Rei.”

Um suspiro indignado espalhou-se pela multidão, especialmente de parte de Gwendolyn. Ela balançou a cabeça involuntariamente.

“Então vamos colocá-la nas mãos de Illepra, nossa curandeira que está aqui conosco, ela lhe dará toda a ajuda que a senhora precisar para uma recuperação total. Seja bem-vinda aqui, mãe.”

Sua mãe assentiu com a cabeça, mas ficou onde estava.

“Ouvi dizer que agora você é a rainha.” Disse a mãe.

Gwendolyn acenou de volta, cautelosa, sem saber onde a mãe estava querendo chegar.

“É o que seu pai queria. Eu lutei contra ele. Mas agora, finalmente, vejo que foi uma decisão sábia. Talvez a sua *única* decisão sábia.”

Com isso, sua mãe se virou e passou por ela, seguida por Hafold, ela era orgulhosa demais para parar e dizer qualquer outra coisa.

Gwendolyn, sabendo como sua mãe era orgulhosa e que ela nunca lhe dirigia uma palavra gentil, entendia como havia sido difícil para ela proferir tais palavras. Ela estava emocionada. Gwen perguntou-se, pela milionésima vez, por que ela e sua mãe não poderiam ser mais achegadas.

A porta da carruagem foi aberta mais uma vez, Gwendolyn se virou e ficou surpresa ao ver Aberthol sair do outro lado e caminhar lentamente com o apoio de sua bengala, os soldados o ajudaram.

Ele se virou e caminhou com seu andar característico até Gwendolyn, sorrindo calorosamente enquanto se aproximava.

Ela deu alguns passos na direção dele e o abraçou. Seu coração se aqueceu ao ver seu antigo professor e ex-conselheiro de seu pai novamente; para ela, de alguma maneira, era como ter uma parte de seu pai ali.

“Gwendolyn, minha querida.” Ele disse lentamente com sua voz grave. “Abraçar um velho humilde como eu na frente de todos os seus novos súditos, não parece ser o mais apropriado.” Disse ele com um sorriso, enquanto se afastava. “Afim de contas, você é a rainha agora. Por essa razão, eu estou muito orgulhoso de você. Mas uma rainha deve sempre agir como uma rainha.”

Gwendolyn sorriu de volta para ele.

“É verdade...” Disse ela. “... Mas ser rainha também me dá a prerrogativa de abraçar quem eu quiser.”

Ele sorriu.

“Você sempre foi esperta demais para sua própria vantagem.” Disse ele.

“Vê-lo aqui me faz temer o pior.” Disse Gwendolyn, sombria. “Ouvi dizer que a Corte do Rei foi atacada. Mas saber que abandonou seus preciosos livros me dá a certeza de que essa triste notícia é verdadeira.”

O semblante de Aberthol caiu, ele balançou a cabeça gravemente.

“Queimados.” Disse ele. “Tudo foi queimado até o chão. Nós escapamos na noite anterior.”

O coração de Gwendolyn batia descompassado, ela estava com medo de fazer a próxima pergunta.

“E quanto à Casa dos Eruditos?” Ela finalmente perguntou. Seu coração martelou ao pensar no lugar que era uma segunda casa para ela, que era mais sagrado para ela do que qualquer coisa no mundo.

Aberthol olhou para baixo tristemente e pela primeira vez em sua vida, Gwen viu cair uma lágrima dos seus olhos.

“Não resta mais nada.” Disse ele com sua voz áspera. “Milhares de anos de história, de valor inestimável, preciosos volumes, todos incendiados pelos bárbaros.”

Apesar de si mesma, Gwendolyn gemeu; ela colocou a mão sobre o seu coração e apertou o peito.

“Tudo o que resta são apenas uns poucos volumes que eu consegui pegar antes de fugir, tudo o que podia caber na carruagem. Mil anos de história, de poesia, de filosofia, tudo isso, varrido pela destruição.”

Ele balançava a cabeça vez após vez, pesaroso.

“Nós vamos reconstruí-la.” Ela disse para ele, colocando uma mão reconfortante em seu ombro. “Um dia, nós vamos ter tudo isso de volta.”

Ela tentou parecer confiante para elevar o seu espírito, mas ela mesma sabia que as coisas nunca mais poderiam ser como antes.

Ele olhou para ela em dúvida.

“Você sabe o que está vindo por nós no horizonte?” Disse ele. “Um exército maior do que qualquer coisa que seu pai havia enfrentado.”

“Eu sei.” Disse ela. “E eu sei quem somos nós. Nós sobreviveremos. De alguma forma. E nós reconstruiremos tudo.”

Ele olhou longamente para ela com seriedade e então, finalmente assentiu.

“Seu pai escolheu bem.” Disse ele. “Muito, muito bem.”

Aberthol piscou os olhos, o seu rosto foi marcado por um milhão de rugas.

“Você se lembra da história?” Perguntou ele. “... Dos Acholemes?”

Gwen puxou pela memória, a história lentamente veio à sua mente.

“Eles enfrentaram um grande cerco.” Disse ela.

“O maior cerco de todos os anais dos MacGils...” Acrescentou Aberthol. “... Eles eram apenas cem homens e resistiram a dez mil.”

Os olhos de Gwen se arregalaram e seu coração se encheu de esperança quando ela começou a recordar a história.

“Como?” Perguntou ela.

“Eles lutaram como se fossem um só ser.” Respondeu ele.

“Batalhas nem sempre se ganham com a espada. Mais frequentemente, elas se ganham com o coração. Pela causa. O livro da Língua Antiga está repleto de histórias de uns poucos que triunfaram contra muitos.”

Ele suspirou.

“Quando você governar esses homens.” Disse ele. “Não apele para suas armas. Olhe para seus corações. Cada um é um filho, um pai, um irmão, um marido. Cada um tem uma razão para morrer, mas cada um também tem uma razão para viver. Encontre a razão para viver e você vai encontrar o seu caminho para a vitória.”

Ele começou a se afastar, quando de repente parou e olhou para ela.

“O mais importante...” Ele disse para ela. “Pergunte a si mesma: Qual é a *minha* razão de viver?”

Ela ficou ali, sozinha, as palavras dele continuaram soando em sua cabeça. Qual era a sua razão de viver?

Enquanto ponderava isso, ela percebeu que tinha duas razões. Ela se abaixou e acariciou seu ventre, em seguida, olhou para o horizonte e pensou em Thor.

Naquele momento, ela resolveu viver.

Sem importar o que tivesse de acontecer, ela viveria.

CAPÍTULO VINTE E UM

Kendrick galopava pela estrada poeirenta, Atme galopava ao seu lado; eles avançavam no horizonte que ficava cada vez mais carregado com nuvens espessas de tempestade. O céu trovejava incessantemente, ameaçando chuva. Finalmente, surgiu à distância, a aldeia sobre a qual a mulher lhes havia falado, Kendrick foi invadido por um grande alívio. A aldeia não poderia ter surgido em um melhor momento.

Eles tinham estado cavalgando por horas e a apreensão de Kendrick se intensificava, à medida que se afastavam da segurança de Silésia e se aproximavam do exército. Ele se encontrava cada vez mais perto, ali fora em algum lugar e estava vindo direto para eles. Kendrick só esperava que eles pudessem encontrar a aldeia, encontrar as crianças e voltar antes que os homens de Andronicus os alcançassem e antes que os portões de Silésia se fechassem para eles.

Kendrick sabia que aquela era uma missão imprudente. Mas ele também sabia que tal missão era a essência de quem ele era. Ele havia feito um voto para ajudar aqueles que estivessem indefesos e esse voto era sagrado para ele. Para Kendrick, isso era mais importante do que sua segurança pessoal e missões como aquelas, temerárias ou não, deviam ser aceitas. Ele tinha ouvido as histórias da brutalidade de Andronicus e sabia o que os homens deles seriam capazes de fazer com as meninas. Isso era algo que ele não poderia permitir, mesmo que tivesse que morrer lutando contra isso.

Kendrick cavalgava mais rápido, ofegante, usando toda a sua energia. Ele se reanimou quando a vila começou ficar mais nítida. Ela era como um pequeno ponto no horizonte, apenas mais uma cidade agrícola na periferia do Anel, em forma de um círculo, tal como a maioria das outras, mas ela tinha algumas dezenas de moradias e uma muralha rudimentar. Ele trocou um olhar de cumplicidade com Atme e ambos aceleraram a marcha, encorajados,

determinados a chegar ali antes de Andronicus e a resgatar as meninas.

Enquanto se aproximavam, Kendrick ouviu um estrondo distante e ao olhar ao longe, ele viu surgir um grupo formado por uma dúzia de soldados, galopando em direção à aldeia, desde outra direção. Seu coração bateu mais rápido quando ele notou que eles usavam a cor preta do Império. Eles já estavam ali. E ambos estavam dirigindo-se para a mesma cidade. Kendrick e Atme estavam muito mais perto do que eles, mas não tão perto.

A única coisa que confortou Kendrick foi o fato de que ele não viu o exército inteiro com eles; em vez disso ele viu o que parecia ser um pequeno contingente. Ele percebeu imediatamente que era uma tropa de reconhecimento, eles cavalgavam à frente para informar o exército principal. Onde quer que houvesse uma patrulha de reconhecimento, o exército principal nunca estava muito longe, ele geralmente se encontrava a apenas alguns minutos.

A urgência era ainda maior, então Kendrick gritou e esporou seu cavalo novamente, enquanto ele e Atme avançavam diretamente pelos portões da cidade. Eles desceram as ruas estreitas e olharam para todos os lados, examinando todas as casinhas humildes. Toda a cidade estava deserta, era uma cidade fantasma; os pertences dos moradores estavam espalhados por todas as ruas e era evidente que os aldeões tinham evacuado a cidade às pressas. Eles haviam atuado sabiamente. Eles sabiam o que estava por vir.

Eles cavalgavam de quadra em quadra até que finalmente Kendrick avistou uma edificação maior que as outras, com uma estrela vermelha pintada na sua fachada. A Casa dos Doentes.

Eles cavalgaram até ela e quando chegaram até a sua frente, cada um desmontou e correu através da porta aberta. Antes de entrar, Kendrick olhou por cima do ombro e viu os patrulheiros se aproximando, eles estavam a quase um minuto de distância.

Kendrick e Atme corriam pelo edifício, passando por fileiras de leitos abandonados. Por um momento, ele se perguntou se aqueles leitos não estariam realmente vagos; ele se perguntava se eles não estariam no lugar errado ou se as crianças já tinham sido transferidas para outro lugar. Ele tomou um momento para permitir

que seus olhos se ajustassem à luz e quando isso sucedeu, ele ouviu um grito suave.

Eles se viraram e puderam ver ali, no canto mais distante da sala, as duas meninas doentes, deitadas em suas camas. Eles pareciam ter talvez uns doze anos de idade. Uma delas estendeu debilmente a mão para eles.

“Ajudem-nos!” Gritou uma delas.

A outra estava tão doente que nem sequer podia levantar sua mão.

Kendrick atravessou a sala em disparada, levantou uma das garotas e colocou-a sobre seu ombro, ela estava gemendo enquanto Atme agarrava a outra. Então, eles deram a volta, correram pelo prédio, cruzaram a porta aberta e avançaram em direção aos seus cavalos.

Cada um deles montou as meninas em suas respectivas selas e preparou-se para montar seu cavalo, quando de repente, uma dúzia de soldados do Império surgiu por trás deles, investindo tão rápido como uma tempestade. Kendrick percebeu que não havia tempo. Eles teriam de lutar.

Kendrick e Atme viraram-se e apressaram para ir ao encontro deles, colocando-se entre o contingente e as meninas. Eles empunharam suas espadas com um ruído metálico e levantaram seus escudos.

O atacante líder desceu sua espada sobre Kendrick, ele levantou seu escudo e bloqueou o golpe no último segundo. Em seguida, Kendrick bloqueou um novo golpe com sua espada ao mesmo tempo em que cortava a sela do homem, fazendo-o voar de seu cavalo e desabar no chão. Outro soldado atacou balançando o seu machado direto para a cabeça de Kendrick, Kendrick abaixou-se e em seguida, apunhalou-o nas costelas, fazendo-o gritar enquanto era jogado do seu cavalo. Outro atacante veio em sua direção com uma lança, mas Kendrick girou e arrancou-a de suas mãos.

Kendrick sujeitou a lança no ombro, avançou e derrubou outro atacante de seu cavalo. Ele mandou-o pelos ares fazendo-o chocar contra outro atacante, mandando os dois para o chão. Então Kendrick puxou a lança, mirou e atirou-a; ela atravessou o ar e

matou outro atacante, perfurando sua armadura e incrustando-se em seu peito.

Kendrick, agora desarmado, estava vulnerável e não teve tempo de reagir quando outro atacante pulou do cavalo e jogou-se sobre ele, fazendo com que ambos fossem parar no chão. Eles lutavam e rolavam no chão, então o soldado sacou um punhal, levantou-o bem alto e preparou-se para cortar a garganta de Kendrick.

Kendrick pegou seu pulso no ar e o reteve ali enquanto eles se engajaram em uma luta de poder, o soldado empurrava o punhal para baixo com todas as suas forças e sorria com desdém; Kendrick mal podia manter o punhal afastado, a ponta dele estava a poucos centímetros do seu rosto.

Finalmente, Kendrick conseguiu torcer o pulso do soldado para o lado, em seguida rolou e com sua luva, deu-lhe um soco no queixo, derrubando-o de costas. Então ele deu mais um soco no homem e assim, nocauteou-o de vez.

Kendrick avistou com o canto dos olhos, mais um atacante avançando e preparando-se para chutá-lo nas costelas. Kendrick pensou rapidamente, pegou o punhal que tinha caído da mão do soldado, girou e atirou-o. O punhal deu várias voltas no ar e se alojou na garganta do atacante, detendo seu ataque no meio do caminho. Ele ficou ali, paralisado por um minuto, em seguida, tombou para o lado, morto.

Atme tinha estado ocupado também. Kendrick olhou e viu cinco dos seis soldados que o haviam atacado, mortos no chão, todos em diferentes posições, o sangue deles estava manchando a terra. Enquanto ele observava, Atme acabou com o sexto atacante, ao esquivar um golpe de espada, girar e cortar a cabeça do homem com a sua espada.

Kendrick e Atme permaneceram ali por um momento, respirando com dificuldade na calma repentina, verificando os danos que tinham causado.

“Como nos velhos tempos.” Atme disse.

Kendrick assentiu com um movimento de cabeça.

“Eu estou contente de ter tido *você* do meu lado.” Respondeu ele.

Chegou até eles o som de um coro de cornetas distantes e Kendrick sentiu um grande tremor na terra. Ele olhou para o horizonte e viu o fraco vislumbre de uma nuvem de poeira. Dessa vez, não era a poeira de uma dúzia de homens, mas a poeira de um vasto exército, o qual se estendia até onde a vista alcançava.

Os dois não perderam tempo. Eles se viraram e correram para os seus cavalos, Kendrick montou atrás da menina doente, segurando-a firmemente com um braço enquanto ela balançava frouxamente na sela. Ele agarrou as rédeas com o braço livre. Atme fez o mesmo e momentos depois, eles já estavam correndo para fora da cidade, cruzando a entrada, de volta para a estrada que levava a Silésia.

Kendrick pensou no fechamento dos portões e só esperava que não fosse tarde demais.

*

Gwendolyn se encontrava no topo de uma pequena colina em frente ao portão exterior de Silésia, esperando, observando, com o coração batendo agitado. Ela havia estado examinando o horizonte durante horas, rezando por qualquer sinal de Kendrick enquanto eles contavam as horas, os minutos, até o momento em que ela tivesse de trancar os portões.

“Majestade.” Disse Steffen enquanto permanecia de pé lealmente ao lado dela. “Vossa Majestade deve regressar para a cidade! Ficar aqui esperando por Kendrick não vai fazê-lo vir mais rápido, isso só vai prejudicar a sua segurança. Por favor, regresse para dentro de nossas muralhas.”

Gwendolyn balançou a cabeça.

“Eu não posso esperar dentro da segurança de nossas muralhas, enquanto ele arrisca sua vida lá fora.”

“Mas Majestade, seu povo precisa de sua presença. Eles se apóiam em Vossa Majestade.”

“Eles também me veem como um exemplo a seguir.” Disse ela. “... Um exemplo de destemor. Na guerra, isso tem mérito, também.”

“Bem, então se Vossa Majestade não vai voltar para dentro, eu tampouco voltarei.” Disse ele.

Steffen ficou em silêncio, os dois permaneceram ali e continuaram observando.

Gwendolyn sabia que ele estava certo; sabia que era apenas uma questão de tempo até que ela tivesse de dar a ordem para que os portões exteriores fossem selados. Seu coração estava partindo dentro do peito.

Ela começou a detectar um estrondo distante e seu coração pulou do peito quando ela olhou e viu todo o horizonte coberto de preto. Eram as tropas mais numerosas que ela tinha visto em sua vida, elas se espalhavam diante dela, milhares e milhares de tropas que pareciam estender-se por todo o mundo. Em seu centro cavalgavam duas dezenas de porta-bandeiras, ondulando as cores do Império bem alto sobre suas cabeças. Eles tocavam centenas de trombetas.

“Majestade, nosso tempo está acabando!” Gritou Srog cavalgando enquanto aproximava-se dela com uma dezena de tropas. “Temos de selar os portões!”

Gwen olhou por cima do ombro e viu seus homens, centenas deles, preparando-se, tomando posições, espalhando-se ansiosamente ao longo dos parapeitos. Então ela se virou e olhou para o horizonte. Ela estava mergulhando na realidade: finalmente, ali estava Andronicus. E, no entanto, ainda assim, não havia nenhum sinal de Kendrick e Atme. Seu coração se apertou no peito. E se ele tivesse sido assassinado? Ela nunca tinha ouvido falar de nenhuma derrota dele. Como poderia ser? Kendrick era o seu melhor cavaleiro. Se ele tivesse sido morto, então que esperança havia para qualquer um deles?

Gwen se amaldiçoou por permitir que ele fosse. Ela deveria tê-lo ordenado a ficar ali. Ela apreciava o fato de que ele vivesse por seu voto de honra, mas, nesse caso, o seu cavalheirismo o levaria à morte.

“Vossa Majestade já não pode ficar mais aqui!” Steffen gritou e ela podia ouvir o nervosismo na voz dele.

Gwendolyn sabia que a hora havia chegado. O exército estava se aproximando e em poucos instantes ela não teria a chance de entrar nas muralhas de sua própria cidade. Mas ela não tinha coragem de entrar. Não até que ela tivesse certeza de que seu irmão não regressaria.

“Majestade! ” Brom pediu, ao lado de Srog. “Se esperarmos mais, os nossos homens morrerão!”

De repente, uma pequena nuvem de poeira chamou a atenção de Gwendolyn; ela virou-se para o lado e seu coração estava feliz por voltar a ver em uma pequena rua lateral, Kendrick e Atme cavalgando, carregando as duas meninas em seus cavalos. Eles galopavam em direção a Silésia, ultrapassando o exército. Eles cavalgavam mais rápido e estavam mais perto, tinham uma boa centena de metros de vantagem. O coração de Gwen regozijou-se ao vê-los vivos novamente.

Eles tinham conseguido. Ela mal podia acreditar. Eles tinham conseguido!

Gwendolyn sentiu que um peso enorme era tirado de seus ombros. Ela se virou, montou seu cavalo e começou cavalgar de volta para os portões abertos de Silésia, acompanhada por Steffen, Srog, Brom e dezenas de soldados. Enquanto todos prosseguiram, mais e mais tropas, que esperavam pacientemente por Gwen foram juntando-se a eles e todos eles correram para os portões exteriores. Quando eles chegaram lá, dezenas de homens os aguardavam. Logo eles começaram a fechar os enormes portões de ferro a partir de ambos os lados.

Eles passaram por ele justo a tempo, o portão ficou com uma abertura estreita e apenas o suficiente para permitir-lhes a passagem e depois que eles cruzaram o portão, Kendrick e Atme, a poucos metros atrás, entraram correndo. Assim que eles ingressaram, ouviu-se o ruído do metal dos portões fechando-se com violência atrás deles.

Eles continuaram cavalgando através dos portões interiores e quando passaram por eles, um segundo portão de estacas de ferro, bateu com força atrás deles.

Gwendolyn correu para o pátio interno, todos os milhares de soldados ao seu redor correram para suas posições, o caos se instalou em todos os lugares, havia uma energia frenética no ar, a ansiedade era palpável.

“TOQUEM O ALARME!” Gritou ela e assim que ela fez isso, um coro de cornetas irrompeu ao seu redor.

Os cidadãos correram para suas casas e barraram suas janelas e portas. O pátio foi completamente esvaziado. Uma vez no interior da cidade, a maioria correu para as janelas superiores, abrindo apenas uma fresta, para poder olhar para a praça e poder empunhar e disparar seus arcos e flechas. Gwen sabia que cada cidadão de Silésia: homem; mulher e criança estava preparado para se juntar e lutar até a morte.

Seu coração ficou cheio de alívio quando Kendrick e Atme vieram cavalgando até ela e entregaram as crianças doentes para a mãe, quem as abraçou soluçando com lágrimas de alegria. A mulher agarrou a perna de Kendrick.

“Muito obrigada.” Disse ela. “Eu jamais poderei agradecer-lhe o suficiente.”

Gwendolyn e Kendrick desmontaram de seus cavalos e se abraçaram.

“Você está vivo.” Disse ela por cima do ombro, sentindo-se tão feliz enquanto desejava que Thor também tivesse o mesmo destino. “E você salvou suas vidas.”

Kendrick sorriu.

“Ainda existem muitas mais para salvar.” Ele respondeu.

Gwen não teve tempo de responder, porque, de repente, todos ouviram uma batida horrível contra o portão externo, foi uma batida tão feroz que abalou toda a cidade.

Kendrick tomou sua posição com o resto do Exército Prata, enquanto Gwendolyn corria seguida por Steffen, até os degraus de pedra em espiral para chegar ao topo do parapeito interior, a fim de obter uma melhor vista.

Quando Gwen olhou para baixo ouviu-se outro tremendo golpe, ela ficou chocada com o que viu: o exército de Andronicus se aglomerava do lado de fora da cidade e dezenas de soldados, investiam em massa, golpeando seus escudos contra o portão externo e forçando-o com os seus ombros.

Isso tudo era apenas o prelúdio: os homens se afastaram e logo se viu avançando na direção deles um longo e grosso aríete de ferro sobre rodas, ele era tripulado por duas dezenas de homens. Eles correram para a frente, ganharam força e Gwendolyn assistiu

horrorizada quando eles golpearam o portão exterior, amassando-o, sacudindo as muralhas e derrubando algumas pedras ao seu redor.

“Estamos aguardando suas ordens!” Disse Srog, colocando-se ao lado dela.

“AGORA!” Disse ela.

“ARQUEIROS!” Gritou Srog.

Os arqueiros, distribuídos em toda a extensão dos parapeitos, retesaram seus arcos e se colocaram em cada brecha existente nas paredes de pedra, eles apontavam para o alvo que se encontrava bem abaixo deles.

“DISPARAR!”

O céu ficou negro com a chuva de flechas, milhares delas atravessaram o ar e encontraram seus alvos logo abaixo, nos soldados do Império que se encontravam expostos.

Ouviram-se os gritos de dezenas de soldados do Império ao tombar no chão, mortos.

Mas o exército Andronicus era bem disciplinado: centenas de soldados se ajoelharam, alinharam-se em fileiras perfeitas e dispararam de volta, por cima das muralhas.

Gwendolyn ficou ali, espantada, era a primeira vez que se encontrava no meio de uma batalha real e ela nem sequer sabia como reagir. Ela sentiu uma mão forte agarrar sua blusa e puxá-la para baixo, golpeando-a contra a pedra. Ela sentiu o vento produzido por uma flecha que voou pelo ar, a escassos centímetros de sua cabeça, então ela olhou e viu Steffen deitado no chão ao lado dela. Ela ficou lá, com o coração batendo, percebendo o quão estúpida tinha sido por não ter se abaixado mais rápido, como todos os outros homens ao seu redor haviam feito. Steffen, mais uma vez, tinha salvado sua vida.

Nem todo mundo tinha sido tão afortunado. Um jovem, talvez apenas um pouco mais velho do que Thor, estava a poucos metros de distância dela, ele olhava para os homens, como se estivesse em estado de choque, uma flecha atravessava sua garganta. Ele permaneceu de pé mais um segundo, em seguida, tombou sobre a borda do parapeito e caiu de uma altura de quinze metros, sobre a pilha de corpos mais abaixo.

“ARQUEIROS!” Gritou Srog mais uma vez.

Mais uma vez, os silesianos entesaram seus arcos e dispararam contra o Império.

Mais gritos soaram e mais tropas do Império caíram.

Mas logo vinha outra torrente de volta.

A batalha se intensificou e as flechas voavam pelos ares em todas as direções, o Império sofreu o maior número de baixas, enquanto a maioria dos silesianos foi poupada, já que havia sido capaz de se esconder detrás das grossas muralhas de pedra. Mas à medida que a batalha continuava, mais e mais silesianos eram mortos enquanto disparavam. Havia talvez uma dúzia de soldados silesianos mortos, em comparação com as centenas de soldados do Império, mas os silesianos tinham menos homens na reserva.

Tudo estava acontecendo tão rápido, Gwen mal podia processar. Tudo tinha ido de absolutamente nada, de dias de espera e calma sem fim, para uma batalha feroz, súbita.

O Império avançou mais uma vez na direção do portão usando o aríete, o portão ficou ainda mais amassado e a terra tremeu quando ele foi golpeado com um estrondo.

Kendrick deu um passo adiante, reunindo o Exército Prata.

“CALDEIRÕES!” Gritou ele.

Kendrick e Atme correram lado a lado, junto com uma dúzia de soldados do Exército Prata, juntos eles içaram um enorme caldeirão de ferro ao longo da borda do muro. Momentos depois, o piche fervente jorrou sobre a borda, caindo sobre os soldados que manejavam o aríete. Em perfeita harmonia, uma dezena de homens do Exército Prata se inclinou com seus arcos e flechas em chamas e disparou.

Uma gritaria eclodiu quando os soldados arderam em chamas, eles se detiveram justo antes que tivessem tempo de golpear o portão novamente.

Mas, em poucos instantes, dezenas de novas tropas simplesmente empurraram os soldados em chamas para fora do caminho e tomaram o controle do aríete.

Gwen foi atingida por um sentimento de desespero. O número de soldados do Império parecia infundável e sem importar quantos eles

matassem, seus esforços pareciam inúteis. Para cada cem homens que morriam, duzentos mais apareciam. Durante todo tempo, o horizonte simplesmente continuou cobrir-se com eles até onde a vista alcançava: fila após fila; divisão após divisão; todos se aglomeravam como um milhão de formigas operárias. A morte de várias centenas de soldados do Império não havia reduzido em nada suas forças.

No entanto, do lado dos silesianos, cada morte produzia um impacto. Eles estavam lutando tremendamente bem em todos os aspectos, resistindo a um enorme exército com uma fração dos homens e ainda assim, eles sentiam cada perda. Gwen viu suas fileiras começarem a reduzir-se, viu suas munições diminuir.

Era óbvio que Andronicus não tinha respeito pela vida, que ele simplesmente continuaria a enviar seus homens para a morte, sem pensar duas vezes. Parecia até mesmo que aquela era sua estratégia: continuar proporcionando tantos de seus próprios homens como fosse possível, até que os silesianos ficassem sem flechas, sem piche e sem lanças. Em breve, eles ficariam desprovidos de munição. Lutar contra qualquer outro comandante teria dado ao silesianos uma chance; mas que chance havia ao lutar contra Andronicus, lutar contra um homem que nem sequer se preocupava com o seu próprio povo? Gwen se perguntou. Ele seria impiedoso ao ponto de sacrificar milhares de seu próprio povo, sem vacilar sequer um segundo?

Enquanto Gwen assistia a um soldado após outro ir ao encontro de sua morte ali embaixo, ela se convenceu de que ele era.

Antes que ela pudesse terminar esse pensamento, ela vislumbrou com o canto do olho, algo que vinha voando em sua direção e dessa vez ela abaixou-se a tempo. Uma enorme rocha flamejante passou a poucos centímetros acima de sua cabeça. A rocha subiu pelo ar, ao longo dos parapeitos e caiu dentro da cidade, impactando profundamente no solo como um cometa em chamas e caindo com tanta força que fez o chão tremer. Depois que aterrou continuou a rolar, parando apenas depois de bater em uma parede de pedra e provocar uma explosão de fogo e chamas.

De repente, dezenas daquelas rochas ardentes subiram pelo ar, uma delas impactou contra o muro de pedra perto de sua cabeça. Gwen ficou de quatro, espiou por uma fresta e viu que uma linha de catapultas tinha sido levada para a frente. Elas estavam sendo carregadas por dezenas de soldados, eles colocavam as pedras, ateavam-lhes fogo com algum tipo de líquido, retesavam as cordas e depois as cortavam para poder disparar.

O chão e as paredes ao redor tremiam enquanto as rochas voavam pelo ar como flechas; os gritos se ouviam por todas as partes e dezenas de seus homens morreram.

“DISPARAR CONTRA AS CATAPULTAS!” Gwen gritou. “Apontem para os homens que as estão controlando!”

Suas ordens foram gritadas e repetidas para todas as fileiras ao longo dos parapeitos, logo todos os arqueiros desviaram a atenção das tropas que equipavam os aríetes e apontaram para aquelas que equipavam as catapultas. Uma chuva de flechas deslocou-se na direção delas, ferindo e matando a maioria dos soldados.

Mas a medida deve ter sido antecipada pelos homens de Andronicus, porque assim que os arqueiros de Gwen se levantaram e dispararam, ficando totalmente expostos, eles receberam os disparos de dezenas de lanças que atravessaram o ar e perfuraram seus corpos. Gwen ficou horrorizada ao ver a cena. Os gritos dos soldados se elevavam enquanto seus corpos despencavam sobre a borda, para logo impactar no chão mais abaixo.

“Eu quero me juntar!” Ouviu-se um grito. “Eu quero me unir à luta!”

Gwendolyn se virou e ficou chocada ao ver seu irmão Godfrey se aproximando, ele respirava com dificuldade e estava um pouco acima do peso, bufando e ofegando em sua armadura de pano, com o rosto vermelho devido ao esforço e os olhos arregalados de medo.

“Abaixe-se!” Ela gritou. Steffen puxou Godfrey para baixo justo a tempo, quando uma lança passou voando sobre a cabeça dele.

“Eu quero lutar!” Gritou ele. “Por favor! Dê-me um posto!”

Gwendolyn olhou para Kendrick, quem acenou de volta.

“Você pode se juntar aos meus homens.” Disse Kendrick. “Você alguma vez usou um arco?”

“Claro!” Godfrey disse. “Nosso pai me fez tomar lições.”

“Mas você se lembra de como disparar?” Kendrick insistiu.

Godfrey, o fitou com os olhos arregalados, tremendo.

“Eu acho que sim.” Disse ele.

“Tome este.” Disse Kendrick, estendendo a mão e entregando-lhe um arco de reposição e uma aljava cheia de flechas. “... E assumo um posto ao longo deste muro com os arqueiros. Fique abaixado e não se exponha. Aguarde o meu comando!”

Godfrey fez tal como lhe foi dito, ele apressou-se e tomou posição, ele ajoelhou-se e com as mãos trêmulas tomou uma flecha da aljava e armou o arco. Ele estava tão nervoso que se atrapalhou e deixou cair a aljava, esparramando todas as flechas no chão.

Mas logo ele recuperou-se, carregou uma flecha e levantou a cabeça por um momento sobre a muralha de pedra. Uma flecha passou muito perto dele e por pouco não o atingiu. Ele abaixou-se de volta, tremendo.

“Eu disse para ficar abaixado!” Kendrick gritou-lhe.

“Desculpe.” Disse Godfrey. Parecia que ele estava a ponto de chorar.

“Não se entregue ao medo.” Kendrick instou. “Respire fundo. Mantenha-se sempre abaixado.”

Godfrey fechou os olhos e respirou fundo, várias vezes.

“ARQUEIROS!” Gritou Kendrick. “DISPARAR!”

Godfrey abriu os olhos, mirou através de uma fenda na parede, puxou o arco de volta com as mãos trêmulas e disparou. Ele ficou observando através da fenda na parede.

Seu semblante caiu quando ele percebeu que havia errado o alvo.

Mas depois ele colocou outra flecha na corda, dessa vez suas mãos estavam um pouco mais firmes, então ele ajoelhou-se, mirou com cuidado e disparou.

“Eu acertei um soldado!” Gritou ele, triunfante. “Eu não posso acreditar! Eu realmente o acertei!”

Gwen ficou emocionada ao ver Godfrey fora das tavernas, lutando ao seu lado. Ela estava tão orgulhosa dele.

Do outro lado de Gwen, a uma curta distância, estava o seu cunhado, Bronson, ele vinha lutando nobremente com os outros,

mesmo com apenas uma mão. Ele havia encontrado uma maneira de atirar uma flecha após outra nos homens de Andronicus e havia abatido muitos deles. Luanda estava em algum lugar, escondida, em segurança, dentro da cidade baixa, o que para Gwen não era nenhuma surpresa.

O único que estava faltando, para tristeza de Gwen, era Thor.

De repente ouviu-se um barulho estranho, um rangido alto; Gwen esticou o pescoço e olhou através das fendas do muro de pedra para ver o que ocorria. Seu coração foi parar no estômago.

Um grande número de soldados do Império havia se agrupado e organizado para abrir caminho. Dezenas de homens empurravam carros de guerra na lama, no teto dos carros havia uma pilha de escadas de madeira, bastante altas. Devia haver uma centena delas. Os soldados empurravam os carros para cada vez mais perto da muralha externa.

“TOCHAS!” Gritou Kendrick.

Os soldados e seus assistentes, os quais estavam em seus postos em toda a extensão dos parapeitos, acenderam as tochas.

“ESPEREM!” Gritou Kendrick.

Todos esperaram, o rangido dos carros ficava cada vez mais alto, o coração de Gwen estava batendo descompassado enquanto a enorme quantidade de escadas vinha aproximando-se. Elas estavam a poucos metros de distância, com cada pulsação Gwen sentia a urgência de gritar para os soldados empregarem as tochas. Mas ela delegou essa tarefa para Kendrick, permitindo que ele, um veterano de guerra, comandasse seus homens.

Gwen esperou por um bom tempo, enquanto observava as escadas serem inclinadas contra a sua muralha. Gotas de suor brotavam de sua testa.

“AGORA!” Kendrick finalmente deu a ordem.

Os silesianos se levantaram com um grande grito, inclinaram-se e incendiaram as escadas. Elas começaram a queimar, uma por uma.

Mas nem todos os silesianos foram bem sucedidos: vários deles tiveram seu peito, seus olhos e suas gargantas atingidos por flechas, enquanto estavam em seus postos; outros foram mortos por lanças e dardos. Gwen assistia com horror enquanto dezenas de seus

homens tombavam sobre a borda, precipitando-se no vazio em meio a um coro de gritos.

Muitas escadas estavam em chamas, mas muitos soldados também tinham conseguido chegar às muralhas, elas já se encontravam repletas de soldados do Império que se moviam freneticamente.

Os silesianos entraram em ação, liderados por Kendrick, eles corriam para as escadas mais próximas, levantavam seu machado e com ele golpeavam e cortavam as escadas, fazendo com que elas desmoronassem e derrubassem todos os seus ocupantes no chão.

Mas Kendrick pagou caro por isso: ele gritou de dor quando uma flecha perfurou seu bíceps, o sangue esguichou por todas as partes. Ele estendeu a mão e arrancou a flecha com outro grande grito.

Seu assistente não teve tanta sorte; uma flecha perfurou sua garganta e ele caiu no chão, morto.

Soldados corriam para cima e para baixo nos parapeitos, para chegar ao número cada vez maior de escadas e tentar afastá-las. Godfrey, para seu crédito, se levantou e correu até uma delas, dando o seu primeiro grito de guerra; parecia que ele tinha superado um grande obstáculo dentro de si. Enquanto ele se aproximava, um soldado do Império estava quase chegando ao topo e prestes a subir na muralha, Godfrey avançou e o atravessou com sua lança.

O soldado do Império gritou, ele fitou Godfrey com o olhar perdido e Godfrey devolveu-lhe o olhar, igualmente chocado. O soldado vacilou por um momento e então começou a cair para trás. Mas antes de cair, ele estendeu a mão, agarrou Godfrey pela camisa e puxou-o para trás, junto com ele.

Godfrey gritou quando foi puxado para borda. Ele estendeu a mão no último segundo e agarrou uma pedra, segurando-se antes de cair. Ele estava lutando com todas as forças, mas sua mão estava escorregando. Gwendolyn viu que ele estava prestes a morrer.

Gwendolyn, sem hesitar, entrou em ação. Ela correu para a frente, pegou uma espada que estava esquecida no chão e cujo punho estava ensanguentado, e então, justo antes que seu irmão se

soltasse, Gwen avançou, levantou a espada e cortou a mão do soldado que estava agarrando Godfrey.

O soldado deu um grito e caiu para trás derrubando a escada e levando vários homens com ele. Godfrey, uma vez livre do aperto do soldado, cambaleou para trás e olhou para Gwen com os olhos arregalados, em choque.

“A escada!” Gritou ela.

Ela correu e pegou uma ponta da escada, logo Godfrey reagiu e pegou a outra. Steffen, bem atrás dela, veio para o meio. Os três juntaram forças e empurraram a escada para longe da parede, derrubando-a violentamente no chão.

Mas havia muitas escadas e o número de homens não era suficiente para que pudessem distribuir-se por todas as partes; o primeiro grupo de soldados do Império saltou sobre os parapeitos e logo os parapeitos ficaram cheios deles. O coração de Gwendolyn batia descompassado enquanto ela via os homens do Império correndo em direção a ela, provindo de todas as direções.

“ESPADAS!” Srog gritou para seus homens.

Os soldados ao redor de Gwen iniciaram um combate corpo a corpo, mantendo seus homens ocupados e forçando-os a abandonar o ataque aos soldados abaixo. Isso permitiu aos homens do Império estivessem livres para concentrar-se mais uma vez em forçar os portões de ferro das defesas exteriores. Vez após vez, o aríete sacudia as paredes, sua força era suficiente para fazer com que Gwen e os demais cambaleassem.

Os portões estavam repletos de enormes amassaduras e já estavam começando a ceder.

“Majestade, nós temos de levá-la para dentro, para um lugar seguro!” Steffen gritou desesperado.

Mas Gwendolyn não queria deixar seus homens; ela estava prestes a olhar por cima do muro, para avaliar o dano que estava sendo feito aos portões, quando de repente um soldado do Império saltou sobre a varanda ao lado dela, ele estendeu a mão e a esbofeteou, fazendo com que ela fosse jogada para trás. O mundo de Gwen encheu-se choque e de dor quando ela cambaleou ao sentir o ardor do golpe em seu rosto.

Então o soldado se lançou sobre ela; Gwendolyn rolou para fora do caminho no último segundo e o soldado em vez de dar um soco nela, acabou socando a parede de pedra. Gwen desembainhou um punhal de seu cinto, virou-se e apunhalou o soldado na nuca. O corpo dele amoleceu imediatamente.

Gwen estava atordoada; ela mal podia acreditar que tinha acabado de matar um homem. Isso a deixou doente. Ela estava tremendo por dentro.

Mas Gwendolyn não teve tempo para considerar isso: outro soldado aproximou-se e apontou sua espada diretamente para o rosto dela. Ela não teve tempo de reagir, então se preparou, levantando as mãos para a morte iminente.

No último segundo, ouviu-se um grande estrondo. Gwen abriu os olhos e viu Steffen ao seu lado bloqueando o golpe que por poucos centímetros não a havia atingido, com sua espada. Steffen lutava bravamente para afastar a espada dela. Gwendolyn rolou para fora do caminho, pegou um escudo que estava jogado no chão, virou-se e com ele golpeou um lado da cabeça do soldado. Então Steffen o chutou, ficou de pé de um salto e apunhalou o homem na garganta.

Gwen virou-se e viu um soldado levantar uma lança e descê-la em direção às costas de Steffen. Ela deu um pulo para a frente e empurrou Steffen para fora do caminho, salvando-o, mas logo, ela viu horrorizada e impotente, que a lança que antes estava dirigida a Steffen, agora vinha descendo sobre ela.

Ouviu-se um som similar ao da madeira sendo cortada, Gwen olhou para cima e viu Godfrey de pé acima dela, de espada na mão, ele havia acabado de cortar a lança do atacante, antes que ele pudesse feri-la.

Godfrey ficou ali, olhando espantada para o que ele tinha acabado de fazer. O soldado se virou para ele, puxou uma espada curta e estava prestes a feri-lo. Godfrey ficou ali, atordoado, incapaz de reagir a tempo.

Antes que o soldado pudesse completar o seu ataque, ele gritou e cambaleou para a frente; Kendrick, quem estava logo atrás, havia acabado de atravessar as costas do homem com uma lança.

Steffen se virou ao perceber o que tinha acontecido e olhou para Gwendolyn.

“Agora eu *lhe devo* a minha vida, Majestade.”

Ouviu-se outro grande estrondo, mais alto do que qualquer outro que já haviam ouvido antes, as paredes tremeram e logo o estrondo foi seguido pelos enormes gritos de alegria proferidos pelos homens do Império.

Gwendolyn olhou para baixo e viu aterrorizada que o portão externo tinha sido derrubado. Tudo havia sucedido muito rapidamente, apesar de todas as suas defesas, o portão havia cedido.

Centenas e centenas de soldados do Império estavam mortos, mas isso não tinha tido o mínimo efeito em suas forças. Ela olhou para o horizonte e viu as hordas do mundo diante deles e mais delas chegando a cada segundo. Abaixo deles, dezenas de soldados do Império irromperam pelas portas, com um grito.

“Retirem-se para a muralha interna!” Gwen gritou.

Suas ordens foram repetidas de ponta a ponta entre as fileiras e seus homens se retiraram através das passarelas de madeira estreitas, elevadas a uma altura de quinze metros, para as muralhas internas.

Quando todos chegaram às muralhas internas, se voltaram e seguiram as instruções recebidas anteriormente. Eles romperam as passarelas de madeira atrás de si, fazendo com que todos os soldados do Império que os estavam perseguindo desabassem para encontrar a morte mais abaixo. Os soldados do Império que conseguiram escalar as paredes estavam encalhados na primeira linha de parapeitos e estavam impossibilitados de prosseguir. Eles estavam presos. Tudo havia funcionado, exatamente como haviam praticado.

Lá em baixo, os soldados do Império estavam ingressando, eles se dirigiam rapidamente para o portão interior, a linha final de defesa da cidade. Mas, em sua pressa, eles não tiveram o cuidado de olhar o suficiente para o chão; se eles tivessem feito isso, teriam visto que era uma armadilha, uma falsa cobertura, sob a qual havia um fosso cheio de água.

Todos eles caíram e mergulharam na água, debatendo-se.

No entanto, nem mesmo isso poderia detê-los: mais e mais soldados do Império, seguiam incansavelmente para a frente, espalhando-se, pisando sem piedade sobre as cabeças de seus companheiros na água, esmagando-os e afogando-os sob a água, sem se importar. A diferença da maioria dos comandantes, Andronicus não iria parar e tomar o tempo para construir uma ponte: ele sacrificaria seus homens e com seus cadáveres construiria a sua própria ponte humana.

Infelizmente, isso deu resultado. Os corpos formaram uma ponte humana, sobre a qual o resto dos soldados poderia avançar.

“ARQUEIROS!” Gritou Kendrick.

Dezenas de silesianos prepararam seus arcos com flechas, as quais eram acesas por seus assistentes. Gwen olhou para a fina camada de óleo que eles haviam espalhado sobre as águas e rezou para que isso funcionasse.

“DISPAREM!” Gritou Kendrick.

Eles atiraram as flechas ardentes nas águas e logo depois disso, uma grande chama se espalhou por toda sua superfície. Ouviram-se os gritos, e em seguida, se sentiu o terrível cheiro de carne queimada, enquanto os homens abaixo eram queimados vivos.

Parecia haver pelo menos mil homens mortos amontoados entre as muralhas. Isso teria sido suficiente para deter qualquer outro exército, para terminar qualquer outro cerco.

Mas aquele não era um exército qualquer.

Os homens de Andronicus eram ilimitados e eram tão fiéis como cães. Inacreditavelmente, mais e mais homens chegavam. Eles continuavam a atacar, sem se importar com suas próprias vidas, avançando direto para as chamas e passando pelos corpos queimados.

Enquanto aqueles homens morriam, outros homens avançavam cada vez mais.

Os corpos dos soldados absorveram as chamas e logo já não havia outra maneira de detê-los. Os homens de Gwendolyn disparavam para baixo usando tudo o que lhes restava. Mas, depois

de mais uma hora, eles já tinham esgotado quase todas as suas munições.

Os homens de Andronicus ainda continuavam chegando.

Finalmente, os homens do Império avançaram com outro aríete, enquanto passavam diretamente sobre os corpos de seus próprios homens e com um grande impulso, eles o lançaram contra o portão de ferro interno.

A parede inteira tremeu e Gwendolyn tropeçou e caiu. Abaixo dela, metade do portão já estava desprendida de suas dobradiças.

Antes que Gwen e seus homens pudessem se reagrupar, o aríete golpeou de novo e com seu grande impacto, derrubou o portão interior.

Os homens de Andronicus deram gritos de alegria e momentos depois, todos eles entraram correndo pelo pátio interior.

Gwen e seus homens trocaram um olhar horrorizado. Os homens do Império haviam entrado.

Agora, não havia nada que pudesse detê-los.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Thor andava de mãos dadas com a mulher de vestes brancas enquanto era conduzido através da pequena ilha, ele estava em transe. Ao lado dele, seus irmãos da Legião eram conduzidos por outras mulheres. Eles passaram por uma entrada baixa em forma de arco e entraram em um prédio redondo e branco no centro da ilha. Ao cruzar o edifício, Thor se encontrou em um pátio circular, aberto ao ar livre, havia ali um belo pomar de frutas exóticas e o solo do pátio estava coberto pela relva. Ele tentava compreender o que estava acontecendo, mas não estava em seu juízo perfeito. Ele queria resistir, mas enquanto a mulher o levava, ele estava totalmente vulnerável ao seu toque, à sensação de sua pele, ao cheiro do seu cabelo. Ela era inebriante.

Primeiro que tudo estava o som daquela música que nunca parava de tocar em seus ouvidos, ela o atraía e sob o efeito dela, ele seria capaz de fazer qualquer coisa que a mulher desejasse. Uma parte dele sabia vagamente que ele não deveria estar ali, sabia que ele deveria estar pensando apenas em Gwendolyn; pensando em sua terra; em sua missão. Ele deveria estar com a mente posta em um milhão de outras coisas, em qualquer coisa, menos naquele lugar. Menos ainda, naquela mulher.

No entanto, por mais que tentasse, ele não podia recuperar o controle de sua mente. A música afogava todos os pensamentos.

A mulher levou-o até uma rede e deitou-o suavemente sobre ela. Ele se inclinou para trás e balançou levemente, então ele olhou para cima e viu as longas folhas estreitas de uma árvore frutífera balouçando ao vento. Mais além, ele viu o céu e as nuvens flutuando lentamente sobre ele.

Thor sentiu-se relaxar tão profundamente, que teve a sensação de que jamais poderia levantar-se de novo.

“Você é um grande e corajoso guerreiro.” Sussurrou a mulher. Ela ajoelhou-se ao lado de Thor e passou as suas mãos suaves pelo cabelo e sobre os olhos dele. O som da voz dela o eletrizava.

Quando ele sentiu o toque da pele dela em suas pálpebras, elas ficaram pesadas e começaram a fechar-se.

“Quem é você?” Ele conseguiu perguntar com voz rouca.

“Eu sou todo mundo e ao mesmo tempo eu não sou ninguém.” Respondeu ela. “Eu sou sua maior fantasia e seu pior pesadelo.”

Ao ouvir as palavras finais da mulher, Thor sentiu uma sensação de alarme. Uma parte dele lhe instava com urgência a libertar-se daquele lugar, a libertar-se das mãos daquela mulher, enquanto ele ainda tinha chance.

Mas ele estava muito hipnotizado: ele não podia fazer com que seu corpo seguisse sua mente, a qual estava dominada pelo pensamento naquela mulher.

Quando ela terminou de falar, Thor sentiu uma corda grossa começar a enrolar-se em torno dele, uma e outra vez; ela enroscava-se ao redor de seus ombros, braços, tronco e pernas, prendendo-o à rede como se ele fosse um peixe sendo arrastado do mar. Ele abriu os olhos e viu que estava completamente amarrado, dos pés à cabeça, ele estava totalmente impossibilitado de mover-se, mesmo que quisesse.

A mulher estava de pé acima dele e olhava para baixo, sorrindo; Thor, confuso, olhou em volta e viu que todos os seus irmãos da Legião também estavam presos nas redes.

“Bravo guerreiro.” Ela sussurrou para ele. “Seus dias estão contados. Agora você vai ser a comida de um banquete. Um banquete para nós.”

Uma fogueira foi acesa no centro do pátio e duas servas apareceram por uma porta lateral, carregando um homem Thor que não conhecia, ele também estava amarrado com cordas. O homem foi colocado entre duas longas varas e as servas o levaram para mais perto das chamas.

“Não, por favor, não!” O homem gritava com os olhos arregalados de terror.

As servas continuaram levando o homem enquanto ele gritava todo o tempo, logo elas o içaram e o colocaram sobre as chamas, apoiando as varas em forquilhas como se ele fosse um animal em

um espeto. Ele gritava sem parar enquanto elas o assavam girando-o lentamente sobre o fogo, vez após vez.

Thor tentou desviar o olhar, mas ele não podia.

Após alguns minutos, depois que os gritos pararam, as mulheres finalmente tiraram o corpo do homem do fogo, ele estava completamente escuro. As mulheres o levaram até uma enorme mesa de banquete feita de mármore e o colocaram sobre ela.

“Acho que aquele ali deve ser o próximo que vamos assar.” Disse uma das mulheres, apontando para Thor.

Mais duas servas caminharam em direção a Thor carregando outra vara, elas a baixaram, preparando-se para atá-lo.

Krohn, quem estava espreitando nas sombras, de repente saltou para a frente rosnando e afundou suas presas na garganta de uma das servas. Ela caiu e gritou quando Krohn a imobilizou no chão, ele ficou de pé sobre ela enquanto apoiava suas quatro patas sobre o seu peito. Krohn a manteve presa contra chão até que ela parou de se mover.

Krohn em seguida virou-se e lançou-se sobre a outra serva, ela tentou fugir. Porém ele afundou suas presas em seu tornozelo e a derrubou, imediatamente ele lançou-se sobre ela e fechou suas poderosas mandíbulas sobre a sua nuca, matando-a instantaneamente.

Uma das mulheres tomou uma lança ardente e espetou-a em Krohn. Ele ganiu quando a lança atingiu sua perna direita traseira, deixando uma marca de queimadura desagradável em sua coxa. Mas ele em seguida virou-se, saltou no ar e mordeu a mão da mulher; ela deu um grito e deixou cair a lança no chão.

As outras mulheres convergiram em torno de Krohn, ele se colocou diante de Thor e não deixava que ninguém chegasse perto dele. Krohn rosnava para as mulheres que vinham aproximando-se com lanças. Todas elas apontavam para ele.

“Krohn, aqui!” Gritou Indra.

Krohn se virou e saiu correndo ao redor do pátio circular, ele ia esquivando-se das lanças, enquanto corria para Indra, quem estava estirada no chão e atada pelos pulsos e tornozelos.

“Krohn, corte as cordas!” Gritou ela.

Krohn a entendeu. Ele se lançou sobre as cordas, afundando suas presas nelas e sacudindo-as violentamente, até que elas se romperam.

“Agora traga aquela faca!” Indra gritou, olhando nervosamente por cima do ombro enquanto as outras mulheres começavam a avançar em sua direção.

Krohn parecia entender: ele saltou sobre um grande punhal que estava em cima da mesa, agarrou-o com suas garras e correu de volta para Indra. Ela arrancou o punhal das garras dele, incorporou-se e cortou as cordas que atavam seus pés.

Indra rolou para fora do caminho, justo quando a primeira mulher apontou para ela com uma lança, em seguida, ela rolou de volta ergueu-se e apunhalou a mulher na garganta.

A mulher colapsou, seus olhos se arregalaram, ela estava morta.

“Eu não sou um homem.” Indra disse sarcástica. “E não gosto de música.”

As outras mulheres avançaram, de repente hesitaram, percebendo quem elas estavam enfrentando. Indra não se deteve: ela saltou para a frente, pegou uma lança das mãos de uma das mulheres, girou ao redor e cortou a garganta dela.

Então, ela avançou e apunhalou outra mulher na barriga.

Indra não desejava perder mais de sua preciosa energia em um confronto com aquelas mulheres, ela virou-se, correu através do pátio e foi direto para Thor, Krohn corria ao lado dela. Ao aproximar-se de Thor, ela viu que os olhos dele estavam vidrados, ela percebeu que ele ainda estava em transe.

Indra cortou rapidamente todas as cordas que o atavam, em seguida, ela cortou as cordas de sua rede. Thor despencou no chão com um baque surdo. Ele olhou para ela com os olhos ainda vidrados.

“Thor, escute-me.” Disse ela. “Você está em um transe. Você me entende? Você deve reagir! Você deve salvar os outros e a si mesmo, antes que seja tarde demais. Por favor. Faça isso por mim. Volte para mim!”

Krohn inclinou-se e lambeu a cara de Thor uma vez pós outra.

Em algum lugar recôndito de Thor, uma parte dele começou a reagir. Ele começou a perceber que estava perdido no fundo de outro mundo. Lentamente, a música das sereias começou a desvanecer-se em sua cabeça e o rosto da mulher à sua frente entrou em foco.

Indra... a jovem escrava... ela estava falando com ele... estava dizendo-lhe alguma coisa... dizendo para ele se levantar... para ir embora... para ir embora imediatamente!

Thor sacudiu a cabeça e se levantou. De repente, ele estava livre do feitiço.

Thor sentiu um formigamento dentro de si, brotando pelos dedos dos pés e seguindo até as pontas dos seus dedos, ele sentiu-se inundado por uma onda de calor.

Quando a primeira das mulheres chegou até ele para atacá-lo com uma lança, Thor conseguiu esquivar-se e com o mesmo gesto, ele arrancou a lança das mãos da mulher e usou o cabo de madeira para golpear a cabeça dela e finalmente derrubá-la.

Então Thor virou-se e usou a lança a modo de bastão para com ela derrubar as lanças das mãos das outras mulheres; em seguida, ele girou novamente ao redor, com a lança em punho e derrubou todas elas. Ele não queria matar nenhuma delas, ele só queria detê-las e assim poder resgatar seus amigos.

“Liberte os outros!” Thor gritou para Indra.

Thor e Indra se separaram, Krohn corria ao lado de Thor enquanto iam de um membro da Legião para o outro, cortando suas cordas e libertando-os. Todos eles permaneciam em transe, mas como Thor tinha nocauteado mais das mulheres, lentamente o feitiço foi se desvanecendo. Eles finalmente se tornaram influenciáveis o suficiente para, pelo menos, obedecer às ordens de Thor.

“Sigam-me!” Thor gritava para cada um deles.

Thor, Indra e Krohn corriam junto com os outros, guiando-os enquanto todos eles atravessavam a pequena ilha, de volta para o barco.

Todos eles pularam para dentro do barco, Thor estendeu a mão e usou a ponta da lança para afastar o barco da costa, Indra, ao lado

dele, fez exatamente o mesmo.

Finalmente, todos outros foram saindo do transe e começaram a remar com todas as forças, lutando contra a maré enquanto se afastavam lentamente da ilha.

As mulheres que ficaram na ilha correram para a praia, para a beira da água e os observavam enquanto eles partiam. Consternadas, elas começaram a gritar e arrancar os cabelos. Seus gritos eram ainda mais terríveis do que o som de sua música, eles ecoavam pelas águas, assombrando Thor até que o barco finalmente alcançou uma corrente que os levou para longe dali.

*

Thor estava mal-humorado enquanto remava silenciosamente com os outros. Um sentimento sombrio havia permeado o barco. Todos remaram durante horas, colocando mais e mais distância entre eles e aquela ilha. Eles passaram por constantes mudanças na paisagem e Thor não poderia deixar de contemplar quão perto eles tinham estado de ser mortos. Ele ainda não compreendia totalmente o que tinha acontecido lá atrás.

Depois de terem deixado aquele lugar, durante as primeiras horas todos tinham estado à pura adrenalina, o medo e a emoção os impulsava a manter o barco em movimento. Mas agora que o segundo sol já estava bastante alto, a emoção estava passando e Thor e os outros estavam sentindo-se exaustos no silêncio penetrante que tinha caído sobre eles. Os ombros de Thor estavam ficando cansados e suas costas estavam rígidas, ele se perguntava se algum dia poderia deixar de remar.

“Por quanto tempo nós temos de continuar assim?” O’Connor finalmente perguntou em voz alta; aquela era a pergunta que estava na mente de todos. Ele baixou seu remo e secou o suor de sua nuca. “É inútil. Nós não estamos chegando a lugar nenhum.”

“E nós nem sequer sabemos para onde estamos indo.” Elden acrescentou igualmente frustrado.

“Sim, nós sabemos.” Drake disse à defensiva, levantando o mapa.

“Você e seu mapa estúpido.” Disse Conval. “O mapa de um ladrão. Como você sabe que é um mapa preciso?”

“Por causa dele, nós quase fomos mortos naquela ilha.” Disse Conven.

“Nós devíamos ter escutado Indra desde o princípio.” Disse Elden.

“Sim, vocês deviam ter me escutado.” Disse Indra. “Nós estamos indo na direção errada. Eu já lhes disse isso.”

“Esta escrava não sabe o que está dizendo.” Durs retrucou. “O mapa é muito claro.”

“Você não a chame de escrava de novo.” Elden retrucou, virando-se para Durs e ficando vermelho de raiva. “Indra salvou as nossas vidas lá atrás, é bom que você não se esqueça disso.”

Durs calou-se, aquela era a primeira vez que Thor o via refrear-se diante de alguém. Mas como Elden, apesar de sua idade era maior e mais forte Durs, aparentemente, queria evitar um confronto com ele. Elden também estava mais acalorado do que Thor já tinha visto e naquele momento, Thor podia dizer que Elden estava realmente apaixonado por Indra.

“A questão é a seguinte...” Disse Dross. “Nós sabemos para onde estão levando a Espada. Este mapa nos leva até lá. E este canal de água é o único caminho. “Nós simplesmente temos de manter o curso.”

“Eu vou lhe dizer para onde estas águas vão nos levar.” Disse Indra sombriamente. “Estas águas nos levarão para a Terra dos Mortos-Vivos. Uma terra maligna e pouco convidativa; o lugar da mais profunda tristeza e da morte. Aqueles que entram nela nunca saem. Jamais. Isso é um fato. Você não percebeu as correntes?” Perguntou ela enquanto olhava para baixo. “Elas estão ficando mais fortes. Elas nos puxam em uma direção: na direção da grande cachoeira. Uma vez que desçamos rio abaixo, não haverá como voltar atrás. Esta é a última chance: voltemos agora.”

Eles se entreolharam com apreensão.

“E voltar para onde?” Perguntou Reece.

“Voltar para o ponto de partida.” Replicou ela.

Ouviu-se um gemido coletivo entre os três irmãos.

“Todo o caminho de volta para o início?” Perguntou Dross.

“Então você nos teria lutando contra essas correntes por todo o caminho de volta e nós começaríamos tudo de novo, sem um mapa,

sem nenhuma referência para continuar, exceto sua palavra?"
Perguntou Drake.

"E quem vai dizer que você não tem um plano traçado?"
Acrescentou Durs. "Você não é uma de nós. Será que devemos colocar nossas vidas nas mãos de uma escrava selvagem, nas mãos de uma ladra confessa?"

"Você já colocou." Indra recalcou. "E você escapou com vida."

"Eu confiaria minha vida a ela antes de confiá-la a você." Disse Elden, com sarcasmo, para Durs.

O grupo caiu em um silêncio tenso.

Drake suspirou.

"Então, o que gostaria que fizéssemos?" Drake perguntou, virando-se para Thor. "Já que você é o líder desta missão: você vai nos obrigar a começar de novo; vai seguir a palavra dessa jovem escrava, dessa estranha que nós nem conhecemos; vai ignorar este mapa do Anel?"

Thor ficou ali, sentindo todos os olhos postos nele enquanto ele ponderava. Uma parte dele, bem no fundo, sentia que havia algo de errado com o lugar para onde eles estavam indo. Mas, ao mesmo tempo, ele não estava conseguindo discernir bem as coisas. Alguma coisa estava obscurecida. Ele não sabia o porquê e isso o assustava. Ele não sabia ao certo se o caminho de volta era a melhor rota. E mesmo que eles quisessem regressar, as correntes tinham ficado muito mais fortes e todos estavam muito cansados. Ele não via a mínima possibilidade de êxito. Pelo menos, os três irmãos tinham um mapa, um destino, um plano. Além disso, eles não podiam arriscar-se a perder mais de seu precioso tempo procurando a Espada.

"Nós vamos dar uma chance ao seu mapa." Disse Thor para eles. "Até amanhã. Se não fizermos nenhum progresso até então, algum progresso definitivo, então vamos dar a volta e seguir o caminho de Indra."

Todo mundo acenou com a cabeça, todos pareciam contentes e logo voltaram a remar.

"Isso se nós vivermos para ver o amanhã." Disse Indra sombriamente, então todos ficaram em silêncio novamente, o único

som que havia no mundo era o marulhar da água sob seus remos.

*

Eles remaram por bastante tempo, Thor sentia que seus braços poderiam cair de seu corpo em qualquer momento. O segundo sol baixou ainda mais no céu e justo quando Thor pensou que não podia levantar o remo outra vez, a grande massa de água se reduziu a um canal estreito. A terra surgiu ao lado deles, era um território vasto, desolado, composto por um solo rachado e escuro, o qual se estendia até onde a vista alcançava. O lugar parecia estar formado por intermináveis campos de terra revirada; parecia que eles tinham chegado a um lugar onde nada vivia, era como se eles tivessem chegado aos confins da terra.

“As Terras Desérticas.” Indra disse baixinho e com voz sombria. “As cachoeiras não estão muito longe agora.”

Thor começou a ouvir o som distante de água corrente, ele ficava cada vez mais forte e o mesmo sucedia com a correnteza, sua força aumentava e ela os arrastava pelo canal abaixo, o qual o que estava se alargando e transformando-se em um rio. Logo, todos eles ergueram os remos, eles não precisavam mais usá-los, já que as águas os levavam pelo caminho.

O rio fez uma curva e ao dobrá-la o som das águas que corriam ficou ainda mais alto; o coração de Thor deu um salto quando ele avistou as águas espumantes, à distância. Elas eram o prenúncio de uma cachoeira. Mesmo de onde ele estava já era possível começar a sentir os respingos e a umidade do ar. Indra estava certa: as cachoeiras.

Todos eles se olhavam assustadamente.

“Parece que você está errado de novo.” Reece disse, virando-se para Drake.

“É melhor que você esteja certo sobre esse mapa.” Elden disse ameaçador.

“Essas cachoeiras vão nos matar!” Gritou O’Connor.

“Que tão íngreme é a cachoeira?” Perguntou Conval.

Agora todos eles recorriam a Indra em busca de respostas.

“Eu não sei.” Respondeu ela. “Mas se sobrevivermos à cachoeira, eu lhes asseguro que ela será o menor dos nossos problemas.”

A corrente tornou-se muito rápida, o ruído e os salpicos eram mais fortes, Thor e os demais se agarraram firmemente aos lados do barco.

“Temos de dar a volta!” Conven disse, tentando remar para trás.

“É tarde demais!” Gritou Thor. “A corrente é muito forte! Agarrem-se com força!”

O barco deslizava cada vez mais rápido pela corrente e os olhos de Thor se arregalaram quando a cachoeira surgiu. Era uma parede de água branca, jorrando para baixo. Krohn começou a ganhar ao lado de Thor, então Thor passou um braço pelo corpo dele e segurou-o com força.

“Está tudo bem, Krohn.” Disse ele. “Fique por perto. E se você cair na água, nade de volta para nós.”

Krohn choramingou novamente como se estivesse dando uma resposta, um instante depois, o estômago de Thor se apertou quando o barco começou a pender sobre a borda.

Thor olhou para baixo e viu uma queda d'água enorme, ela tinha pelo menos uns quinze metros. Era uma muralha de água branca, já não havia tempo para reagir.

O barco despencou pela borda e todos eles gritaram, em uníssono enquanto mergulhavam no vazio. Thor se viu imerso em uma parede de água ao cair do barco e voar pelos ares, debatendo-se. Ele se perdeu em um mundo de águas que corriam violentamente. Seu corpo girava e dava cambalhotas enquanto ele caía e era varrido pelas águas.

Ele ficou submerso na água sem saber por quanto tempo. Seus pulmões estavam explodindo enquanto a água subia pelo seu nariz, o seu rosto ardia devido ao impacto da queda.

Quando Thor já estava quase certo de que seus pulmões iriam estourar, a água o fez subir à tona; ele emergiu debatendo-se, arfando, tentando recuperar o fôlego em algum lugar, rio abaixo. Ele estava desorientado, seus olhos, ouvidos e nariz estavam cheios d'água. Thor se esforçou para abrir os olhos em meio ao rugido da água que jorrava, porém tudo o que ele viu foi mais água.

A corrente sugou-o para baixo, submergindo-o uma e outra vez, até que finalmente começou a diminuir, Thor veio à tona alguns

segundos depois, totalmente sem fôlego, mas dessa vez ele foi capaz de flutuar.

Thor levantou a cabeça para fora da água e olhou ao redor em busca de seus amigos. Eles começaram a vir à tona, um por um, agitando suas cabeças, tentando recuperar o fôlego e lutando contra a corrente que os arrastava rio abaixo. Thor também viu quando Indra veio à tona e Elden nadou para perto dela e a agarrou. Thor olhava para todos os lados freneticamente, ele estava à procura de Krohn, mas não conseguia encontrá-lo.

“KROHN!” Gritou Thor.

Ele virou-se para todos os lados e por um momento, ele conseguiu ver a cabeça de Krohn vir à tona, um pouco mais abaixo, na correnteza do rio, mas em seguida, ela afundou outra vez. Thor viu um olhar de medo no rosto de Krohn que ele nunca tinha visto antes; era um olhar de desamparo.

O barco veio à tona não muito longe deles, estava golpeado, mas de alguma forma ainda estava intacto. Logo, toda a Legião começou a nadar até ele. Mas Thor nadava sozinho na outra direção, ele estava indo para onde tinha visto Krohn pela última vez.

“Nade para o barco!” Reece gritou-lhe.

Mas Thor o ignorou; ele tinha de chegar até Krohn, especialmente agora que ele estava prestes a entrar em um setor da corrente que iria forçá-lo a ir em uma direção diferente.

“Volte!” O’Connor gritou. “Não siga por aí!”

Mas Thor nadou com todas as forças, lutando contra a corrente.

“KROHN!” Ele gritou novamente.

As imagens passaram como um relâmpago pela cabeça de Thor, ele lembrou-se de quando tinha encontrado Krohn pela primeira vez, quando ele ainda era um filhotinho e pensou no forte vínculo que eles tinham. A ideia de perdê-lo afligia Thor, muito além do que ele poderia imaginar.

De repente, Thor viu uma das patas de Krohn surgir na superfície antes de afundar novamente. Thor mergulhou nas águas e nadou; quando ele abriu os olhos sob a superfície das águas azuis e cristalinas, ele viu Krohn descendo para o fundo.

Thor nadou mais profundamente, seus ouvidos estavam a ponto de estourar devido à pressão. Em seguida, ele agarrou Krohn e nadou até a superfície, puxando-o consigo.

Quando eles vieram à tona, Thor respirou fundo e Krohn também fez o mesmo. Krohn choramingava e flutuava, movendo suas patas, contra a corrente. Thor se virou e começou a mover suas pernas, tentando com toda a força afastar-se da confluência das águas. Ele não estava fazendo tanto progresso quanto esperava.

Thor sentiu uma mão em seu braço e quando ele olhou ao redor, ele viu Reece nadando junto com eles; Thor batia suas pernas ritmadamente e assim eles foram avançando juntos, lutando contra a corrente e conseguindo chegar até o barco.

Quando eles alcançaram o barco, Thor levantou Krohn e o meteu a bordo; ele ficou sobre as quatro patas, grato por estar fora da água e se sacudia como um louco, então ele tossiu e cuspiu água, uma e outra vez. Thor e Reece se agarravam à borda do barco enquanto eram transportados pela correnteza.

Thor se virou e olhou para trás, para a queda d'água acima; desde onde eles estavam ela parecia incrivelmente alta, eram como uma montanha. Ele não podia acreditar que tinha sobrevivido à queda. Eles tiveram a sorte de que não havia rochas no fundo do rio e que a base da cachoeira era como uma profunda piscina natural.

Enquanto eles estavam pendurados, flutuando velozmente, Thor e Reece se viraram um para o outro ao mesmo tempo, eles ainda estavam atordoados e de repente começaram a rir.

“Nós sobrevivemos, meu velho amigo.” Reece disse sem poder ainda acreditar.

Thor balançou a cabeça.

“De alguma maneira nós conseguimos.” Respondeu ele.

Thor e Reece se meteram de volta no barco, a corrente os arrastava rio abaixo, logo depois eles avistaram os remos flutuando na água. Eles dirigiram o barco na direção deles e cada um se abaixou e pegou um deles. Thor, finalmente, estava começando a sentir que estava no controle novamente.

No entanto, logo que o rio fez uma curva, o alívio de Thor transformou-se em ansiedade. Toda uma terra nova se estendia

diante deles e Thor percebeu imediatamente que tudo o que Indra lhes havia alertado tinha sido verdade. Ele percebeu que havia cometido um grande erro ao ir ali.

O mundo subterrâneo era a terra mais desolada, sombria e escura que Thor já tinha visto. O rio atravessava sua paisagem, composta por uma terra vulcânica e preta, na qual havia campos intermináveis de árvores negras baixas e grossas; elas não tinham folhas, seus galhos mortos estavam torcidos em formas sinistras e cobertos de espinhos. Parecia uma floresta que tinha incendiado e nunca havia crescido novamente, ou para começar, era como se nada tivesse vivido ali. Nada de bom, de nenhum modo.

Até mesmo o céu dali tinha uma palidez melancólica, ele era diferente de qualquer outro que Thor já tinha visto. O tom de cinza escuro tinha substituído o azul brilhante e as nuvens negras deslizavam no meio dele, ameaçando uma tempestade. O sol também estava mais baixo e um crepúsculo sombrio substituíva a luz da tarde. Para Thor era como se tivessem partido de tarde e chegado no crepúsculo, era como se eles estivessem sendo levados para uma terra onde o desespero governava.

Ouviam-se ruídos estranhos ao redor deles, parecia o canto de um pássaro misturado com um gemido. Thor olhou e viu bandos de enormes pássaros negros empoleirados nos galhos. Eles pareciam corvos, mas eram quatro vezes maiores e tinham olhos em suas cabeças e em seu peito. Em vez de asas, eles tinham garras e as sacudiam furiosamente enquanto se inclinavam para trás e estufavam seu peito, emitindo sons estranhos.

Todos observavam o barco enquanto ele prosseguia, Thor sentia que o bando de aves poderia atacá-los a qualquer momento. De alguma maneira, sentir que seus olhos assustadores observavam cada um dos seus movimentos era ainda pior.

Krohn rosnou ao lado de Thor.

“E o que me diz do seu mapa agora?” Elden perguntou ironicamente aos três irmãos.

Os três irmãos permaneciam sentados na parte de trás do barco e agora todos eles pareciam estar em estado de choque, nenhum deles tinha mais certeza.

“Eu ainda o tenho comigo.” Drake disse, segurando-o. “Está molhado, mas ainda dá para ler. Eu o cuidei como se ele fosse a minha vida.”

“Por que o seu mapa não fez nenhuma menção das Cataratas?” Reece pressionou.

“Este não é um mapa topográfico.” Drake zombou. “Ele foi desenhado por um prisioneiro para guiar-nos até a Espada.”

“Ou para levar-nos às nossas mortes.” O’Connor disse.

“Alguma vez você pensou que ele poderia ser uma armadilha?” Perguntou Conven.

“Eu acho que alguém está nos fazendo de bobos.” Conval acrescentou.

“Então, o que você propõe que façamos agora?” Disse Durs de volta. “Que nós demos a volta e escalemos aquelas quedas d’água e comecemos de novo?”

Todos eles deram uma olhada para trás e sabiam que isso era impossível.

“Nós não temos escolha.” Disse Dross. “Nós nos guiaremos pelo mapa.”

O barco mergulhou de volta em um silêncio sombrio.

“Parece que tudo que você disse até agora tem sido certo.” Thor disse para Indra. “Conte-nos mais sobre esse mundo subterrâneo pelo qual estamos viajando.”

Indra olhou em volta cautelosamente; ela não parecia contente por estar ali. Ela ficou em silêncio por um longo tempo antes de falar.

“Segundo a mitologia, é um dos sete reinos do inferno.” Disse ela, olhando para a paisagem sombria. “Diz a lenda que quando o inferno não tinha mais espaço, os demônios obtiveram mais seis reinos. Ele foi criado durante os primeiros dias do Império. Antes de Andronicus e até mesmo antes de seus ancestrais. É um lugar para onde nem mesmo as tropas do Império vão.”

“Este rio que o atravessa conecta duas terras diferentes do Império. É uma espécie de atalho. No entanto, ninguém é tolo o suficiente para realmente usá-lo. As pessoas vão tomar o caminho mais longo, sem importar quanto tempo leve.”

Eles caíram de volta em um silêncio profundo, enquanto todos remavam pelo rio sinuoso e estreito. E o céu era dominado profundamente pelo crepúsculo. Era como remar em direção ao pesadelo de alguém.

Houve um salpico repentino, então Thor olhou e viu um par de olhos brilhantes sobre a superfície da água, mas em seguida eles desapareceram.

“Você viu aquilo?” Perguntou O’Connor.

Todos eles examinaram a água ao redor deles, logo ela ficou cheia de pequenos ruídos de salpicos e por todas as partes, foram surgindo pares de olhos amarelos e brilhantes.

De repente, quando Thor se inclinou para ver melhor, um réptil pulou da água, ele era do tamanho de um grande peixe, tinha olhos enormes e brilhantes e mandíbulas longas como as de um crocodilo. As mandíbulas deviam ter pelo menos uns sessenta centímetros comprimento e estalavam para Thor.

Thor se inclinou para trás no último segundo, um pouco antes que as mandíbulas o cortassem ao meio.

Krohn rosnou para a criatura, mas em seguida ele recuou quando outra criatura pulou pelo ar e virou-se para ele. Thor ergueu o remo e golpeava os répteis enquanto eles saltavam para fora da água, ao seu redor. Os outros fizeram o mesmo, golpeando as criaturas, enquanto elas rodeavam o barco.

Uma delas saltou no ar e conseguiu cravar os dentes no braço de Conval.

“Tirem isso daqui!” Ele gritou, agarrando-a.

Conven correu, pegou suas mandíbulas e conseguiu desprendê-las do braço de seu irmão gêmeo e em seguida, ele jogou a coisa de volta na água. Felizmente, ele conseguiu arrancá-la rápido o suficiente e deixar o seu irmão, com apenas um ferimento leve.

“Há milhares de bichos como esse!” O’Connor gritou, enquanto se esquivava de um que saltou pelo ar direto para ele. “Nós não podemos detê-los para sempre!”

Thor percebeu que ele estava certo; eles foram pegos de surpresa por aquelas criaturas e seria apenas uma questão de tempo até que elas fizessem algum dano grave; não havia nenhuma maneira de

que eles pudessem repelir o seu ataque. Era como se estivessem navegando em um covil de piranhas.

Mas então, de repente, todas as criaturas deram a volta e foram embora, submergindo-se na água e fugindo a toda velocidade.

“O que elas estão fazendo?” Perguntou Elden.

“Parece que estão fugindo de nós.” O’Connor disse.

“Ou de qualquer outra coisa.” Disse Indra sombriamente.

Thor percebeu, com um buraco no seu estômago, que ela estava certa. Aquelas criaturas não iriam bater em retirada e correr para longe, a menos que estivessem com medo, a menos que estivessem fugindo de alguma coisa. Fugindo de algo muito maior do que elas.

De repente, uma enorme onda se elevou das águas e quando Thor olhou para baixo ele viu que as águas estavam fazendo espuma e borbulhavam.

Ele sabia que algo estava prestes a atacá-los. Algo grande.

“Protejam-se!” Gritou ele.

Diante deles, houve uma explosão de água e um enorme monstro marinho emergiu. Ele era diferente de tudo que Thor já tinha posto os olhos em cima. Era uma criatura enorme, seu aspecto era similar ao de uma baleia, suas mandíbulas mediam cerca de seis metros de comprimento e estavam repletas de fileiras de dentes afiados. Seus olhos vermelhos sobressaíam das laterais de sua cabeça por vários centímetros, seu nariz se curvava para cima por vários metros e tinha navalhas na ponta.

Suas mandíbulas abertas desceram para o barco e os reflexos de Thor se agitaram dentro dele. Sem pensar, ele colocou uma pedra em sua funda, se inclinou para trás e arremessou-a com toda a sua força, apontando para o nariz do monstro. Thor lembrava-se de ter ouvido dizer que o nariz era a parte mais sensível para ferir em um animal, ele orou com toda sua alma para que isso fosse verdade. Do contrário, dentro de segundos, todos eles estariam dentro do estômago do monstro.

Foi um golpe perfeito, aplicado com força total, quando a pedra atingiu o alvo, a criatura parou de repente, em pleno ataque, inclinou-se para trás e rugiu.

Foi um rugido de abalar a terra, alto o suficiente para agitar as águas e balançar o barco; Thor mal podia manter o equilíbrio enquanto cobria seus ouvidos com as mãos.

O monstro emergiu da superfície, elevando-se ainda mais alto por cerca de nove metros e revelando fileiras de garras que se estendiam ao longo de seu corpo. O seu corpo se afinava gradualmente. O monstro parecia ser o resultado do cruzamento de uma baleia com uma serpente do mar.

Toda a Legião entrou em ação, inspirados por Thor, eles arremessaram lanças no animal, todas elas se incrustaram no corpo dele; Elden jogou um machado, o qual se alojou na cabeça, O'Connor conseguiu disparar três flechas e todas elas acertaram com precisão um dos olhos da criatura.

Mas, para espanto de Thor, o animal permaneceu imperturbável. Ele simplesmente usou suas garras, arrancou todas as armas como se elas fossem palitos e em seguida as jogou na água.

A besta, ainda mais furiosa, jogou a cabeça para trás, abriu suas mandíbulas duas vezes mais, e baixou-as novamente, preparando-se para cortar todos ao meio.

Desta vez, não havia nada que pudesse detê-las.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Gwendolyn observava paralisada, enquanto os soldados do Império rompiam os portões abaixo e irrompiam por Silésia. Ela mal podia acreditar que isso tinha chegado suceder tão rapidamente. Todos os seus planos de defesa, tão cuidadosamente elaborados, haviam fracassado em questão de horas.

“Majestade, nós devemos nos mover!” Steffen gritou ao lado dela, desesperado, puxando seu braço.

Ela saiu de seus devaneios, seus instintos a impulsavam. Ela viu Srog, Brom, Kolk, Kendrick, Godfrey e os outros se retirando com os soldados para baixo, para os degraus de trás dos parapeitos, então ela lembrou-se de seu plano de contingência. Ela tinha estudado exaustivamente o plano junto com seus generais e agora era surreal vê-lo posto em movimento.

Quando os primeiros soldados do Império atravessaram os portões, Srog virou-se para os seus homens e gritou:

“AGORA!”

Vários soldados puxaram grandes alavancas acima deles e ao fazê-lo, um alçapão se abriu no chão abaixo, logo depois do portão, fazendo com que todos os soldados do Império caíssem, dezenas de seus homens gritavam, enquanto caíam em um poço profundo e escuro. O enorme buraco impediu que os soldados pudessem avançar pelos portões e entrar em Silésia. Ele ajudou a Gwen e aos outros a poupar um tempo precioso. Gwen sabia que isso não iria detê-los por muito tempo, então todos eles continuaram com a retirada progressiva.

Os homens do Império estavam começando a chegar mais perto, eles pararam de correr para a cidade, parando diante dos portões, justo antes do buraco. No entanto, eles se aglomeraram ali, sem ter para onde ir, já que estavam impossibilitados de dar a volta. Seus homens corriam em um estampida, ansiosos para entrar na cidade e acabavam empurrando mais e mais homens, os quais caíam aos gritos, no buraco.

Quando a maré de homens finalmente parou, eles começaram a dar a volta, forçando o seu caminho através dos portões e procurando outras maneiras de entrar na cidade.

Tudo isso deu a Gwen e seu povo o tempo necessário para recuar. Gwen ficou satisfeita ao ver essa tática dar resultado. Isso tinha sido um toque final que ela tinha adicionado aos planos de guerra. Tal tática permitiu-lhes ter o tempo necessário para organizar os cidadãos; reunir os idosos; as mulheres e crianças e escoltá-los de suas casas através das portas arqueadas que os levava até a cidade baixa. Para poupar tempo na descida, Gwen tinha mandado instalar barras de ferro nas partes de baixo e de cima das paredes; assim dezenas de cidadãos poderiam agarrar-se e a elas deslizar-se por seu caminho no Canyon, pousando na parte mais baixa de forma ordenada.

O plano funcionou exatamente conforme planejado, em questão de minutos, todos os silesianos da parte alta da cidade estavam seguros do outro lado do segundo conjunto de portões e desciam para os níveis mais baixos da cidade. Gwen estava diante dos portões, esperando que a última pessoa saísse, certificando-se de que ninguém tinha ficado para trás. Steffen e Kendrick estavam de pé, lealmente ao seu lado. Por fim, depois de assegurar-se de que todos já tinham ido embora, ela atravessou o portão. Assim que ela fez isso, quatro fileiras de pesados portões de barras de ferro baixaram atrás dela, uma após a outra. Não seria fácil penetrar por aqueles portões, especialmente porque eles estavam embutidos em paredes de pedra de cerca de três metros de espessura.

Gwen se juntou aos soldados na próxima linha de defesa: os parapeitos superiores, atrás das grades, na beira do Canyon. Ela assumiu uma posição ao lado de Steffen, Kendrick, Godfrey, Srog e dos outros. Centenas de arqueiros silesianos estavam ajoelhados ali, esperando para defender aquela última posição.

Lá embaixo, Gwen já podia ver a primeira das tropas do Império escalando as paredes que davam para o pátio, baixando cordas e escadas para que os outros os seguissem. Dentro de instantes, dezenas de soldados os seguiam e já avançavam direto para eles, para o segundo conjunto de portões de ferro. Mas não era possível

que muitos homens pudessem ingressar ao mesmo tempo, uma vez que eles não podiam avançar caminhando, o seu caminho estava bloqueado pelo enorme fosso, diante dos portões.

Kendrick se ajoelhou ao lado dela, segurando seu próprio arco, esperando.

“AGUARDEM!” Ele exclamou para seus homens, todos aguardavam seu comando.

Os homens ficaram mais perto uns dos outros e o ar ficou cheio de tensão.

“DISPAREM!” Kendrick gritou, em pé com seu arco.

Centenas de soldados silesianos levantaram-se com ele, entre eles Godfrey, Steffen, Srog, Brom, Kolk e a própria Gwendolyn, logo uma chuva de flechas caiu do céu, detendo os passos de dezenas de soldados do Império.

Os arqueiros imediatamente carregaram mais flechas e dispararam novamente, uma vez após outra.

Eles conseguiram abater o primeiro grupo de homens e manter o pátio livre deles, enchendo o chão com seus corpos. O Império tinha sido pego de surpresa, seus homens não haviam se preparado para um contra-ataque depois de terem atravessado os portões.

Mas sem importar quantos eles matassem, os soldados do Império continuavam chegando. Logo, um pelotão de arqueiros veio em seu encalço. Eles eram homens bem disciplinados e totalmente sincronizados; eles se ajoelharam, levantaram seus escudos para bloquear a chuva de flechas e em seguida, dispararam de volta.

Gwen se abaixou quando o céu ficou cheio de flechas que vinham em sua direção. Uma delas passou perto de sua cabeça e por pouco não a atingiu.

Alguns dos outros silesianos não foram tão rápidos quanto ela e foram feridos, eles gritavam enquanto caíam do muro de pedra, para despencar no vazio, já mortos.

Gwen se levantou e atirou de novo, ela ficou surpresa ao ver que realmente tinha acertado um dos soldados, na garganta. Ela sentiu uma mão puxando-a para baixo quando uma flecha passou voando por sua orelha. Era Steffen, ele mais uma vez estava ao lado dela.

“Há vantagens em ser baixo, Majestade.” Disse ele. “Vossa Majestade não conta com essa vantagem. Siga-me e mantenha-se agachada.”

Steffen espiou por cima da borda, inclinou-se com seu arco e disparou três tiros rápidos, ele abateu três soldados que se aproximavam do portão.

“Não é necessário ser alto para matar um homem.” Ele disse a ela. “Se há uma coisa que eu aprendi na minha vida, foi essa.”

A luta continuou assalto após assalto, as flechas voavam incessantemente, explosões de gritos sucediam em ambos os lados enquanto os corpos se amontoavam. Os corpos dos soldados do Império se empilhavam no pátio, à medida que horas passavam.

Ainda assim, mais e mais tropas do Império escalavam as paredes como formigas. A sorte dos silesianos era que o Império estava obstaculizado, incapaz de avançar sobre o buraco no portão.

E então, tudo mudou. Gwen assistiu com horror quando um esquadrão de soldados do Império apareceu com longas pranchas de madeira e começou a colocá-las sobre o poço da entrada. Eles foram colocando-as uma por uma e logo conseguiram cobri-lo completamente, construindo assim uma ponte. Eles não tentaram resgatar seus soldados presos mais abaixo; em vez disso, para economizar tempo, eles os sufocaram, construindo uma ponte bem em cima de suas cabeças.

Com a ponte improvisada colocada, centenas de soldados do Império correram para o pátio interno, a um ritmo vertiginoso. Todos eles soltaram um grito de batalha e avançaram pelos portões.

O coração de Gwendolyn quase parou. Seus homens estavam ficando sem flechas, suas fileiras estavam diminuindo e ela sabia que seu tempo estava contado. Eles não poderiam continuar mantendo as fileiras, seus homens não resistiriam por muito tempo.

Os soldados do Império se separaram quando um grande aríete de ferro foi trazido para a frente por duas dezenas de homens. Eles avançaram e investiram contra o portão de ferro. O chão tremeu debaixo dos pés de Gwen quando o metal se curvou com um estrondo.

Aqueles quatro portões de ferro, que antes pareciam imbatíveis, estavam demonstrando que eram vulneráveis.

“CALDEIRÕES!” Gritou Kendrick.

Os soldados silesianos correram todos em perfeito sincronismo e derramaram enormes caldeirões de piche derretido sobre a borda.

Ouviam-se os gritos que provinham de baixo, quando dezenas de soldados do Império foram encharcados com o líquido espesso.

“ARQUEIROS!” Gritou Kendrick.

Os arqueiros avançaram, dessa vez eles estavam armados com flechas em chamas, eles dispararam para baixo, para os soldados mergulhados em alcatrão, ateando fogo neles.

Os gritos enchiam o pátio enquanto as chamas se espalhavam e dezenas de soldados morriam. Os corpos se empilhavam nos portões. Isso teria sido suficiente para deter qualquer outro exército.

Mas não o exército de Andronicus.

As tropas do Império continuavam chegando. Seu número aumentava cada vez mais. Elas eram infindáveis.

Gwen assistiu com horror quando o aríete foi tomado por outros soldados, eles abalroaram o primeiro portão com tanta força que o arrancaram de suas dobradiças. As tropas do Império explodiram em um grito de júbilo. Agora havia apenas três portões para cruzar.

“Majestade, estamos quase sem alcatrão e...” Srog relatou com apreensão.

Antes que ele pudesse terminar, ouviu-se outro golpe, ele foi tão forte que fez com que Gwendolyn cambaleasse para trás; ela olhou para baixo e viu que o segundo portão de ferro havia sido derrubado.

“É hora de retirar-se para a cidade baixa!” Disse Srog.

Gwen percebeu que ele estava certo. Ela assentiu com a cabeça e sem hesitação Srog gritou: BATER EM RETIRADA!”

Os soldados de Gwen se viraram, abandonaram seus postos e desceram correndo as escadas, de volta para a muralha traseira.

Gwen se juntou aos outros e apressou-se para descer os degraus de pedra, descendo lance após lance, passando por dezenas de soldados que montavam guarda pelo caminho. Todos em seus postos em todos os níveis. Logo, ouviu-se outro grande estrondo,

Gwen olhou por cima do ombro e sentiu um buraco no estômago ao ver o terceiro portão de ferro ceder.

Assim que Gwen e os outros alcançaram os níveis mais baixos, eles alcançaram e giraram umas enormes manivelas; imediatamente, elas levantaram um campo minado de puas de ferro, projetando-o diretamente para cima no ar e cobrindo a cidade baixa como um escudo. Quando o Império atravessou o quarto e último portão com um grito de vitória, seus homens correram para a frente por uma porta arqueada, esperando poder atacar.

Mas não havia nenhum lugar para onde eles pudessem ir. A cidade baixa estava protegida por cima, por um campo de puas de ferro. Alguns soldados não puderam parar a tempo, eles continuaram avançando e foram caindo pelos ares, espetando-se nas puas, o sangue escorria de seus corpos.

Finalmente, as tropas do Império se detiveram, elas pararam à beira do Canyon e ficaram olhando para as puas abaixo, percebendo que não poderiam ter acesso à cidade baixa, a menos que passassem pelo campo minado.

Gwendolyn olhou para cima e viu que, finalmente, o Império não poderia prosseguir. Finalmente, eles estavam a salvo.

Quando Gwen chegou aos níveis mais baixos da cidade, ela foi recebida por dezenas de seus generais, todos a aguardavam ansiosamente. Os cidadãos se aglomeravam ao redor, seu burburinho agitava o ar.

“Estamos seguros aqui, Majestade.” Disse Srog. “É impossível que eles passem.”

“Sim, mas por quanto tempo?” Kendrick perguntou, enquanto todos eles se reuniam, rodeados por suas tropas.

“Pelo tempo que seja necessário.” Respondeu ele.

“Enquanto não acabarem os alimentos e suprimentos.” Brom acrescentou sombriamente.

“Por quanto tempo nós sobreviveríamos aqui sem provisões?” Perguntou Kolk.

Srog balançou a cabeça.

“Isso nunca foi verificado. Talvez por uma semana. Talvez duas.”

“E depois, o que faremos?” Perguntou Kendrick.

Lentamente, Srog balançou a cabeça.

“Pelo menos estamos livres de seu alcance.” Disse ele.

“Mas não estamos livres da fome.” Acrescentou Gwendolyn.

Gwendolyn olhou para cima junto com os outros, ela viu os rostos dos soldados do Império, olhando para baixo e sabia que, mais cedo ou mais tarde, eles iriam encontrar uma maneira de descer até ali. E agora, encurralados em um canto, eles não tinham para onde correr.

Eventualmente, todos teriam de enfrentá-los — ou morrer.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Thor estava no barco com os outros, o monstro marinho vinha lançando-se diretamente sobre eles, ele preparou-se para morrer. Ele fechou os olhos e rezou a Deus com toda sua alma.

Por favor, Deus, dê-me o poder para deter este monstro.

Thor pensou nas palavras de Argon.

Não tente dominar a natureza. Entre em sintonia com ela, como se vocês fossem um só. Aproveite o poder da natureza. Afinal, você também é parte dela.

Thor sentiu um calor tremendo percorrer seu corpo, ele provinha de seus pés, subia por suas pernas, espalhava-se por seu torso e seguia até as palmas de suas mãos.

Thor abriu os olhos e ergueu as palmas das mãos, apontando-as para o monstro, enquanto ele descia com a boca aberta, já pronto para matar todos eles.

Para a surpresa de Thor, uma esfera de luz emanou de suas mãos, projetou-se pelo ar e logo atingiu o interior da boca do monstro.

O monstro saiu voando para trás, enquanto era expelido da água para logo aterrissar na praia, a vários metros de distância. Ele se contorcia e se debatia no solo, gritando e agitando suas garras em todas as direções.

Depois de quase um minuto debatendo-se, o animal caiu de lado, morto.

Os demais se viraram e olharam para Thor durante o silêncio que se seguiu. Ele gostaria de ter uma resposta para eles; ele desejava compreender de onde seus poderes provinham; desejava saber como aproveitá-los quando necessário. E acima de tudo, ele desejava saber quem realmente ele era.

Mas ele não sabia.

Ele era diferente de todas as pessoas que conhecia. Mas como? Será que algum dia ele saberia?

A lenta corrente os levava cada vez mais longe rio abaixo, enquanto penetravam profundamente no coração do mundo subterrâneo. Todos remavam com todas as forças, tentando estabelecer a maior distância possível entre eles e o monstro, à medida que o céu ficava cada vez mais escuro. Thor ainda estava ali, na parte de trás do barco, tentando entender o que tinha acontecido. Era como se houvesse outra parte de si mesmo, a qual ele não conseguia alcançar. Demorou um tempo para que ele voltasse ao normal.

“Eu sei quem é você.” Disse Indra, olhando para ele com uma expressão que variava entre o medo e temor. “Você é o filho de um druida. O Escolhido. Eu ouvi muitas histórias sobre você. Grandes histórias.”

Thor piscou várias vezes, confuso.

“O que você quer dizer?” Perguntou ele. “Você não pode ter ouvido falar nada sobre mim. Eu sou de uma pequena aldeia do interior do Anel. Eu sou apenas mais um membro da Legião.”

Indra abanou a cabeça, inflexível.

“O nosso povo tem lendas. Lendas antigas. Elas falam do dia em que o Escolhido chegará para liderar. Dizem que ele traz consigo bolas de fogo e luz, um poder diferente de qualquer outro que já vimos. O filho de um druida. Ele virá em um momento de grande calamidade no mundo: uma grande batalha entre a luz e a escuridão. Um homem que está entre dois mundos. Nossa última esperança.”

Thor olhou para ela, sem ter certeza de que ela soubesse do que estava falando. Ele achava que ela estava confusa, que ela estava confundindo-o com outra pessoa.

“Acho que você está confundida ao meu respeito.” Disse ele. “Eu não sou uma de suas lendas.” Acrescentou ele, finalmente, sentando-se e começando a remar com os outros.

“Eu não o confundi com ninguém.” Disse ela, desafiante. “Eu sei o que as lendas dizem. E agora eu sei quem você é.”

Os demais pararam, se viraram e ficaram olhando para Thor, Thor balançou a cabeça.

“Eu sou apenas um rapaz.” Insistiu Thor. “Como qualquer outro.”

Era tudo o que ele queria. Ser como os outros. Ele não queria que o encarassem como alguém diferente.

Indra balançou a cabeça, continuando a olhar para ele como se ele fosse um alienígena que tinha caído do céu. Ela fez um sinal estranho, levando sua mão a sua garganta, seu peito e sua cabeça, quase como se estivesse orando para Thor, ou para se proteger dele.

Ela inclinou a cabeça e em seguida, voltou-se para a água.

Thor sentiu um arrepio e mal sabia como reagir diante da situação. Era a primeira vez que alguém tinha olhado para ele daquela forma: olhado para ele como se ele fosse um deus.

A corrente ficou mais forte e a noite avançou, Thor olhava agora para o rio com um novo respeito já que estranhas criaturas poderiam estar à espreita sob as águas. Mais adiante, havia uma pequena montanha, para dentro da qual o rio continuava correndo, sua correnteza fluía para um pequeno túnel escuro cavado na pedra.

“A Caverna dos Demônios.” Indra sussurrou, com medo em sua voz.

Todos olhavam para ela com um novo senso de respeito.

“Isso não soa muito hospitaleiro.” O’Connor disse.

Indra abanou a cabeça.

“É um ossário. A lenda diz que é o lugar onde os demônios vão fazer seus lanches.”

Todos os rapazes se olharam, a apreensão estava gravada em seus rostos.

“Não há outro caminho?” Reece perguntou enquanto a correnteza continuava a arrastá-los fortemente.

Indra abanou a cabeça.

“Poderíamos deixar o barco de lado e tentar fazer o nosso caminho por terra.” Disse Elden.

Ela abanou a cabeça.

“Por terra é pior.” Disse ela. “Você está vendo o solo?”

Thor virou-se junto com os outros e olhou para a terra.

“Isso não é o solo.” Acrescentou ela. “São cem milhões de vermes. Vermes carnívoros. No exato segundo em que você puser um pé sobre eles, seu pé não mais existirá.”

Thor examinou o solo escuro de perto e ao fazê-lo, pôde constatar que o solo realmente se movia, ainda que levemente. Ele engoliu em seco, com um novo respeito por aquele lugar.

“Nosso mapa diz que devemos seguir o rio através da caverna.” Insistiu Dross.

Indra deixou escapar uma risada curta e zombeteira.

“Seu mapa diz muitas coisas. Mas será que ele diz como manter-nos vivos?”

A corrente tornou-se mais forte e logo não foi mais necessário tomar nenhuma decisão, uma vez que a corrente sugou-os direto para a caverna. Todos eles baixaram a cabeça para evitar golpeá-la contra a entrada baixa rochosa e arqueada na montanha. O estômago de Thor ficou apertado com pavor. Que classe de lugar seria aquele?

Quando eles entraram na caverna, parecia que estavam entrando em um mundo totalmente diferente. A princípio, a caverna estava escura, seu teto era baixo, rente com suas cabeças, havia um silêncio mortal, exceto pelo som das gotas de água que ecoavam, reverberando pelas paredes. Thor podia ouvir seus irmãos respirando com dificuldade, ouvia o som de sua respiração amplificado, fazendo eco. Ele podia sentir o medo em todos eles. Ele próprio sentia medo. Ele se preparou na escuridão, enquanto esperava ser atacado a qualquer momento.

Depois de um minuto, a caverna se ampliou, o teto acima de sua cabeça se elevou por vários metros, a correnteza continuou a arrastá-los lentamente. O lugar era mais ruidoso, cada gota de água reverberava pelas paredes altas. Então, ouviu-se outro ruído: uma cacofonia de insetos e pequenos animais. Eles ouviam a vibração de asas e barulhos estranhos, similares a um arrulho, os quais Thor desejou jamais ter ouvido. Depois se ouviram os chiados e rangidos graves e agudos dos insetos mais estranhos, cada som era mais sinistro do que o outro. Era como se tivessem entrado numa caverna de horrores. E o fato de que eles não podiam ver nada só piorava as coisas.

Krohn estava com o pelo todo arrepiado e rosnava ao lado de Thor. Thor e os outros se viravam para todos os lados, tentando

olhar para a escuridão e ver se conseguiam distinguir alguma coisa.

À medida que a água os levava mais para dentro, as paredes da caverna começaram a adquirir um brilho suave, a iluminar-se ligeiramente; Thor olhava atentamente, imaginando de onde as luzes provinham, quando ele viu milhares de insetos ao longo das paredes aderidos à rocha. Os insetos chiavam para eles, seus olhos verdes e brilhantes se abriam e emitiam uma luz, enquanto Thor e os demais iam passando. Thor percebeu, com medo, que eles estavam acordando. Os insetos eram como milhares de pequenas velas na escuridão, mas pelo menos lhes brindavam algo de luz para poder ver ao redor.

“Que bichos são esses?” Elden perguntou para Indra, em guarda, com medo de que eles pudessem atacar.

“São as sambexugas das cavernas.” Disse Indra. “Sua picada é igualável à de uma centena de abelhas. Você não precisa se preocupar: elas se aderem às paredes. A menos que você as provoque.”

“Como você sabe que as provocou?” Perguntou O’Connor.

“Seus olhos brilham.” Respondeu ela.

Thor engoliu em seco.

“Como elas estão fazendo agora?” Perguntou ele.

Ela acenou de volta.

O som sibilante continuou e as sambexugas se arrastavam ao longo das paredes, algumas delas arqueavam suas pequenas cabeças na direção do barco.

Com a caverna iluminada, Thor podia vagamente distinguir suas proporções: ela era enorme, o seu teto abobadado se elevava por dezenas de metros. O rio se estreitava e ia cortando o centro da caverna. Estalactites enormes pendiam do teto, ao mesmo tempo em que enormes estalagmites se erguiam do chão do seu solo.

Ouviu-se um ruído baixo, parecido a um rosnado macio, ele proveio de algum lugar das profundezas da caverna, Thor se virou com os outros, mas não viu nada.

“Eu não gosto dessa sensação.” Disse Reece, apertando o punho da sua espada.

“Nem eu.” Disse Conval. Ele sacou a espada e um ruído metálico ecoou bem alto na caverna, uma e outra vez; era como se uma dúzia de espadas tivessem sido desembainhadas.

“Você não deveria ter feito isso.” Indra o repreendeu. “Agora você vai provocá-los.”

“Provocar quem?” Perguntou Conval.

Então, começaram a aparecer a partir das profundezas da escuridão, caminhando em direção a eles, dezenas de sombras. Elas pareciam esqueletos humanos, puro osso, nada de carne, mas seus ossos eram negros e seus olhos tinham um brilho branco. Cada uma delas carregava uma espada longa, branca e brilhante a qual refletia a luz da água. Thor podia ver que cada espada era feita de ossos, de ossos humanos.

“O exército de mortos-vivos.” Respondeu Indra com voz assustada.

Thor se virou lentamente e viu que centenas daquelas coisas vinham surgindo de todos os cantos da caverna. Aqueles esqueletos mortos-vivos empunhavam suas espadas de ossos e todos eles vinham caminhando direto para eles.

“Mortos vivos?” Perguntou Elden. “Então eles não podem ser mortos?”

“Não.” Respondeu Indra. “Eles já estão mortos. Os únicos que sobraram para serem mortos fomos nós.”

Houve um grande ruído de ossos batendo, e de repente, os mortos-vivos correram em direção a eles, levantando suas espadas.

“Bem, se nós tivermos de morrer...” Disse Thor. “... vai ter de ser em solo seco e com as espadas erguidas. ATAQUEM!” Thor ordenou.

Como se fossem um só, os nove membros da Legião saltaram do barco para o chão seco da costa, Krohn saltou junto com eles. Todos eles sacaram suas espadas e bravamente investiram contra os mortos-vivos.

Houve um grande choque de armas quando espada encontrou espada, os sons se amplificaram, ecoando por todo o interior da caverna. A Legião tinha treinado para isso: tinha treinado para ser superada em número; havia treinado para enfrentar guerreiros valentes e apesar de que aqueles esqueletos das sombras eram

ferozes, eles não passavam de guerreiros convencionais, eles não eram páreo para a competência da Legião.

Thor e os outros iam de golpe a golpe contra os esqueletos. A espada de Thor atingiu um deles e ele ficou felizmente surpreso ao ver que o aço dela despedaçou a espada óssea. Então, ele virou-se e cortou o esqueleto diante dele e quando ele fez isso, todos os ossos da criatura quebraram e desmoronaram em uma pilha no chão.

Thor girava em todas as direções, bloqueando golpes, aparando, quebrando espadas e cortando esqueleto após esqueleto, deixando pilhas de ossos aos seus pés.

Todos os seus irmãos da Legião, ao seu redor, estavam fazendo o mesmo, eles derrotaram habilmente os guerreiros diante deles.

Krohn juntou-se, saltando para a briga, rosnando, pulando em cima de um esqueleto após o outro, derrubando-os no chão e transformando-os em pilhas de ossos.

Depois de quase uma hora de combate, às margens do rio estavam cheias de pilhas de ossos. Apesar de Thor e seus irmãos Legião estarem exaustos, machucados, arranhados e respirando com dificuldade, nenhum deles estava gravemente ferido.

Todos se entreolhavam enquanto se reagrupavam, sem fôlego. Aquela era a primeira vez desde que estavam no Império, que Thor estava esperançoso e até mesmo otimista. Eles haviam suportado o pior que o Império poderia lançar contra eles e eles tinham sobrevivido.

“Nós vencemos.” Disse O’Connor. “Eu mal posso acreditar.”

Todos eles se viraram e caminharam de volta para o barco, mas enquanto eles prosseguiam, Indra ficou ali, seus olhos ainda estavam arregalados de medo, enquanto ela olhava por cima dos ombros.

“Não cantem vitória ainda.” Advertiu Indra.

Então eles ouviram um barulho atrás deles, um som que fez os cabelos da nuca de Thor ficarem arrepiados. Era o ruído de milhares de ossos chacoalhando.

Thor se virou lentamente, quase com medo de olhar.

Ele ficou horrorizado ao ver, ali estavam todos os ossos dos esqueletos derrotados, começando lentamente a levantar-se do chão

e rearmar-se. Um osso de cada vez; todo o exército de mortos-vivos estava voltando à vida.

“Como eu disse...” Indra falou. “... Você não pode matar o que já está morto.”

Thor observava com os olhos arregalados como todo o exército começou a remontar-se e preparar-se para mais um ataque. Toda a sua luta, toda a sua vitória, tinham sido inúteis. Aqueles monstros simplesmente iriam continuar regenerando-se, até finalmente levar Thor e seus homens ao cansaço extremo e logo matar todos eles. Eles poderiam não ser tão bons lutadores, mas eles tinham algo que Thor e seus homens nunca teriam: resistência infinita. E no final das contas, Thor sabia que a resistência sempre triunfaria.

“De volta para o barco!” Thor gritou, andando para trás lentamente junto com os outros.

Como se fossem um só, todos se viraram e pularam de volta para o barco empurrando-o para longe da costa, remando com mais força do que nunca. A corrente os apanhou e logo eles estavam descendo rio abaixo, ganhando distância daquela costa. Thor e seus homens se abaixaram quando passaram por mais um canal, deixando a sala cavernosa bem a tempo e ficando fora do alcance do exército que avançava.

Era a primeira vez na vida de Thor que a vitória deixava de ter sentido. Enquanto eles entravam em mais um túnel de escuridão, Thor se perguntava com um sentimento de vazio, que outros horrores poderiam aguardá-los logo depois da curva.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Gwendolyn estava de pé no amplo patamar de pedra da parte baixa de Silésia, rodeada por seus generais, soldados e cidadãos silesianos, todos permaneciam em um silêncio opressivo enquanto olhavam para a vasta imensidão do Canyon e assistiam ao ocaso do segundo sol no céu. Eles não tinham ouvido um pio dos homens do Império em todo esse tempo e depois de um longo pânico e da agitação entre a multidão, uma calma profunda, lentamente se estabeleceu entre eles. Uma tensão espessa pairava no ar, cada um deles estava absorto em seu próprio mundo, olhando para o céu, contemplando sua própria mortalidade. Era o silêncio de mil almas no olho de uma tempestade, o silêncio de pessoas que sabiam que já não havia mais nenhuma direção a seguir, que não os levasse à morte.

O silêncio do império assustava Gwendolyn muito mais do que seu ataque. Ela sabia que Andronicus estava lá em cima em algum lugar, tramando alguma coisa e sua execução seria apenas uma questão de tempo. Ele era o um soldado mais cruel que já ela tinha visto. O pior de tudo era que, mesmo que ele não fizesse nada, não existia nenhuma outra saída para eles, além da morte. Quanto tempo eles poderiam sobreviver ali, até que suas provisões se esgotassem? Eles não teriam mais remédio que ir para a parte alta da cidade. E isso não era uma opção.

Andronicus sabia disso, é claro. Ele tinha a faca e o queijo nas mãos. Ele iria fazê-los esperar. Ele deixaria que o pânico os dominasse. Ele provavelmente estivesse deleitando-se com isso agora. Ele tinha a todos eles exatamente onde queria.

Gwen, supostamente, deveria estar satisfeita consigo mesma por, pelo menos, ter sido capaz de repeli-los tal como ela tinha feito em sua primeira batalha; deveria estar satisfeita por ter abatido tantos soldados e ter salvado muitos de seu povo na evacuação. Mas ela não estava satisfeita consigo mesma, de jeito nenhum. Ela sentia que tinha falhado.

Ali por perto estavam Srog, Brom, Kolk e Godfrey, junto com os outros soldados e ao lado dela estavam Steffen e Kendrick. Todos eles olhavam para o Canyon, seus rostos estavam sombrios. Ela desejou saber o que dizer para animá-los e desejou saber para onde ir e sair dali.

“Você se lembra daquela vez com o pai...?” Kendrick perguntou baixinho, nostalgicamente, olhando para o céu. “... Quando ele estava tentando ensiná-lo a usar uma espada? Você se recusou. Você disse que as espadas eram para homens fracos.”

Gwendolyn sorriu.

“Lembro-me vagamente.” Disse ela. “Eu devia ser muito nova.” Kendrick sorriu.

“O pai ficou tão bravo.” Continuou ele. “Ele terminou todas as nossas sessões de treinamento do dia, imediatamente. Naquela época, parecia que você tinha dito a coisa mais estúpida do mundo.”

Ele suspirou.

“Mas sabe, agora que estou mais velho, eu percebi que havia uma grande sabedoria no que você disse...” Acrescentou ele. “... As batalhas mais simples são vencidas com espadas. As mais complexas são vencidas com outros meios. Com estratégia. Com logística. Com força de vontade.”

“Eu tenho certeza de que eu não estava pensando nisso quando era jovem.” Ela disse sorrindo.

Ele sorriu de volta.

“Não, eu tenho certeza de que você não estava. O que você disse foi muito sábio para alguém de sua idade. Mesmo naquele tempo.”

Ele se virou e olhou para ela.

“Eu só quero que você saiba que você lutou nesta batalha de forma brilhante.” Disse ele. “Nós matamos vinte vezes mais soldados do que o total de nossas fileiras e tivemos menos baixas do que era de se esperar. Para qualquer outro líder, essa seria uma vitória para ser recordada por toda a eternidade. Não se sinta mal. O número dos soldados deles era grande demais para qualquer exército conquistar.”

“Ele tem razão, Majestade.” Disse Steffen ao lado dela.

“Jamais foram ditas palavras tão verdadeiras.” Acrescentou Srog.

“Obrigada, meu irmão.” Disse ela para Kendrick. “Eu quero que você saiba que eu sempre pensei em você como meu irmão. Meu verdadeiro irmão. Compartilhamos o mesmo pai. E isso é sangue suficiente para mim.”

Kendrick olhou de volta para ela e ela podia ver nos olhos dele o quanto suas palavras significavam para ele.

“E o que faremos agora, Majestade?” Perguntou Srog. “Receio que não tenhamos outros planos de contingência além deste. Agora, as pessoas esperam por Vossa Majestade. Agora, a decisão é sua.”

“De nada adiantaria que nosso povo se rendesse a Andronicus.” Disse Gwendolyn. “Todos nós sabemos qual é sua reputação: ele não mantém os seus prisioneiros vivos. Nós temos de esperar.”

“E se a fome sobrevier primeiro?” Perguntou Brom.

Gwen suspirou.

“Então nós lutaremos contra um tipo diferente de morte.”

Respondeu ela. “A menos que um de vocês tenha uma ideia melhor.”

Todos permaneceram em um triste silêncio, ouvindo o uivo do vento. Ninguém tinha nada a acrescentar.

Finalmente, Kendrick limpou a garganta.

“Quando entramos para a Legião...” Disse ele. “... E em seguida para o Exército Prata, nós fizemos um voto. Foi um voto para lutar, mesmo quando não houvesse nenhuma possibilidade de vencer. Foi um voto de honra. Um voto de glória. Isso foi o que conseguimos aqui hoje. Não a vitória, mas sim a glória. E, às vezes, muito tempo depois que o vencedor já não está presente, é a glória que permanece, ela é que é declarada e não a conquista. Às vezes, a glória é superior.”

Todos eles permaneceram sentados em silêncio, observando o pôr-do-sol, sacudidos por uma rajada de vento uivante. De repente, uma voz retumbante cortou o ar.

“Gwendolyn, eu convoco você!” Disse a voz, ecoando nas paredes da garganta.

Todos se viraram e se olharam entre si perplexos, logo todos olharam para cima simultaneamente e ao fazer isso, Gwendolyn pôde ver de onde a voz provinha. Um arrepio percorreu o corpo dela.

Andronicus.

Lá estava ele, rodeado por centenas de seus homens, debruçado sobre a borda do Canyon, olhando para ela com um sorriso triunfante no rosto.

“Gwendolyn, governante do Reino Ocidental do Anel, você é a única que resta agora. A Corte do Rei já não existe mais. Os McClouds são meus prisioneiros. Você é a única que ousa desafiar-me.”

Ele fez uma pausa.

“Apesar do que você já ouviu falar sobre mim, eu não sou um selvagem. Na verdade, eu sou um homem muito mais razoável. Você lutou bravamente aqui hoje. Muito melhor do que eu esperava. E por isso, eu a felicito. Por essa razão, eu gostaria de recompensá-la. Eu posso usar comandantes valiosos como você em meus exércitos e posso usar soldados valiosos como os silesianos.

“Eu nunca mantenho meus prisioneiros de guerra vivos. Mas neste dia, por causa de sua bravura, eu vou fazer uma exceção. Se você, pessoalmente, se render a mim, então eu pouparei toda a sua cidade da destruição. Vou deixar que todos vivam, incluindo seus soldados. Vou até mesmo libertar cada um de vocês. Vocês vão viver em paz em meu Império e eu vou deixar Silésia em paz também.

“Tudo o que peço em troca é que você jure lealdade a mim. Que você se comprometa a servir-me, a ser um governante sob o meu comando. Vou tratá-la de forma justa e equitativa. Você ocupará qualquer cargo que escolher em minha corte. Esse, com certeza, é um pequeno preço a pagar: seu sacrifício pessoal em troca do bem-estar de sua nação.

“É uma boa e generosa oferta. Seja sábia e aceite-a em nome dos milhares de almas ao seu redor. Olhe ao seu redor, veja seus rostos. Eles estão vivos. Se você me desafiar, eles terão de enfrentar a ira do grande Andronicus.

“Não pense muito. Se eu não obtiver sua resposta amanhã de manhã, eu farei chover fogo sobre você, de uma maneira jamais vista. E quando o segundo sol se puser amanhã, a lenda de Silésia não existirá mais. Nem mesmo nos livros de história, os quais eu destruirei.”

Finalmente, a voz de Andronicus parou de retumbar. Ela ecoou brevemente com o vento e depois desapareceu de volta para o lugar de onde ela veio. Quando Gwen olhou para cima, Andronicus e seus homens tinham se retirado do patamar superior e estavam desaparecendo da vista.

Gwen virou-se e olhou para os outros, eles olhavam para ela com os olhos arregalados de surpresa.

“Não se renda.” Srog disse gravemente.

“Você não pode confiar nele.” Disse Kendrick.

“É uma oferta falsa.” Disse Steffen.

“Eu nunca pediria a Vossa Majestade que o servisse para poder salvar minha alma.” Disse Kolk.

“Nem eu.” Disse Kendrick.

Gwendolyn ficou ali, pensando. Ela sabia que Andronicus não era confiável. No entanto, suas palavras pareciam genuínas. E que alternativa eles tinham, realmente? Como ele tinha dito, se eles se recusassem, seriam todos mortos. Ela sabia disso muito bem. Se eles não fossem mortos pelas mãos dele, todos morreriam de alguma outra maneira.

“Eu o serviria de bom grado, para poder poupar a vida de todos vocês.” Disse Ela. “Eu sinto que essa é uma oferta que eu deveria aceitar.”

“Vossa Majestade não pode fazer isso!” Kendrick exclamou. “Nós não aceitaremos isso!”

“Eu jamais permitiria que se sacrificasse por mim!” Disse Srog. “Eu prefiro morrer lutando.”

“É a vida o que há de mais precioso para Vossa Majestade?” Perguntou Brom.

“Não a minha vida.” Respondeu ela. “Mas a de vocês. A de todos vocês. Seria muito egoísta da minha parte rejeitar a oferta e fazer com que todos morram.”

“Sua honra está em perigo!” Disse Srog.

“Nós lutamos com honra.” Disse ela. “A única que estará em servidão serei eu.”

“Sua servidão já é excessiva.” Disse Kendrick. “Não é justo que se sacrifique por todos nós.”

“Eu estou com Kendrick.” Disse Srog.

“Eu também.” Repetiram os demais.

“Nós não permitiremos que Vossa Majestade vá.” Disse Steffen.

“Nós somos todos por um e um por todos.”

Um grito de alegria surgiu entre os homens. Gwen estava comovida com sua lealdade. No entanto, o peso da oferta Andronicus apoiava-se pesadamente sobre seus ombros. Era a vida dela, em troca da vida de todos os outros. Era algo que ela daria de bom grado.

*

Gwendolyn estava sozinha, à beira da ponta do Canyon, assistindo enquanto a última luz do dia lançava uma cortina de fumaça sobre o Canyon. Era um belo pôr-do-sol, ele brilhava na névoa circulante, com um vermelho flamejante que parecia fazer arder o mundo em chamas. O ocaso era sombrio e fatalista. Ele combinava com seu estado de espírito.

Enquanto ela o observava, uma parte dela sentia que estava assistindo ao último pôr-do-sol de sua vida. Especialmente, depois que ela finalmente, tinha tomado uma decisão.

Gwendolyn tinha andado pela cidade, tinha olhado atentamente para os rostos de todos os homens, mulheres e crianças, olhado para os rostos dos jovens soldados. Ela tinha visto toda a aspiração, toda a esperança em seus olhos; eles olhavam para ela como se ela pudesse brindar-lhes alguma resposta há muito tempo perdida, como se ela fosse sua salvadora. Ela estava impactada por ter recebido uma oportunidade, a capacidade única em um momento único no tempo de salvar aquelas pessoas. Sua vida, em troca da deles. Seria uma grande honra. Talvez ela tivesse sido colocada ali: naquele tempo e lugar exatamente por aquele motivo; apenas para viver um momento como aquele; apenas para tomar aquela decisão. Talvez fosse para isso que estava destinada: para governar; para tomar aquela decisão única que poderia salvar milhares de vidas.

Gwendolyn tinha tomado sua decisão. Ela sabia o que ia fazer. Ela não faria o mesmo que seus assessores, nem o que seu pai faria, nem mesmo o que Kendrick faria. Mas o que *ela iria fazer*, era tudo o que importava agora.

Ao amanhecer, quando ainda estivesse escuro, quando não houvesse ninguém por perto para impedi-la, ela iria até lá em cima. Sozinha. Ela iria se entregar a Andronicus. Ela iria concordar com seus termos e iria servi-lo. Ela iria render-se pelo bem geral de todos.

Enquanto Gwendolyn estava ali, olhando para o seu último pôr-do-sol como uma mulher livre, ela pensou em Thor. Ela estendeu a mão, tocou seu ventre e pensou em seu filho. Ela queria que aquela criança vivesse. Por causa daquela criança, por causa de mais ninguém, ela queria evitar mais derramamento de sangue. Ela poderia ser uma serva de Andronicus, mas pelo menos aquela criança seria livre.

Gwendolyn olhou para fora e teve de admitir que uma parte dela esperava que Thor aparecesse para balançar sua espada e resgatá-la de tudo aquilo. Ela daria qualquer coisa por isso, seu coração bateu agitado com esse pensamento.

Mas no fundo ela sabia que era apenas um sonho. Thor estava fora, muito longe dali. Ela estava sozinha. Ela estava destinada a ficar sozinha, como uma mulher de verdade. Como a mulher que seu pai esperava que ela fosse. Isso era o que significava ser governante, finalmente ela compreendia isso. Ser governante significava estar rodeada de pessoas e ainda assim, sentir-se completamente sozinha.

“Nem todos os sonhos são feitos para serem cumpridos.” Disse uma voz.

Gwendolyn olhou e viu Argon ali, ao seu lado, olhando para o pôr-do-sol. Ela sentia-se insensível ao mundo e uma parte dela não estava nem mesmo surpresa ao vê-lo. Para ela, a presença dele pouco importava, ainda mais agora que ela já havia tomado uma decisão. Ela observava o pôr-do-sol junto com ele.

“Você chega em um momento em que eu já não preciso do seu conselho.” Ela disse para ele.

“Eu não vim para dar-lhe conselhos.” Disse ele. “Mas para prestar-lhe minhas homenagens. Eu não tinha previsto sua decisão. Tão corajosa. Seu pai estaria orgulhoso. Você é a melhor dos MacGils.”

“Foi para isso que você veio?” Ela perguntou, sentindo que havia algo mais.

“Não.” Respondeu ele. “Eu também vim para dizer adeus.”

Ela se virou e olhou para ele, mas ele continuou a olhar para fora, para o Canyon.

“Você vai nos deixar?” Perguntou ela, atingida pelo medo. Mas logo ela foi atingida por um medo ainda maior: “Ou sou eu quem vai deixá-lo?”

Argon olhou para ela, inexpressivo, ele não responderia.

“Eu suponho que uma vez que eu me torne um súdito de Andronicus, em pouco tempo você terá de aconselhar um novo governante MacGil.” Disse ela.

Ele balançou a cabeça.

“Os tempos estão mudando.” Disse ele.

De repente, Gwendolyn foi tomada pelo desejo ardente de saber mais.

“Diga-me apenas uma coisa.” Ela rogou. “Thor? Ele está a salvo? Ele está vivo?”

Ela já não se preocupava mais com sua própria segurança, ela preocupava-se apenas com a dele.

“Sim, ele está vivo.”

Ela olhou para ele fixamente.

“Você não disse que ele estava a salvo.” Insistiu ela

Argon permaneceu em silêncio, sem responder. O coração estava partido.

“Você pode salvá-lo?” Implorou ela. “De qualquer perigo no qual ele estiver? Por favor. Eu lhe darei qualquer coisa. Você pode mantê-lo vivo?”

Argon virou-se e olhou para ela, seus olhos queimavam através dela.

“Eu já salvei Thorgrin uma vez. Por você. E agora o seu destino exige algo em troca.”

Argon deu três passos para a frente e colocou a mão em seu ombro. A mão queimou através dela, como se ela tivesse sido tocada pelo sol.

“Você fez os deuses se sentirem orgulhosos.” Disse ele. “Sempre haverá um lugar de honra reservado para você.”

Justo quando Gwendolyn estava prestes a se afastar de suas mãos ardentes, ele desapareceu repentinamente.

Gwen virou-se e olhou por toda parte, mas não viu nenhum vestígio dele. Ela estava sozinha de novo ali em cima, na borda da rocha, mais sozinha do que jamais tinha estado em sua vida.

Ela olhou para a parede do Canyon elevando-se até a cidade alta e soube o que ela devia fazer.

Era hora de dar o primeiro passo.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Erec preparou-se enquanto estava ali, indefeso e a criatura começava a baixar suas garras para o seu rosto. As imagens passavam por sua mente enquanto ele se antecipava sua morte. Ele lembrou-se de seus tempos de criança; de seus dias na Legião; de sua vida como um cavaleiro e nenhuma lembrança passou por sua mente tão fortemente quanto a de Alistair. Enquanto se preparava para morrer, ele se arrependia de uma só coisa em toda sua vida: de não ter passado mais tempo com Alistair.

Mas quando a criatura estava a ponto de descer a pedra, de repente, algo aconteceu. Uma luz intensa brilhou no ar e a criatura saiu voando para trás, ela foi derrubada quando uma esfera de luz a atingiu no peito e a lançou para o outro lado do campo de batalha.

Erec piscou várias vezes, confuso, ele simplesmente não entendia o que tinha acontecido.

Outra esfera de luz cruzou o campo de batalha, logo depois surgiu outra. As criaturas saíam voando em todas as direções, abrindo um perímetro de segurança em torno dele.

Erec virou-se, olhou para cima e viu Alistair, de pé, por cima dele.

Para sua surpresa, ele a viu estendendo a mão, cuja palma irradiava as esferas de luz. Seus olhos azuis claros estavam incandescentes, ela parecia um ser de outro mundo com seus longos cabelos loiros caindo na direção dele, seu aspecto era angelical.

Ele não sabia o que pensar.

Erec se levantou e ficou ao lado dela enquanto ela continuava lançando esferas em todas as criaturas no campo de batalha, salvando seu amigo Brandt antes que uma criatura o cortasse ao meio. Dentro de instantes, uma onda de destruição espalhou-se por todo o campo, todas as criaturas foram lançadas pelos ares.

As criaturas que ainda não haviam sido atingidas os olhavam com um novo medo e começaram a se afastar com cautela, em seguida, elas deram a volta e correram.

Erec virou-se e olhou para Alistair com um novo sentimento de apreço e de admiração. Será que isso tinha a ver com o segredo de seu nascimento? Quem era ela realmente? Como ela tinha tal poder? E por que ela o manteve em segredo?

Ele mal conseguia pronunciar as palavras, sua garganta estava seca quando ele se virou para ela. Ele estava quase com medo de perguntar:

“Quem é você?”

CAPÍTULO VINTE E SETE

O primeiro sol apareceu sobre o Canyon, banhando-o com o mais magnífico amanhecer que Gwendolyn já tinha visto, ele enchia o universo com tons de vermelho e laranja e nuvens que serpenteavam na neblina. Gwen subia as escadas em espiral, lance após lance, sentindo-se como se estivesse escalando o seu caminho para o céu. Ela tremia por dentro e seu coração batia acelerado devido à ansiedade, suas pernas ficavam mais pesadas a cada passo. Ela nunca se sentiu tão sozinha desde que havia deixado a Corte do Rei, desde que tinha deixado o conforto de sua família; de seu exército; de seu povo; desde que havia deixado tudo o que ela conhecia e tanto amava.

Ela preparava-se para enfrentar Andronicus sozinha, para entregar-se ao seu serviço, pelo bem de seu povo e de todos aqueles que ela amava. Aquela era a caminhada mais solitária de sua vida e ela obrigou-se a prosseguir rapidamente, não querendo pensar mais. Se ela pensasse com mais cautela sobre o passo que estava dando, ela receava que pudesse voltar atrás.

Gwen chegou ao patamar final antes do topo e se deparou com vários soldados de Silésia, todos estavam em posição de sentido, surpresos com sua presença. Eles a saudaram.

“Majestade.” Disse um deles. “O que faz aqui em cima? Está tudo bem?”

Ela limpou a garganta.

“Tudo está bem.” Ela disse tentando disfarçar seus temores e mostrar-se confiante.

“Para onde se dirige, Majestade?” Perguntou outro soldado.

“Para cima.” Respondeu ela.

Todos os soldados trocaram um olhar assustado.

“Para cima?” Perguntou outro soldado. “Vossa Majestade sabe que o exército de Andronicus espera lá em cima.”

Ela assentiu com a cabeça.

“Eu sei muito bem. Agora, com licença, por favor.”

Os soldados se entreolharam, hesitantes e confusos, e por um momento, parecia que eles não iriam deixá-la passar; mas logo depois, eles cederam e finalmente, afastaram-se.

Ao passar por eles, Gwen virou-se e encarou-os, lembrando-se de que todos eles a olhavam e a viam como seu governante.

“Todos fizeram um trabalho magnífico.” Disse ela. “Eu lhes agradeço por seu serviço.”

“Majestade...” Um dos guardas disse, limpando a garganta e olhando para ela seriamente preocupado. “... Permita-me dizer-lhe que o que quer que esteja prestes a fazer, saiba que não está obrigada a fazê-lo. Todos nós estamos prontos para lutar até a morte por Vossa Majestade.”

Ela sorriu para ele.

“Eu sei que vocês estão.” Respondeu ele. “E é precisamente por isso que eu vou fazer o que tenho em mente.”

Sem dizer outra palavra, Gwen virou-se e dirigiu-se sozinha até o último lance de degraus, serpenteando e circulando pela escada, até finalmente atingir o nível mais alto. Ela ficou ali, no campo de puas, que se estendia para cima, para o céu, sua última proteção contra as hordas do Império, então, ela foi até o meio da pequena plataforma e puxou uma corda pesada.

Enquanto ela puxava, lenta e gradualmente, a plataforma subia, elevando-a mais e mais sobre as puas. Com cada puxão, ela sentia o coração ficar mais apertado, ela sentia a antecipação do que poderia ser a sua morte.

Finalmente ela chegou à parte alta, elevada sobre as puas. Ela deu um passo para fora, para o patamar da parte superior de Silésia. Ali, de pé, frente a ela, havia dezenas de soldados do Império, todos se viraram e olharam para ela com os olhos arregalados, em choque. Eles ficaram ali, boquiabertos, sem saber o que fazer.

Gwen deu vários passos orgulhosos para a frente, erguendo o queixo e o peito, consciente de que ela representava o Anel. Tudo o que ela fazia refletia sobre o seu povo e ela estava determinada a ser corajosa e forte.

Ela procurou o soldado que parecia ser o mais importante dentre todos, se aproximou dele e olhou-o friamente.

“Leve-me até Andronicus.” Ela exigiu, usando o seu tom de voz mais autoritário.

Os soldados do Império se entreolharam perplexos, como se tivessem visto um fantasma aparecer no meio deles.

Finalmente, o líder dos soldados assentiu com a cabeça. Ele se virou e caminhou ao lado dela, seguido por vários soldados.

O grupo prosseguiu a marcha, o coração de Gwen batia descompassado enquanto eles atravessavam o pátio interior de Silésia. O coração de Gwen ficou apertado com a visão: ele estava destruído, devastado, ardendo em brasas e agora se encontrava repleto de soldados do Império perambulando por ali. Enquanto marchavam pelo pátio, todos os soldados pelos quais Gwen passava se sobressaltavam. Eles olhavam fixamente para Gwendolyn como se ela fosse um animal em um zoológico, como se ela fosse um cordeiro sendo levado ao matadouro.

O coração de Gwen se apertava com uma crescente ansiedade. Agora era tarde demais para voltar atrás. Agora, ela era inteiramente à mercê deles.

Ela rezava a Deus para que tivesse tomado a decisão certa, para que estivesse fazendo a coisa certa. Ela rezou para que Andronicus realmente honrasse sua palavra.

Um murmúrio se espalhou por todo o campo enquanto todos eles marchavam pelo portão exterior da cidade em direção ao enorme campo além das muralhas. Gwen estava impressionada com a visão: centenas de milhares de soldados do Império estavam acampados, tantos quanto era possível ver. Ao vê-la chegar, todos se viraram, se levantaram e a observavam, um grande murmúrio foi ouvido entre os soldados.

Gwen foi conduzida através dos restos da ponte levadiça, em direção a uma enorme tenda preta armada no centro do acampamento, a qual ela supunha que pertencia a Andronicus.

Quando se aproximaram dela, de repente suas abas se abriram, por entre elas surgiu Andronicus agachando-se e logo depois levantando a cabeça. Ele vestia uma capa preta, estava sem camisa e usava seu colar de cabeças encolhidas. Gwen podia ver uma nova

adição a ele. A cabeça de Lord Kultin, o matador de aluguel de Gareth. Ela tentou desviar o olhar.

Gwen caminhava até Andronicus tão confiante quanto podia. Ele exibia um enorme sorriso triunfante. Ele era mais animal do que humano e era duas vezes mais alto do que qualquer homem que Gwen conhecia, ele tinha longas presas e garras. Era difícil para ela acreditar que ele andava sobre duas pernas.

“Bem, bem, meu cordeirinho...” Ele disse para ela com sua voz profunda rosnando e retumbando em seu peito. “Você aceitou a minha oferta depois de tudo.”

O acampamento ficou em silêncio quando Gwendolyn pigarreou.

“Você prometeu não prejudicar ninguém do meu povo ou mesmo a mim e nos deixar viver em liberdade...” Disse ela. “... Se eu jurasse fidelidade e me colocasse ao seu serviço. Essa é uma oferta que eu estou preparada para aceitar.”

Seu sorriso se alargou, à medida que seus olhos brilharam para ela.

“Você é muito corajosa.” Disse ele. “Você está disposta a sacrificar-se por seu povo. Uma característica muito nobre, de fato. Você foi sábia ao aceitar a minha oferta. Você pode começar por ajoelhar-se diante de mim e fazer o voto de fidelidade ao Império.”

A ideia de se ajoelhar diante daquele monstro e jurar-lhe lealdade despedaçava Gwen. Cada músculo em seu corpo lhe gritava para que ela não fizesse isso. Mas ela se obrigou a pensar em seu povo lá embaixo, pensar no sofrimento que ele suportaria se ela não o fizesse. Então, lentamente, ela forçou seus joelhos a se dobrarem e ajoelhou-se diante dele.

“Curve sua cabeça.” Disse a voz áspera do assistente de Andronicus.

Gwendolyn baixou a cabeça lentamente.

“Repita depois de mim.” Disse o assistente. “Eu Gwendolyn, filha do rei MacGil, governante do Reino Ocidental do Anel...”

“Eu Gwendolyn, filha do rei MacGil, governante do Reino Ocidental do Anel...”

“Por este meio, reconheço que o grande Andronicus é o único governante do universo...”

“Por este meio, reconheço que o grande Andronicus é o único governante do universo...”

“Que nunca houve nenhum um maior do que ele, nem nunca haverá...”

“Que nunca houve nenhum um maior do que ele, nem nunca haverá...”

“E eu juro minha lealdade a ele, para sempre.”

Aquelas últimas palavras praticamente ficaram presas em sua garganta. Gwen sentiu uma onda de náusea espalhar-se através dela. Ela fez uma pausa, perguntando se conseguiria chegar até o fim.

“E eu juro minha lealdade a ele, para sempre.”

Ela havia conseguido. Ela conseguiu proferi-las. Por fim, elas já haviam sido ditas. Ela levantou a cabeça e olhou para Andronicus.

Um grande estrondo procedeu de dentro da garganta Andronicus, era como um ronronar. Era um som de satisfação.

“Muito bem.” Disse ele. “Muito bem, mesmo. Vejo que você se tornará um dos súditos mais obedientes. Agora você pode levantar-se.”

Gwendolyn levantou-se e olhou friamente para ele.

“E agora você pode deixar o meu povo livre.” Disse ela.

O sorriso de Andronicus alargou-se quando ele estendeu a mão e tocou seu colar de cabeças encolhidas.

“Bem, sim, quanto a isso...” Ele começou a dizer. “... Como você pode ver, às vezes, eu gosto de ser honesto. Mas às vezes sinto um grande prazer ao dizer uma mentira. Nesse caso, eu lamento dizer-lhe que eu menti. Eu prometo muitas coisas. Eu cumpro algumas coisas e outras não. E lamento ter de dizer-lhe que você me pegou no dia errado.”

O coração de Gwendolyn começou a palpitar. No seu íntimo, ela gritava para si mesma. Como ela pôde ter sido tão estúpida?

“Seu povo...” Andronicus continuou. “... Bem, eu posso até não matar todos eles, por causa do que você fez aqui hoje. Mas eu vou matar uma grande quantidade deles. E eu vou escravizar o resto. Eu receio que eles, muito em breve, não saibam mais o que é liberdade. Mas, como já sabemos, poucas pessoas sabem.”

Ele suspirou.

“E quanto a você, minha querida...” Disse ele. “... Você deve saber que não há posições de honra em minhas fileiras. Não há líderes, além de mim. Todos aqueles que me servem, sempre serão escravos, incluindo você.”

Andronicus acenou com a cabeça e dois soldados avançaram rapidamente e agarraram os braços de Gwen, com brutalidade.

“Soltem-me!” Gwen gritava e lutava. “Você prometeu. Você prometeu! Onde está a sua honra?”

Andronicus ria histericamente.

“Honra?” Perguntou ele. “Isso é algo que eu perdi há muito tempo. E eu estou tão feliz de ter perdido. Eu não posso pensar em quantas batalhas eu teria perdido se eu tivesse honra.”

Sua risada acalmou.

“Eu receio, minha querida, que você deva ser usada como exemplo. Um exemplo particularmente brutal. Como você verá, é dessa única maneira que qualquer um que se atrever a me desafiar vai aprender.”

Andronicus virou-se.

“MCCLLOUD!” Gritou ele.

Para o horror de Gwendolyn, o velho rei McCloud surgiu provindo das fileiras, seu rosto estava desfigurado, metade dele estava marcada com o emblema do Império Andronicus.

“É tempo de ensinar a esta jovem MacGil uma lição.” Andronicus Disse. “Eu mesmo gostaria de fazer isso, mas eu derivo muito mais prazer ao ver meus inimigos torturando um ao outro. Na verdade, esse é um dos meus maiores passatempos.”

“Eu farei qualquer coisa que me disser, meu senhor.” Disse McCloud humildemente para ele.

“Eu sei que você fará.” Andronicus zombou dele friamente. “Você vai ter sua chance de se desferrar com esta mulher. Talvez você tenha sorte e ela lhe dê à luz um filho. E eu vou assistir tudo.”

Um enorme sorriso atravessou o rosto de McCloud, enquanto ele olhava Gwen de cima a baixo como se ela fosse sua presa.

“Será um prazer para mim, meu senhor.” Disse McCloud.

Gwendolyn gritou e lutou quando McCloud avançou até ela. Ela conseguiu desvencilhar-se dos dois soldados, virou-se e correu.

Mas ela não conseguiu ir muito longe. Ela tinha percorrido poucos metros quando McCloud veio por trás e jogou-se sobre ela, ele derrubou-a de cara contra o chão e deitou-se sobre ela, sufocando-a.

“NÃO!” Ela gritou enquanto se debatia.

Mas ele era muito forte para ela. Logo suas mãos grossas e ásperas foram rasgando as roupas dela e ela sentiu a brisa fria de inverno golpear sua pele nua.

Ela ouviu os aplausos de todos os homens de Andronicus enquanto ela gritava e gritava, lutando com todas suas forças, desejando e rezando para que ela estivesse em qualquer outro lugar. Em algum lugar, lá no alto, ela podia jurar que tinha ouvido Estopheles, circulando, guinchando.

Ela fechou os olhos, tentando fazer com que tudo se dissipasse, imaginando a si mesma em algum lugar, em qualquer outro lugar. Ela imaginou-se com Thor. Com seu filho, em um campo de flores de verão. Em um paraíso, longe, muito longe dos horrores daquele mundo.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Thor estava sozinho em um vasto campo de flores vermelhas iluminadas por um sol vermelho sangue. Sobre a sua cabeça, em algum lugar alto, Estopheles, voava em círculos, guinchando. Mais à frente, ao longe, havia uma figura solitária, deitada na grama, inerte. Ele não podia dizer quem era.

Thor caminhou em direção ao corpo com o coração batendo acelerado enquanto ele prosseguia. O céu escurecia a cada passo que ele dava. Ele sentiu um crescente sentimento de mau presságio. Algo dentro dele lhe dizia que era o corpo de alguém que ele amava.

Quando Thor se aproximou, ele podia dizer pelo tecido de renda branca que se espalhava pelo chão, que era uma mulher. Com medo, ele viu seu cabelo longo, loiro, derramando-se em torno de seus ombros e antes mesmo de chegar até ela, ele já sabia de quem se tratava.

Gwendolyn.

Thor estendeu a mão trêmula, agarrou-lhe o ombro e virou-a lentamente com medo de encarar o que ele poderia encontrar. Ele estava sem fôlego diante da visão.

Ali estava Gwendolyn, seu corpo estava coberto de sangue, imóvel.

Thor começou a chorar convulsivamente, incapaz de se conter. Ele inclinou-se, pegou-a em seus braços, levantou-se, inclinou-se para trás e gritou:

“NÃO!” Thor gritou.

Seu clamor subia pelos ares, ecoando, alcançando o próprio céu, enquanto ele abraçava seu corpo mole. Em seus braços estava o amor de sua vida. A única mulher que havia significado mais para ele do que qualquer pessoa que ele já tinha conhecido. A mulher com quem ele tinha planejado se casar estava ali, morta. E ele não tinha estado ali para salvá-la.

“NÃO.” Ele clamou mais uma vez

O grito de Thor foi recebido com um guincho quando Estopheles voou em círculos e desceu até ele com suas garras estiradas, direto para seu rosto.

Thor acordou respirando com dificuldade, sentando-se ereto e olhando ao redor, seu coração batia descompassado em seu peito. Desorientado, ele levou bastante tempo para discernir o que era real e onde ele se encontrava.

Thor gradualmente percebeu que ele ainda estava no barco, que ele tinha adormecido nele, assim como todos os seus irmãos da Legião. O grupo todo estava ali, deitado, dormindo enquanto o barco lentamente vagava pelo rio, levado pela correnteza lenta. Ele tentava se lembrar e se perguntava por quanto tempo eles estavam dormindo, que tão longe eles tinham se afastado, para onde eles estavam indo. Parecia que eles tinham estado naquela jornada por uma eternidade.

Thor respirou fundo, pensando em seu sonho, em Gwendolyn, tentando dissipar a imagem horrível. Ela parecia tão real. Demasiado real. A imagem o aterrorizava.

Ele sabia que era apenas um sonho, mas ao mesmo tempo sentia que era mais do que isso. Ele sentia em cada célula do seu corpo, que ela estava em perigo. Que algo horrível tinha acontecido com ela.

A imagem o havia deixado destroçado por dentro. Mais do que nunca, ele queria pular do barco e correr para ela, para salvá-la de qualquer perigo que houvesse.

Mas ele estava a um mundo de distância e não havia nada que pudesse fazer. Ele nunca tinha se sentido mais impotente. Uma parte dele odiava a si mesmo por ter embarcado naquela missão. Será que ele deveria ter ficado para trás?

Thor sentou-se erguido e Krohn sentou-se ao lado dele, choramingando e apoiando sua cabeça no peito de Thor enquanto ele o acariciava. Krohn continuava se lamentando e Thor sabia que ele sentia algo também, que ele também sabia que alguma coisa tinha acontecido com Gwendolyn. Afinal, Krohn era quase tão apegado a ela como ele mesmo era.

Thor sentiu um vazio permanente na boca do estômago. Ele sentia como se tivesse abandonado Gwendolyn quando ela mais precisou dele.

Thor olhou para cima e viu mais uma madrugada rompendo ali, daquele lado do mundo; ela surgia como um dia de tristeza. Não havia sol para ser visto em lugar nenhum, apenas nuvens negras e espessas com uma luz atenuada que lutava para aparecer através delas. Elas flutuavam sobre as vastas extensões de territórios ermos, ocupadas unicamente por aquelas árvores negras, mortas, distribuídas por toda parte; sobre elas se empoleiravam aquelas aves misteriosas. Elas olhavam fixamente para eles, observando-os. Aparentemente, elas não cantavam de manhã. Em vez disso, as aves os assistiam em silêncio, seus olhos brilhantes moviam-se lentamente enquanto elas seguiam o barco.

Thor olhou diretamente para a frente e ao fazer isso, ele ficou surpreso ao ver que o rio chegava ao seu fim. Em poucos metros, o barco chocou-se com a terra, assustando-o e acordando os outros.

Todos os outros se sentaram com um solavanco e cada um deles olhou em volta, assustado. Sem perder tempo, Thor ficou de pé, caminhou até a frente do barco e saltou para a terra seca, Krohn ia em seus calcanhares. Os outros rapazes logo o seguiram.

“Onde estamos?” Reece perguntou, saltando para terra firme ao lado dele e olhando em volta, maravilhado.

“É aqui onde o rio termina?” Perguntou O’Connor.

“Não faço ideia.” Disse Thor.

Os três irmãos pularam para fora do barco também, Drake segurava o mapa e olhava em volta.

“Foi para cá que o seu precioso mapa nos trouxe?” Indra perguntou sarcasticamente.

“Estamos exatamente onde devemos estar.” Drake respondeu à defensiva.

“E onde estamos exatamente?” Disse ela. “Onde o Judas perdeu as botas?”

“Na verdade, o nosso destino está próximo.” Disse Dross, inclinando-se. “De acordo com este mapa, não estamos tão longe agora.”

“Sigam-nos.” Drake disse, iniciando a marcha com seus dois irmãos.

“Não gosto deste lugar.” Conval disse para Conven enquanto se aproximava dele.

Thor estava pensando justamente a mesma coisa. Era difícil enxergar mais longe com o nevoeiro circulando ao seu redor. Tudo o que ele podia vislumbrar eram as árvores de uma terra árida.

Depois de caminhar por algum tempo, o nevoeiro finalmente se dissipou e Thor avistou uma enorme clareira circular que se abria diante deles. A paisagem mudou abruptamente passando do solo poeirento a uma grama roxa, era como se cada paisagem estivesse demarcada pela outra. Era como se eles estivessem em um cruzamento: de um lado estava uma terra roxa e do outro, um deserto amarelo.

“Que lugar é esse?” Perguntou Elden.

“Parece uma tipo de encruzilhada.” Disse Reece.

“A encruzilhada dos mortos.” Disse Indra. “Desde aqui terra conduz a três terrenos. É a borda do mundo subterrâneo.”

“E agora?” Thor perguntou, voltando-se para Drake.

Mas algo estranho aconteceu: quando Thor virou-se para olhar para Drake, ele viu que seus três irmãos, de repente, começaram a recuar, dando vários passos para trás e afastando-se dos outros.

Antes que Thor pudesse processar o que estava acontecendo, o nevoeiro levantou-se de novo, e de repente ele viu, caindo sobre eles, uma centena de soldados do Império.

Antes que Thor pudesse chegar a desembainhar a espada, ele se sentiu golpeado por trás, agarrado por vários soldados e lançado no chão. Ele olhou ao seu redor e viu que todos os seus irmãos da Legião também haviam sido emboscados.

Em um piscar de olhos, eles foram capturados, presos e estavam completamente vulneráveis. Eles haviam caído em uma armadilha.

Todos, com exceção de Drake Dross e Durs. Os soldados do Império não os haviam tocado.

Os três irmãos se aproximaram e ficaram de pé olhando para Thor. Todos exibiam um sorriso maldoso em seus rostos.

Thor não podia acreditar. Ele havia sido traído. Por seus próprios irmãos.

“Eu confiei em você.” Thor disse para Drake.

Drake sorriu e balançou a cabeça.

“Você nunca soube julgar bem as pessoas.” Ele respondeu.

“Mas por quê?” Perguntou Reece. “Por que você nos trairia? Seus próprios irmãos da Legião?”

“Vocês não são nossos irmãos.” Dross respondeu e, em seguida, virou-se para Thor. “E principalmente você. Nós esperamos metade de nossas vidas para vê-lo morto. E agora o dia chegou.”

“Diga adeus, irmãozinho.” Disse Durs.

Ele desembainhou a espada produzindo um ruído metálico enquanto os soldados do Império sujeitavam Thor contra o chão.

Thor tentou lutar, mas era inútil. Havia alguma coisa naquelas cordas que tornava sem efeito o seu poder. Ele não conseguia nem mesmo criar coragem para se contorcer.

Thor não tinha mais nada a fazer senão assistir impotente quando Durs avançou e levantou sua espada bem alto, apontando para a sua garganta exposta. Thor sabia que sua hora havia chegado.

Ele tinha apenas um último desejo que gostaria de ter cumprido no mundo: ele desejou com toda sua alma poder ver Gwendolyn novamente.

JÁ ESTÁ DISPONÍVEL!

UMA CARGA DE VALOR

Livro #6 da série: O Anel do Feiticeiro



Em UMA CARGA DE VALOR (Livro #6 da série: O Anel do Feiticeiro), Thor continua sua busca, penetrando cada vez mais profundamente no Império, para recuperar a Espada do Destino roubada e salvar o Anel. Enquanto ele e seus amigos se deparam com uma tragédia inesperada e perdem um membro do seu grupo íntimo, Thor e os seus amigos restantes tornam-se mais achegados do que jamais foram, aprendendo que eles devem enfrentar e superar as adversidades juntos. A sua viagem os leva para novas e exóticas terras, incluindo os desolados Campos de Sal, o Grande Túnel e as Montanhas de Fogo, ao mesmo tempo em que eles enfrentam uma série de monstros inesperados em cada volta que dão.

As habilidades de Thor se desenvolvem ainda mais enquanto ele se submete ao seu treinamento mais avançado, mesmo assim, ele vai precisar recorrer a poderes superiores aos que já usou, para poder sobreviver. Eles finalmente descobrem o lugar para onde a Espada foi levada e aprendem que para recuperá-la, eles terão de aventurar-se pelo lugar mais temido do Império: a Terra dos Dragões.

De volta ao Anel, Gwendolyn recupera-se lentamente e lida com uma profunda depressão após seu ataque. Kendrick e os outros prometem lutar por sua honra, apesar das suas escassas probabilidades de sucesso. Segue-se uma das maiores batalhas da

história do Anel, enquanto eles lutam para libertar Silésia e conquistar Andronicus.

Enquanto isso, Godfrey se encontra disfarçado atrás das linhas inimigas e começa a encontrar a si mesmo, aprendendo o que significa tornar-se um guerreiro, de uma maneira bem peculiar. Gareth consegue ficar vivo, usando toda a sua astúcia para evitar ser capturado por Andronicus, enquanto Erec luta por sua vida para salvar Savária da iminente invasão de Andronicus e para salvar seu amor, Alistair. Argon paga um alto preço por fazer o que é proibido: interferir nos assuntos humanos. E Gwendolyn deve decidir entre renunciar a sua vida, ou tornar-se uma freira e viver reclusa na antiga Torre de Refúgio.

Mas não antes que, em uma reviravolta chocante, Thor finalmente descubra quem é seu verdadeiro pai.

Será que Thor e os outros sobreviverão à busca? Será que eles vão recuperar a Espada do Destino? Será que o Anel vai sobreviver à invasão de Andronicus? O que será de Gwendolyn, Kendrick e Erec? E quem é o verdadeiro pai de Thor?

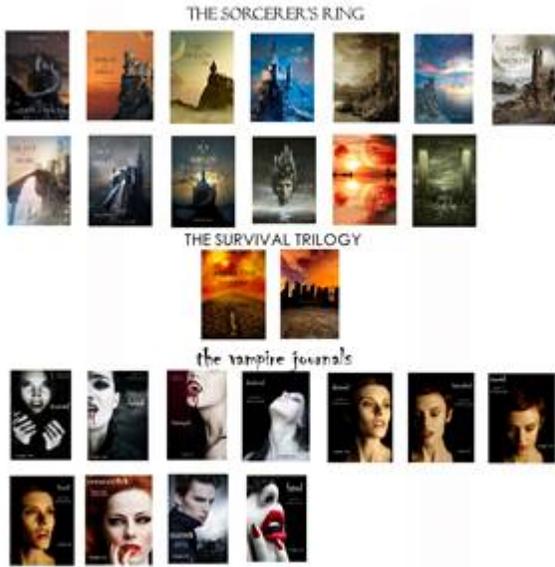
Com sua ambientação em um mundo sofisticado e sua caracterização de época, UMA CARGA DE VALOR é um conto épico sobre amigos e amantes, rivais e pretendentes, sobre cavaleiros e dragões, intrigas e maquinações políticas, sobre atingir a maioria, corações partidos, decepção, ambição e traição. É uma história de honra e coragem, de destinos, de feitiçaria. É uma fantasia que nos leva a um mundo que nunca esqueceremos e que vai interessar a todas as idades e gêneros. O livro contém 70.000 palavras.

UMA CARGA DE VALOR

Livro #6 da série: O Anel do Feiticeiro



[Baixe agora livros de Morgan Rice books na Amazon !](#)





[Ouçá](#) os livros da série O ANEL DO FEITICEIRO em formato audiobook!

Agora disponível em:

[Amazon](#)
[Audible](#)
[iTunes](#)

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

- EM BUSCA DE HERÓIS (Livro #1)
- UMA MARCHA DE REIS (Livro #2)
- UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro #3)
- UM GRITO DE HONRA (Livro #4)
- UM VOTO DE GLÓRIA (Livro #5)
- UMA CARGA DE VALOR (Livro #6)
- UM RITO DE ESPADAS (Livro #7)
- UM ESCUDO DE ARMAS (Livro #8)
- UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro #9)
- UM MAR DE ESCUDOS (Livro #10)
- UM REINADO DE AÇO (Livro #11)
- UMA TERRA DE FOGO (Livro #12)
- UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro #13)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

- ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro #1)
- ARENA DOIS (Livro #2)

DIÁRIOS DE UM VAMPIRO

- TRANSFORMADA (Livro #1)
- AMADA (Livro #2)
- TRAÍDA (Livro #3)
- DESTINADA (Livro #4)
- DESEJADA (Livro #5)
- PROMETIDA EM CASAMENTO (Livro #6)
- JURADA (Livro #7)
- ENCONTRADA (Livro #8)
- RESSUSCITADA (Livro #9)
- SUPLICADA (Livro #10)
- DESTINADA (Livro #11)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do best-seller #1 DIÁRIOS DE VAMPIROS, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (mais em progresso); da série de Best-seller #1 - TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico que compreende dois livros (outro será adicionado); a série número um de vendas, O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros de fantasia épica (outros serão acrescentados).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e página impressa e suas traduções estão disponíveis em: alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, checo e eslovaco (em breve estarão disponíveis em mais idiomas).

[TRANSFORMADA](#) (Livro #1 da série Diários de Vampiros) e [EM BUSCA DE HERÓIS](#) (Livro #1 da série O Anel do Feiticeiro) já estão disponíveis para download gratuito no site da Amazon!

Morgan apreciará muitíssimo seus comentários, por favor, fique à vontade para visitar www.morganricebooks.com faça parte de nosso newsletter, receba um livro gratuito, ganhe brindes, baixe nosso aplicativo gratuito, obtenha as novidades exclusivas em primeira mão, conecte-se ao Facebook e Twitter, permaneça em contato!